



www.portaldetonando.com.br/forum/portal.php

LAURELL K. HAMILTON

*Prayeres
Malditas*

Tradução de
Roberto Nóbrega

Roco

Título original
GUILTY PLEASURES

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © 1993 by Laurell K. Hamilton

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma sem permissão. Escanear, armazenar dados e distribuir este livro via Internet ou por qualquer outro meio, sem a autorização do editor, é por lei ilegal e punível. Favor comprar somente edições eletrônicas autorizadas, não participar ou encorajar piratarias eletrônicas de materiais protegidos pela lei ao direito autoral.

Leitor, agradecemos seu apoio aos direitos do autor.

© Marc Cohen

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à Editora Rocco Ltda.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

preparação de originais
CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H188p Hamilton, Laurell K.
Prazeres malditos/Laurell K. Hamilton; tradução de Roberto Nóbrega. – Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Tradução de: Guilty pleasures.
"Apresentando Anita Blake, caçadora de vampiros"
ISBN 978-85-325-2249-8

1. Blake, Anita (personagem fictício) – Ficção. 2. Vampiros – Ficção. 3. Novela norte-americana. I. Nóbrega, Roberto. II. Título.

07-2781

CDD – 813

CDU – 821.111 (73)-3

Para todos os fãs que ajudaram

a tornar este livro possível.

Especialmente os bibliotecários e os livreiros.

Obrigada, pessoal.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGRADECIMENTOS

Carl Nassau e Gary Chehowski por me apresenta-

rem ao vasto mundo das armas. Deborah Millitello pelo entusiasmo muito além do exigido pelo seu dever. M. C.

Sumner, novo amigo e valioso crítico. Mary-Dale Amison, que prestou muita atenção aos pequenos detalhes que passariam despercebidos por qualquer um de nós. E para todos os outros participantes do Alternate Historians que não chegaram cedo o bastante para apresentar suas críticas a este livro: Janni Lee Simner, Marella Sands e Robert K.

Sheaf. Obrigada pelo bolo, Bob! E para todos que estiveram presentes em minha leitura na Archon 14.

1

ANTES DE MORRER, Willie McCoy era um idio-ta. Mesmo depois de morto, continuou a sê-lo. Ele sentou-se do outro lado da mesa com seu berrante blazer xadrez. A calça de poliéster era de um verde que lembrava um giz de cera. Os cabelos curtos e negros, penteados com cuidado para trás do rosto magro e triangular. Ele sempre me lembrara um daqueles atores de filmes de gângsteres com papéis insignificantes, do tipo que vende informações, faz o trabalho sujo e é dispensável.

Obviamente, agora que Willie virara vampiro, a parte do “dispensável” não valia mais. Mas ele ainda vendia informações e fazia trabalhos sujos. Não, a morte não o fizera mudar muito. Contudo, só por precaução, eu evitava olhar diretamente para seus olhos. Era o meu comportamento padrão ao lidar com vampiros. Ele era um sujeito nojento, só que agora era um morto-vivo nojento. Era uma categoria inédita para mim.

Sentamos no silêncio do ar-condicionado do meu

escritório. As paredes azul-acinzentadas que Bert, meu patrão, imaginou que fossem trazer serenidade faziam a sala parecer fria.

— Importa-se se eu fumar? — perguntou ele. Eu

respondi que sim.

— Droga! Você não vai facilitar as coisas, não é?

Fiquei olhando para ele por um instante. Seus olhos ainda eram castanhos. Ele percebeu que eu estava olhando, e eu baixei o olhar, mirando a mesa.

Willie soltou uma risada abafada e ofegante. Sua risada não mudara.

— Nossa, adorei! Você está com medo de mim.

— Não é medo, é só precaução.

— Não precisa admitir. Posso sentir em você o

cheiro do medo, quase como se algo tocasse meu rosto, meu cérebro. Você tem medo de mim porque eu sou

vampiro.

Eu dei de ombros. O que poderia dizer? Como se

mente para uma pessoa que pode farejar o seu medo?

— Por que veio aqui, Willie?

— Nossa, eu queria tanto fumar! — disse, a pele do canto de sua boca começou a tremer. — Não imaginava que um vampiro tivesse tique nervoso. Ele levou a mão à boca, quase tocando-a, e sorriu, exibindo as presas.

— Certas coisas não mudam.

Minha vontade era perguntar-lhe o que mudava de

fato. Qual seria a sensação de estar morto? Eu conhecia outros vampiros além dele, mas Willie era o primeiro que eu conhecera antes e depois de morrer. Era uma sensação peculiar.

— O que você quer?

— Ei, eu vim aqui dar dinheiro a você. Quero ser seu cliente.

Olhei para ele procurando evitar seus olhos. A luz do escritório reluziu em seu prendedor de gravata. Era ouro de verdade. Willie

nunca tivera nada do tipo. Ele parecia muito bem para quem estava morto.

— Eu ganho a vida revivendo os mortos, sem intenção de fazer trocadilho. Por que um vampiro iria precisar que se ressuscitasse um zumbi?

Ele deu duas sacudidelas rápidas com a cabeça para os lados.

— Não, nada de vodu. Quero contratá-la para investigar alguns homicídios.

— Não sou detetive particular.

— Mas você tem uma detetive particular que trabalha para a sua empresa.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você pode contratar a srta. Sims diretamente.

Não precisa me usar como intermediária.

As sacudidelas rápidas de novo.

— Só que ela não conhece vampiros como você.

Suspirei.

— Vamos direto ao assunto, Willie? Preciso ir em-

bora — disse eu, e olhei para o relógio pendurado na parede — dentro de quinze minutos. Não gosto de deixar clientes esperando, sozinhos, no cemitério. Eles tendem a ficar agitados.

Ele riu. Achei reconfortante aquela risada abafada, mesmo vendo suas presas. Certamente vampiros deveriam ter risadas melodiosas e harmoniosas.

— Aposto que ficam. Aposto de verdade que ficam.

Seu rosto serenou-se repentinamente, como se uma mão removesse aquela risada.

Senti o medo como um espasmo na boca do estômago.

Para um vampiro, mudar uma expressão é tão fácil quanto apertar um interruptor. Se ele conseguia fazer aquilo, do que mais seria capaz?

— Está sabendo dos vampiros que estão sendo assassinados no Distrito?

Ele formulou uma pergunta, e eu respondi.

— Fiquei sabendo dos assassinatos. Quatro vampiros foram mortos no novo distrito de boates de vampiros.

Arrancaram-lhes os corações e decepavam-lhes as cabeças.

— Você ainda trabalha com policiais?

— Ainda estou trabalhando com a nova tarefa.

Ele riu novamente.

— É, o “esquadrão-assombração”. Poucos recursos e pouco pessoal, certo?

— Você acabou de descrever a maior parte da situação da polícia nesta cidade.

— Talvez, mas os policiais pensam como você, Anita. O que é mais um vampiro morto? Novas leis não mudam isso.

Havia passado apenas dois anos desde o caso Addi-

son versus Clark. Esse processo havia introduzido uma versão revisada do que era a vida e do que não era a morte. O vampirismo passara a ser lícito no bom e velho Estados Unidos. Éramos um dos poucos países a reconhecê-

los. O pessoal da imigração tinha chiques ao tentar evitar a imigração das manadas de vampiros estrangeiros.

Todas as perguntas possíveis e imagináveis estavam sendo levantadas nos tribunais. Herdeiros teriam que devolver as heranças? A pessoa enviuvava caso o cônjuge se tornasse um morto-vivo? Era homicídio assassinar um vampiro? Havia até um movimento para dar voto a eles.

Os tempos estavam mudando mesmo.

Encarei o vampiro que estava à minha frente e dei de ombros. Será que eu pensava mesmo “o que era mais um vampiro morto”? Talvez.

— Se acha que penso dessa maneira, por que se dar ao trabalho de vir me procurar?

— Porque você é a melhor no que faz. Nós preci-

samos da melhor.

Era a primeira vez que ele se referia a “nós”.

— Para quem está trabalhando, Willie?

Ele, então, abriu um sorriso discreto e misterioso, como se soubesse de alguma coisa que eu deveria saber.

— Não se preocupe com isso. A remuneração é ex-

celente. Queremos alguém que conheça a vida noturna para investigar os homicídios.

— Eu vi os cadáveres, Willie. Dei minha opinião à polícia.

— O que achou?

Ele inclinou-se para frente na cadeira, com as pequenas mãos bem esticadas sobre a mesa. As unhas de seus dedos eram claras, quase brancas, e desprovidas de sangue.

— Fiz um relatório completo para a polícia.

Levantei o olhar em sua direção, quase olhando em seus olhos.

— Nem isso você vai me dar, não é?

— Não tenho permissão para discutir assunto de polícia com você.

— Avisei a eles que você não aceitaria.

— Não aceitaria o quê? Você não me disse nada, droga!

— Queremos que você investigue os homicídios

desses vampiros. Que descubra quem ou o que está fazendo isso. Pagamos três vezes os seus honorários normais.

Eu balancei a cabeça. Aquilo explicava a razão de o desgraçado ganancioso do Bert ter agendado a reunião.

Ele sabia o que eu pensava a respeito de vampiros, mas meu contrato me forçava a, ao menos, me reunir com qualquer cliente que tivesse lhe adiantado uma quantia.

Meu patrão fazia qualquer coisa por dinheiro. O problema era que ele achava que eu também deveria ser assim. Eu teria uma conversinha com Bert logo, logo.

Levantei-me.

— A polícia está investigando. Eu já venho ajudando de todas as formas possíveis. De certa forma, já estou trabalhando no caso. Guarde seu dinheiro.

Ele sentou-se e olhou para mim, bem tranqüilo.

Não era aquela imobilidade desprovida de vida dos há muito mortos, mas uma sombra dela.

O medo percorreu minha coluna e chegou à minha

garganta. Resisti a uma vontade imensa de tirar o crucifixo de dentro da blusa e forçá-lo a se retirar de meu escritório.

De alguma forma, expulsar um cliente usando um artefato sagrado não parecia nada profissional. Então, fiquei ali em pé, parada, esperando que ele se mexesse.

— Por que não quer nos ajudar?

— Preciso ir me encontrar com meus clientes, Willie. Lamento não ser capaz de ajudá-los.

— Lamenta não querer nos ajudar, você quer dizer...

Concordei com a cabeça.

— Entenda do jeito que quiser. — Dei a volta ao redor da mesa para conduzi-lo até a porta.

Willie se movimentou com uma rapidez líquida que nunca tivera, mas eu percebi o que ele tentaria e me mantive um pouco longe de sua mão, que tentava me agarrar.

— Não sou só mais um rostinho bonito, pronto para cair em truques psicológicos.

— Você viu quando me mexi...

— Eu ouvi quando se mexeu. Você morreu há pouco, Willie. Vampiro ou não, ainda tem muito o que aprender.

Ele olhou feio para mim, com sua mão ainda meio estendida em minha direção.

— Talvez, mas nenhum humano conseguiria desviar-se dessa maneira.

Ele se aproximou. Seu blazer xadrez quase me to-

cava. Juntos daquela maneira, éramos praticamente da mesma altura, baixinhos. Os olhos dele estavam perfeitamente nivelados com os meus. Olhei o máximo que pude para seu ombro.

Precisei de toda a minha coragem para não recuar e fugir dali. Mas que droga! Morto-vivo ou não, aquele era Willie McCoy. Eu não iria dar-lhe essa alegria.

— Você não é nem um pouco mais humana do que eu — disse ele.

Fui abrir a porta. Não me afastei dele. Saí de perto para abrir a porta. Tentei convencer o suor que descia, às minhas costas, que não era a mesma coisa. A sensação gelada que eu sentia em meu estômago também não se deixou enganar.

— Agora eu preciso mesmo ir embora. Obrigada por lembrar-se da nossa empresa.

Dei a ele o meu melhor sorriso profissional. Vazio de significado, porém brilhante como uma lâmpada elétrica. Ele se deteve ao passar pela porta aberta.

— Por que não quer trabalhar para nós? Vou ter que dizer alguma coisa a eles ao voltar.

Não sei ao certo, mas havia uma espécie de medo

na voz dele. Será que ele seria castigado por seu insucesso? Senti pena dele e sabia que era burrice. Era ele o morto-vivo, pelo amor de Deus! Mas ele ficou ali, me olhando, e não tinha deixado de ser o Willie, com seus casacos estranhos e suas mãos pequenas e nervosas.

— Diga a eles, quem quer que “eles” sejam, que eu não trabalho para vampiros.

— E uma regra rígida? — formulou ele novamente como uma pergunta.

— Concreta.

Houve um lampejo de alguma coisa em seu rosto.

Uma leve amostra do velho Willie. Era quase pena.

— Gostaria que não tivesse dito isso, Anita. Essa gente não gosta que lhes neguem nada.

— Agora você já está sendo inconveniente. Não gosto de receber ameaças.

— Não é ameaça, Anita. É a verdade.

Ele endireitou a gravata, tendo extremo cuidado

com o novo prendedor de gravata de ouro, ajeitou os ombros magros, e foi embora.

Fechei a porta quando ele saiu e deixei meu corpo cair sobre ela. Meus joelhos estavam enfraquecidos. Mas não havia tempo para ficar ali, tremendo. Era bem prová-

vel que a sra. Grundick já estivesse no cemitério. Ela estaria lá, com sua bolsinha preta e seus filhos crescidos, esperando-me para ressuscitar seu marido do mundo dos mortos. Havia um mistério relativo a dois testamentos bem diferentes. Era a opção entre anos e anos de custos processuais e discussões ou reviver Albert Grundick do mundo dos mortos e perguntar a ele.

Tudo de que eu precisava estava em meu carro, até mesmo as galinhas. Tirei o crucifixo de prata de dentro da blusa e deixei que ficasse pendurado, à vista de todos. Tenho várias armas e sei usá-las. Guardo uma Browning Hi-Power 9mm em minha mesa. A arma pesa quase um qui-lo, já com as balas folheadas a prata. Prata não mata um vampiro, mas pode tirar-lhe a coragem. Ela os força a terem que curar seus ferimentos com uma lentidão quase igual à dos humanos. Sequei as mãos suadas na saia e fui embora.

Craig, nosso secretário noturno, digitava furiosamente no teclado do computador. Seus olhos se arregalaram quando passei pelo grosso carpete. Talvez tenha sido a cruz que pendia de minha longa corrente. Ou talvez o coldre axilar bem apertado em minhas costas, e a arma à vista de todos. Ele não falou de nenhum dos dois. Rapaz inteligente.

Vesti minha bela jaqueta de gorgorão sobre aquilo tudo. Ela não disfarçava muito bem a arma, mas não havia problema. Eu achava muito difícil que os Grundick e seus advogados fossem perceber.

2

EU CONSEGUIRA ver o nascer-do-sol enquanto

ia dirigindo para casa aquela manhã. Detesto ver o nascer-do-sol. Significa que eu me enchi de trabalho e passei a noite toda em claro. St. Louis tem mais árvores às margens de suas estradas que qualquer outra cidade pela qual eu tenha passado de carro. Eu quase seria capaz de admitir que as árvores eram bonitas à primeira luz da aurora. Quase. A aparência de meu apartamento à luz do sol da ma-nhã é sempre de uma alegria e de um branco deprimentes.

As paredes são do mesmo branco-sorvete-de-baunilha de todos os apartamentos que eu conheço. O carpete tem um belo tom de cinza, melhor que aquele marrom-cocô-de-cachorro, mais comum.

O apartamento tem um quarto só, mas é bem espa-

çoso. Me disseram que o do vizinho tem uma bela vista do parque. Por mim, seria impossível provar. Se as coisas fossem do meu jeito, não haveria janelas. Eu gosto de cortinas pesadas, das que transformam o dia mais claro em uma penumbra gélida.

Liguei o rádio em volume baixo para abafar os pe-

quenos ruídos dos meus vizinhos que vivem durante o dia. O sono me levou ao ritmo suave da música de Cho-pin. Um minuto depois, o telefone tocou.

Permaneci deitada por um minuto, me xingando

por ter esquecido de ligar a secretária eletrônica. E se eu ignorasse? Depois de mais cinco toques, desisti.

— Alô?

— Oh, sinto muito. Acordei você?

Eu não conhecia aquela voz de mulher. Se fosse uma vendedora, eu iria partir para a violência.

— Quem fala?

Com os olhos semicerrados, olhei para o relógio

que ficava ao lado da cama. Eram oito horas. Dormi menos de duas horas. Eeeebaaaa!

— Meu nome é Monica Vespucci — disse ela como se aquilo explicasse tudo. Não explicou.

— Pois não? — Tentei passar auxílio, coragem.

Acho que saiu como um resmungo.

— Oh, nossa... Sou a Monica que trabalha com Catherine Maison.

Prestei atenção no que me era dito pelo telefone e tentei pensar. Não costumo pensar muito bem tendo dormido apenas duas horas. Catherine era uma boa amiga, um nome que eu conhecia. Ela provavelmente já havia falado dessa mulher para mim, mas, juro pela minha vida, eu não conseguia ligá-la a nada.

— Claro, Monica, pois não. O que deseja? Aquilo soou bem rude, até mesmo para mim.

— Lamento se não falo tão bem. Cheguei do trabalho às seis.

— Meu Deus! Quer dizer que só dormiu duas horas? Deve estar querendo me dar um tiro, não é? Não respondi. Não sou tão grossa assim.

— Você quer alguma coisa, Monica?

— Quero, sim. Estou organizando uma festa surpresa de despedida de solteira para Catherine. Já deve saber que ela irá se casar no mês que vem.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, depois lembrei-me de que ela não me via, e murmurei:

— Eu vou participar do casamento.

— Ah, é claro! Eu já sabia. O vestido das damas de honra não é lindo?

Para falar a verdade, a última coisa na qual eu desejava gastar 120 dólares era em um vestido formal, longo e cor-de-rosa, e com mangas infladas, mas era o casamento de Catherine.

— E quanto à festa de despedida de solteira?

— Oh, lá vou eu, falando sem parar, não é? E ainda mais com você estando desesperada para ir dormir.

Refleti se gritar com ela a faria deixar-me em paz mais rápido. Não, ela provavelmente choraria.

— Monica, por favor, o que deseja?

— Bem, eu sei que está em cima da hora, mas aca-

bei me enrolando com os preparativos. Queria ter ligado para você há uma semana, mas acabou que eu nunca conseguia um tempo livre.

Agora eu acreditei.

— Continue.

— A despedida de solteira é hoje à noite. Catherine disse que você não bebe, então, queria saber se você pode ser a motorista do grupo.

Fiquei lá, deitada, por um instante, resolvendo o quanto ficaria irritada, e se serviria de alguma coisa. Talvez, se eu estivesse mais desperta, não teria dito o que estava pensando.

— Não acha que está um pouquinho em cima da

hora, já que quer que eu dirija?

— Eu sei. Sinto muito. É que ultimamente ando

tão dispersa! Catherine me contou que, normalmente, sua folga é na noite de sexta-feira, ou na de sábado. Sua folga esta semana não é na sexta-feira?

De fato, era, mas eu não estava nem um pouquinho

a fim de dar a minha única noite de folga para essa cabeça-de-vento do outro lado da linha.

— Para ser sincera, minha folga é hoje.

— Legal! Vou dizer o caminho para você nos pegar quando sair do trabalho. Está bom assim?

Não estava, mas o que eu iria dizer?

— Tudo bem.

— Lápis e papel?

— Você disse que trabalha com Catherine, certo?

Eu até estava começando a me lembrar de uma Monica.

— Exato.

— Eu sei onde é o trabalho dela. Não preciso que me diga o caminho.

— Ora, claro... Que besteira a minha! Então, nos

vemos lá pelas cinco. Vá bem arrumada, mas sem salto alto. Pode ser que saíamos para dançar.

Detesto dançar.

— Claro, até lá.

— Até a noite.

A linha ficou muda no meu ouvido. Liguei a secretária eletrônica e voltei a me enroscar sob as cobertas.

Monica trabalhava com Catherine. Sendo assim, era advogada. Dava medo só de imaginar. Talvez fosse uma daquelas pessoas que só são organizadas no trabalho. Nada.

Foi então que me ocorreu, quando já era tarde de-

mais, que eu poderia, simplesmente, ter recusado o convite. Droga. Eu estava rápida hoje... Ora, mas será que poderia ser tão ruim assim? Assistir a estranhos encherem a cara até passarem mal. Com uma dose de sorte, talvez alguém até vomitasse em meu carro.

Tive sonhos estranhíssimos quando voltei a dormir.

Todos com essa mulher que eu não conhecia, com uma torta de creme de coco e com o funeral de Willie McCoy.

3 MONICA VESPUCCI usava um button com a inscrição "Vampiro Também É Gente". O começo da noite não prometia. Ela vestia uma blusa branca de seda com uma gola alta e bem espaçada, emoldurando um bronzado escuro, bem típico de um spa. Os cabelos, curtos, cortados com muita habilidade. A maquiagem, perfeita.

Aquele button devia ter me dado uma idéia de que

tipo de despedida de solteira ela planejara. Tem certos dias em que eu fico lerda para entender as coisas.

Eu vestira um jeans preto, botas que iam até o joelho e uma blusa carmesim. Meu cabelo era perfeito para combinar com o traje, negro e ondulado, logo acima dos ombros da minha blusa vermelha. Meus olhos de um castanho forte, quase negro, combinavam com meus cabelos.

Apenas minha pele se destacava por ser pálida demais.

Uma alemã em contraponto à escuridão latina. Certa vez, um namorado bem antigo me descrevera como uma bo-nequinha chinesa. Ele quis que soasse como um elogio.

Eu não entendi dessa maneira. Há motivos para eu não namorar muito.

Minha blusa tinha mangas compridas para esconder

não só a bainha da faca que fica em meu pulso direito, como também as cicatrizes do meu braço esquerdo. Minha arma ficara trancada no porta-malas do carro. Não imaginei que a despedida de solteira fosse sair do controle.

— Lamento muito ter deixado os preparativos da

festa para o último minuto, Catherine. É por isso que só viemos nós três. Todo mundo já tinha compromisso —

disse Monica.

— Quem imaginaria que as pessoas teriam com-

promisso para a noite de sexta-feira! — ironizei.

Monica ficou me olhando, como se tentasse decidir se eu estava brincando ou falando sério.

Catherine me olhou feio, como um alerta. Dei às

duas o meu melhor sorriso angelical. Monica também sorriu. Catherine não se deixou enganar.

Monica começou a dançar pela calçada, feliz como

um pinto bêbado no lixo. Ela só bebera dois drinques no jantar. Era um mau sinal.

— Seja simpática — cochichou Catherine.

— O que foi que eu disse?

— Anita... — disse ela num tom de voz parecido

com o que meu pai usava quando eu voltava muito tarde da rua.

Eu suspirei.

— Você está sem graça hoje.

— Estou planejando ter muita graça esta noite.

Ela estendeu os braços em direção ao céu. Ela ainda estava vestida com os restos amarrotados de sua roupa de mulher de negócios. O vento agitava seus cabelos longos, cor de cobre. Nunca consegui chegar a uma conclusão: se Catherine seria mais bonita caso cortasse os cabelos, para que se notasse seu rosto primeiro; ou se eram justamente os cabelos que a tornavam uma mulher bonita.

— Se eu tenho que abrir mão de uma de minhas

poucas noites livres, então, eu vou me divertir.. Imensamente — disse ela.

Percebi uma certa ferocidade naquela última pala-

vra. Olhei para ela.

— Não está pensando em beber até cair, está?

— Talvez.

Ela pareceu presunçosa.

Catherine sabia que eu não aprovava, ou melhor,

não entendia o motivo de se beber. Eu não gostava de ficar desinibida. Se eu fosse ficar "soltinha", gostaria de, pelo menos, controlar exatamente o quão "soltinha" eu ficaria.

Havíamos deixado meu carro em um estacionamen-

to a dois quarteirões dali, um circundado por uma cerca de ferro forjado. Não havia muitos lugares para se estacionar à margem do rio. As estreitas estradas de tijolo e as antigas calçadas haviam sido projetadas para cavalos, não para automóveis. As ruas haviam sido lavadas há pouco por uma chuva de verão que chegara e fora embora enquanto jantávamos. As primeiras estrelas já cintilavam lá em cima, como diamantes presos em veludo.

Monica gritou:

— Rápido, suas lesmas lerdas!

Catherine olhou para mim e abriu um sorriso largo.

Quando fui ver, ela já estava correndo na direção de Monica.

— Ora, pelo amor de Deus... — murmurei. Talvez,

se eu tivesse bebido durante o jantar, também corresse, mas duvido.

— Não banque a velha estraga-prazeres — respon-

deu Catherine.

Estraga-prazeres? Alcancei as duas andando. Moni-

ca soltava risadinhas. De alguma forma, eu sabia que ela o faria. Ela e Catherine se apoiavam uma na outra e riam.

Suspeitei de que talvez estivessem rindo de mim.

Monica se acalmou o bastante para fingir um sus-

surro sinistro, propositadamente alto, para ser escutado.

— Você sabe o que há após a virada desta esquina?

Para falar a verdade, eu sabia. O último vampiro assassinado o fora a apenas quatro quarteirões dali. Estávamos bem no que os vampiros chamavam de “O Distrito”.

Os humanos chamavam o lugar de “Riverfront” ou de

“Praça de Sangue”, dependendo da rudeza que quisessem transmitir.

— Prazeres Malditos — disse eu.

— Ah, que droga, você estragou a surpresa!

— O que são prazeres malditos? — perguntou Catherine.

Monica riu.

— Ah, que bom! Até que você não estragou a sur-

presa. — Ela entrelaçou o braço com o de Catherine. —

Prometo que você vai adorar!

Talvez Catherine adorasse mesmo. Já eu, sabia que não adoraria, mas acompanhei-as, assim mesmo, quando viraram a esquina. A placa era de um maravilhoso néon em caracol, de um vermelho da cor de sangue de coração.

Eu havia captado o simbolismo.

Subimos três degraus bem altos e vimos um vampi-

ro de pé, em frente a uma porta que era mantida aberta com algum apoio. Tinha os cabelos estilo black crew e os olhos pequenos e pálidos. Seus ombros largos ameaçavam rasgar-lhe a blusa negra apertada. Malhar não seria uma coisa redundante depois que se morre?

Mesmo ali, na entrada, era possível ouvir a união de ruídos de vozes, risadas e música. Aquele som murmurante e melodioso, de muita gente em um espaço restrito, de-terminada a se divertir.

O vampiro estava parado ao lado da porta, bem

tranquilo. Ele ainda transmitia uma certa sensação de movimento, uma vivacidade, na falta de uma definição melhor. Era impossível que ele estivesse morto há mais de vinte anos, se tanto. No escuro, ele quase parecia humano, até mesmo para mim. Ele já havia se alimentado esta noite. Sua pele apresentava uma apa-rência pujante e saudá-

vel. As bochechas, bem próximas do cor-de-rosa. Uma refeição com sangue fresco faz um vampiro ficar assim.

Monica apertou-lhe o braço.

— Olhe! Sinta só este músculo!

Ele sorriu, exibindo as presas. Catherine começou a ofegar. Seu sorriso abriu-se ainda mais.

— Buzz é um velho amigo, não é, Buzz?

“Buzz, o vampiro”? Certamente não.

Mas ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Pode entrar, Monica. Sua mesa está reservada.

Mesa? Quanta influência tinha essa tal Monica? A

Prazeres Malditos era uma das boates mais badaladas do Distrito e não aceitava reservas.

Um grande cartaz na porta avisava: “Não permiti-

mos a entrada de cruces, crucifixos ou de qualquer outro artefato sagrado.” Li o cartaz e passei direto por ele. Não tinha intenção alguma de abrir mão da minha cruz.

Uma voz linda e melodiosa flutuou ao nosso redor.

— Anita, que bom que você veio!

A voz pertencia a Jean-Claude, dono da boate e

vampiro-mestre. Sua aparência era bem típica de um vampiro. Cabelos levemente ondulados, emaranhados com as altas rendas brancas de uma blusa antiga. Rendas também caíam-lhe sobre as mãos pálidas e de dedos bem compridos. A blusa estava aberta, exibindo uma ligeira amostra de seu tórax magro e desnudo, emoldurado por mais rendas espumosas. Não era qualquer homem que poderia vestir uma blusa daquelas. O vampiro fazia com que ela parecesse extremamente masculina.

— Vocês dois se conhecem? — Monica parecia surpresa.

— Sim, ora — disse Jean-Claude. — A srta. Blake e eu já nos conhecemos.

— Tenho ajudado a polícia a desvendar casos em Riverfront.

— Ela é a especialista deles em assuntos concernentes a vampiros.

Ele pronunciou “especialista” de maneira suave, a-fável e levemente obscena.

Monica soltou risadinhas. Catherine fitava Jean-

Claude com olhos arregalados e inocentes. Toquei-lhe o braço e ela se assustou como se acordasse de um sonho.

Não me preocupei em murmurar porque sabia que ele me escutaria de qualquer maneira.

— Dica importante de segurança: nunca olhe dentro dos olhos de um vampiro.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e depois deixou o primeiro sinal de medo transparecer em seu rosto.

— Eu nunca faria mal a uma jovem tão adorável.

Ele tomou a mão de Catherine e a levou até a boca.

Um leve roçar de lábios. Catherine ruborizou.

Ele também beijou a mão de Monica. Depois, olhou para mim e riu.

— Não se preocupe, minha pequena ressuscitadora.

Não tocarei em você. Seria trapaça.

Ele se aproximou. Mantive o olhar em seu tórax.

Uma cicatriz de queimadura ficava praticamente oculta atrás das rendas. Tinha a forma de uma cruz. Há quantas décadas alguém encostara uma cruz em sua carne?

— Assim como você portar uma cruz seria uma vantagem injusta.

O que eu poderia dizer? De certa maneira, ele tinha razão.

Era uma pena não ser o simples formato de uma

cruz capaz de ferir um vampiro. Jean-Claude estaria em uma merda sem tamanho. Infelizmente, a cruz deveria ser abençoada e seu portador deveria ter fé. Um ateu agitando uma cruz na direção de um vampiro era uma visão verda-deiramente digna de pena.

Ele sussurrou meu nome como um suspiro contra minha pele.

— Anita, o que está pensando?

A voz dele transmitia uma calma impressionante.

Minha vontade era olhar para cima, para o rosto que expressava tais palavras. Jean-Claude ficara intrigado com minha imunidade parcial em relação a ele. E também devido à cicatriz de queimadura em forma de cruz do meu braço. Ele considerou-a encantadora. Sempre que nos encontrávamos, ele tentava ao máximo me encantar, e eu tentava ao máximo ignorá-lo. Eu estava vencendo até agora.

— Nunca reclamou da minha cruz.

— Na época, você estava em missão policial. Agora, não é mais o caso.

Fitei seu tórax e refleti se aquela renda era tão macia quanto aparentava. Provavelmente não.

— É tão insegura assim a respeito de seus próprios poderes, pequena ressuscitadora? Acredita mesmo que toda a sua resistência a mim reside nesse pedaço de prata que envolve seu pescoço?

Eu não acreditava naquilo, mas sabia que ajudava.

Jean-Claude tinha 205 anos de idade e não escondia. Um vampiro ganha muito poder em dois séculos. Ele estava dando a entender que eu fosse covarde. Era mentira.

Levei a mão ao pescoço para abrir a corrente. Ele se afastou de mim e deu as costas. A cruz trouxe prata às minhas mãos. Uma humana loira apareceu ao meu lado, me entregou um comprovante e ficou com a cruz. Legal.

Uma guardadora de artefatos sagrados.

Senti-me repentinamente pouco vestida sem minha cruz. Já tinha o costume de dormir e tomar banho com ela.

Jean-Claude voltou a se aproximar.

— Não resistirá ao espetáculo desta noite, Anita.

Alguém irá cativá-la.

— Não — respondi.

Mas é difícil bancar a durona quando se está olhando para o peito de alguém. É extremamente necessária a troca de olhares para fazê-lo, mas isso era uma coisa que eu não iria fazer.

Ele riu. O som daquela risada parecia roçar em mim como o toque de um casaco de pele: quente, porém, com uma leve sensação de morte.

Monica agarrou meu braço.

— Prometo que vai adorar.

— Exato — disse Jean-Claude. — Nunca mais se esquecerá desta noite.

— É uma ameaça?

Ele riu novamente, com aquele som terrível e afável.

— Aqui é um lugar de prazer, Anita, não de violência.

Monica insistia em puxar meu braço.

— Depressa, a diversão está prestes a começar.

— Diversão? — perguntou Catherine. Tive de sorrir.

— Seja bem-vinda à única boate de strip-tease de vampiros do mundo, Catherine.

— Está brincando!

— Palavra de escoteira.

Dei uma olhadela rápida de volta à porta, mas não sei o porquê. Jean-Claude estava por demais imóvel, sem apresentar qualquer espécie de sentido, como se sequer ali estivesse. Só então ele se mexeu. Uma mão pálida levada aos lábios. Enviou-me um beijo lá de longe. A diversão da noite estava começando.

4 NOSSA MESA FICAVA praticamente em cima do palco. O lugar estava repleto de álcool, gargalhadas e alguns gritos forçados quando os vampiros-garçons passavam pelas mesas. Havia uma subcorrente de medo. Aquele peculiar frio na barriga que se sente em montanhas-russas e filmes de terror. Um medo seguro. As luzes se apagaram. Gritos ecoaram por todo o lugar, altos e estridentes. Um medo verdadeiro por um instante. A voz de Jean-Claude surgiu em meio à escuridão.

— Sejam bem-vindos à Prazeres Malditos. Nossa

obrigação é servi-los. É tornar realidade suas fantasias mais diabólicas.

A voz dele parecia um sussurro sedoso naquele início de madrugada. Caramba, ele era bom!

— Já imaginaram como seria sentir minha respira-

ção sobre a pele? Meus lábios na nuca. O forte roçar de dentes. A dor aguda e doce de minhas presas. Seu coração batendo freneticamente contra meu peito. Seu sangue flu-indo para as minhas veias. Você se dividindo. Dando-me vida. Sabendo que eu, de verdade, não conseguiria viver sem você. Sem cada centímetro de você.

Talvez tenha sido a intimidade da escuridão. O que quer que tenha sido, senti como se a voz dele estivesse falando exclusivamente para

mim. Comigo. Eu era a sua escolhida. Sua especial. Não, não era bem assim. Todas as mulheres na boate tiveram a mesma sensação. Todas éramos a escolhida dele. E talvez houvesse mais verdade naquilo do que em qualquer outra coisa.

— Nosso primeiro cavalheiro da noite de hoje já

teve a mesma fantasia de vocês. Quis saber qual seria a sensação do mais doce dos beijos. Ele experimentou antes de vocês para dizer-lhes que é maravilhoso! — Ele deixou o silêncio preencher a escuridão, até que a batida de meu próprio coração parecesse ruidosa.

— Phillip estará conosco hoje.

Monica murmurou:

— Phillip... — Um arquejo coletivo correu toda a

platéia, e então, teve início um cântico em suave. — Phillip, Phillip... — surgiu o som ao nosso redor, no escuro, como uma oração.

As luzes começaram a se acender, como no fim de

uma sessão de cinema. Uma figura estava parada no meio do palco. Uma blusa branca apertava firmemente seu corpo da cintura para cima. Ele não era cheio de protuberâncias, mas sua musculatura era bem trabalhada. Tudo o que é demais enoja. Uma jaqueta preta de couro, uma calça jeans apertada e botas completavam o figurino. Ele poderia ter surgido de qualquer rua. Os cabelos castanhos e espessos eram compridos o bastante para tocarem seus ombros.

A música fazia crescer a tensão naquela penumbra

silenciosa. Ele se agitava ao ritmo da música. Seus quadris balançavam-se suavemente. Ele começou a tirar a jaqueta de couro, movimentando-se praticamente em câmara lenta. A música suave foi

adquirindo uma batida. Seu corpo acompanhava a batida. A jaqueta foi ao chão. Ele olhou na direção da platéia por um instante, fazendo com que víssemos o que havia para ser visto. Cicatrizes apertavam-lhe as articulações dos dois braços até que a pele formasse montes brancos de quelóides.

Engoli em seco. Não sabia ao certo o que viria, mas era capaz de apostar como não iria gostar.

Ele puxou para trás os cabelos longos, que tapavam seu rosto, com as duas mãos. Rebolava e pavoneava-se bem na frente do palco. Então, parou próximo à nossa mesa e ficou olhando para nós. Seu pescoço parecia o braço de um viciado.

Tive que desviar o olhar. Todas aquelas pequenas

marcas de mordidas e cicatrizes... Levantei o olhar e vi Catherine fitando seu próprio colo. Monica inclinava-se para frente em sua cadeira, com a boca entreaberta.

Ele agarrou a blusa com as mãos fortes e a arran-

cou. Ela saiu rasgando por seu tórax. Gritos da platéia.

Algumas gritaram seu nome. Ele sorriu. O sorriso era cintilante, brilhante e de uma sensualidade que dava para sentir derretendo na boca.

Quelóides povoavam seu peito nu e macio: cicatri-

zes brancas, rosadas, novas, antigas... Eu simplesmente fiquei ali, sentada, olhando, boquiaberta.

Catherine murmurou:

— Minha nossa...

— Ele é maravilhoso, não é? — perguntou Monica.

Fiquei olhando para ela. Sua gola espaçada escorre-gara, exibindo dois ferimentos bem discretos em forma de furos. Bem antigos. Quase cicatrizes. Deus seja louvado.

A música transformou-se em uma batida violenta.

Ele dançava, rebojava, rodopiava, e usava a força de seu corpo em cada movimento. Do lado esquerdo de sua clavícula, uma massa branca de cicatrizes. Repleto de imperfeições e malícia. Senti um aperto no estômago. Um vampiro rasgara-lhe através de sua clavícula, estraçalhando-o, como faz um cachorro a um pedaço de carne. Eu sabia, pois minha cicatriz era igual. Tinha muitas cicatrizes iguais às dele.

Notas de dólares surgiram nas mãos como cogume-

los depois da chuva. Monica agitava seu dinheiro como uma bandeira. Eu não queria que Phillip viesse até a nossa mesa. Tive de me inclinar para perto dela para que me ou-visse, devido a todo aquele barulho.

— Monica, por favor, não o faça vir aqui.

Mesmo ela havendo se virado para me ver, eu sabia que era tarde demais. Phillip, o das várias cicatrizes, estava em cima do palco e nos fitava sem desviar o olhar. Ergui a cabeça para ver seus olhos bastante humanos.

Eu conseguia enxergar a pulsação no pescoço de

Monica, que lambia os lábios. Seus olhos estavam enormes. Ela colocou o dinheiro dentro das calças dele, pela frente.

As mãos dela delinearam-lhe as cicatrizes como

borboletas nervosas. Ela aproximou o rosto do abdome dele e começou a beijar-lhe as cicatrizes, deixando marcas vermelhas de

batom. Ela o beijava, e ele se abaixava, para fazer com que ela subisse a boca cada vez mais, até chegar em seu peito.

Ele ajoelhou-se, e ela apertou os lábios contra seu rosto. Ele puxou para trás os cabelos que cobriam seu pescoço, como se soubesse o que ela queria. Ela lambeu a cicatriz de mordida mais recente com sua língua pequena e rosada, como a de um gato. Ouvi a respiração dela sair como um suspiro medonho. Ela o mordeu, travando a boca ao redor do ferimento. Phillip se contorcia de dor, ou apenas de surpresa. As mandíbulas dela se firmaram e a garganta começou a trabalhar. Ela estava chupando a ferida.

Olhei para Catherine, do outro lado da mesa. Ela

olhava fixamente para os dois, com o rosto pálido de es-panto.

A multidão, enlouquecida, berrava e agitava dinhei-ro. Phillip conseguiu se livrar de Monica e foi em direção a outra mesa. Monica despencou para frente, com a cabeça pendendo sobre seu colo e os braços caídos para os lados.

Será que ela desmaiara? Fiz menção de tocar seu

ombro, mas percebi que não queria encostar nela. Apertei-lhe levemente o ombro. Ela se movimentou, virando a cabeça para olhar para mim. Seus olhos transmitiam aquela pasmaceira de saciedade que ocorre após o sexo. Sua boca, pálida, com a maior parte de seu batom já gasto. Ela não desmaiara. Estava curtindo o momento.

Afastei-me dela, esfregando a mão na calça jeans.

As palmas de minhas mãos suavam.

Phillip voltara ao palco. Ele não mais dançava. Só estava de pé, parado. Monica deixara uma pequena marca redonda em seu pescoço.

Senti os primeiros rebuliços de uma mente anciã a flutuar sobre a multidão. Catherine perguntou:

— O que está havendo? — Está tudo bem — disse

Monica. Ela estava sentada, ereta, em sua cadeira. Seus olhos ainda estavam meio fechados. Ela lambia os lábios e se espreguiçava, com as mãos acima da cabeça. Catherine virou-se para mim.

— Anita, o que é?

— Um vampiro — respondi.

O medo surgiu repentinamente em seu rosto, mas

não durou muito. Eu vi o medo se esvaír sob o peso da mente do vampiro. Bem vagarosamente, ela se virou para olhar para Phillip, que esperava em cima do palco. Catherine não corria perigo. Essa hipnose em massa não era pessoal e nem permanente.

O vampiro não chegava a ser da idade de Jean-

Claude, ou a ter a mesma qualidade. Fiquei lá, sentada, sentindo a pressão e a abundância de mais de cem anos de poder, e não era o suficiente. Senti que ele se movimentava por entre as mesas. Ele se esforçou por demais para garantir que os pobres humanos não o vissem chegar. Ele simplesmente apareceria do nada no meio deles, como mágica.

Não é muito freqüente você conseguir surpreender

um vampiro. Eu me virei para ver o vampiro andar em direção ao palco. Todos os rostos humanos que eu via estavam extasiados, cegamente virados para o palco, à espera. O vampiro era alto e tinha ossos zigomáticos também altos. Um modelo perfeito. Esculpido. Era masculino demais para ser bonito e perfeito demais para ser real.

Ele caminhava a passos largos por entre as mesas, vestindo aquela famosa fantasia de vampiro: smoking preto e luvas brancas. Ele se deteve a uma mesa de distância de mim para se destacar. A platéia estava na palma de sua mente, indefesa e à espera. Mas eu estava sentada ali, olhando fixamente para ele, embora não para seus olhos.

Seu corpo, enrijecido e surpreso. Nada melhor para levantar o moral de uma mulher que acabar com a calma de um vampiro centenário.

Olhei para além de onde ele estava para ver Jean-

Claude, que me fitava. Eu o saudei com meu drinque. Ele mostrou que recebera o cumprimento acenando com a cabeça.

O vampiro alto estava de pé ao lado de Phillip. Os olhos de Phillip eram tão brancos quanto os de qualquer humano. O feitiço, ou o que quer que fosse, passou. Com um pensamento, ele despertou a platéia, que arfava. Magia.

A voz de Jean-Claude preencheu o silêncio repenti-no.

— Este é Robert. Dêem-lhe as boas-vindas ao nos-
so palco.

A multidão enlouqueceu, aplaudindo e berrando.

Catherine aplaudia, como todos. Aparentemente, ela estava impressionada.

A música mudara novamente, pulsando e vibrando

pelo ar, tão alta que chegava a provocar dor. Robert, o vampiro, começou a dançar. Ele se movimentava com uma violência cuidadosa, balançando-se ao ritmo da música. Depois, atirou as

luvas brancas para a platéia. Uma ca-iu aos meus pés. Nem sequer a toquei.

Monica me pediu que a pegasse.

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

Uma outra mulher inclinou-se de outra mesa. O hábito dela cheirava a uísque.

— Você não quer?

Fiz mais um sinal negativo com a cabeça.

Ela levantou-se. Suponho que tenha sido para pegar a luva. Monica foi mais rápida. A mulher sentou-se com cara de insatisfeita.

O vampiro havia se despido, revelando um tórax

grande e macio. Ele deitou-se no palco e fez flexões com as pontas dos dedos. A platéia enlouqueceu. A mim não impressionou. Eu sabia que ele seria capaz de erguer um carro, se quisesse. O que não algumas flexões em comparação com isso?

Ele começou a dançar ao redor de Phillip, que vi-

rou-se para vê-lo com os braços estendidos e levemente agachado, como se estivesse pronto para atacar. Começaram a circundar um ao outro. A música tornou-se suave, até que fosse um mero acompanhamento para os movimentos que ocorriam sobre o palco.

O vampiro começou a aproximar-se de Phillip, que

parecia tentar correr para sair do palco. Repentinamente, o vampiro já estava ali, bloqueando a fuga dele.

Eu não vi ele se mexer. O vampiro simplesmente

apareceu na frente dele. Eu não vi ele se mexer. O medo tirou todo o ar de meu corpo em uma precipitação gélida.

Não percebi o truque mental, mas ele aconteceu.

Jean-Claude estava a apenas duas mesas de distância de mim. Ele ergueu uma mão pálida para me saudar. O

cretino estava em minha mente e eu não percebi. A platéia arfou e eu voltei a olhar para o palco.

Os dois estavam ajoelhados. O vampiro dobrara

um dos braços de Phillip às costas. Uma de suas mãos agarrava-lhe os cabelos compridos, esticando-lhe o pesco-

ço para trás, em um ângulo doloroso.

Os olhos de Phillip estavam arregalados e aterrorizados. O vampiro não o sedou. Ele não estava sedado!

Ele estava consciente e assustado. Deus do Céu! Ele respirava com dificuldade. Seu tórax subia e descia em arfadas curtas.

O vampiro olhou para a platéia e sibilou, com suas presas brilhando sob o reflexo das luzes. Aquele sibilo transformou seu belo rosto em uma coisa bestial. Sua fo-me se transmitia por toda a platéia. Sua necessidade era tão intensa que provocou câibras em meu estômago.

Não, eu não iria sentir aquilo com ele. Enfiei as unhas dos dedos na palma de minha mão e me concentrei.

A sensação se esvaiu. A dor ajudou. Abri meus dedos, que tremiam, para descobrir quatro meias-luas que, vagarosamente, eram preenchidas com sangue. A fome dele era palpável ao meu redor, e enchia a multidão, mas não a mim. Não a mim.

Apertei um guardanapo contra a mão e tentei não chamar atenção.

O vampiro deitou a cabeça para trás.

— Não — murmurei.

Ele atacou. Dentes penetrando a carne. Phillip soltou um grito estridente de dor, que ecoou pela boate. A música parou abruptamente. Ninguém se movia. Era possível ouvir um alfinete cair ao chão.

Ruídos suaves e úmidos de sucção preenchem o si-

lêncio. Phillip começou a gemer. Os gemidos saíam da parte superior de sua garganta. Repetidas vezes. Ruídos curtos e indefesos.

Olhei para a platéia. Ela estava com o vampiro.

Sentindo sua fome, sua necessidade. Sentindo-o se alimentar. Talvez compartilhando do terror de Phillip. Eu não sabia. Não estava participando. E isso, por si só, já me deixava satisfeita.

O vampiro permaneceu de pé e deixou que Phillip

caísse ao palco, fraco e imóvel. Fiquei parada, sem querer estar. As costas repletas de cicatrizes daquele homem convulsionavam em uma respiração profunda e quebran-tada, como se ele estivesse lutando para voltar da morte.

Talvez estivesse.

Ele estava vivo. Voltei a me sentar. Meus joelhos, enfraquecidos. O suor cobria a palma de minhas mãos e fazia arder os cortes que eu me infligira. Ele estava vivo, e havia gostado daquilo. Eu não teria acreditado naquilo se me fosse contado por outra pessoa. Teria chamado a pessoa de mentirosa.

Um viciado em vampiros. Por Deus! Certamente
agora eu já vira de tudo.

Jean-Claude suspirou.

— Quem quer um beijo?

Ninguém se mexeu por um instante. Então, mãos,

segurando dinheiro, ergueram-se aqui e ali. Não foram muitas, mas algumas. Muita gente parecia confusa, como se houvesse despertado de um pesadelo. Monica exibia dinheiro.

Phillip ficara deitado onde havia desabado. Seu peito subia e descia.

Robert, o vampiro, veio na direção de Monica. Ela enfiou o dinheiro dentro das calças dele, que pressionou a boca sangrenta e cheia de presas contra os lábios dela. Um beijo demorado e profundo, repleto de línguas que se exploravam, sentindo o gosto uma da outra.

O vampiro afastou-se de Monica. As mãos dela em

seu pescoço tentaram puxá-lo de volta, mas ele conseguiu se livrar. Ele virou-se em minha direção. Balancei a cabeça e mostrei-lhe as mãos vazias. Sem dinheiro, amigos.

Ele veio tentar me agarrar com a rapidez de uma

serpente. Não me deixou tempo para pensar. Minha cadeira tombou ao chão. Eu estava de pé, a uma curta distância de suas mãos. Nenhum humano comum seria capaz de

vê-lo se aproximar. Eu não mais passaria despercebida.

Um vozerio levantou-se na platéia conforme eles

tentavam entender o que havia acontecido. Apenas a sua ressuscitadora amiga do bairro, pessoal. Nada para se animarem. O vampiro ainda me encarava.

Jean-Claude, de repente, apareceu ao meu lado, e eu não o havia visto chegar.

— Você está bem, Anita?

Sua voz guardava coisas que suas palavras nem se-

quer insinuavam. Promessas sussurradas em salas escuras, sob lençóis frios. Ele me sugou sob seu domínio, fez minha mente rastejar, como um indigente alcoólatra atrás de dinheiro, e fez com que fosse bom. Ruídos quebradiços e estridentes trovejaram através de minha mente e colocaram o vampiro para fora, mantendo-o encurralado.

Meu pager começara a apitar. Eu piscava e camba-

leava para cima de nossa mesa. Ele se precipitou para me reequilibrar. Mandei que não encostasse em mim.

Ele sorriu.

— É claro.

Apertei o botão do pager para silenciá-lo. Graças a Deus, eu o havia pendurado à cintura em vez de enfiá-lo dentro de uma bolsa. Se tivesse feito isso, era provável que nem o escutasse. Fui ligar do telefone do bar. A polí-

cia queria a minha perícia no cemitério Hillcrest. Eu tinha de ir trabalhar na minha noite de folga.

— Eba! — disse, e falei sério.

Ofereci-me para levar Catherine, mas ela quis ficar.

Pode-se dizer qualquer coisa a respeito de vampiros, mas eles são fascinantes. Era uma coisa bem típica da raça deles, como beber sangue e trabalhar à noite. A decisão era dela.

Prometi voltar a tempo de levar as duas para casa.

Depois, peguei minha cruz com a guardadora de artefatos sagrados e a coloquei sob a blusa.

Jean-Claude estava à porta. Ele disse:

— Quase peguei você, minha pequena ressuscitadora.

Olhei cuidadosamente para o rosto dele, e rapidamente voltei a olhar para baixo.

— “Quase” não vale, seu cretino chupador de sangue.

Jean-Claude jogou a cabeça para trás e riu. Aquela risada me seguiu pela noite afora, como veludo roçando de cima a baixo por minha coluna.

5

O CAIXÃO ESTAVA virado de lado. Arranhões

brancos, marcas de garras, desciam o verniz escuro. O

forro de um azul pálido, imitação de seda, estava talhado e goivado. Uma marca de mão, feita com sangue, deixava uma coisa bem evidente: quase poderia ter sido um humano. As únicas coisas que sobraram no velho cadáver foram um terno marrom retalhado, um osso de dedo da mão completamente mastigado, e um resto de escalpo. Ele era loiro.

Um outro corpo estava, talvez, a uma distância de um metro e meio. As roupas do homem estavam retalhadas. Seu peito havia sido aberto a rasgadas e suas costelas, quebradas como casca de ovo. A maioria dos órgãos internos já não estava lá, o que fazia a cavidade de seu corpo parecer um tronco de árvore que teve seu interior removido. Apenas seu rosto permanecia intocado. Olhos pálidos fitavam as estrelas do verão de uma maneira impossível de tão arregalada.

Fiquei feliz por estar escuro. Minha visão noturna é boa, mas a escuridão rouba a cor. O sangue todo estava preto. O cadáver daquele homem estava perdido entre as sombras das árvores. Eu só seria obrigada a vê-lo se me aproximasse dele. Foi o que fiz. Medi as marcas das mordidas com minha fita métrica de confiança. Com minhas pequenas luvas plásticas, revistei o corpo, procurando pistas. Não havia.

Eu podia fazer o que quisesse à cena do crime. Já havia sido gravada em vídeo e fotografada de todos os ângulos possíveis. Eu era sempre a última "especialista" a ser convocada. A ambulância esperava para levar os corpos depois que eu terminasse.

Eu já havia praticamente acabado. Sabia o que matara aquele homem. Demônios devoradores de cadáveres. Já limitava a busca a uma espécie particular de morto-vivo. Parabéns para mim. O legista poderia ter dito isso a eles.

Eu estava começando a suar debaixo do sobretudo

que eu vestira para proteger minha roupa. Ele servia, originariamente, para quando eu fosse matar vampiros com estacas, mas eu havia começado a usá-lo nos locais dos crimes. Havia manchas negras nos joelhos e na parte inferior das pernas. A grama estava cheia de sangue. Obrigada, meu bom Deus, por eu não ter que ver tudo isso em plena luz do dia.

Não sei por que razão ver algo assim durante o dia piora as coisas, mas eu sou mais propensa a sonhar com essas coisas em plena luz do dia. O sangue é sempre muito vermelho, marrom e espesso.

A noite suaviza isso. Faz com que pareça menos re-al. Gostei daquilo.

Abri a frente do sobretudo, deixando-o aberto ao

redor de minhas roupas. O vento soprava contra mim, incrivelmente gélido. O ar cheirava a chuva. Mais uma tempestade se aproximava.

A fita amarela da polícia foi amarrada aos troncos das árvores e passava pelo meio dos arbustos. Fizeram um laço amarelo nos pés de pedra de um anjo. A fita se agitava e produzia ruídos naquele vento que a cada minuto ficava mais forte. O sargento Rudolf Storr ergueu a fita e veio em minha direção.

Ele tinha 2,03m de altura, seu corpo parecia o de um lutador. Ele andava com passadas largas e vivas. Seus cabelos negros, cortados

bem rente à cabeça, deixavam-lhe as orelhas descobertas. Dolph era o comandante da mais nova força-tarefa, o "esquadrão-assombração". O

nome oficial era Equipe Regional de Investigação do Sobrenatural, ou ERIS. Ela cuidava de todos os crimes em que houvesse ligação com o sobrenatural. Não era exatamente um progresso na carreira dele. Willie McCoy tinha razão. A força-tarefa era um esforço claudicante para a-placar a imprensa e os liberais.

Dolph havia irritado alguém para estar naquela posição, mas, como era uma de suas características pessoais, estava determinado a fazer o melhor trabalho possível. Ele parecia uma força da natureza. Não gritava. Simplesmente fazia-se presente. E as coisas se resolviam por causa disso.

— Bem... — disse ele.

Dolph é assim. Um homem de muitas palavras.

— Foi um ataque de demônios devoradores de cadáveres. — E...

Dei de ombros.

— E não há demônios devoradores de cadáveres neste cemitério.

Ele baixou o olhar em minha direção, com o rosto

cuidadosamente neutro. Ele era bom naquilo. Não gostava de influenciar seus comandados.

— Mas você acabou de dizer que foi ataque de demônios devoradores de cadáveres.

— É verdade, mas eles não saíram daqui, deste cemitério.

— E daí?

— Nunca ouvi falar de um desses que tenha viajado a uma distância tão grande assim de seu próprio cemitério.

Olhei fixamente para ele, tentando ver se ele entendera o que eu estava dizendo.

— Conte-me a respeito desses demônios, Anita.

Ele havia tirado seu fiel bloquinho e estava com a caneta a postos.

— Este cemitério ainda é sagrado. Cemitérios que

têm infestações de demônios devoradores de cadáveres são, freqüente mente, muito antigos ou são usados para a realização de ritos satânicos ou vodus. Essa utilização maligna vai esgotando seus poderes, até que o local deixe de ser sagrado. Quando isso acontece, alguns desses demô-

nios vão morar nesses cemitérios e outros levantam-se de suas tumbas. Ninguém sabe ao certo qual faz o quê.

— Espere. Quer dizer que ninguém sabe?

— Basicamente.

Ele balançou a cabeça, olhando para as anotações que fizera, de cara feia.

— Explique-se.

— Vampiros fazem outros vampiros. Zumbis são

revividos de suas tumbas por ressuscitadores ou por um padre vodu. Até onde sabemos, os demônios devoradores de cadáveres simplesmente saem de suas tumbas por conta própria. Há teorias que contam que pessoas muito malignas acabam se tornando demônios devoradores de ca-dáveres. Eu não acredito. Durante certo tempo, uma teoria deu conta de que, quem fosse mordido por um ente sobrenatural, fosse um licantropo, um vampiro ou qualquer outro, viria a tornar-se um demônio devorador de cadáveres. Contudo, eu própria já testemunhei cemitérios inteiros esvaziados. Todos ali haviam se transformado em demônios devoradores de cadáveres. Não havia como todos eles terem sido atacados por forças sobrenaturais durante a vida.

— Tudo bem. Não sabemos de onde vêm esses demônios. O que sabemos?

— Eles não apodrecem como os zumbis. Mantêm sua forma, mais ou menos como os vampiros. Possuem mais que uma simples inteligência animal, mas não muito.

São covardes e só atacam se a vítima estiver ferida ou inconsciente.

— Mas acredite: eles atacaram o zelador do cemitério.

— Talvez ele estivesse inconsciente por algum motivo.

— Como?

— Alguém precisaria tê-lo deixado inconsciente.

— É provável?

— Não, os demônios não trabalham com humanos

ou com qualquer outro morto-vivo. Um zumbi obedece a ordens. Vampiros têm vontade própria. Demônios devoradores de cadáveres são como animais que vivem em bando. Lobos, talvez, mas muito mais perigosos. Não seriam capazes de entender o conceito de trabalhar com outra pessoa. Se você não é um deles, ou é comida ou é algo do qual eles têm que se esconder.

— Então, o que houve aqui?

— Dolph, esses demônios viajaram uma distância

considerável para chegar a este cemitério. Os outros cemitérios ficam a quilômetros de distância. Eles não costumam viajar assim. Portanto, é possível que, talvez, eles tenham atacado o zelador quando ele apareceu para expulsá-los. O normal seria eles fugirem de medo dele, mas talvez não o tenham feito.

— Poderia ser alguma coisa, ou alguém, fingindo ser esses demônios?

— Talvez, mas eu duvido. Quem quer que tenha

sido, comeu aquele homem. Talvez um humano até seja capaz de fazer isso, mas nunca conseguiria esfaquear o corpo daquela maneira. Humanos não têm tanta força assim.

— Um vampiro?

— Vampiros não comem carne.

— Zumbi?

— Talvez. Há alguns casos, raros, em que zumbis

enlouquecem ligeiramente e começam a atacar gente. Eles parecem necessitar da carne. Se não a conseguem, começam a deteriorar-se.

— Achava que zumbis sempre se deteriorassem.

— Zumbis que comem carne duram muito mais

que o normal. Há o caso de uma mulher que ainda aparenta ser humana após três anos.

— E deixam que ela saia por aí, comendo gente?

Eu sorri.

— Dão carne crua para ela comer. Se me lembro bem, a matéria dizia que o prato preferido dela era cordeiro.

— Matéria?

— Todo ramo de atuação tem o seu diário profissional, Dolph.

— Como se chama?

Dei de ombros.

— “O Ressuscitadora”. Que outro nome poderia ser?

Surpreendentemente, ele sorriu.

— Certo. Qual é a probabilidade de isto ser obra de zumbis?

— Pequena. Zumbis só andam em bando cumprim-

do ordens.

— Até... — ele verificou as anotações — zumbis carnívoros?

— Até hoje, há apenas três casos documentados.

Todos eles, de caçadores solitários.

— Portanto, ou foram zumbis carnívoros ou foi um novo tipo de demônio devorador de cadáveres. Isso é tudo?

— É — confirmei.

— Está bem, obrigado. Lamento ter interrompido sua noite de folga. — Ele fechou o bloquinho de anota-

ções e olhou para mim, quase sorrindo. — O secretário disse que estava em uma despedida de solteira. — Ele agitou as sobrancelhas.

— Bem saidinha, hem?

— Sem sermão, Dolph.

— Nem sonharia com isso.

— Ceeerto — respondi. — Se não for precisar mais de mim, já posso voltar para lá.

— É só isso, por enquanto. Ligue para mim caso lembre-se de mais alguma coisa.

— Ligo, sim.

Voltei andando até o carro. Atirei as ensangüentadas luvas de plástico dentro de um saco de lixo no porta-malas. Ponderei a respeito dos sobretudos e, enfim, dobrei-os por cima do saco de lixo. Talvez ainda seja possí-

vel vesti-los mais uma vez.

Dolph falou alto:

— Tenha cuidado esta noite, Anita. Não gostaria que você “pegasse” nada.

Olhei feio para ele. Os outros rapazes acenaram pa-ra mim e gritaram, em uníssonos:

— Adoraaaamos você!

— Dêem um tempo!

Um disse:

— Se eu soubesse que você gostava tanto de ver homens nus, poderíamos ter arrumado alguma coisa.

— O que você tem, Zebrowski, eu não quero ver.

Gargalhadas, e alguém lhe aplicou uma gravata.

— Ela pegou você, cara... Desista, ela pega você

sempre! Entrei em meu carro ao som de risadas masculinas e de uma oferta para ser meu escravo de amor, provavelmente vinda de Zebrowski.

6

VOLTEI À Prazeres Malditos pouco depois de meia-noite. Jean-Claude estava parado ao pé da escada, encostado na parede, por demais imóvel. Se ele estava respirando, eu não conseguia ver. O vento fez as rendas de sua blusa agitarem-se. Uma madeixa de cabelos negros arrastou-se através da suave palidez de sua bochecha.

— Está cheirando a sangue de outra pessoa, ma petite. Sorri para ele de maneira afável.

— Não foi ninguém que você conhecesse.

Quando sua voz surgiu, saiu baixa e sombria, repleta de uma fúria silenciosa. Ela roçou por minha pele como uma brisa gélida.

— Anda matando vampiros, minha pequena resuscitadora?

— Não — sussurrei, com a voz repentinamente rouca: nunca tinha escutado a voz dele daquele jeito.

— Referem-se a você como "A Executora", sabia?

— Sabia.

Ele não fizera nada que me ameaçasse, mas mesmo assim, nada me faria passar por ele naquele momento. Eles são bem capazes de terem obstruído a porta.

— Quantos homicídios carrega nas costas?

Não gostei daquela conversa. Ela não terminaria

nem perto de como fosse de minha vontade. Eu conhecia um vampiro-mestre que era capaz de farejar mentiras.

Não conseguia entender o porquê de Jean-Claude estar agindo daquela maneira, mas não iria mentir para ele.

— Catorze.

— E chama a nós de assassinos...

Fiquei apenas olhando para ele, sem saber direito o que ele queria que eu dissesse.

Buzz, o vampiro, desceu a escada. Ele olhou para

Jean-Claude, depois para mim, e então assumiu seu posto à porta, com seus enormes braços cruzados à frente de seu tórax.

Jean-Claude perguntou:

— O intervalo foi bom?

— Foi. Obrigado, mestre.

O vampiro-mestre sorriu.

— Já alertei-o a respeito disso, Buzz. Não se refira a mim como mestre.

— Claro, m... Jean-Claude.

O vampiro soltou sua gargalhada maravilhosa e quase tangível.

— Venha, Anita. Vamos lá para dentro, onde está

mais quente.

A temperatura do lado de fora estava acima dos 26

graus. Eu não fazia a mínima idéia do que ele estava falando. Eu não sabia do que ficamos falando pelos últimos minutos.

Jean-Claude subiu os degraus. Fiquei olhando en-

quanto ele desaparecia pelo interior da boate. Fiquei parada à porta, observando, sem querer entrar. Havia alguma coisa errada e eu não sabia o que era.

— Vai entrar? — perguntou Buzz.

— Suponho que você não iria lá dentro pedir que Monica e a ruiva que está com ela venham até aqui.

Ele sorriu, exibindo as presas. E uma marca dos novos mortos, exibir as presas a qualquer oportunidade.

Eles gostam do choque que aquilo provoca.

— Não posso abandonar meu posto. Acabei de tirar um intervalo.

— Achei mesmo que fosse dizer algo assim.

Ele olhou para mim e abriu um sorriso.

Entrei novamente na penumbra da boate. A guardadora de artefatos sagrados esperava por mim à porta.

Dei-lhe minha cruz. Ela me deu um comprovante. Não era uma troca justa. Jean-Claude não estava à vista.

Catherine estava em cima do palco. Estava de pé,

totalmente imóvel, e com os olhos arregalados. Seu rosto tinha aquela aparência frágil e receptiva, bem natural do rosto dos que dormem, assim como o de uma criança.

Seus longos cabelos cor de cobre cintilavam sob as luzes.

Eu sabia reconhecer um estupor profundo quando o via.

— Catherine... — murmurei seu nome, e corri em sua direção.

Monica estava sentada à nossa mesa, vendo-me

chegar. Em seu rosto, um sorriso terrível e consciente.

Eu estava quase chegando ao palco, quando um vampiro surgiu por trás de Catherine. Ele não saiu de trás da cortina. Simplesmente surgiu do nada por trás dela, droga! Pela primeira vez, eu entendia o que os humanos devem ver. Magia.

O vampiro olhou para mim. Seus cabelos eram de

uma seda dourada. Sua pele, marfim. Os olhos pareciam piscinas bem fundas. Fechei os meus e balancei a cabeça.

Aquilo não poderia estar acontecendo. Ninguém poderia ser tão bonito assim.

Em comparação com seu rosto, sua voz era praticamente comum, mas foi uma ordem.

— Chame-a.

Abri os olhos e percebi que a platéia olhava para mim. Dei uma olhadela rápida para o rosto inexpressivo de Catherine e sabia o que aconteceria, mas como qualquer cliente ignorante, eu precisava experimentar.

— Catherine, Catherine, está me escutando?

Ela permaneceu imóvel. Apenas um movimento

dos mais débeis mostrava que ainda respirava. Ela estava viva, mas por quanto tempo? O vampiro a havia encantado. Um estupor profundo. Significava que ele poderia chamá-la a qualquer hora, e em qualquer lugar, que ela compareceria. A partir daquele momento, a vida dela pertencia a ele. Qualquer hora que ele a quisesse.

— Catherine, por favor!

Eu não podia fazer mais nada. O dano já havia sido feito. Que droga! Nunca deveria tê-la deixado aqui. Nunca!

O vampiro tocou-lhe o ombro. Ela piscou e olhou ao redor, surpresa e assustada, e soltou uma risada nervosa.

— O que aconteceu?

O vampiro levou a mão dela até seus lábios.

— Agora você está sob meu poder, minha adorável.

Ela riu novamente, sem entender que o que ele ha-

via dito era a verdade absoluta. Ele levou-a até a beira do palco e dois garçons ajudaram-na em seu caminho de volta à cadeira.

— Estou me sentindo estranha... — disse. Monica

deu-lhe leves tapinhas na mão.

— Você esteve ótima.

— O que foi que eu fiz?

— Depois eu conto. O espetáculo ainda não acabou. Ela olhou para mim quando disse a última frase.

Eu já sabia que estava em apuros. O vampiro que

estava em cima do palco não tirava os olhos de mim. Era como um peso contra minha pele. Sua vontade, força, personalidade, o que quer que fosse, chocava-se contra mim. Eu sentia aquilo como um vento pulsante. A pele de meus braços se arrepiava.

— Meu nome é Aubrey — disse o vampiro. — Dê-me o seu nome.

Minha boca secou repentinamente, mas meu nome não era importante. Ele podia saber qual era.

— Anita.

— Anita. Que bonito!

Meus joelhos meio que se envergaram e me fizeram

sentar na cadeira. Monica não parava de me olhar, com seus olhos arregalados e ansiosos.

— Venha, Anita. Junte-se a mim no palco,

A voz dele não era tão boa quanto a de Jean-

Claude. Simplesmente não era. Não tinha textura, mas a mente por trás da voz não se parecia com nada que eu já houvesse sentido. Era antiga, terrivelmente antiga. A força de sua mente fazia meus ossos doerem.

— Venha.

Eu continuava a negar com a cabeça, sem parar.

Era só o que eu conseguia fazer. Sem palavras, sem pensamentos reais, mas eu sabia que não poderia deixar a cadeira. Se eu fosse até ele agora, ele teria poder sobre mim, assim como fez com Catherine. O suor encharcava as costas de minha blusa.

— Venha a mim, agora!

Eu estava de pé, mas não me lembrava de ter levantado. Deus misericordioso, ajude-me!

— Não!

Enterrei as unhas dos dedos na palma da mão. Ras-

guei minha própria pele e dei boas-vindas à dor. Já conseguia respirar novamente.

A mente dele recuou, como se fosse a maré. Senti

minha cabeça leve e vazia. Despenquei por cima da mesa.

Um dos vampiros-garçons estava ao meu lado.

— Não resista. Ele fica nervoso quando alguém faz isso. Empurrei-o para longe.

— Se eu não resistir, serei dele!

O garçom parecia quase humano. Um dos novos

mortos. Em seu rosto, uma expressão. Medo.

Gritei para aquela coisa em cima do palco.

— Eu subo ao palco se você não me forçar.

Monica arquejou. Eu a ignorei. Nada mais importava, apenas passar pelos momentos seguintes.

— Então, não faça cerimônia. Venha — disse o vampiro.

Afastei-me da mesa e percebi que conseguia ficar de pé sem cair. Ponto para mim. Eu até conseguia andar!

Dois pontos para mim. Eu mantinha o olhar naquele chão duro e encerado. Se eu me concentrasse apenas em meu andar, ficaria bem. Já conseguia ver o primeiro degrau do palco. Dei uma olhadela rápida para cima.

Aubrey estava de pé no meio do palco, sem tentar

me forçar. Estava perfeitamente imóvel. Parecia que nem sequer estava ali. Era de uma nulidade terrível. Eu sentia aquela imobilidade como uma pulsação em minha cabeça.

Creio que ele poderia ter permanecido de pé, em plena vista, e, a não ser que me permitisse, eu nunca o teria visto.

— Venha. — Não uma voz, mas um som bem lá

dentro de meus pensamentos. — Venha a mim.

Eu tentava voltar, mas não conseguia. Minha pulsa-

ção trovejava em minha garganta. Não conseguia respirar.

Estava me sufocando! Consegui permanecer de pé, com a força de sua mente me retorcendo.

— Não resista a mim! — gritou ele, dentro de minha cabeça.

Alguém gritava, sem palavras, e era eu. Seria tão fá-

cil se eu parasse de resistir, como afogar-se depois de parar de tentar permanecer na superfície. Um jeito tranquilo de morrer. Não, não.

— Não.

O som de minha voz saiu estranho, até mesmo para mim.

— Não — disse, e olhei para cima, na direção dele.

Olhei dentro de seus olhos com o peso de todos

aqueles séculos fazendo pressão sobre mim. O que quer que tenha feito de mim uma ressuscitadora, que me ajudava a reviver os mortos, estava presente agora. Olhei dentro de seus olhos e permaneci imóvel.

Ele então sorriu, com uma lenta abertura dos lábios.

— Sendo assim, eu irei até você.

— Por favor, por obséquio, não venha.

Eu não conseguia voltar. A mente dele me segurava como cola. O que eu conseguia fazer era não andar para frente. Não correr até

ele.

Ele se deteve quando nossos corpos quase se tocavam. Seus olhos eram de um castanho forte e perfeito.

Insondáveis.

Infinitos. Desviei o olhar de seu rosto. O suor escorria pela minha testa.

— Você cheira a medo, Anita.

Sua mão gelada acariciou-me a bochecha. Comecei

a tremer e não conseguia parar. Seus dedos entranhavam-se de maneira bem gentil por entre as ondas de meus cabelos.

— Como consegue me encarar desta maneira?

Ele respirava ao longo de meu rosto, caloroso co-

mo seda. Então, desceu a respiração para minha nuca, quente e próxima. Respirou fundo e estremeceu. Sua fome pulsava contra minha pele. Meu estômago se contraía com sua necessidade. Ele sibilou para a platéia, que gritou, aterrorizada. Ele iria seguir em frente.

O terror chegou em uma precipitação cegante de

adrenalina. Empurrei-o para longe de mim. Caí ao palco e saí de qualquer maneira, apoiando-me em minhas mãos e joelhos.

Um braço agarrou-me ao redor da cintura e me er-

gueu. Eu gritava e soltava cotoveladas para trás. Acertei-o com força e escutei quando ele engasgou-se, mas seu bra-

ço apertou-me ainda mais. Apertou até que estivesse me esmagando.

Tentei rasgar a manga de minha blusa. O tecido

rasgou-se. Ele me atirou com as costas para o chão e agachou-se sobre mim. Seu rosto estava desfigurado devido à fome. Seus lábios deram lugar a dentes. Suas presas cintilavam.

Alguém subiu ao palco, um dos garçons. O vampi-

ro sibilou para ele, e sua saliva desceu pelo queixo. Não sobrara qualquer aspecto humano.

Ele veio em minha direção em uma investida cega

de velocidade e fome. Eu pressionei a faca de prata contra seu coração. Uma gota de sangue desceu-lhe o tórax, brilhando. Ele rosnou para mim, rangendo as presas como um cão preso a uma corrente. Eu gritei.

O terror diluíra seu poder. Não havia nada além do medo. Ele veio para cima de mim e enterrou a ponta da faca em sua pele. Começou a escorrer sangue por minha mão e minha Musa. Sangue dele.

Jean-Claude apareceu repentinamente.

— Aubrey, solte-a.

O vampiro rosnou baixo e profundo em sua garganta. Um som animalesco.

Minha voz saiu aguda e fina devido ao medo. Eu parecia uma garotinha falando.

— Faça-o sair de cima de mim ou eu o mato!

O vampiro recuou. Suas presas cortavam-lhe os próprios lábios.

— Faça-o sair de cima de mim!

Jean-Claude começou a falar calmamente em fran-

cês. Mesmo não conseguindo entender o idioma, a voz dele parecia de veludo, reconfortante. Jean-Claude ajoelhou-se ao nosso lado, falando calmamente. O vampiro rosnou e saiu rapidamente, agarrando o pulso de Jean-Claude.

Ele arfou no que soou como uma dor.

Eu deveria matá-lo? Será que eu conseguiria enterrar a faca em seu coração antes que ele rasgasse o meu pescoço? Seria ele muito rápido? Minha mente parecia trabalhar em uma velocidade incrível. Tive a ilusão de que teria todo o tempo do mundo para decidir e agir.

Senti o peso do vampiro mais forte contra minhas pernas. Sua voz soava rouca, porém calma.

— Posso me levantar agora?

Seu rosto voltara a ser humano, prazeroso e bonito, mas a ilusão não funcionaria mais. Eu o havia visto des-mascarado, e tal imagem ficaria comigo para sempre.

— Saia de cima de mim, bem devagar.

Ele então sorriu. Uma lenta e confiante abertura de lábios. Ele saiu de cima de mim com a lentidão de um humano. Jean-Claude, com um gesto, ordenou-lhe que recuasse até chegar próximo à cortina.

— Tudo bem com você, ma petite?

Olhei para a ensangüentada faca de prata e fiz um sinal negativo com a cabeça.

— Não sei.

— Não foi minha intenção que isso acontecesse.

Ele me ajudou a sentar, e eu permiti que o fizesse.

A boate ficou em silêncio. A platéia notara que alguma coisa havia saído errado. Eles viram a verdade por trás da máscara de charme. Agora, o que se via ali eram muitos rostos pálidos e assustados.

A manga direita de minha blusa estava rasgada, pois precisei fazê-lo para pegar a faca.

— Por favor, largue a faca — disse Jean-Claude.

Fiquei olhando para ele e, pela primeira vez, olhei dentro de seus olhos e não senti nada. Nada além de um vazio.

— Dou-lhe minha palavra de honra de que você sa-

irá daqui em segurança. Largue a faca.

Precisei tentar três vezes para conseguir devolver a faca à sua bainha, pois minhas mãos tremiam incrivelmente. Jean-Claude olhou para mim e sorriu, sem abrir muito os lábios.

— Agora, vamos descer do palco.

Ele me ajudou a ficar de pé. Eu teria caído se o bra-

ço dele não houvesse me amparado. Ele segurava com firmeza a minha mão esquerda. A renda de sua manga ro-

çava contra minha pele. Não era nada macia.

Jean-Claude estendeu a outra mão na direção de

Aubrey. Tentei fazer com que me voltasse, mas ele sussurrou:

— Não tema. Eu protejo você. Juro.

Acreditei nele, mas não sei o porquê. Talvez por

não ter ninguém mais em quem acreditar. Ele nos levou até a frente do palco. Sua voz harmoniosa acariciava a platéia.

— Esperamos que tenham gostado de nosso pe-

queno espetáculo melodramático. Foi bastante realista, não foi?

A platéia se mostrava desconfortável. O medo era

óbvio em seus rostos.

Jean-Claude sorriu para eles e soltou a mão de Aubrey. Ele desabotoou a minha manga e puxou-a para cima, exibindo a cicatriz de queimadura. A cruz em minha pele provocava um contraste. A platéia ficou em silêncio, ainda sem entender. Jean-Claude retirou a renda de seu peito, exibindo sua própria cicatriz em forma de cruz.

Houve um momento de um silêncio de estupefa-

ção, e então aplausos trovejaram ao redor do local. Brados, gritos e assovios soavam à nossa volta.

Eles achavam que eu era uma vampira e que tudo

aquilo havia sido uma encenação. Olhei para o rosto sorridente de Jean-Claude e para as cicatrizes que se combinavam em seu peito e em meu braço.

A mão de Jean-Claude me puxou para baixo, para

agradeceremos à platéia. Quando, enfim, os aplausos co-meçaram a diminuir, Jean-Claude murmurou:

— Precisamos conversar, Anita. A vida de sua amiga Catherine depende de suas atitudes.

Olhei nos olhos dele e disse:

— Eu matei as coisas que me deram esta cicatriz.

Ele abriu um sorriso largo, exibindo apenas um relance de suas presas.

— Que adorável coincidência! Eu também.

7

JEAN-CLAUDE NOS LEVOU para trás das cor-

tinhas, na parte de trás do palco. Mais um vampiro stripper preparava-se para se apresentar. Estava fantasiado como um gladiador. A fantasia era completa, tinha até uma cou-raça de metal para proteger-lhe o tórax e uma pequena espada.

— Aí está uma apresentação que dificulta as coisas para quem vem depois. Merda.

Ele deu um puxão na cortina, para que ela se abris-se, e passou por ela com o peito estufado.

Catherine apareceu. Seu rosto estava tão pálido que suas sardas se destacavam, parecendo manchas de tinta marrom. Será que eu também estava pálida daquele jeito?

Não. A tonalidade de minha pele não permitia.

— Meu Deus, você está bem? — perguntou ela.

Passei com cuidado por alguns cabos que serpente-

avam pelo chão da parte de trás do palco e me recostei contra a parede. Comecei a reaprender a respirar.

— Estou bem — menti.

— Anita, o que está acontecendo? O que foi aquilo tudo lá no palco? Você é tão vampira quanto eu.

Aubrey sibilou em silêncio por trás dela. Suas presas estavam retesadas e faziam seus lábios sangrarem. Seus ombros se agitaram em uma risada silenciosa.

Catherine agarrou meu braço.

— Anita?

Eu a abracei e ela correspondeu ao abraço. Não iria deixá-la morrer daquela maneira. Não permitiria que acontecesse. Ela desfez o abraço e olhou para o meu rosto.

— Fale comigo.

— Podemos conversar em minha sala? — perguntou Jean-Claude.

— Catherine não precisa participar.

Aubrey se aproximou. Ele parecia bruxulear naquela penumbra, como uma jóia.

— Creio que ela deva participar. Afinal, diz respeito a ela...intimamente.

Ele lambeu os lábios ensangüentados com sua rápida língua cor-de-rosa, como a de um gato.

— Não, quero que ela fique fora disso. Custe o que custar, eu faço.

— Fora de quê? Do que vocês estão falando? Jean-Claude perguntou:

— É provável que ela vá à polícia?

— Por que iria à polícia? — perguntou Catherine.

Sua voz ficava mais alta a cada pergunta.

— E se ela for?

— Ela morre — disse Jean-Claude.

— Espere só um minuto — protestou Catherine.

— Está me ameaçando?

O rosto de Catherine ganhou muita cor. A raiva provocava isso nela.

— Ela irá à polícia — disse eu.

— A escolha é sua.

— Lamento, Catherine, mas é melhor para todos nós que você não se lembre de nada disso.

— Basta! Vamos embora agora!

Ela agarrou-me a mão e eu não a detive. Aubrey chegou por trás dela.

— Olhe para mim, Catherine.

Ela enrijeceu. Seus dedos se afundaram em minha

mão. Uma tensão incrível vibrava ao longo de seus músculos. Ela estava resistindo. Deus, ajude-a. Mas ela não tinha magias ou crucifixos. Força de vontade não bastava.

Não contra algo como Aubrey.

A mão dela largou meu braço e desabou. Seus de-

dos ficaram débeis, todos de uma vez. Seu fôlego a abandonou em um suspiro longo e estremecido. Ela olhava para alguma coisa que estava pouco acima de minha cabe-

ça, mas que eu não conseguia ver.

— Catherine, lamento muito — murmurei.

— Aubrey pode apagar a memória dela com relação

ao que aconteceu esta noite. Ela pensará que exagerou na bebida, mas isso não anulará o dano já sofrido.

— Eu sei. A única coisa que pode acabar com o domínio de Aubrey sobre Catherine é a morte dele.

— Ela já terá virado pó em seu túmulo quando isso acontecer.

Fiquei olhando para ele, para a mancha de sangue em sua blusa. Abri um sorriso bem cuidadoso.

— Este pequeno ferimento foi uma sorte enorme da sua parte. Não deixe que ele a faça confiante demais — recomendou Aubrey.

“Confiante demais.” Aquilo era bastante engraçado.

Por pouco não consegui deixar de rir.

— Já entendi a ameaça, Jean-Claude. Ou eu faço a vontade de vocês ou Aubrey termina o que havia começado com Catherine.

— Você entendeu a situação, ma petite.

— Pare de se referir a mim assim. O que exatamente querem de mim?

— Creio que Willie McCoy já tenha lhe contado o que queremos.

— Querem me contratar para descobrir quem vem assassinando todos esses vampiros?

— Exatamente.

— Isto... — apontei para o rosto inexpressivo de

Catherine — não era nem um pouco necessário. Vocês poderiam ter me espancado, ameaçado me matar, me oferecido mais dinheiro... Poderiam ter feito muita coisa antes disto.

Ele abriu um sorriso de lábios apertados.

— Tudo isso teria levado muito tempo. E sejamos sinceros. Mesmo depois de tudo isso, você ainda teria nos descartado.

— Talvez.

— Dessa maneira, você não tem escolha. Ele tinha razão.

— Tudo bem, vou assumir o caso. Satisfeitos?

— Bastante — disse Jean-Claude, com a voz deve-

ras suave. — E quanto à sua amiga?

— Quero que ela vá para casa de táxi. E quero garantias de que o velho dentucinho não vá matá-la de jeito nenhum.

Aubrey soltou uma gargalhada. Um som harmonioso, que terminou em um sibilar histérico. Ele estava curvado. Tremia de tanto gargalhar.

— “Dentucinho”. Gostei dessa.

Jean-Claude olhou rapidamente para aquele vampiro que ria sem parar, e disse-me:

— Dou-lhe minha palavra. Ela não sofrerá nenhum mal, desde que você nos ajude.

— Sem nenhuma intenção de ofender, mas não basta.

— Duvida da minha palavra? — A voz dele rosou grave e acalorada. Nervosa.

— Não, mas você não segura uma coleira em volta do pescoço de Aubrey. A não ser que ele responda a você, não pode garantir como ele irá se comportar.

As gargalhadas de Aubrey já haviam se transformado em risadinhas fracas. Eu nunca ouvira risadinhas de um vampiro.

O som não era nada agradável. O riso terminou por completo, e ele se endireitou.

— Ninguém segura uma coleira em volta de meu pescoço, garota. Eu sou mestre de mim mesmo.

— Ora, caia na real! Se você tivesse mais de quinhentos anos de idade, e fosse um vampiro-mestre, poderia ter me usado como vassoura para limpar aquele palco.

Se me lembro bem... — estiquei as mãos com as palmas viradas para cima — você não o fez, o que significa que é bem velho, mas não é mestre de si mesmo.

Um rosnado bastante grave deixou-lhe a garganta, e seu rosto ficou sombrio de tanta fúria.

— Como se atreve?

— Pense, Aubrey! Ela ficou a apenas cinquenta anos de acertar a sua idade. Você não é um vampiro-mestre e ela sabia disso. Nós precisamos dela.

— O que ela precisa é aprender a ser um pouco humilde.

Ele aproximou-se de mim com um andar pavoneado. Seu corpo estava rígido de fúria, e ele formava e desfazia punhos no ar.

Jean-Claude se interpôs entre mim e Aubrey.

— Nikolaos conta com que a levemos sã e salva.

Aubrey hesitou e rosnou. Suas mandíbulas morde-ram o ar. O estalar de seus dentes chocando-se uns contra os outros produzia um som furioso e enfadonho.

Eles se entreolharam. Dava para sentir no ar a força de vontade dos dois forçadas ao máximo, como um vento distante. Aquilo me provocou um arrepio na nuca. Quem desviou o olhar foi Aubrey, com uma piscadela furiosa e graciosa.

— Não ficarei com raiva, meu mestre — disse ele, enfatizando o “meu” para deixar claro que Jean-Claude não era o mestre dele.

Engoli em seco duas vezes, o que soou bastante al-to. Se eles me queriam assustada, estavam fazendo um trabalho incrível.

— Quem é Nikolaos?

Jean-Claude virou-se para olhar para mim com um rosto sereno e lindo.

— Não cabe a nós responder a essa pergunta.

— O que isso significa?

Ele abriu um sorriso cuidadoso, procurando não deixar os lábios se abrirem para não exhibir as presas.

— Vamos colocar a sua amiga em um táxi, e longe de qualquer mal.

— E quanto à Monica?

Ele então sorriu e agora exibiu as presas. Parecia genuinamente encantado.

— Está preocupada com a segurança dela?

Foi então que percebi... A despedida de solteira improvisada, com apenas nós três comparecendo...

— Ela foi o engodo para fazer com que Catherine e eu viéssemos até aqui.

Ele confirmou com a cabeça, uma vez para cima e outra vez para baixo.

Minha vontade era voltar lá fora e arrebentar-lhe a cara. Quanto mais eu pensava naquilo, melhor me parecia.

Como por mágica, ela abriu as cortinas e entrou onde es-távamos. Sorri para ela, e a sensação foi boa.

Ela hesitou, olhando para mim, depois para Jean-Claude, e depois, voltando a olhar para mim.

— Está tudo correndo de acordo com o planejado?

Caminhei em direção a ela. Jean-Claude agarrou meu braço.

— Não faça mal a ela, Anita. Ela se encontra sob nossa proteção.

— Juro que não vou encostar sequer um dedo nela esta noite. Quero apenas dizer-lhe uma coisinha.

Ele soltou meu braço bem devagar, como se não

estivesse muito certo de que seria uma boa idéia. Aproximei-me de Monica até que nossos corpos quase se tocassem. Sussurrei na direção de seu rosto:

— Se acontecer qualquer coisa com Catherine, você está morta.

Ela olhou para mim e sorriu, com certa afetação, confiante em seus protetores.

— Eles me trarão de volta como um deles.

Senti minha cabeça se agitar, um pouco para a direita, um pouco para a esquerda. Um movimento lento e preciso.

— Eu arranco o coração do seu peito. — Eu ainda

sorria. Não conseguia parar. — Depois, queimo e espalho as cinzas pelo rio. Fui clara?

Foi possível ouvi-la engolir saliva. Seu bronzeado artificial parecia relativamente verde. Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, me olhando como se eu fosse o bicho-papão.

Acho que ela acreditou que eu o faria. Legal. Detesto desperdiçar uma boa ameaça.

8

FIQUEI VENDENDO o táxi de Catherine desaparecer na virada da esquina. Ela nem sequer se virou, acenou ou falou. Ela acordaria no dia seguinte com vagas lembranças.

Uma mera noite de curtidão com as amigas.

Eu adoraria achar que ela estava livre daquilo. Segura. Mas sabia que não era assim. O ar trazia um odor denso de chuva.

O reflexo das luzes da rua cintilavam na calçada. O

ar estava quase carregado demais para se respirar. St.

Louis no verão. Fantástica...

— Podemos ir? — perguntou Jean-Claude.

Sua blusa branca luzia no escuro. Se a umidade o

incomodava, ele não deixava transparecer. Aubrey ficou nas sombras, perto da porta. A única luz a pairar sobre ele era do néon carmesim da placa da boate. Ele sorriu para mim, com a face avermelhada, e o corpo perdido entre as sombras.

— Está um pouco forçado demais, Aubrey — provoqueei, O gracejo dele titubeou.

— Como assim?

— Está parecendo o Drácula de um filme B.

Ele desceu as escadas serenamente, com a perfeição fácil que apenas os muito velhos possuem. A luz da rua mostrava que seu rosto estava contraído e suas mãos, em punho.

Jean-Claude colocou-se à frente dele e falou, com a voz grave, em um sussurro apaziguador. Aubrey virou-se para o outro lado, dando de ombros em um movimento brusco, e começou a planar, subindo a rua.

Jean-Claude virou-se para mim.

— Se continuar a tratá-lo com escárnio, chegará uma hora em que não poderei mais controlá-lo. E você morrerá.

— Achei que sua obrigação fosse manter-me viva para essa Nikolaos.

Ele fez uma cara feia.

— E é, mas não vou morrer para defendê-la, entendeu?

— Agora entendi.

— Ótimo. Podemos ir? — perguntou ele, mostrando com as mãos a calçada à nossa frente, na direção que Aubrey havia seguido.

— Vamos andando?

— Não estamos longe.

Ele estendeu a mão em minha direção. Olhei para ela e balancei a cabeça.

— É necessário, Anita. Se não fosse, eu não solicitaria.

— É necessário, por quê?

— A polícia não pode saber nada a respeito desta

noite, Anita. Dê-me sua mão. Represente a apatetada humana com seu namorado vampiro. Isso explicará o sangue em sua blusa. Explicará aonde estamos indo e o porquê.

A mão dele ficou ali, estendida. Era pálida e magra.

Seus dedos não tremiam, não apresentavam movimento.

Era como se ele fosse capaz de ficar ali parado, me oferecendo a mão para sempre. E talvez pudesse mesmo.

Dei-lhe a mão. Seus dedos compridos curvaram-se

sobre as costas de minha mão. Começamos a andar. Ele a segurava com grande firmeza. Eu sentia a pulsação de minha mão contra a pele dele. O pulso dele começou a acelerar, para acompanhar o meu. Eu sentia o sangue dele fluir como um segundo coração.

— Já se alimentou esta noite? — perguntei com voz bem serena.

— Não consegue distinguir?

— Nunca consigo quando é com você. Olhei de soslaio e vi que ele sorria.

— Sinto-me lisonjeado.

— Acabou não respondendo o que perguntei.

— Não — respondeu.

— “Não” confirmando que não me respondeu
mesmo ou “não” como resposta à pergunta original?

Ele se virou para olhar para mim conforme andávamos. O suor luzia em seu lábio superior.

— O que acha, ma petite

Sua voz era o mais suave dos suspiros.

Puxei minha mão bruscamente, tentando me livrar

dele, mesmo sabendo que era bobagem e que nunca daria certo. A mão dele apertou a minha, espremendo-a, até que perdi o ar. E ele nem estava se esforçando.

— Não lute contra mim, Anita. — Ele esfregou a

língua sobre o lábio superior. — Lutando, você... me excita.

— Por que não se alimentou mais cedo?

— Recebi ordens para que não o fizesse.

— Por quê?

Ele não respondeu. A chuva começou a tamborilar.

Leve e fria.

— Por quê? — repeti.

— Não sei.

Sua voz quase se perdeu no suave ruído da chuva.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria dito que estava com medo.

O hotel era alto, estreito e construído com tijolos de verdade. A placa à frente brilhava em azul e anunciava:

“Há vagas.” Não havia nenhuma outra placa. Nada que dissesse o nome do estabelecimento, ou até mesmo a natureza do negócio. Apenas vagas.

A chuva brilhava nos cabelos de Jean-Claude como

diamantes negros. Minha blusa grudava em meu corpo. O

sangue havia começado a sair. Água gelada é excelente para tirar mancha de sangue fresco.

Um carro da polícia virou a esquina bem devagar.

Fiquei nervosa. Jean-Claude me puxou bruscamente para junto de si. Coloquei a palma da mão sobre o peito dele, para impedir que nossos corpos se tocassem. Seu coração batia forte sob minha mão.

O carro da polícia passava com bastante lentidão.

Uma luz começou a procurar por entre as sombras. Eles inspecionavam o Distrito frequentemente. Seria ruim para o turismo se turistas fossem assassinados por nossas maiores atrações.

Jean-Claude segurou meu queixo e virou meu rosto

para que eu olhasse para ele. Tentei virar o rosto, mas os dedos dele afundaram-se em meu queixo.

— Não lute contra mim!

— Não olharei para seus olhos!

— Dou minha palavra de que não tentarei encantá-

la. Por esta noite, você pode olhar para meus olhos seguramente. Eu prometo. — Ele olhou para o carro da polí-

cia, que ainda vinha em nossa direção. — Se a polícia entrar nesta história, não posso garantir que nada acontecerá à sua amiga.

Obriguei-me a relaxar em seus braços, deixando

que meu corpo se encaixasse no dele. As batidas de meu coração soavam altas, como se eu tivesse corrido. Foi en-tão que percebi que não era o meu coração que eu escutava. A pulsação de Jean-Claude latejava através de meu corpo. Eu conseguia ouvi-la, senti-la, e quase conseguia apertá-la com a mão. Olhei para cima, para o rosto dele.

Seus olhos tinham o azul mais escuro que eu já vira. Perfeitos como um céu à meia-noite. Eram escuros e vivos, mas não havia sensação de afogamento. Eles não me puxavam. Eram apenas olhos.

Ele inclinou o rosto em minha direção e murmurou:

— Eu prometo.

Ele ia me beijar. Eu não queria. Mas também não

queria que a polícia parasse e nos interrogasse. Não queria explicar as manchas de sangue e a blusa rasgada. Seus lá-

bios hesitaram próximos à minha boca. A batida de seu coração soava alta em minha cabeça. Sua pulsação estava acelerada e a minha respiração, em frangalhos, devido à-

quela tamanha necessidade.

Seus lábios eram de seda e a língua, de uma rápida umidade. Tentei recuar, mas percebi que sua mão segurava a minha nuca,

pressionando minha boca contra a dele.

O farol da polícia passou por nós. Eu relaxei contra Jean-Claude, permitindo que me beijasse. Nossas bocas, coladas. Minha língua encontrou a rigidez nada áspera de suas presas. Eu recuei, e ele permitiu. Então, pressionou meu rosto contra seu tórax, um braço como aço contra minhas costas, pressionando-me contra si. Ele tremia, e não era por causa da chuva.

Sua respiração estava em frangalhos. Seu coração

saltava sob a pele, contra minha bochecha. A rugosidade macia de sua queimadura tocou-me o rosto.

Sua fome despejou-se sobre mim em uma onda vio-

lenta, parecendo calor. Ele vinha me protegendo dela até então.

— Jean-Claude!

Não tentei disfarçar o medo em minha voz.

— Silêncio...

Uma tremedeira correu através de seu corpo. Seu

fôlego escapou em um suspiro ruidoso. Ele me soltou de maneira tão abrupta que eu tropecei.

Ele se afastou de mim para se apoiar em um carro

estacionado. Jean-Claude ergueu o rosto, sentindo a chuva. Eu ainda sentia as batidas do coração dele. Nunca havia tido tamanha consciência de minha própria pulsação, do sangue correndo em minhas veias. Envolvi-me com meus próprios braços, tremendo debaixo da chuva quente.

O carro da polícia já desaparecera na escuridão das luzes da rua. Depois de, talvez, uns cinco minutos, Jean-Claude pôs-se de pé. Eu não mais sentia as batidas do co-ração dele. Minha própria pulsação já estava calma e regular. O que quer que tenha acontecido, tinha acabado.

Ele passou por mim e chamou-me, por sobre o ombro.

— Venha. Nikolaos está nos esperando lá dentro.

Eu o segui, e passamos pela porta. Ele não tentou segurar minha mão. Para falar a verdade, ele ficou fora de alcance e eu o segui.

Aubrey passou bem perto de mim quando foi fe-

char a porta, e permaneceu atrás de mim, onde eu não podia vê-lo. Fui para um lugar onde ficasse com as costas viradas para a única parede vazia, para que pudesse ver todos eles, mesmo sabendo que teria pouca serventia.

— Com medo? — perguntou Aubrey.

— Ainda está sangrando? — respondi com outra

pergunta. Ele cruzou os braços por sobre a mancha de sangue em sua blusa.

— Veremos quem estará sangrando ao amanhecer.

— Aubrey, não banque o infantil.

A vampira sobre a cama pôs-se de pé. Seus saltos

faziam barulho quando tocavam o assoalho descoberto.

Ela andou cuidadosamente à minha volta, e eu resisti a uma vontade incontrolável de virar e mantê-la à vista. Ela riu novamente, como se soubesse.

— Deseja que eu garanta a segurança de sua amiga?

— perguntou ela, voltando a esticar-se com graciosidade na cama. Aquele lugar simples e sombrio parecia, de alguma forma, pior com ela ali, sentada, com suas botas de couro de duzentos dólares.

— Não — disse eu.

— Foi isso o que você pediu, Anita — disse Jean-Claude.

— O que eu pedi foram garantias da mestra de Aubrey.

— Você está falando com a minha mestra, moça.

— Não estou, não.

O ambiente caiu, repentinamente, em um silêncio

profundo. Eu conseguia até ouvir alguma coisa arrastando-se pelo interior das paredes. Precisei até levantar o olhar para ter certeza de que os vampiros ainda permaneci-am ali comigo. Estavam todos completamente imóveis, como estátuas, sem a mínima amostra de movimento, respiração ou vida. Todos eram extremamente idosos, mas nenhum velho o bastante para ser Nikolaos.

— Eu sou Nikolaos — disse a vampira, com sua

voz convincente, que sussurrava por toda a sala. Eu quis acreditar nela. mas não consegui.

— Não — disse eu. — Você não é a mestra de Au-

brey. — Arrisquei uma olhadela em seus olhos. Eram negros e estavam arregalados de estupefação quando olhei para eles. — Você é muito velha, e muito boa, mas não é forte ou velha o bastante para ser a mestre de Aubrey.

Jean-Claude disse:

— Eu avisei que ela perceberia.

— Silêncio!

— O jogo acabou, Theresa. Ela já sabe.

— Apenas porque vocês já contaram.

— Diga-lhes como descobriu, Anita.

Dei de ombros.

— Ela transmite uma sensação enganosa. Simples-

mente não é velha o bastante. Aubrey transmite muito mais uma noção de poder do que ela. Isso não combina.

— Ainda insiste em falar com nosso mestre? —

perguntou a mulher.

— Ainda quero garantias com relação à segurança

de minha amiga. — Olhei rapidamente pela sala, para cada um deles. — E já estou ficando farta desses joguinhos idiotas.

Aubrey, de repente, começou a vir em minha dire-

ção. O mundo ficou em câmera lenta. Não havia tempo para medo. Tentei me afastar, sabendo que não havia para onde ir.

Jean-Claude correu em sua direção, tentando agarrá-lo com as mãos. Ele não chegaria a tempo.

A mão de Aubrey saiu do nada e me acertou no

ombro. O golpe arrancou todo o ar de meu corpo e me fez voar para trás. Minhas costas se chocaram contra a parede. Minha cabeça bateu um pouco depois, forte. O

mundo ficou cinza. Eu deslizei parede abaixo. Não conseguia respirar. Formas brancas e minúsculas bailavam em meio a todo aquele cinza. O mundo começou a ficar negro. Deslizei até o chão. Aquilo não doía. Nada doía. Eu respirava com muita dificuldade, até que senti meu peito queimando, e a escuridão levando tudo embora.

9

VOZES FLUTUAVAM através da escuridão. Sonhos.

— Não devíamos ter mexido nela.

— Queria desobedecer Nikolaos?

— Ajudei a trazê-la até aqui, não ajudei? Era uma voz masculina.

— Ajudou — disse uma mulher.

Fiquei ali, deitada, de olhos fechados. Aquilo não era um sonho. Eu me lembrava da mão de Aubrey saindo do meio do nada. Ele tinha me dado um tapa com as costas da mão. Se ele tivesse fechado o punho... Mas não fechou. Eu estava viva.

— Anita, está acordada?

Abri os olhos. A luz entrou em minha cabeça como

uma lança. Fechei os olhos para fugir da luz e da dor, mas esta não foi embora. Virei a cabeça, e só então percebi que fora um erro. A dor me causava náuseas. Parecia que os ossos de minha cabeça tentavam sair correndo. Levantei as mãos para cobrir os olhos e soltei um gemido.

— Anita, você está bem?

Por que sempre perguntam isso quando é óbvio

que a resposta é negativa? Sussurrei, sem saber o que sentiria ao falar. Até que não foi lá tão ruim.

— Estou bem à beça.

— Como?

Essa foi a mulher.

— Acho que ela está sendo sarcástica — disse Jean-Claude. Ele parecia aliviado. — Não deve estar seriamente machucada se está fazendo piadinhas.

Eu não tinha tanta certeza assim quanto à parte do

“seriamente machucada”. A náusea vinha em ondas, da cabeça até o estômago, em vez de percorrer o caminho inverso. Eu podia apostar que sofrera uma concussão. A questão era a gravidade dela.

— Consegue se mexer, Anita?

— Não — murmurei.

— Permita-me perguntar de outra maneira. Se eu ajudá-la, consegue sentar-se direito?

Engoli saliva, tentando respirar em meio à dor e à náusea.

— Talvez.

Mãos curvaram-se sob meus ombros. Os ossos de

minha cabeça começaram a escorregar para frente conforme ele me levantava. Eu arfava e engolia.

— Vou vomitar.

Rolei para o lado e fiquei de quatro. O movimento foi rápido demais. A dor era um rodopiar de luz e escuridão. Meu estômago subia. O vômito subiu, queimando-me a garganta. Minha cabeça explodia.

Jean-Claude me agarrou pela cintura, e pôs a mão

gelada em minha testa, mantendo no lugar os ossos de minha cabeça. Sua voz me afagava. Um lençol aquietante contra minha pele. Ele falava em francês, com muita serenidade. Eu não entendia uma palavra daquilo, e não precisava. Sua voz me afagava, me embalava e levava embora um pouco daquela dor.

Ele me segurava contra seu peito e eu estava fraca demais para protestar. Antes, a dor gritava por toda a minha cabeça.

Agora, era uma dor leve, distante e latejante. Virar a cabeça ainda fazia com que eu me sentisse muito mal, como se ela fosse uma parte móvel, mas a dor já era diferente. Suportável. Ele limpou-me o rosto e a boca com um pano úmido.

— Já está se sentindo melhor? — perguntou.

— Estou.

Eu não entendia o que havia sido feito daquela dor.

Theresa perguntou:

— Jean-Claude, o que você fez?

— Nikolaos quer que ela esteja consciente e em bom estado para a visita dela. Você viu como ela estava.

Ela precisa de um hospital, não de mais tormento.

— Então, você a ajudou... — A voz da vampira parecia satisfeita. — Nikolaos não ficará nada satisfeito.

Senti que ele mostrou indiferença.

— Fiz o que era necessário.

Eu já conseguia abrir os olhos sem apertá-los ou sem que a dor aumentasse. Estávamos em uma masmorra.

Não havia outra palavra para descrever o lugar. Paredes espessas de pedra cercavam um cômodo quadrado, talvez de seis metros por seis metros. Degraus subiam em dire-

ção a uma porta de madeira com uma barra. Havia até mesmo correntes nas paredes. Tochas queimavam nas paredes. Só faltava um armeiro e um carrasco de capuz preto, com braços grandes e fortes, e uma tatuagem com a inscrição "Amo a Mamãe". Assim, ficaria perfeito.

Eu já me sentia melhor, muito melhor. Não seria normal eu me recuperar tão rapidamente daquela maneira.

Não era a primeira vez que eu me machucava feio. Aquilo não sumia assim.

— Consegue sentar-se sozinha?

Surpreendentemente, a resposta foi afirmativa. Sentei-me, apoiando as costas contra a parede. A dor ainda se fazia presente, mas não era tão forte como antes. Jean-Claude pegou um balde que estava próximo à escada e lavou uma parte do chão. Havia um ralo bastante moderno no centro daquele lugar. Theresa, de pé, olhava para mim com as mãos na cintura.

— Estou vendo que está se recuperando com bastante rapidez.

Sua voz continha surpresa, além de mais alguma outra coisa que eu não conseguia apontar.

— A dor e a náusea praticamente sumiram. Como?

Ela sorriu, franzindo os lábios.

— Terá de perguntar isso a Jean-Claude. Foi obra dele, não minha.

— Porque você não seria capaz de fazê-lo. Havia uma cordial ponta de raiva na voz dele. O rosto dela em-palideceu.

— Independentemente disso, eu não o teria feito.

— De que vocês estão falando? — perguntei.

Jean-Claude olhou para mim com seu belo rosto indecifrável. Seus olhos escuros olharam dentro dos meus.

Ainda eram apenas olhos.

— Vá em frente, vampiro-mestre, conte a ela. Veja como ela está agradecida.

Jean-Claude olhou para mim, observando o meu rosto.

— Você contundiou-se seriamente. Teve uma concussão. Mas Nikolaos não deixará que a levemos a um hospital até que esta... entrevista tenha terminado. Temi que você morresse ou ficasse incapaz de... funcionar. —

Nunca havia ouvido a voz dele tão incerta. — Então, compartilhei minha força vital com você.

Comecei a agitar a cabeça. Um erro enorme. Aper-
tei a testa com as mãos.

— Não estou entendendo.

Ele abriu as mãos, bem afastadas.

— Não tenho palavras.

— Oh, permita-me — disse Theresa. — Ele deu o
primeiro passo para torná-la uma serviçal humana.

— Não. — Eu ainda enfrentava dificuldade para
pensar com clareza, mas sabia que aquilo não estava certo.

— Ele não tentou me enganar com a mente ou com os olhos. Ele
não me mordeu.

— Não estou me referindo a uma daquelas patéti-

cas meias-criaturas que têm algumas mordidas e fazem o que
ordenamos. Quis dizer uma serviçal humana permanente, que nunca
será mordida, nunca será ferida. Alguém que envelhecerá
praticamente tão devagar quanto nós.

Eu ainda não estava entendendo. Talvez fosse evi-
dente pela minha expressão, pois Jean-Claude disse:

— Eu tirei a sua dor e dei-lhe um pouco do meu...
vigor.

— Então, você está sentindo a minha dor?

— Não, a dor foi embora. Eu tornei-a um pouco mais difícil de ser ferida.

Ainda não estava conseguindo entender aquilo tudo, ou talvez aquilo tudo estivesse além de minha compreensão.

— Não entendo.

— Ouça, mulher, ele compartilhou com você aquilo que nós consideramos um grande dom e que deve apenas e tão somente ser oferecido àqueles que provaram ser inestimáveis.

Olhei para Jean-Claude.

— Isso significa que, de alguma forma, estou sob seu poder?

— Justamente o contrário — disse Theresa. — A-

gora, você está imune ao olhar encantador dele, à voz de-le, à mente dele. Servirá a ele por simples vontade própria, nada mais. Veja só o que ele fez.

Fitei os olhos negros dela. Eram meros olhos. Ela confirmou com a cabeça.

— Agora você começou a entender. Como ressus-

citadora, a sua imunidade em relação ao nosso olhar era parcial. Agora, ela é quase completa. — Ela soltou uma gargalhada bruta, que parecia um latido. — Nikolaos vai destruir vocês dois.

Com isso, ela, pavoneando-se, subiu as escadas, fazendo com que os saltos de suas botas produzissem ruí-

dos contra a pedra, e deixou a porta aberta ao passar por ela.

Jean-Claude viera se colocar de pé, acima de mim.

Seu rosto estava indecifrável.

— Por quê? — perguntei.

Ele apenas olhou para baixo, para mim. Seus cabe-

los secaram em cachos desalinhados ao redor de seu rosto.

Sua aparência continuava a ser bela, mas os cabelos o faziam parecer mais real.

— Por quê?

Ele então sorriu, e surgiram linhas de cansaço pró-

ximas a seus olhos.

— Se você morresse, nosso mestre teria nos puni-

do. Aubrey já está sofrendo devido à sua... indiscrição.

Ele virou-se e subiu a escada, como um gato, como se não tivesse ossos. Uma graciosidade líquida.

Ele se deteve à altura da porta e tornou a olhar para mim.

— Alguém virá buscá-la assim que Nikolaos resol-

ver que chegou a hora. — Ele fechou a porta, e eu a ouvi trincar e trancar. Sua voz, melodiosa, flutuou através das barras, quase borbulhando com riso. — E talvez porque eu tenha gostado de você.

O riso dele era cortante como um caco de vidro.

10

TIVE DE IR verificar a porta trancada. Chocalhar a maçaneta, cutucar a fechadura. Como se eu soubesse abrir uma tranca... Ver se havia alguma barra solta, embora eu nunca fosse conseguir passar, espremida, pelo pequeno espaço que se abriria.

Verifiquei a porta porque não consegui resistir. Era o mesmo instinto que faz você chocalhar a porta do seu porta-malas depois de trancar as chaves dentro dele.

Venho ficando do lado errado de muitas portas

trancadas. Nem sequer uma delas abriu-se assim, facil-mente, para mim, mas sempre há uma primeira vez. É, até parece que eu vou viver para ver esse dia chegar. Tire isso.

Frase ruim.

Um ruído me trouxe de volta à cela e a suas paredes úmidas e repletas de infiltrações. Um rato correu em disparada contra a parede à minha frente. Um outro perscru-tava as bordas dos degraus, contraindo seus bigodes. Acho que não se pode ter uma masmorra sem ratos, mas eu estaria disposta a fazer uma tentativa.

Mais alguma coisa sapateava às bordas dos degraus.

Com a luz das tochas, pensei que fosse um cachorro. Não era. Um rato do tamanho de um pastor alemão sentou-se, ereto, apoiado em seus quadris negros e desnudos. Ele ficou olhando para mim, com as enormes patas bem perto de seu peito felpudo. Ele me olhou de esguelha, com um olho enorme, que chegava a parecer um botão negro. Os lábios se esconderam e deram lugar a dentes amarelados.

Os incisivos eram adagas de lâminas irregulares de uns doze centímetros de comprimento.

— Jean-Claude! — gritei.

O ar se enchia de guinchos agudos que ecoavam

como se entrassem por algum túnel. Subi até o último degrau da escada e vi. Um túnel escavado parede adentro, quase da altura de um homem. Ratos saíam dele em uma onda espessa e felpuda, guinchando e mordendo. Saíam e começavam a cobrir o chão.

— Jean-Claude!

Eu batia à porta, puxava as barras, tudo o que eu já havia feito. Era inútil. Eu não sairia dali. Eu chutava a porta e gritava:

— Droga!

O som ecoava contra as paredes de pedra e quase

abafava o som das milhares de garras que se moviam desordenadamente.

— Eles não a atacam até que tenhamos terminado.

Congelei. Minhas mãos ainda estavam na porta. Vi-

rei-me bem devagar. A voz tinha vindo de dentro da cela.

O chão torcia e se contorcia, repleto de pequenos corpos felpudos. Guinchos agudos, o espesso roçar de pêlos e o estardalhaço de milhares de pequeninas garras preenchiam o ambiente. Milhares delas. Milhares.

Quatro ratos gigantes estavam sentados, como

montanhas, naquela maré felpuda que se contorcia. Um deles me olhava fixamente, com olhos que chegavam a parecer botões

negros. Naquela maneira de olhar, não havia nada que se dissesse que era de um rato. Eu nunca havia visto homens-rato, mas era capaz de apostar que aqueles ali o fossem.

Uma silhueta encontrava-se de pé, com as pernas

semi-arcadas. Era do tamanho de um homem, e tinha o rosto estreito, típico de um rato. Um imenso rabo desnudo se curvava ao redor de suas pernas arcadas como uma corda grossa e carnuda. Aquilo... não, ele, com certeza, era

“ele”... ofereceu-me uma mão dotada de garras.

— Desça conosco e junte-se a nós, humana.

O som daquela vez era encorpado, quase rouco,

com uma ponta de lamúria. Cada palavra precisa e um pouco errada. Lábios de rato não foram feitos para falar.

Eu não iria descer a escada. De forma alguma. Já

sentia o gosto de meu coração em minha garganta. Eu conhecia um homem que sobrevivera a um ataque de lobisomem, quase morrera, e não se tornara lobisomem.

Conhecia outro que mal fora arranhado e tornara-se um homem-tigre. O que se apresentava a mim era que, se eu fosse, no mínimo, arranhada, dentro de um mês eu poderia brincar de rosto peludo. E, para completar, olhos parecidos com botões negros, e presas amareladas. Meu Deus!

— Desça conosco, humana. Desça conosco para

brincarmos. Engoli em seco. Parecia que eu tentava engolir meu coração.

— Nem pensar.

Aquilo soltou uma risada sibilante.

— Podemos subir e trazê-la.

Ele caminhou com passadas largas pelos ratos me-

nores, que corriam dele de maneira frenética, saltando por cima uns dos outros para evitar tocarem nele. Ele parou junto ao primeiro degrau, lá embaixo, olhando para cima.

Para mim. A penugem dele tinha uma cor quase marrom-mel, com filões loiros.

— Se a forcarmos a cair desta escada, você não vai gostar muito.

Engoli em seco. Acreditei nele. Levei a mão até minha faca e encontrei a bainha vazia. E claro, os vampiros a tiraram. Droga.

— Desça conosco, humana. Desça conosco para brincarmos.

— Se me quiserem, terão que vir me buscar.

Ele enrolou o rabo pelas mãos, acariciando-o. Com as garras, ele desceu pelos pêlos da barriga, e continuou descendo. Fitei o rosto dele com bastante rigidez, e ele riu de mim.

— Tragam-na.

Dois daqueles ratos do tamanho de cães começa-

ram a andar em direção à escada. Um rato pequeno guin-chava e rolava por sob seus pés. Aquilo deu um guincho alto e digno de pena, e depois nada mais. Ele se contorceu até que os outros ratos o cobriram. Ossos pequeninos es-talavam. Nada seria desperdiçado.

Eu empurrava a porta como se fosse capaz de atra-

vessá-la. Os dois ratos subiam os degraus rastejando. Eram animais insinuantes e bem alimentados. Mas em seus olhos não havia animalidade. O que quer que estivesse ali era humano. Inteligente.

— Esperem. Esperem. Os ratos hesitaram. O homem-rato disse:

— Pois não?

Foi possível ouvir quando eu engoli.

— O que vocês querem?

— Nikolaos pediu que a ocupássemos enquanto espera.

— Isso não responde à minha pergunta. O que vocês querem que eu faça? O que querem?

Seus lábios se esconderam e deram lugar a dentes

amarelados. A aparência era de um rosnado, mas creio que tenha sido um sorriso.

— Desça conosco, humana. Toque-nos e permita

que toquemos em você. Permita que lhe ensinemos os prazeres dos pêlos e dos dentes.

Ele esfregava as garras sobre os pêlos de suas coxas. Aquilo direcionou minha atenção para ele, entre suas pernas. Olhei para o outro lado, e um calor subiu a minha pele rapidamente. Eu havia enrubescido. Droga!

Minha voz saiu quase firme.

— O propósito disso seria me impressionar? —

perguntei. Ele permaneceu imóvel por um instante, e depois rosnou:

— Tragam-na aqui embaixo!

Ótimo, Anita. Provoque mesmo a hostilidade dele.

Dê a entender que o equipamento dele é um pouco pequeno.

Aquela risada sibilante subiu minha pele rapidamente em ondas geladas.

— Nós vamos nos divertir esta noite. Posso prever.

Os ratos gigantes subiam os degraus. Músculos em

ação sob a penugem, e bigodes grossos como fios. Eles se contorciam em fúria. Pressionei as costas contra a porta e comecei a descer pela madeira, deslizando.

— Por favor! Por favor, não!

Minha voz saía aguda e assustada, e eu detestava aquilo.

— Derrotamos você com tamanha rapidez... Que tristeza. — disse o homem-rato.

Os dois ratos gigantes já estavam quase em cima de mim. Firmei as costas contra a porta, com os joelhos arregaçados, os calcanhares plantados e o resto do pé levemente erguido. Uma garra tocou-me a perna. Eu titubeei, mas esperei. Tinha que ser o certo a se fazer. Por favor, Deus, não permita que me tirem sangue. Bigodes tocavam-me o rosto. O peso dos pêlos em cima de mim.

Dei um chute, e os dois pés atingiram o rato com

firmeza. Ele foi atirado para trás, mas apoiou-se nas patas traseiras. Soltou risadinhas abafadas, com seu rabo chico-teando. Eu me atirei para frente e o acertei bem no peito.

O rato caiu às cambalhotas pela escada.

O outro rato agachou-se, emitindo um som grave

em sua garganta. Vi seus músculos se enrijecerem, me apoiei em um dos joelhos e me preparei. Se eu estivesse de pé quando aquilo fosse saltar para cima de mim, cairia de lá de cima. Estava a poucos centímetros da queda.

Ele saltou. Eu caí ao chão, esticada, e rolei. Usei os pés e uma das mãos no ardor de seu corpo para ajudar-lhe no impulso. O rato passou voando sobre mim e foi parar fora de vista. Pude ouvir os gritos de desespero conforme ele caía. O barulho foi um denso "tump". Satisfatório. Eu duvidava de que qualquer um dos dois tivesse morrido.

Mas era o melhor que eu era capaz de fazer.

Levantei-me e voltei a apoiar as costas contra a porta. O homem-rato não mais sorria. Foi a minha vez de sorrir para ele, de maneira doce. Meu melhor sorriso angelical. Ele não pareceu impressionar-se.

Ele fez um gesto suave, como se partisse o ar. Os ratos menores acompanharam sua mão e seguiram para frente. Uma assustadora onda marrom de pequenos corpos felpudos começou a subir pelos degraus.

Talvez eu até conseguisse dar conta de alguns, mas nunca de todos. Se fosse da vontade dele, eles me comeriam viva. Uma minúscula mordida carmesim por vez.

Ratos rodeavam meus pés, lutando desordenada-

mente e disputando. Corpos pequeninos chocavam-se contra minhas botas. Um deles esticou-se o máximo que conseguiu para tentar alcançar a ponta da minha bota. Eu o chutei para longe. Ele desceu, guinchando, às cambalhotas.

Os ratos gigantes arrastaram um de seus amigos feridos para um dos lados. Ele não se mexia. O outro que eu atirara lá de cima estava mancando.

Um dos ratos deu um salto e enganchou as garras

em minha blusa. Ele ficou ali, pendurado, com as garras presas ao tecido. Eu sentia o peso dele sobre meu seio.

Agarrei-o bem pelo meio. Dentes afundaram-se em minha mão até se encontrarem, triturando pele, sem tocar o osso.

Soltei um urro, e arremessei o rato para longe. Ele ficou pendurado em minha mão como um brinco obsceno. Escorria sangue por seus pêlos. Mais um rato saltou em minha blusa.

O homem-rato voltara a sorrir.

Um rato escalava em direção ao meu rosto. Agarrei-o pelo rabo e mandei-o embora. Gritei:

— Está com medo de vir você mesmo? Tem medo

de mim? — O pânico tornara minha voz fina, mas eu gritei mesmo assim.

— Seus amigos estão se machucando por fazerem

uma coisa da qual você tem medo. É isso? É?

Os ratos gigantes olhavam ora para mim, ora para o homem-rato, que olhou rapidamente para eles.

— Não tenho medo de uma humana!

— Então, suba aqui e me enfrente você mesmo, se

for capaz. O rato que estava pendurado em minha mão soltou-se e desabou, ao que seguiu-se um jorro de sangue.

A pele entre meu dedão e meu indicador estava totalmente dilacerada.

Os ratos menores hesitaram, olhando em volta lou-

camente. Um deles já havia chegado à metade de minha calça jeans. Ele caiu ao chão.

— Não tenho medo.

— Prove.

Minha voz já parecia um pouco mais firme, talvez

como se eu tivesse uns nove anos de idade, em vez de cinco.

Os ratos gigantes olhavam absortos para ele, jul-

gando e aguardando. Ele fez o mesmo gesto, como se cortasse o ar, só que agora, ao contrário. Os ratos soltaram guinchos e se puseram de pé, apoiados nas patas traseiras, e olhando em volta, como se não acreditassem, mas co-meçaram a descer a escada da mesma maneira que subiram.

Inclinei-me junto à porta, com os joelhos fracos, e protegendo a mão mordida contra o peito. O homem-rato começou a subir, rastejando, a escada. Ele se movimentava com facilidade, apoiando-

se nas solas dos pés alongados, e com as garras de seus fortes dedos dos pés penetrando a pedra.

Licantropos são mais fortes e mais velozes que humanos. Sem truques mentais ou prestidigitação, eles são simplesmente melhores. Eu não iria conseguir surpreender o homem-rato como fiz com aquele primeiro. Eu duvidava de que ele fosse ficar nervoso o suficiente para cometer alguma estupidez, mas a esperança é a última que morre. Eu estava ferida, desarmada e em desvantagem numérica e de tamanho. Se eu não conseguisse fazer com que ele cometesse um erro, estaria em uma encrenca das brabas.

Uma língua comprida e rosada curvava-se sobre seus dentes.

— Sangue fresco — disse ele, com a respiração

bastante ruidosa. — Você fede a medo, humana. Sangue e medo. Isso, para mim, é o cheiro do jantar.

A língua chicoteou para fora e ele riu de mim. Levei a mão que não estava ferida às costas, como se fosse pegar alguma coisa.

— Chegue mais perto, homem-rato, e veremos o quanto você gosta de prata.

Ele hesitou, imóvel, semi-agachado no último degrau.

— Você não tem prata alguma.

— Disposto a apostar a própria vida?

Ele juntou aquelas mãos dotadas de garras. Um dos ratos gigantes grunhiu alguma coisa. O homem-rato rosnou na direção dele.

— Não estou com medo!

Se eles o instigassem, meu blefe não funcionaria.

— Você viu o que eu fiz com seus amigos. E fiz aquilo tudo sem arma alguma.

Minha voz saía grave e com muita confiança. Ótimo para mim.

Ele ficou me olhando com apenas um de seus olhos

grandes, que pareciam envernizados. Sua penugem cintilava à luz das tochas como se houvesse sido lavada há pouco. Ele deu um pequeno salto e chegou à minha frente, mantendo um mínimo de distância segura de mim.

— Nunca vi um rato loiro — provoquei.

Qualquer coisa para preencher o silêncio. Qualquer coisa para evitar que ele dê o passo que está faltando. Era certo que Jean-Claude logo voltaria para me buscar. Eu então gargalhei, de maneira abrupta e semi-sufocada.

O homem-rato ficou imóvel, olhando fixamente para mim.

— Por que está rindo?

A voz dele transmitia uma leve ponta de desconforto. Ótimo.

— Eu estava esperando que os vampiros viessem

me buscar logo e me salvassem. Você tem de admitir que isso é engraçado.

Ele pareceu discordar da graça daquilo. Muita gente não compreende minhas piadas. Se eu fosse só um pouco insegura, acharia que minhas piadas não eram engraçadas.

Que nada.

Levei a mão às costas, ainda fingindo que tinha uma faca ali. Um dos ratos gigantes guinchou, e até mesmo para mim aquilo pareceu uma zombaria. Ele nunca conseguiria superar se caísse no meu blefe. Talvez eu não conseguisse superar se não o fizesse.

A maioria das pessoas, quando confrontadas com um homem-rato, congela de medo ou entra em pânico.

Eu tive tempo para me acostumar com a idéia. Eu não iria enfraquecer se ele me tocasse. Havia uma solução possí-

vel, com a qual eu poderia me salvar. Se eu estivesse errada, ele me mataria. Meu estômago deu uma guinada de 180 graus, e eu tive que engolir em seco. Melhor morta que felpuda. Se ele me atacasse, eu preferia que me matasse. Rato não era a minha melhor escolha para ser um licantropo. Se a pessoa tiver azar, o menor arranhão pode infectá-la.

Se eu fosse rápida e tivesse sorte, poderia ir parar em um hospital e receber tratamento. Mais ou menos co-mo raiva. É claro que, às vezes, as inoculações funciona-vam, e outras vezes causavam a licantropia.

Ele envolveu o rabo longo e desnudo ao redor das mãos repletas de garras.

— Já foi experimentada por um licantropo?

Eu não sabia se ele falava a respeito de sexo ou de alimentação. Nenhuma das duas parecia agradável. Ele iria tentar levar a situação a esse ponto, criar coragem, e então viria para cima de mim quando estivesse pronto. Eu queria que ele viesse quando eu estivesse pronta.

Escolhi sexo e disse:

— Você não tem o necessário, homem-rato.

Ele se enrijeceu todo, descendo a mão pelo corpo, e penteando os pêlos com as garras.

— Veremos quem tem o quê, humana.

— Essa é a única maneira com que você consegue

fazer sexo? Forçando a pessoa a aceitá-lo? Você é tão feio assim em sua forma humana quanto nesta forma atual?

Ele olhou para mim e sibilou, com a boca bem a-

berta, e os dentes expostos. Então, emitiu um som profundo e agudo. Um rosnado de lamúria. Eu nunca ouvira som igual. Aquilo crescia, e diminuía, e preenchia o ambiente com ecos violentos e sibilantes. Seus ombros se encolheram.

Prendi a respiração. Eu o irritara. Agora veríamos se meu plano havia funcionado ou se ele me mataria. Ele deu um salto para frente. Eu joguei-me no chão, mas ele já estava preparado para isso. Uma rapidez incrível, e ele já estava rosnando em cima de mim, com as garras preparadas, gritando bem em frente ao meu rosto.

Encolhi as pernas contra meu peito, ou ele ficaria bem em cima de mim. Ele colocou as garras de uma das mãos em meus joelhos e começou a empurrá-los. Envolvei meus braços ao redor deles, resistindo a ele. Era como lutar contra algo que se movimentava. Ele

emitiu outro grito, bem agudo e sibilante, deixando chover saliva em cima de mim. Ele pôs-se ereto, apoiado em seus joelhos, para conseguir um ângulo melhor para me forçar a abaixar as pernas. Soltei um chute com toda a minha força. Ele percebeu com antecedência, e tentou afastar-se, mas meus dois pés atingiram-lhe em cheio entre as pernas. O impacto tirou-lhe os joelhos do chão, e ele desabou ali onde es-távamos, raspando as garras na pedra. Ele emitia um ruído agudo, repleto de lamúria e murmúrios. Parecia que não estava conseguindo respirar ar suficiente.

Outro homem-rato surgiu, usando as mãos para se

movimentar mais rapidamente pelo túnel, e os ratos co-meçaram a correr, guinchando, para todos os lados. Eu só fiquei ali, sentada perto da porta, o mais distante possível daquele homem-rato loiro, que se contorcia. Olhei para o homem-rato que acabara de chegar, sentindo-me exausta e furiosa.

Droga, isso deveria ter funcionado. Os vilões não podiam receber reforços se eu já estava em desvantagem numérica. A penugem desse novo era de um negro mais forte que o negro. Ele vestia como bermuda o que já fora uma calça jeans, sobre as pernas levemente arcadas. Ele fez um movimento suave e expansivo.

Engoli meu coração, e minha pulsação parecia latejar em baques surdos. Minha pele arrepiava-se com a lembrança de pequeninos corpos deslizando por cima de mim. Minha mão latejava onde o rato me mordera. Eles iam acabar comigo.

— Jean-Claude!

Os ratos se movimentavam em uma flutuante maré

amarronzada para longe da escada. Eles corriam para dentro do túnel, guinchando e emitindo ruídos estridentes. Eu não podia fazer nada além de observar.

Os ratos gigantes olharam para ele e sibilaram, gesticulando com seus narizes e patas na direção do rato gigante caído.

— Ela apenas se defendeu. O que vocês estavam fazendo?

A voz daquele homem-rato era grave e profunda.

Esse só errava as pronúncias que exigiam demais. Se eu fechasse os olhos, talvez dissesse que era humano.

Não fechei. Os ratos gigantes foram embora, carregando, de cócoras, seu amigo ainda inconsciente. Ele não estava morto, mas estava ferido. Um dos ratos gigantes olhou ligeiramente para mim, enquanto os outros desapareciam túnel adentro. Seus olhos negros e vazios me olhavam com ferocidade, e prometiam muita dor caso voltássemos a nos encontrar.

O homem-rato loiro já havia parado de se contor-

cer e estava deitado, imóvel, com a respiração ofegante, e se envolvendo com as mãos. O homem-rato que acabara de chegar disse:

— Eu o avisei para nunca vir aqui.

O primeiro homem-rato sentou-se com dificuldade.

O movimento parecia provocar-lhe dor.

— A mestra convocou e eu obedeci.

— Eu sou o seu rei. Você obedece a mim.

O rato de penugem negra começou a subir a escada

com passadas largas. Seu rabo chicoteava furiosamente, quase como o de um gato. Eu me levantei e apoiei as costas na porta da cela pela enésima vez naquela noite.

O homem-rato ferido disse:

— Você só é nosso rei até morrer. Se ficar contra a mestra, isso não tardará a acontecer. Ela é poderosa. Mais poderosa do que você.

A voz dele ainda soava fraca e entrecortada, mas ele já estava se recuperando. A fúria acelera essas coisas.

O Rei Rato saltou. Um borrão negro em movimen-

to. Bruscamente, ele ergueu aquele homem-rato no ar, segurando-o com cotovelos levemente flexionados, deixando os pés dele balançando-se pouco acima do chão.

Ele o levou até bem próximo de seu rosto.

— Eu sou o seu rei e você vai obedecer a mim, ou eu mato você.

Mãos dotadas de garras enterraram-se na garganta

do homem-rato loiro até ele ter dificuldade para respirar.

O Rei Rato atirou-o escada abaixo. Ele desceu às cambalhotas e quase parecia não ter ossos.

Lá de baixo, ele olhou furiosamente para cima, em sua carcaça dolorida e arfante. O ódio naqueles olhos seria capaz de acender uma fogueira.

— Tudo bem com você? — perguntou aquele homem-rato de última hora.

Demorei um minuto para perceber que ele se dirigi-ra a mim. Afirmei com a cabeça. Aparentemente, eu estava sendo resgatada. Não que eu precisasse. É claro que não.

— Obrigada.

— Não vim salvá-la — disse ele. — Proibi os meus de caçar para a vampira. Foi por isso que vim.

— Ora, eu sei que o meu lugar fica pouco acima do de uma pulga para vocês, mas agradeço de qualquer forma, quaisquer que tenham sido suas razões.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Disponha.

Percebi uma cicatriz de queimadura em seu antebraço esquerdo. Tinha a forma de uma coroa rudimentar.

Alguém o marcara com ferro quente.

— Não seria mais fácil simplesmente andar por aí carregando uma coroa e um cetro?

Ele olhou rapidamente para baixo, para o braço, e depois me mostrou aquele sorriso de rato, exibindo os dentes.

— Assim eu fico com as mãos livres.

Olhei em seus olhos para ver se ele estava só me provocando, mas não consegui definir. Experimente decifrar o rosto de um rato.

— O que os vampiros querem com você? — perguntou.

— Querem que eu trabalhe para eles.

— Obedeça. Eles a machucarão caso se recuse.

— Assim como o machucarão caso impeça os ratos de ajudá-los?

Ele deu de ombros em um movimento desajeitado.

— Nikolaos se considera a rainha dos ratos porque é a espécie animal que responde a seus chamados. Mas nós não somos meros ratos. Somos homens e temos escolha. Eu tenho escolha.

— Faça o que ela quiser, e ela não o machucará — aconselhei. Aquele sorriso de novo.

— Eu dou bons conselhos, mas não os aceito sempre.

— Eu também não — retruquei.

Ele me olhou com apenas um daqueles olhos negros e depois virou-se na direção da porta.

— Estão vindo.

Eu sabia a quem ele se referia. Era o fim da festa.

Os vampiros estavam chegando. O Rei Rato saltou até o final da escada e recolheu o homem-rato caído. Ele o jogou sobre seu ombro

como se, para aquilo, não fosse necessário esforço algum, e depois desapareceu correndo em direção ao túnel. Rápido. Rápido como um camundongo surpreso com o acender da luz da cozinha. Um borrão escuro.

Escutei barulhos de saltos vindo do corredor e me afastei da porta. Ela se abriu e Theresa estava de pé na plataforma. Ela olhou para mim e para o lugar vazio com as mãos na cintura e a boca espremida.

— Cadê eles?

Mostrei-lhe a mão ferida.

— Fizeram a parte deles e foram embora.

— Não deviam ter ido embora — disse ela. There-

sa emitiu de sua garganta uma grave interjeição de exasperação. — Foi aquele Rei Rato deles, não foi?

Dei de ombros.

— Eles foram embora. Não sei o motivo.

— Tão calma, tão sem medo... Os ratos não apavoraram você?

Voltei a mostrar indiferença. Quando uma coisa funciona, não deixe de fazê-la.

— Não era para fazerem você sangrar. — Ela ficou olhando para mim. — Você vai mudar de forma na próxima lua cheia?

Senti um quê de curiosidade na voz dela. A curiosidade matou a vampira. Sempre se pode ter esperança.

— Não — respondi, e deixei daquele jeito, sem ex-

plicação. Se ela quisesse muito saber, podia me bater contra a parede até que eu contasse o que ela queria ouvir. Ela nem sequer chegaria a derramar uma gota de suor. Obviamente, Aubrey já estava sendo castigado por me machucar.

Ela apertou os olhos conforme me estudava.

— A obrigação dos ratos era deixá-la apavorada, ressuscitadora. Me parece que eles não cumpriram com ela.

— Talvez eu não me apavore com tanta facilidade.

Olhei nos olhos dela sem esforço algum. Eram apenas olhos.

Theresa olhou para mim, e repentinamente sorriu, exibindo as presas.

— Nikolaos encontrará alguma coisa que a apavore, ressuscitadora, pois medo é poder.

Ela murmurou a última frase como se tivesse medo de dizê-la alto demais.

De que será que os vampiros tinham medo? Será

que visões de estacas afiadas e alho os assombravam? Ou havia coisa pior? Como se apavora alguém que já está morto?

— Ande à minha frente, ressuscitadora. Vá conhecer a sua mestra.

— Nikolaos também não é a sua mestra, Theresa?

Ela olhou para mim com um rosto inexpressivo,

como se a gargalhada fora uma ilusão. Seus olhos estavam frios e sombrios. Os olhos dos ratos exibiram mais personalidade.

— Antes do fim da noite, ressuscitadora, Nikolaos será a mestra de todos.

Discordei:

— Não acredito nisso.

— O poder de Jean-Claude fez de você uma tola.

— Não — retruquei. — Não é isso.

— Então, é o quê, mortal?

— Prefiro morrer a ser escrava de uma vampira.

Theresa não piscou sequer uma vez, apenas balançou a cabeça afirmativamente, bem devagar.

— Talvez tenha seu pedido atendido.

Senti os cabelos de minha nuca arrepiarem-se. Eu

era capaz de não reagir ao olhar dela, mas o mal tem uma sensação característica. Uma sensação de arrepio na nuca, de nó na garganta, que faz você sentir contrações em suas entranhas. Eu já havia

sentido aquilo na companhia de humanos. Não é necessário ser um morto-vivo para ser maligno. Mas ajuda.

Fui andando à frente dela. As botas de Theresa

provocavam ecos cortantes pelo corredor. Talvez eu estivesse apenas ouvindo o meu próprio medo, mas eu sentia o olhar dela como um cubo de gelo descendo por minha coluna.

11

O LUGAR ERA imenso, parecia um armazém, mas com paredes de pedras fortes e enormes. Fiquei esperando que o Bela Lugosi aparecesse, envolto em sua capa. O

que estava sentado perto de uma das paredes era quase isso.

Ela devia ter uns doze ou treze anos quando mor-

reu. Fazia-se possível ver seios pequenos e não formados em sua totalidade sob um vestido comprido, fino e azul-claro, que parecia escuro devido ao contraste com a brancura total de sua pele. Ela fora pálida quando viva. Como vampira, era fantasmagórica. Seus cabelos tinham aquele brilhante tom loiro-branco, bem típico de algumas crian-

ças antes de escurecerem e tornarem-se castanhos. Aqueles cabelos nunca iriam escurecer.

Nikolaos estava sentada em uma cadeira de madei-

ra, com entalhes. Seus pés não chegavam a tocar o chão.

Um vampiro começou a inclinar-se sobre o braço

da cadeira. A pele dele era de um estranho tom marfim-amarronzado. Ele se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Nikolaos.

Ela soltou uma gargalhada com o som de carrilhões ou de sinos. Um som lindo e calculado. Theresa caminhou até a menina que estava sentada na cadeira e permaneceu por trás dela, passando-lhe as mãos nos compridos cabelos loiros-brancos.

Um humano chegou para ficar de pé à direita da

cadeira. De costas para a parede, mãos juntas a seu lado.

Ele olhava diretamente para frente. Seu rosto era inexpressivo. Sua coluna, firme. Ele tinha uma careca quase perfeita. Seu rosto era estreito, e os olhos, escuros. A maior parte dos homens não fica muito bem sem cabelos. Ele ficava. Ele era lindo, mas passava a noção de ser um homem que não se importava muito com isso. Minha vontade era chamá-lo de soldado, embora não soubesse o motivo.

Chegou outro homem para inclinar-se sobre There-

sa. Seus cabelos eram de um loiro da cor da areia, cortados bem curtos. Seu rosto era estranho. Não era bonito, mas também não era feio. Um rosto fácil de se lembrar.

Um rosto que poderia até passar a ser agradável, se você ficasse olhando para ele por bastante tempo. Seus olhos, de um esverdeado bem pálido.

Ele não era vampiro, mas talvez eu tenha sido precipitada ao chamá-lo de humano.

Jean-Claude foi o último a chegar e se posicionar à esquerda da cadeira. Ele não tocou ninguém, e mesmo ali, de pé, junto a eles, destacava-se.

— Bem... — disse eu — , agora só precisamos da

trilha sonora de Drácula, o Príncipe das Trevas, e não faltará mais nada.

A voz dela era como sua risada, aguda e inofensiva.

Inocência planejada.

— Você se considera engraçada, não é verdade?

Dei de ombros.

— Umas horas sim, outras não.

Ela olhou para mim e sorriu. Não exibiu as presas.

Sua aparência era bem humana. Os olhos cintilavam de tanto humor, e o rosto era arredondado e agradável. Veja o quanto eu sou inofensiva. Só uma menininha linda. Está bem!

O vampiro negro voltou a sussurrar em seu ouvido.

Ela soltou uma gargalhada que, de tão aguda e límpida, seria possível engarrafá-la.

— Você treina essa gargalhada ou é um talento natural? Não, eu aposto que você treina.

Jean-Claude fez cara feia. Eu não conseguia descobrir se ele estava se esforçando para não rir ou para não me reprovar. Talvez os dois. Eu provocava essa reação em algumas pessoas.

A gargalhada sumiu aos poucos de seu rosto, bem

humano, até que apenas seus olhos cintilavam. Nada havia de engraçado na maneira como aqueles olhos brilhantes me fitavam. Era o tipo de olhar de um gato que observa pequenos pássaros.

A voz dela parecia cantar ao fim de cada palavra.

Uma propensão a Shirley Temple.

— Das duas uma: ou você é muito corajosa ou muito burra.

— De verdade. Você precisa, pelo menos, de uma

covinha para combinar com essa sua voz.

Jean-Claude disse, serenamente:

— Aposto no “muito burra”.

Dei uma olhadela para ele e voltei rapidamente a olhar para aquele bando de mortos-vivos.

— Estou exausta, ferida, furiosa e com medo. Adoraria se pudessem terminar logo com este espetáculo para que possamos nos ater ao que interessa.

— Estou começando a entender o que fez Aubrey se irritar tanto. — A voz dela estava seca, desprovida de humor. Aquela voz melodiosa, que parecia uma cantoria, esvaía-se como gelo ao sol. — Você sabe qual é a minha idade?

Olhei para ela e neguei com a cabeça.

— Achei que tivesse lhe ouvido dizer que ela era boa, Jean-Claude.

Ela pronunciou seu nome como se estivesse irritada com ele.

— Ela é boa.

— Diga qual é a minha idade.

A voz dela estava fria. Parecia a voz de um adulto furioso.

— Não consigo. Não sei o motivo, mas não consigo.

— Qual é a idade de Theresa?

Olhei para aquela vampira de cabelos negros, lembrando-me de seu peso em minha mente. Ela ria de mim.

— Cem anos. Talvez cento e cinqüenta, mas não mais que isso.

Seu rosto estava indecifrável. Uma escultura de mármore. E ela perguntou:

— Por que não pode ser mais que isso?

— É a idade que eu sinto nela.

— Sente?

— Em minha cabeça, ela passa certo... nível de poder. — Sempre detestei explicar esta parte em voz alta.

Sempre trazia um aspecto místico. Não era. Eu entendo a respeito de vampiros da mesma maneira que algumas pessoas entendem a respeito de cavalos ou carros. Era um talento. Era prática. Achei que Nikolaos não iria gostar de ser comparada a um cavalo ou a um carro, então, fiquei de boca calada. Viram? Não sou burra, afinal.

— Olhe para mim, humana. Olhe em meus olhos.

A voz dela ainda era afável, sem qualquer traço daquele poder de comando de Jean-Claude.

Nossa! “Olhe em meus olhos!” Eu imaginava que a

vampira-mestre da cidade pudesse ser mais original. Mas não disse isso em voz alta. Seus olhos eram azuis, ou cin-zentos, ou ambos.

Seu olhar era como um peso fazendo pressão sobre minha pele. Se eu levantasse as mãos, quase esperava conseguir empurrar alguma coisa sólida. Eu nunca havia sentido nenhum olhar de vampiro daquela forma.

Mas eu era capaz de olhar em seus olhos. De alguma forma, eu sabia que aquilo não deveria acontecer.

O soldado de pé à direita dela olhava para mim como se eu tivesse, enfim, feito alguma coisa interessante.

Nikolaos pôs-se de pé e andou um pouco à frente

de seu grupo de subordinados. Ela só chegava à altura da minha clavícula, o que fazia dela uma baixinha. Ela ficou ali, de pé, por um momento, com uma aparência etérea e adorável, como uma pintura. Não passava a mínima vivacidade, mas possuía lindas linhas e uma cuidadosa escolha de cores.

Ela ficou imóvel e abriu a mente para mim. A sen-

sação foi de que ela havia aberto uma porta que estivera trancada. Sua mente colidiu contra a minha, e eu vacilei.

Pensamentos entravam rasgando dentro de mim como

facas. Sonhos com lâminas de aço. Trechos efêmeros de sua mente dançavam em minha cabeça. Onde eles encostavam, eu ficava entorpecida, ferida.

Eu estava de joelhos e não me lembrava de haver

caído. Sentia frio, muito frio. Não havia nada a meu favor.

Eu era uma coisa insignificante ao lado daquela mente.

Como eu fui capaz de ousar imaginar ser igual? Como eu fui capaz de fazer qualquer outra coisa que não fosse rastejar até ela e implorar seu perdão? Minha insolência era intolerável.

Comecei a rastejar em sua direção, de quatro. A

sensação era de que seria a coisa certa a fazer. Eu tinha que implorar seu perdão. Eu precisava ser perdoada. De que outra maneira alguém aborda uma deusa, que não seja se curvando diante dela?

Não. Alguma coisa estava errada. Mas o que era?

Eu devia mesmo implorar o perdão da deusa. Eu devia mesmo venerá-la e fazer qualquer coisa que ela me pedisse. Não. Não.

— Não — murmurei. — Não.

— Venha a mim, minha criança.

A voz dela era como a primavera após um longo

inverno. Ela me abriu por dentro e fez com que eu me sentisse confortável e à vontade.

Ela abriu os braços pálidos e os ofereceu a mim. A deusa iria me deixar abraçá-la. Maravilhoso. Por que eu estava agachada no chão? Por que não corria até ela?

— Não. — Bati as mãos contra a pedra com força.

Senti uma dor aguda, mas não foi o suficiente. — Não! —

Dei um soco com toda a minha força contra o chão. Meu braço inteiro passou a formigar e ficou dormente. —

NÃO! — Bati repetidamente, e com muita força, meus punhos contra a rocha até que eles sangrassem. A dor era aguda. Real. Minha. Eu

gritava: — Saia de dentro de minha mente! Vagabunda!

Agachei-me no chão, arfando, envolvendo as mãos

junto à barriga. Minha pulsação dava saltos em minha garganta. Eu não conseguia voltar a respirar direito. A raiva passava por mim como água, limpa e cortante, e expulsou a última sombra da mente de Nikolaos.

Olhei com fúria para ela. Raiva e, por trás dela, pân-

nico. Nikolaos havia passado por minha mente como ondas passam por conchas, preenchendo-me e esvaziando-me logo em seguida. Talvez ela tenha que me levar à loucura para conseguir que eu me curve, mas é capaz de fazer isso, se quiser. E não havia nada que eu pudesse fazer para me proteger.

Ela olhou para mim e soltou uma gargalhada maravilhosa, que lembrava o som de mensageiros do vento.

— Ora, encontramos uma coisa que a ressuscitadora teme. Encontramos sim.

A voz dela era melodiosa e agradável. Havia volta-do a ser uma noiva infantil.

Nikolaos ajoelhou-se à minha frente, tirando o vestido azul-celeste de debaixo dos joelhos. Bem feminina.

Ela curvou a cintura para que pudesse olhar em meus olhos.

— Qual é a minha idade, ressuscitadora?

Comecei a tremer em reação ao choque. Meus dentes trepidavam como se eu estivesse morrendo congelada.

E talvez eu estivesse, de fato. Minha voz saiu espremida entre meus dentes e os movimentos apertados de minha mandíbula.

— Mil anos — respondi. — Talvez mais..

— Você tinha razão, Jean-Claude. Ela é boa mesmo.

Ela levou o rosto até quase dentro do meu. Meu

desejo era afastá-la de mim com um empurrão, mas mais do que qualquer outra coisa, eu não queria que ela encostasse em mim.

Ela gargalhou de novo. Uma risada aguda e selva-

gem, que chegava a provocar angústia de tão pura. Se eu não estivesse sentindo tanta dor, é possível que eu tivesse chorado ou cuspidado em seu rosto.

— Ótimo, ressuscitadora, agora nós nos entende-

mos. Ou você faz o que nós queremos ou eu descasco a sua mente como se fosse uma cebola. — Ela respirou contra meu rosto, deixando a voz cair para um murmúrio.

O murmúrio de uma criança, com uma ponta de risadinhas. — Acredita que eu sou capaz de fazer isso, não acredita?

Eu acreditava.

12

MEU DESEJO ERA cuspir naquele rosto macio e pálido, mas eu tinha medo das conseqüências. Uma gota de suor desceu vagarosamente por meu rosto. Minha outra vontade era prometer-lhe qualquer coisa. Qualquer coisa que bastasse para que ela nunca mais voltasse a encostar em mim. Nikolaos não precisava me encantar, bastava me deixar aterrorizada. O medo me controlaria. Era com isso que ela contava. Eu não podia deixar acontecer.

— Saia... de... perto... de... mim — disse eu.

Ela riu. Seu hálito era quente e cheirava a hortelã.

Pastilhas. Mas escondido em meio àquele odor moderno e limpo, havia um leve, quase imperceptível, perfume de sangue fresco. Morte antiga. Homicídio recente.

Eu já havia parado de tremer quando disse:

— Seu hálito está cheirando a sangue.

Ela se afastou de supetão e levou a mão aos lábios.

Foi um gesto tão humano que eu até ri. Ela levantou-se e seu vestido roçou em meu rosto. Um pé pequeno chutou-me o peito.

O impacto fez com que eu desabasse. Dor aguda.

Sem ar. Pela segunda vez naquela noite, eu não conseguia respirar.

Deitada de bruços, eu me sentia engasgar e procu-

rava engolir saliva para fazer a dor passar. Eu não ouvira nada se quebrar. Seria natural que alguma coisa tivesse se quebrado.

Eu sentia aquela voz pesar sobre mim com um calor tão grande que chegava a escaldar.

— Tirem-na daqui antes que eu mesma a aniquile.

A dor forte transformou-se em um incômodo agu-

do. Quando eu respirava, parecia que o ar queimava. Eu sentia o peito comprimido, como se tivesse engolido chumbo.

— Permaneça onde está, Jean.

Jean-Claude estava entre mim e a parede. Nikolaos ordenou sua imobilidade com uma mão pequena e pálida.

— Consegue me ouvir, ressuscitadora?

— Consigo.

Minha voz estava sufocada. Eu não conseguia respirar ar suficiente para falar.

— Será que eu quebrei alguma coisa? — Alçou vôo a voz dela como um pássaro pequeno.

Eu tossia, tentando limpar minha garganta, mas doía. Enrosquei-me ao redor de meu peito enquanto a dor passava.

— Não.

— Que pena! Mas suponho que se tivesse quebrado, tudo levaria mais tempo. Ou você passaria a ser inútil para nós.

Pareceu-me que ela pensara a respeito da última declaração como se houvesse possibilidade de aquilo ter acontecido. O que eles teriam feito comigo se eu tivesse quebrado alguma coisa? Eu não queria saber.

— A polícia está sabendo de apenas quatro vampiros assassinados. Houve mais seis.

Respirei com cuidado.

— Por que não avisaram à polícia?

— Minha prezada ressuscitadora, muitos de nós

não confiam nas leis humanas. Nós sabemos o quanto a justiça humana é igualitária em relação aos mortos-vivos.

— Ela sorriu e, novamente, ali deveria haver uma covinha.

— Jean-Claude costumava ser o quinto vampiro mais poderoso da cidade. Agora ele já é o terceiro.

Olhei para ela esperando que risse e revelasse que era uma piada. Ela permaneceu exatamente com aquele mesmo sorriso, como um pedaço de cera. Será que eles me consideravam uma tola?

— Alguma coisa matou dois vampiros-mestres?

Mais fortes... — tive de engolir saliva antes de continuar

— que Jean-Claude?

Ela alargou o sorriso, exibindo uma vista diferente de suas presas.

— Até que você capta bem rápido a situação, isso

eu tenho que admitir. E talvez isso venha a tornar o castigo de Jean-Claude menos... severo. Sabia que foi ele que nos indicou você?

Balancei a cabeça negativamente e dei uma olhadela rápida na direção dele. Ele sequer se movimentava. Nem mesmo para respirar. Apenas seus olhos me fitavam. Azuis bem escuros, como o céu à meia-noite, de uma intensidade quase febril. Ele ainda não havia se alimentado. Por que ela não permitia que ele comesse?

— Por que ele será castigado?

— Está preocupada com ele? — A surpresa em sua

voz nada mais era que uma zombaria. — Ora, ora, ora...

Não está com raiva por ele tê-la enfiado no meio disto tudo?

Olhei para ele por um momento. Logo entendi o

que via em seus olhos. Medo. Ele tinha medo de Nikolaos. E eu sabia que, se eu tinha um aliado que fosse ali dentro, era ele. O medo une mais as pessoas que amor ou ódio e funciona muito mais rápido.

— Não — respondi.

— Não... Não... — Ela media o tom, subindo e

descendo a voz. Uma imitação de criança. — Ótimo. —

Sua voz repentinamente se fizera mais grave. Adulta.

Tremeluzindo de calor. Irritada. — Nós lhe daremos um presente, ressuscitadora. Temos uma testemunha do segundo assassinato. Ele assistiu à morte de Lucas. Ele lhe contará tudo o que viu, não é verdade, Zachary?

Ela sorriu para aquele homem com os cabelos da

cor de areia.

Zachary acenou afirmativamente. Ele saiu de perto da cadeira e me saudou com uma reverência, descendo bastante. Seus lábios eram finos demais comparados com seu rosto. Seu sorriso, desalinhado. Ainda assim, aqueles olhos verde-gelo permaneceram comigo. Eu já havia visto aquele rosto, mas onde?

Ele seguiu a passos largos até uma porta pequena.

Aquela eu ainda não tinha visto. Estivera escondida sob as sombras fulgurantes das tochas, mas mesmo assim eu deveria tê-la percebido. Olhei rapidamente para Nikolaos, que gesticulou em afirmação, com seus lábios curvando-se em um sorriso.

Ela havia escondido a porta de mim sem que eu

soubesse. Tentei me levantar, dando impulso com as mãos. Um erro. Senti faltar o ar e fiquei de pé o mais rá-

pido que eu ousei. Minhas mãos já estavam retesadas devido a tantas feridas e arranhões. Se eu estivesse viva ao amanhecer, iria ficar dolorida por um bom tempo.

Zachary abriu a porta com um floreio, como um

mágico abrindo uma cortina. Havia um homem de pé à porta. Ele vestia o que restava de um terno formal. Uma silhueta esguia, um pouco maior na cintura. Cervejas demais e exercícios de menos. Era provável que tivesse uns trinta anos.

— Venha — disse Zachary.

Ele entrou no aposento. Seus olhos estavam redon-

dos de tanto medo. Um anel em seu dedo mínimo cintilava à luz do fogo. Ele fedia a medo e morte.

Ele permanecia bronzeado e seus olhos permaneci-

am cheios. Ele seria capaz de se passar por humano melhor do que qualquer outro vampiro daquele lugar, mas parecia mais um cadáver do que qualquer um deles. Era apenas questão de tempo. Eu ganhava a vida revivendo os mortos. Sabia identificar um zumbi quando avistava um.

— Lembra-se de Nikolaos? — perguntou Zachary.

Os olhos humanos do zumbi cresceram e a cor abandonou seu rosto. Droga, ele estava parecendo humano!

— Lembro.

— Você vai responder às perguntas de Nikolaos, está entendido?

— Entendido.

A testa dele enrugou-se, como se estivesse se concentrando em alguma coisa. Alguma coisa que ele não conseguia lembrar muito bem.

— Antes ele não queria responder às nossas perguntas. Queria? — disse Nikolaos.

O zumbi balançou a cabeça para os lados, olhando

para ela com uma espécie de fascínio apavorado. Deve ser assim que os pássaros olham para as cobras.

— Nós o torturamos, mas ele foi extremamente

teimoso. Então, antes que pudéssemos continuar nosso trabalho, ele se enforcou. Deveríamos ter tirado o cinto dele — disse ela de um jeito melancólico e insatisfeito.

O zumbi olhava para ela.

— Eu... me enforquei. Não entendo. Eu...

— Ele não sabe? — perguntei.

Zachary sorriu.

— Não sabe. Não é fantástico? Sabe o quanto é di-

fícil tornar um zumbi tão humano ao ponto de ele esquecer que havia morrido?

Eu sabia. Aquilo significava que alguém ali tinha muito poder. Zachary olhava para aquele morto-vivo confuso como se ele fosse uma obra de arte. Precioso.

— Você o ressuscitou? — perguntei.

Nikolaos disse:

— Você não tinha reconhecido um colega de traba-

lho? Um ressuscitador, como você?

Ela riu, com suavidade. Um leve entoar de sinos distantes.

Olhei de relance para o rosto de Zachary. Ele me

olhava com insistência e seus olhos pareciam memorizar-me. Seu rosto estava inexpressivo, com um ar de alguma coisa que fazia a pele sob um de seus olhos latejar visivelmente. Raiva? Medo? Então, ele abriu um sorriso para mim. Um sorriso brilhante, que ecoava. Senti novamente aquele choque de reconhecimento.

— Formule sua pergunta, Nikolaos. Agora ele é obrigado a responder.

— É verdade? — perguntou-me ela.

Eu hesitei, surpresa por ela ter se dirigido a mim.

— É.

— Quem matou o vampiro Lucas?

Ele olhou para ela, com seu rosto se desfazendo.

Sua respiração estava curta e rápida demais.

— Por que ele não me responde?

— A pergunta é complicada demais — explicou

Zachary. — Pode ser que ele não se lembre de quem era Lucas.

— Então, formule você as perguntas, e eu acho bom que ele as responda.

A voz dela transmitia o calor da ameaça. Zachary

apresentou novamente seu floreio ao virar-se, abrindo bastante os braços.

— Senhoras e senhores: contemplem o morto-vivo!

Ele sorriu ao sabor da graça de sua própria piada.

Ninguém, além dele, sequer sorriu. Eu também não entendi.

— Você viu um vampiro ser assassinado?

O zumbi afirmou com a cabeça.

— Vi.

— Como o assassinaram?

— Arrancaram-lhe o coração e deceparam-lhe a cabeça. A voz dele parecia de papel, de tão fina, devido ao medo.

— Quem arrancou o coração dele?

O zumbi começou a chacoalhar a cabeça sem parar, com movimentos rápidos e súbitos.

— Não sei. Não sei.

— Pergunte a ele “o que” matou o vampiro — in-

terrompi. Zachary me fuzilou com o olhar. O verde de seus olhos parecia de vidro. Os ossos de seu rosto saltaram para fora. A fúria o transformou em um esqueleto com pele de lona.

— Este zumbi é meu! Quem manda sou eu!

— Zachary... — disse Nikolaos.

Ele virou na direção dela com movimentos firmes.

— É uma boa pergunta. Tem muito sentido.

A voz dela estava calma e baixa. Ninguém se deixou enganar. O inferno deve estar repleto de vozes como aquela. Implacáveis, porém bastante razoáveis.

— Pergunte o que ela indicou, Zachary.

Ele virou-se novamente para o zumbi, com as mãos

cerradas em forma de punho. Eu não conseguia entender de onde vinha tanta fúria.

— O que matou o vampiro?

— Não entendo.

Havia em sua voz uma ponta cortante de pânico.

— Que espécie de criatura arrancou-lhe o coração?

Foi um humano?

— Não.

— Foi outro vampiro?

— Não.

Era por causa daquilo que os zumbis ainda não se

davam bem nos tribunais. Era preciso guiá-los pelas mãos, por assim dizer, para receber uma resposta. Os advogados acabavam se acusando de influenciar a testemunha, o que era verdade, mas o que também não queria dizer que o zumbi estivesse mentindo.

— Então, o que foi que matou o vampiro?

O zumbi voltou a chacoalhar a cabeça de um lado

para o outro, de um lado para o outro. Ele abriu a boca, mas dela não saiu som algum. Parecia sufocar com as palavras, como se alguém houvesse enchido sua garganta de papel.

— Não posso!

— Como assim, não pode? — gritou Zachary com

ele, e estapeou-lhe o rosto. O zumbi levantou os braços para proteger a cabeça. — Você... vai... me... responder —

dizia, e pontuava cada palavra com mais um tapa.

O zumbi desabou de joelhos e começou a chorar.

— Não posso!

— Responda-me, maldito! — disse ele, e desferiu

um chute no zumbi, que desabou ao chão, e pôs-se em posição tal que parecia uma bola espremida.

— Pare. — Andei na direção deles. — Pare!

Ele desferiu um último chute no zumbi e virou-se em minha direção.

— O zumbi é meu! Posso fazer o que eu quiser com ele!

— Ele já foi um ser humano! Merece mais respeito do que essa forma com a qual o está tratando.

Ajoelhei-me ao lado do zumbi, que chorava. Senti que Zachary avultava-se sobre mim. Nikolaos disse:

— Deixe-a em paz por enquanto.

Ele ficou ali parado, como uma sombra furiosa, fazendo pressão sobre minhas costas. Eu toquei o braço do zumbi. Ele se encolheu.

— Está tudo bem. Não vou machucá-lo.

“Não vou machucá-lo...” Ele tinha se suicidado pa-
ra escapar! Contudo, nem sequer o túmulo foi abrigo suficiente. Antes de passar o que passei esta noite, eu teria dito que nenhum ressuscitador reviveria um morto para tal propósito. Às vezes, gostaria de fingir que não sei o quanto este mundo é um lugar ruim.

Tive que ter cuidado ao tirar as mãos do zumbi de seu rosto, e depois virei-o para que olhasse para mim.

Uma olhadela bastou. Seus olhos escuros estavam incrivelmente arregalados. Medo. Muito medo. Uma gota

comprida de saliva pendia de sua boca.

Balancei a cabeça para os lados e me levantei.

— Você acabou com ele.

— Pode estar certa disso. Nenhum zumbi maldito me faz de idiota. Tem que responder às minhas perguntas.

Virei-me para olhar nos olhos daquele homem furioso.

— Não está entendendo? Você acabou com a mente dele!

— Zumbis não têm mente.

— Exatamente. Não têm. Eles têm apenas, e por muito pouco tempo, a lembrança do que haviam sido. Se forem bem tratados, podem manter sua personalidade, quem sabe, por uma

semana. Talvez um pouco mais, mas isto... — Apontei para o zumbi e falei com Nikolaos. —

Se forem maltratados, o processo se acelera. Um choque destrói.

— O que está dizendo, ressuscitadora?

— Este sádico... — apontei o polegar para Zachary

— destruiu a mente deste zumbi. Ele não vai mais responder pergunta nenhuma. Para ninguém. Nunca mais.

Nikolaos virou-se como uma tempestade pálida. O

azul dos olhos dela parecia de vidro. Suas palavras preencheram o lugar com um suave ardor.

— Seu arrogante...

Um tremor percorreu seu corpo, desde os pés pe-

quenos, até seus longos cabelos loiros-brancos. Fiquei esperando que aquela cadeira de madeira se incendiasse e ardesse em chamas como consequência do calor de sua fúria.

A raiva levara embora a figura infantil. Ossos se projetavam sob aquela pele de tamanha brancura que parecia papel. Suas mãos foram ao ar, retesadas em forma de garras. Ela apertou uma delas no braço da cadeira. A madeira rangeu, e depois quebrou-se. O barulho ecoou contra as paredes de pedra. A voz dela queimava nossa pele.

— Suma da minha frente antes que eu mate você.

Leve a mulher e providencie sua segurança enquanto ela volta para onde deixou o carro. Se voltar a fracassar comigo, quer seja em relação a algo importante ou não, eu corto a sua garganta, e então minhas crianças se banharão com os esguichos do seu sangue.

Bela imagem apresentada. Um pouquinho melo-

dramática, mas foi uma bela imagem apresentada. Não disse isso em voz alta. Caramba, eu sequer estava respirando. O mínimo movimento poderia atraí-la. Ela só precisava de uma desculpa.

Pareceu-me que Zachary também havia notado is-

so. Ele curvou-se em reverência, mas seus olhos não deixaram de fitar-lhe o rosto. Então, sem uma palavra sequer, ele virou-se e começou a andar na direção da pequena porta. Seus movimentos não mostravam pressa, como se a morte não estivesse abrindo buracos com os olhos em suas costas. Ele se deteve à altura da porta aberta e fez um gesto como se fosse me acompanhar na passagem pela porta. Olhei para Jean-Claude, que ainda estava de pé on-de ela o havia deixado. Eu não tinha chegado a questionar a respeito da segurança de Catherine. Não houve oportunidade. Estava tudo acontecendo rápido demais. Abri a boca. Talvez Jean-Claude tivesse adivinhado.

Ele me fez silenciar com um gesto da mão pálida e esguia. Aquela mão era tão branca quanto a renda em sua blusa. A área ao redor de seus olhos estava repleta de uma chama azulada. Os compridos cabelos negros flutuavam-lhe ao redor do rosto, que, repentinamente, se fizera páli-do como a morte. Sua humanidade estava desaparecendo.

Eu podia sentir as emanções do poder dele em minha pele, arrepiando os cabelos em meus braços. Eu me abracei, fitando a criatura que havia sido Jean-Claude.

— Corra! — gritou ele para mim, com sua voz cor-tante.

Aquilo deveria ter feito com que eu sangrasse. Hesitei e olhei de soslaio para Nikolaos. Ela levitava, muito lentamente, e subia.

Cabelos de asclépiã dançavam ao redor de sua cabeça esquelética. Ela ergueu uma das mãos em forma de garra. Dava para ver com clareza seus ossos e veias através daquele âmbar que havia se tornado sua pele.

Jean-Claude rodopiou e suas garras vieram em mi-

nha direção. Alguma coisa me arremessou contra a parede e me fez passar um pouco da porta. Zachary agarrou meu braço e me tirou dali.

Retorci-me para me livrar dele. A porta fechou-se em cima de mim, com um baque surdo.

— Minha Nossa Senhora... — murmurei.

Zachary estava aos pés de uma escada estreita, que subia. Ele esticou o braço e ofereceu-me a mão. Seu rosto brilhava devido à transpiração.

— Por favor!

Ele agitava a mão em minha direção como um pássaro que caíra em uma armadilha.

Entrava um fedor naquele lugar por debaixo da

porta. Um fedor de cadáveres que apodreciam. Fedor de corpos intumescidos e suas peles que se desfaziam e enve-lheciam ao sol. Do sangue que parava de correr e começa-va a apodrecer em veias aquietadas. Engasguei e recuei.

— Meu Deus... — murmurou Zachary, e tapou a

boca e o nariz com uma das mãos, enquanto a outra permanecia esticada em minha direção.

Ignorei sua mão, mas fiquei a seu lado na escada.

Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas a porta rangeu. A madeira agitava-se e batia como se estivesse no caminho de uma ventania. O vento entrava por debaixo da porta fazendo barulho. Meus cabelos agita-vam-se naquele vento de tornado. Demos alguns passos para trás enquanto aquela pesada porta de madeira batia e se agitava com a violência de um vento que não era possí-

vel que existisse. Uma tempestade em um ambiente fechado? O fedor nojento da carne que apodrecia passou a se fazer notar no meio de todo aquele vento. Nós nos entreolhamos. Houve um momento em que reconhecemos

que seríamos nós contra eles, ou contra aquilo. Viramo-nos e começamos a correr em disparada, como se fôssemos ligados por fios.

Não era possível que houvesse uma tempestade a-

trás daquela porta. Não era possível que houvesse um vento nos perseguindo por aquela estreita escada de pedra.

Não havia cadáver nenhum apodrecendo naquele lugar.

Ou será que havia? Meu Deus, eu não queria saber. Eu não queria saber.

13

UMA EXPLOSÃO despedaçou a escada. O vento nos derrubou com violência, como se fôssemos brinquedos. A porta fora junto com a explosão. Eu caí de quatro e comecei a tentar escapar rapidamente daquela maneira mesmo. Eu só queria fugir. Zachary conseguiu pôr-se de pé e me puxou pelo braço para que eu me levantasse. Nós corremos.

Alguma coisa atrás de nós uivava. Alguma coisa fora de nosso campo de visão. O vento continuava, ruidoso, atrás de nós. Meus cabelos caíam sobre meu rosto, cegando-me. A mão de Zachary agarrou a minha e não largou.

As paredes eram lisas e a escada, de pedra escorregadia.

Não havia nada em que pudéssemos nos segurar. Deitamo-nos na escada, procurando ficar o mais esticados possível, e nos seguramos um ao outro com força.

— Anita — murmurava a voz aveludada de Jean-

Claude. — Anita. — Lutei para tentar olhar contra a resistência do vento, piscando para conseguir enxergar. Não havia nada ali. — Anita. — O vento chamava o meu nome. — Anita.

Uma luz frouxa apareceu. Um fogo azul. Dois pon-

tos de chama azul que não se deixavam afetar por aquele vento. Olhos... Seriam os olhos de Jean-Claude? Será que ele tinha morrido?

As chamas azuis começaram a descer, flutuando. O

vento não as incomodava.

— Zachary! — gritei, mas minha voz foi engolida pelo ruído do vento.

Será que ele também tinha visto aquilo ou eu estava enlouquecendo?

As chamas azuis desciam cada vez mais, e de repente eu não queria que elas encostassem em mim. E tão de repente quanto, eu descobri que era exatamente o que aconteceria. Alguma coisa me dizia que aquilo seria muito ruim.

Soltei a mão de Zachary. Ele olhou para mim e gritou alguma coisa, mas o vento provocava toda espécie de ruído entre aquelas paredes estreitas, que aquilo parecia uma montanha-russa enlouquecida. Não havia qualquer outro som. Comecei a subir a escada, engatinhando. O

vento chocava-se contra mim, tentando me esmagar. Sim, havia um outro som. A voz de Jean-Claude em minha ca-beça.

— Perdoe-me.

De repente, aquelas chamas azuis estavam em fren-

te ao meu rosto. Encostei na parede e tentei bater naquele fogo. Minhas mãos passavam o fogo sem tocá-lo. Ele não estava ali.

— Deixe-me em paz! — gritei.

O fogo derreteu-se por entre minhas mãos como se

elas não existissem, e entraram em meus olhos. O mundo era um vidro azul. Silencioso. Nada. Um gelo azul. Um sussurro: Corra... Corra..." Eu estava, novamente, sentada na escada, piscando por causa daquele vento. Zachary estava olhando para mim.

O vento cessou como se alguém houvesse desliga-

do um interruptor. O silêncio era ensurdecador. Minha respiração vinha em arfadas curtas. Minha pulsação não existia. Eu não conseguia sentir as batidas do meu cora-

ção. Só conseguia ouvir a minha respiração, por demais ruidosa e fraca. Enfim, eu entendia o que significava perder o fôlego de tanto medo.

A voz de Zachary soava rouca e ruidosa demais em

meio àquele silêncio todo. Creio que ele tenha sussurrado, mas o som foi de um grito.

— Seus olhos... eram chamuscas azuis!

Sussurrei: "Silêncio, shh." Eu não entendia o por-quê, mas havia uma pessoa que não podia ouvir o que ele acabara de dizer, tampouco saber do que havia acontecido. Minha vida dependia daquilo. Não havia mais sussurros em minha cabeça, mas o último conselho havia sido bom. "Corra." Correr parecia ótimo.

O silêncio era perigoso. Significava que a luta havia terminado e que o vencedor já poderia voltar a prestar atenção a outras coisas. Eu não queria vir a ser uma delas.

Fiquei de pé e ofereci uma das mãos a Zachary. Sua expressão mostrava confusão, mas ele a aceitou e pôs-se de pé. Levantei-o com um puxão e começamos a correr.

Eu precisava escapar. Precisava. Ou morreria ali. Naquele lugar. Naquela noite. Naquele momento. Minha certeza a respeito daquilo era tamanha que não restava espaço para questionamentos ou tempo para indecisão. Eu corria para salvar minha vida. Eu morreria se Nikolaos pudesse me ver agora. Morreria.

Sem nunca saber o motivo.

Ou Zachary também sentira o mesmo pânico que

eu ou achava que eu sabia de alguma coisa que ele não sabia, porque me acompanhou na correria. Quando um de nós tropeçava, o outro o puxava para que voltasse a ficar de pé, e nós corríamos. Corremos até que o ácido queimasse os músculos de minhas pernas, e até que meu peito se espremesse com uma dor aguda, devido à falta de ar.

Era por isso que eu praticava cooper, para ser capaz de correr como uma alucinada sempre que alguma coisa me perseguisse. Pernas finas não bastavam como incentivo. Mas, hoje, o incentivo estava ali. Correr quando se precisa. Correr para salvar a própria vida. O silêncio estava pesado, praticamente palpável. A impressão era que ele subia a escada, flutuando, como se procurasse por alguma coisa. O silêncio nos perseguia, com tanta certeza quanto o vento o havia feito.

O problema de subir uma escada correndo, se você

já teve uma contusão no joelho, é que não dá para subir sem parar. Dêem-me uma superfície plana e eu corro durante horas. Dêem-me uma subida e meus joelhos me fazem ter alucinações. Havia começado com um simples incômodo, mas não demorou muito para que se tornasse uma dor aguda e afiada. Chegou a um ponto tal que cada degrau produzia uma dor lancinante, que subia pela minha perna, até que toda ela latejasse.

Meu joelho começou a estalar, como se tivesse saí-

do do lugar. Era um som bem perceptível. Péssimo sinal.

Ele estava ameaçando me deixar à deriva. Se ele realmente saísse do lugar, eu ficaria em frangalhos aqui nesta escada, com o silêncio sussurrando ao meu redor. Nikolaos me encontraria e me mataria. Por que eu tinha tanta certeza disso? Não tive resposta, mas o fato é

que eu sabia. E aquela certeza crescia a cada puxada de ar. Eu não discuti com a sensação.

Reduzi a velocidade e descansei sobre os degraus, alongando os músculos das pernas. Eu me recusava a arfar enquanto os músculos de minha perna ruim se contraíam.

Bastava alongar um pouco para que eu me sentisse melhor. A dor não desapareceria. Eu havia abusado demais dela para isso, mas conseguiria andar sem que o joelho me traísse.

Zachary desabou sobre os degraus. Obviamente, ele não fazia cooper. Seus músculos se retesariam se ele não continuasse se movimentando. Talvez ele tivesse consci-

ência disso. Talvez não se importasse.

Alonguei os braços, usando a parede como apoio,

até que meus ombros ficassem mais soltos. Uma coisa com certa familiaridade para fazer enquanto esperava que o joelho se acalmasse. Uma coisa para fazer enquanto eu escutava... O quê? Alguma coisa pesada, que deslizava.

Uma coisa muito velha, morta há muito tempo.

Agora os ruídos vinham da parte de cima da escada.

Gelei e me encostei na parede, esticando as palmas das mãos sobre a pedra gelada. E agora? O que mais? Certamente, por Deus, logo chegaria a manhã.

Zachary pôs-se de pé e virou-se para ver o que havia acima de nós. Eu mantive as costas apoiadas contra a parede para que pudesse ver bem, tanto para cima, quanto para baixo. Não queria que alguma coisa chegasse de fininho por trás de mim, vindo de baixo, enquanto eu olhava para cima. Queria minha arma, que estava

trancada em meu porta-malas, onde estava sendo de muita serventia para mim.

Estávamos logo abaixo de uma plataforma, uma

curva da escada. Algumas vezes eu já desejei poder ver o que haveria após a virada de uma esquina. Esta era uma delas. O roçar de tecido contra a pedra. O esfregar de sapatos.

O homem que apareceu, virando a esquina, era

humano. Surpresa, ora, ora. Nem marcas havia em seu pescoço. Cabelo raspado, bem rente à cabeça, branco co-mo algodão. Os músculos de seu pescoço eram salientes.

Seu bíceps era maior que a minha cintura. Minha cintura é meio pequena mesmo, mas ainda assim os braços dele eram, ah, impressionantes. Ele tinha, no mínimo, 1,90m de altura, e não tinha gordura no corpo sequer para untar um tabuleiro de bolo.

Seus olhos possuíam a palidez cristalina dos céus de inverno, um azul distante e gélido. Também foi o primeiro fisiculturista que eu já vira sem estar bronzeado. Toda aquela musculatura protuberante era branca como a Moby Dick. Uma camiseta de tela arrastão negra exibia cada centímetro de seu enorme tórax. Short negro de corrida alar-gava-se ao redor da dilatação daquelas pernas. Ele tivera de cortar o short dos lados para que coubesse naqueles músculos de pedra de suas coxas.

— Nossa! Quantos quilos você levanta? — sussurrei.

Ele sorriu sem abrir os lábios, e falou, movimen-

tando-os minimamente, sem nunca exhibir o mínimo centímetro de seus incisivos.

— Cento e oitenta.

Soltei um assovio baixo e disse o que ele queria que eu dissesse:

— Admirável.

Ele sorriu, com cuidado para que os dentes não a-

parecessem. Estava tentando bancar o vampiro. Uma representação tão zelosa, desperdiçada à toa comigo. Deveria dizer-lhe que sua aparência não deixava dúvidas de que era humano? Não. Era bem capaz que ele me quebrasse ao meio com a perna, como se eu fosse um graveto.

— Este é Winter — disse Zachary.

Aquele nome era perfeito demais para ser de verdade, como um astro do cinema da década de 1940.

— O que está havendo? — perguntou ele.

— Nossa mestra está lutando com Jean-Claude — disse Zachary.

Ele suspirou de maneira profunda e ruidosa. Seus olhos se arregalaram um pouco.

— Jean-Claude?

Seu modo de falar sugeria uma pergunta. Zachary afirmou com o rosto e sorriu.

— É, e ele está resistindo.

— Quem é você? — perguntou ele. Hesitei. Za-

chary deu de ombros.

— Anita Blake.

Ele então sorriu, enfim, exibindo belos dentes normais.

— Você é a Executora?

— Sou.

Ele riu. Sua risada ecoou entre as paredes de pedra.

Parecia que o silêncio apertava ao nosso redor. Sua risada sumiu abruptamente. Gotas de suor em seu lábio. Winter sentira e temera aquilo. A voz dele saiu baixa, quase um sussurro, como se tivesse medo de que o escutassem:

— Você não tem tamanho para ser a Executora.

Dei de ombros.

— Às vezes também fico decepcionada.

Ele sorriu. Quase soltou outra risada, mas a engoliu.

Seu olhos brilhavam.

— Vamos todos dar o fora daqui — disse Zachary.

Concordei com ele.

— Mandaram-me olhar Nikolaos — disse Winter.

O silêncio pulsava com aquele nome. Uma gota de

suor desceu por seu rosto e pingou. Dica de segurança importante: nunca pronuncie o nome de um vampiro-mestre furioso quando ele se encontra tão perto que seja capaz de ouvi-lo.

— Ela sabe se cuidar sozinha — murmurou Zachary, mas sua voz ecoou de qualquer forma.

— Nãããooo — reclamei.

Zachary olhou para mim de cara feia e eu dei de ombros. Não é sempre que consigo evitar.

Winter ficou olhando para mim, com a impessoalidade de uma estátua de mármore em seu rosto. Apenas seus olhos tremiam. O “senhor macho”.

— Venha — disse ele, virando-se sem esperar para ver se nós o seguiríamos, o que acabamos fazendo.

Eu o teria seguido para qualquer lugar, contanto

que ele subisse a escada. Eu só sabia que nada, absolutamente nada, me faria descer novamente aquela escada. De livre e espontânea vontade, eu não desceria. É claro que sempre há outras opções. Dei uma olhadela rápida para as largas costas de Winter. É, se você não está disposto a fazer de livre e espontânea vontade, sempre há outras op-

ções.

14

O FIM DA ESCADA dava em uma câmara qua-

drada. Uma lâmpada elétrica pendia do teto. Eu nunca imaginara que uma fraca luz elétrica pudesse ser linda, mas era. Era um sinal de que estávamos deixando a câmara subterrânea de horrores para trás e nos aproximando do mundo real. Eu estava preparada para ir para casa.

Havia duas portas para sairmos daquela sala de pedra. Uma ia em frente, direto, e a outra, para a direita. Da porta à nossa frente, soava uma música alta e alegre. Mú-

sica de circo. A porta abriu-se e a música fervilhou ao nosso redor. A vista, cores claras e centenas de pessoas andando a esmo. Um cartaz piscava: Casa das Bruxas. A atração principal de um parque de diversões, dentro de um prédio. Eu sabia onde estava. "Circo dos Amaldiçoados."

Os vampiros mais poderosos da cidade dormiam

sob o Circo. Não era fácil de esquecer.

A porta começou a se fechar, enfraquecendo o som

da música e apagando as placas brilhantes. Olhei dentro dos olhos de uma adolescente que se esticava toda para enxergar por detrás da porta, que então se fechou.

Um homem se encostou à porta. Era alto e esguio,

vestido como um inveterado apostador de cassinos. Casaco púrpura-real, com um laço no pescoço que descia pela frente da blusa. Calça preta e reta, e botas. Um chapéu de aba reta deitava uma sombra sobre seu rosto, e uma máscara dourada cobria-lhe o rosto todo,

com exceção da bo-ca e do queixo. Olhos escuros me fitavam de dentro daquela máscara dourada.

Sua língua dançava sobre seus lábios e dentes. Caninos. Um vampiro. Por que será que aquilo não me sur-preendeu?

— Temi que fosse sentir saudades suas, Executora.

Havia uma rouquidão sulista em sua voz.

Winter veio se colocar entre nós dois. O vampiro soltou uma risada sonora e forte.

— Este rapazote musculoso acha que pode protegê-la. Devo esfaçalhá-lo e reduzi-lo a pedacinhos para provar que ele está enganado?

— Não será necessário — pedi. Zachary também veio ficar a meu lado.

— Reconhece a minha voz? — perguntou o vampiro. Balancei a cabeça, negativamente.

— Já se passaram dois anos. Só fui descobrir que você era A Executora depois da criação deste negócio.

Achei que tivesse morrido.

— Podemos ir direto ao assunto? Quem é você e o que quer?

— Tão ansiosa! Tão impaciente! Tão humana! —

disse ele, e ergueu as mãos cobertas por luvas e tirou o chapéu. Seus cabelos curtos e castanho-avermelhados emolduravam aquela máscara dourada.

— Por favor, não faça isso — implorou Zachary.

— A mestra ordenou-me que levasse a mulher em segurança até seu carro.

— Não tenho intenção de danificar sequer um cabelo do couro cabeludo dela... Hoje.

As luvas removeram a máscara. O lado esquerdo daquela face era repleto de cicatrizes. Corroído. Derretido.

O olho castanho era a única coisa ainda inteira e viva, rolando em um círculo de quelóides branco-rosadas. A aparência era de queimadura por ácido. Só que não foi ácido.

Foi água benta.

Lembrei-me do corpo dele me prendendo ao chão.

Aqueles dentes rasgando meu braço enquanto eu me esforçava para que ele não chegasse perto de meu pescoço.

O estalar agudo e límpido do osso que ele mordeu. Meus gritos. A mão dele forçando minha cabeça para trás. Ele recuando a cabeça para morder-me. Indefesa. Ele errou o meu pescoço. Eu nunca descobri o porquê. Seus dentes afundaram-se em minha clavícula e a quebraram. Ele lambia meu sangue e se regozijava. Fiquei deitada apoiando seu peso, e escutando enquanto ele, puxando com a língua, bebia meu sangue. Os ossos quebrados ainda não provocavam dor. Choque. Eu estava começando a não me ferir, a não sentir medo. Estava começando a morrer.

Estiquei a mão direita pela grama e toquei em uma superfície lisa... Vidro. Um frasco de água benta que havia voado de minha bolsa e caído em meio aos serviçais meio-humanos. O vampiro nem sequer olhou para mim. Seu rosto ficou enfiado dentro do fermento. Sua língua, a ex-plorar o buraco que havia feito. Seus dentes raspavam o osso desprotegido, e eu gritava.

De dentro de meu ombro, ele soltou uma gargalha-

da. Gargalhava enquanto me matava. Abri a tampa do frasco e espirrei-lhe no rosto. Sua carne fervilhava. Sua pele estalava e borbulhava. Ele ajoelhou-se sobre mim, com as mãos sobre o rosto, e emitiu sons horríveis.

Achei que ele tivesse ficado preso dentro da casa quando ela se desfez em chamas. Eu quisera-o morto. Desejara-o morto. Desejara que aquela lembrança não existisse mais. Havia escondido-a. Agora, ali estava ele. Meu pesadelo predileto estava vivo.

— Como assim? Nenhum grito de pavor? Nenhum

arquejo de medo? Você me decepciona, Executora. Não admira sua própria obra?

Minha voz saiu abafada. Reprimida.

— Achei que você tivesse morrido.

— Agora já sabe que não morri. E agora eu tam-

bém sei que você está viva. Que agradável!

Ele sorriu, e os músculos de seu rosto cicatrizado puxaram o sorriso para um dos lados, fazendo dele uma careta. Nem mesmo vampiros são capazes de curar tudo.

— A eternidade, Executora. A eternidade assim.

Ele acariciou as cicatrizes com uma das luvas.

— O que você quer?

— Mostre coragem, mocinha. Mostre o máximo de

coragem que quiser. Posso sentir o seu medo. Quero ver as cicatrizes que fiz em você. Quero ver se você se lembra de mim da mesma maneira que eu me lembro de você.

— Eu me lembro de você.

— As cicatrizes, moça. Mostre-me as cicatrizes.

— Se eu mostrar-lhe as cicatrizes, o que vem depois?

— Você volta para casa. Ou para onde quer que es-

teja indo. A mestra deixou bem claro que nada de mal pode lhe acontecer até que termine o trabalho que fará para nós.

— E depois?

Ele abriu um sorriso. Uma ampla e cintilante vasti-dão de dentes.

— Depois, vou atrás de você e satisfaço meu desejo de vingança por ter me feito isto. — Ele tocou o rosto. —

Venha, moça, deixe de timidez. Não são nenhuma novidade para mim. Já provei do seu sangue. Mostre-me as cicatrizes e o rapazote musculoso não terá que morrer pa-ra provar o quanto é forte.

Olhei para Winter. Punhos fortes cruzados sobre o tórax. Sua coluna praticamente vibrava de tanta prontidão.

O vampiro tinha razão. Winter morreria tentando. Ergui a manga rasgada até acima do cotovelo. Uma massa de quelóides decorava-me a articulação do braço. Cicatrizes gotejavam dali como líquido, passando uma por cima da outra, e descendo por baixo de meu braço. A queimadura em forma de crucifixo tomava a única área limpa do interior de meu antebraço.

— Achei que nunca mais fosse usar esse braço devido a como eu acabei com ele.

— Fisioterapia é uma coisa maravilhosa.

— Fisioterapia nenhuma pode me ajudar.

— Não — disse eu.

Minha blusa havia perdido o botão superior. Mais

um e eu a abri para trás para expor minha clavícula. As cicatrizes dali pareciam uma cadeia de montanhas. Ficava muito atraente com roupa de banho.

— Ótimo — disse o vampiro. — Você cheira a su-

or frio quando pensa em mim, mocinha. Espero que eu tenha assombrado você da mesma maneira com que você me assombrou.

— Você sabe que é diferente.

— Diferente como?

— Você tentou me matar. Eu me defendi.

— E por que foi à nossa casa? Para cravar estacas em nossos corações. Você foi à nossa casa para nos matar.

Nós não corremos atrás de você para caçá-la.

— Mas caçaram outras vinte e três pessoas. É muita gente. Alguém precisava deter a sua turma.

— Quem designou você como Deus? Quem fez de você a nossa Executora?

Respirei fundo. De maneira firme, não tremi. Mais um ponto para mim.

— A polícia.

— Bah... — Ele cuspiu no chão. Muito bonito. —

Trabalhe com bastante afinco, moça. Encontre o assassino, e depois nós terminamos o nosso assunto.

— Já posso ir embora?

— Pois não. Esta noite você está segura, pois assim disse a mestra. Mas isso não vai ficar assim.

— Vamos sair pela porta lateral — disse Zachary, e andou praticamente de costas, vigiando o vampiro conforme nos afastávamos.

Winter ficou para trás, protegendo nossa retaguarda. Idiota.

Zachary abriu a porta. A noite estava quente e úmida. O vento do verão chocava-se contra minha face, úmido e próximo. E lindo.

O vampiro anunciou:

— Lembre-se do nome Valentine, porque eu vou entrar em contato com você.

Zachary e eu saímos, e a porta fechou-se com um

estrépito. Não havia maçaneta do lado de fora. Não havia como abrir. Via única, para fora. “Para fora” estava ótimo para mim. Começamos a andar.

— Você tem uma arma municada com balas de prata? — ele perguntou.

— Tenho.

— Eu começaria a andar com ela se fosse você.

— Balas de prata não o matariam.

— Mas o tornariam mais lento.

— É verdade.

Andamos durante alguns minutos em silêncio. A-

quela noite quente de verão parecia deslizar ao nosso redor, e nos segurar em mãos curiosas e pegajosas.

— Eu preciso é de uma espingarda. Ele olhou para mim.

— Vai carregar uma espingarda a tiracolo dia após dia?

— A de cabo curto é menor e cabe sob um casaco.

— Em pleno verão do Missouri? Você derrete! Por

que não uma metralhadora ou um lança-chamas, já que vai andar mesmo com uma arma grande?

— A metralhadora não é tão precisa. É possível que um tiro atinja inocentes. Um lança-chamas faz volume demais, e também muita sujeira.

Ele me deteve, colocando a mão em meu ombro.

— Você já usou um lança-chamas para matar vampiros?

— Não, mas já vi usarem.

— Meu Deus! — O olhar dele ficou perdido, fitando o vazio por um momento. Então, perguntou: — E funcionou?

— Uma beleza, mas fez muita sujeira. E fez a casa onde estávamos incendiar-se por completo. Achei que eles pegaram um pouco pesado demais.

— Aposto que sim. — Voltamos a andar. — Você deve detestar vampiros.

— Não os detesto.

— Então, por que os mata?

— Porque é a minha profissão. E porque sou boa

nisso. Viramos a esquina e deu para ver o estacionamento onde eu havia deixado o carro. Parecia que eu o havia deixado ali há dias. Meu relógio dizia que haviam sido horas.

Era um pouco como aquela sensação provocada pelo fuso horário, mas em vez de horários diferentes, acontecimentos diferentes.

Tantos acontecimentos traumáticos são capazes de acabar com a sua noção de tempo. Muita coisa aconteceu em um espaço muito curto de tempo.

— Eu sou o seu contato diurno. Se precisar de

qualquer coisa ou se quiser transmitir um recado, este aqui é o meu telefone.

Ele pôs uma carteira de fósforos em minha mão.

Olhei para ela. Estava escrito “Circo dos Amaldiçoados”, em forma de sangue vermelho, com o fundo em um preto brilhante. Guardei-a no bolso de minha calça.

Minha arma estava em meu porta-malas. Vesti meu

coldre axilar sem me importar por não ter um casaco para cobri-lo. Uma arma à vista de todos chama atenção, mas faz com que a maioria das pessoas não mexa com você.

Às vezes até acontece de elas saírem correndo em disparada, abrindo caminho diante de você. Muito conveniente para perseguições.

Zachary aguardou até que eu estivesse sentada dentro do carro. Ele se inclinou em frente à porta aberta.

— Não pode ser só a sua profissão, Anita. Tem que haver um motivo mais plausível.

Baixei o olhar para o meu colo e liguei o carro. Olhei bem dentro daqueles olhos pálidos.

— Sinto medo deles. É uma característica humana

bastante natural destruir aquilo que nos provoca medo.

— A maioria das pessoas passa a vida toda evitando o que temem. Você vai atrás. Isso é loucura!

Ele tinha uma certa razão. Fechei a porta e deixei-o só naquela noite quente e sombria. Eu ressuscitava mortos e colocava mortos-vivos para descansar. Era a minha profissão. Era a pessoa que eu era. Se algum dia eu começasse a questionar meus propósitos, eu pararia de matar vampiros. Era simples assim.

Não havia questionado meus propósitos esta noite, portanto, ainda era uma caçadora de vampiros. Ainda com o nome que eles haviam me dado. Eu era a Executora.

15

A AURORA SURGIA no horizonte como uma

cortina de luz. Vênus reluzia como um diamante em con-traposto àquela luz tranqüila.

Eu estava vendo o sol nascer pelo segundo dia consecutivo. Estava começando a ficar mal-humorada. O difí-

cil seria decidir em quem eu descontaria esse meu mau humor, e o que fazer a respeito. Naquele momento, eu só queria dormir. O resto poderia esperar. Teria que esperar.

O que me mantinha acordada há horas era o medo, a adrenalina e a obstinação. Em meio ao silêncio de meu carro, eu era capaz de sentir meu corpo. Ele não estava satisfeito.

Doía quando eu segurava o volante. Doía quando

eu girava o volante. Minha esperança era de que os arranhões ensangüentados em minhas mãos parecessem mui-to piores do que realmente eram. Meu corpo inteiro parecia enrijecido. Todo o mundo subestima os arranhões.

Eles doem. Doeriam muito mais depois que eu dormisse apoiada sobre eles. Nada como acordar de manhã após uma surra daquelas. Parece uma ressaca que cobre o seu corpo todo.

O corredor do meu edifício estava em silêncio. O

zunido do refrigerador de ar inspirava em meio ao silêncio. Eu quase era capaz de sentir as pessoas que dormiam dentro dos apartamentos. Tive um desejo incontrolável de colocar meu ouvido em uma daquelas portas para ver se eu conseguia ouvir a respiração de meus vizinhos. Tão silencioso! Os momentos pós-aurora são os

mais particulares de todos. É uma hora para se ficar sozinho e curtir o silêncio.

Mais silêncio só às três da manhã. E eu não gosto muito das três da manhã.

Eu estava com a chave na mão e havia quase toca-

do a porta quando percebi que ela estava entreaberta. A fresta era mínima. A porta estava quase fechada, mas era quase. Passei à direita da porta e encostei as costas na parede. Será que haviam escutado o tilintar das chaves?

Quem estaria lá dentro? A adrenalina fluía como um bom champanhe. Minha atenção estava ligada em qualquer sombra devido à maneira como a luz entrava. Meu corpo estava em estado de emergência, e eu rezava a Deus para não precisar dele.

Saquei minha arma e me encostei na parede. E ago-

ra? Não havia som algum vindo do interior do apartamento. Era possível que fossem mais vampiros, mas já estava quase amanhecendo para valer. Não podiam ser vampiros.

Quem mais entraria à força em meu apartamento? Inspirei fundo e soltei o ar. Eu não sabia. Não fazia a menor idéia.

Seria fácil imaginar que eu já tivesse me acostumado a não saber o que anda acontecendo, mas nunca me acostumo.

Só fico de mau humor e um pouco assustada.

Eu tinha várias opções. Podia ir embora e chamar a polícia. Não era uma opção ruim. Mas o que a polícia podia fazer que eu não podia, a não ser entrar e morrer em meu lugar? Era inaceitável. Eu podia esperar no corredor até que quem quer que fosse ficasse curioso. Isso poderia levar algum tempo, e podia ser que o apartamento já

estivesse vazio. Eu me sentiria muito burra por ter esperado horas aqui fora, com minha arma em punho e um apartamento vazio. Eu estava exausta e queria dormir. Droga!

Eu também poderia entrar largando o dedo no gati-

lho. Não. Eu poderia abrir a porta, cair ao chão e atirar em quem quer que estivesse lá dentro. Se estivessem armados.

Se houvesse alguém lá dentro.

O mais inteligente seria esperar a pessoa cansar, mas quem estava cansada era eu. A onda de adrenalina vinha sumindo sob a frustração das várias opções. Chega um ponto em que você simplesmente se cansa. Achei que não fosse conseguir ficar ali fora, no silêncio do ar-condicionado, e permanecer alerta. Eu não iria dormir em pé, mas até que passou pela minha cabeça. Se mais uma hora se passasse, meus vizinhos já estariam acordando e saindo para trabalhar, e talvez fossem pegos no meio do fogo cruzado. Inaceitável. O que quer que fosse acontecer, precisava acontecer naquele instante.

Decisão tomada. Ótimo. Nada como o medo para

limpar a sua mente. Fiquei o mais longe possível da porta e passei para o outro lado, com a arma apontada para a porta. Andei seguindo a parede esquerda em direção ao lado das dobradiças da porta. Ela abriu para dentro. Apenas empurre-a para que ela chegue perto da parede. Simples. Legal.

Agachei, apoiando-me em um dos joelhos. Meus

ombros arquearam-se como se eu fosse capaz de fazer a minha cabeça entrar no casco, como uma tartaruga. Eu podia apostar que qualquer arma fosse me atingir acima da cintura, mais ou menos na altura do meu peito. Agachada, eu estava muito mais abaixo que a altura do meu peito.

Abri a porta abruptamente com a mão esquerda e

agarrei a ombreira da porta. Funcionou muito bem. Minha arma estava apontada para o peito do vilão. Só que as mãos dele já estavam levantadas, e ele olhava para mim, sorrindo.

— Não atire — disse ele. — É o Edward.

Ajoelhei-me, olhando para ele. A raiva surgiu como uma maré quente.

— Seu idiota! Você sabia que eu estava aqui fora!

Ele juntou os dedos em forma de torre.

— Eu escutei as chaves.

Fiquei ali parada, percorrendo a sala com os olhos.

Edward mudara a posição de minha poltrona branca com estofamento exagerado para que ela ficasse de frente para a porta. Além dela, parecia que ele não havia mexido em mais nada.

— Garanto uma coisa a você, Anita: estou sozinho aqui.

— Nisso eu acredito. Por que não me avisou que era você?

— Queria ver se você ainda é boa. Eu poderia tê-la mandado pelos ares quando hesitou em frente à porta, com as chaves tilintando em um som tão agradável.

Entrei no apartamento e tranquei a porta, embora, na verdade, com Edward do lado de dentro, talvez eu ficasse mais segura trancando a porta e ficando do lado de fora. Ele não era um homem imponente,

tampouco assustador, caso você não o conhecesse. Ele era um homem esguio, de 1,72m de altura, loiro e de olhos azuis. Charmoso. Mas se eu era A Executora, ele era a própria Morte.

Foi ele que eu vi usar o lança-chamas.

Eu já havia trabalhado com ele, e só Deus sabe o

quanto uma pessoa se sente segura a seu lado. Ele carregava mais poder de fogo que o Rambo, mas era um pouco descuidado e não se importava com inocentes que estivessem nas cercanias. Ele começou a vida como mercenário.

Até aí, a polícia sabia. Acho que os humanos se tornaram fáceis demais para ele, então, ele mudou para vampiros e licantropos. E eu sabia que se chegasse uma hora em que fosse mais conveniente me matar do que ser meu "amigo", ele o faria. Edward não tinha consciência. Isso fazia dele o assassino perfeito.

— Fiquei acordada a maldita noite inteira, Edward.

Não estou com saco para aturar as suas brincadeiras.

— Está muito ferida?

Dei de ombros e me encolhi.

— Minhas mãos estão doloridas, mas a maior parte

é de arranhões. Estou bem.

— Seu secretário noturno disse que você havia saí-

do para uma festa de despedida de solteira. — Ele abriu um sorriso e seus olhos brilharam. — Deve ter sido uma festa e tanto!

— Dei de cara com um vampiro que talvez você

conheça. Ele ergueu as sobrancelhas amarelas e soltou um silencioso gesto de surpresa com os lábios.

— Lembra-se da casa que você quase torrou à nossa volta?

— Há cerca de dois anos. Matamos seis vampiros e dois serviçais humanos.

Passei por ele e deixei meu corpo desabar sobre o sofá.

— Deixamos escapar um deles.

— Não deixamos, não.

A voz dele era muito precisa. Edward, em seu máximo de perigo.

Olhei para a parte de trás da cabeça dele, cortada com bastante cuidado.

— acredite em mim desta vez, Edward. Ele quase me matou hoje.

Aquilo era verdade só em parte, também conhecida

como mentira. Se os vampiros não queriam que eu contasse à polícia, certamente não iriam querer que a Morte soubesse. Edward era muito mais perigoso para eles do que a polícia.

— Qual deles?

— Aquele que quase me cortou em pedacinhos. Ele

se autodenomina Valentine, e ainda tem as cicatrizes de ácido que lhe dei.

— Água benta?

— Exato.

Edward veio sentar-se a meu lado no sofá. Ele se manteve a uma distância cuidadosa, na outra ponta do sofá.

— Conte-me.

Ele olhava para o meu rosto com grande intensidade. Olhei para o outro lado.

— Não há muito mais coisa a contar.

— Está mentindo, Anita. Por quê?

Olhei para ele e a raiva crescia cada vez mais rapidamente. Detesto ser flagrada mentindo.

— Houve alguns assassinatos de vampiros ao longo do rio. Há quanto tempo chegou à cidade, Edward?

Ele então sorriu, embora eu não soubesse muito bem o motivo.

— Não muito. Ouvi um boato que dava conta de que você

conheceu a vampira mais importante da cidade esta noite.

Não consegui evitar. Minha boca abriu-se instantaneamente. A surpresa foi grande demais para esconder.

— Como soube disso, caramba?

Ele deu de ombros, com muita graciosidade.

— Tenho minhas fontes.

— Nenhum vampiro falaria com você. Não por livre e espontânea vontade.

Novamente, aquela chacoalhada de ombros que dizia tudo e absolutamente nada.

— O que fez esta noite, Edward?

— O que você fez esta noite, Anita? Touché, quem sacar primeiro, sei lá...

— Por que, então, veio me procurar? O que quer?

— Quero que me diga onde a vampira-mestra está.

O lugar onde ela descansa durante o dia.

Eu havia me recuperado o suficiente para que meu rosto estivesse sereno. Nenhuma surpresa.

— Como eu iria saber disso?

— Você sabe?

— Não. — Levantei-me. — Estou exausta e quero

ir dormir. Se não quiser tratar de mais nada...

Ele também se levantou e continuou a sorrir, como se soubesse que eu havia mentido.

— Entrarei em contato. Se, por acaso, ficar sabendo de alguma coisa a respeito da informação que preciso...

— Ele deixou a frase por terminar e se precipitou em direção à porta.

— Edward.

Ele se virou para olhar para mim, embora não totalmente.

— Você tem uma espingarda de cabo curto? Ele voltou a erguer as sobrancelhas.

— Posso arrumar uma para você.

— Eu pago.

— Não, é um presente.

— Não posso revelar.

— Mas, então, você sabe?

— Edward...

— Até que ponto está envolvida nisto, Anita?

— Submersa até os olhos, e afogando-me rapidamente.

— Posso ajudá-la.

— Eu sei.

— Ajudá-la me permitiria matar mais vampiros?

— Talvez.

Ele olhou para mim e sorriu. Brilhante. Quase fez meu coração parar. Aquele sorriso era o melhor que ele podia oferecer. Bem inofensivo. Típico de um garotinho bonzinho. Eu nunca sabia distinguir se aquele sorriso era verdadeiro ou se era apenas mais uma máscara. Por favor, o verdadeiro Edward pode se levantar? Provavelmente não.

— Eu gosto de caçar vampiros. Deixe-me participar, se puder.

— Pode deixar.

Ele se deteve com a mão na maçaneta.

— Espero ter mais sorte com minhas outras fontes do que tive com você.

— O que acontece se você não conseguir descobrir onde ela descansa perguntando a essas outras fontes?

— Ora, eu volto aqui.

— E...

— E aí, você vai me dizer o que eu quero saber, não vai? Ele ainda sorria, esbanjando charme e jovialidade.

Também deixou claro que me torturaria se fosse necessário.

Engoli em seco.

— Dê-me alguns dias, Edward, e talvez eu consiga a sua informação.

— Ótimo. Ainda hoje, só que mais tarde, eu trago a espingarda. Se não estiver em casa, deixo em cima da mesa da cozinha.

Não perguntei como ele entraria se eu não estivesse em casa. Ele teria apenas sorrido ou gargalhado. Trancas não eram nada impeditivas para Edward.

— Obrigada. Pela arma, quis dizer.

— O prazer é meu, Anita. Até amanhã.

Ele saiu pela porta e ela fechou-se atrás dele.

Ótimo. Vampiros, e agora Edward. O dia já tinha

uns quinze minutos de idade. O começo não prometia muito. Tranquei a porta, por mais que não fizesse diferen-

ça alguma, e fui dormir. Minha Browning Hi-Power estava em seu segundo lar — um coldre adaptado, afixado à guarda da cama. O crucifixo, em seu metal frio, ficava ao redor de meu pescoço. Mais segura que aquilo, não dava para ficar. E eu estava quase cansada demais para me importar com isso.

Levei mais uma coisa comigo para a cama, um pin-

güim de pelúcia chamado Sigmund. Não durmo com ele com muita frequência, só de vez em quando, depois que alguém tenta me

matar. Todos têm suas fraquezas. Alguns fumam. Eu coleciono pingüins de pelúcia. Se você não contar, eu não conto.

16

EU ESTAVA DE PÉ naquele enorme lugar feito de pedra onde Nikolaos havia se sentado. Restava ali apenas aquela cadeira de madeira. Vazia. Solitária. De um dos lados, sobre aquele chão, um ataúde. A luz das tochas reluzia ao entrar em contato com a madeira polida. Uma brisa corria com suavidade pelo ambiente. As tochas tre-mulavam e formavam enormes sombras negras nas paredes. As sombras pareciam se movimentar independentemente da luz. Quanto mais eu olhava para elas, mais tinha certeza de que eram escuras demais. Pesadas demais.

Eu sentia o gosto do meu coração na garganta. Mi-

nha pulsação martelava em minha cabeça. Eu não conseguia respirar. Foi então que percebi que ouvia um outro coração batendo, como um eco. "Jean-Claude?" As sombras gritaram "Jean-Claude" em vozes agudas e lamurio-sas.

Ajoelhei-me ao lado do caixão e segurei com firmeza a tampa. Ela era inteiriça e articulada com dobradiças bem flexíveis e lubrificadas. Pingava sangue pelas laterais do esquite. Pingava sobre minhas pernas e espirrava em meus braços. Gritei e me levantei, coberta de sangue. Ainda estava quente.

— Jean-Claude!

Ergueu-se uma mão pálida em meio a todo aquele

sangue. Um espasmo, e ela desabou sobre a lateral do caixão. O rosto de Jean-Claude flutuou até a superfície. Minha mão tentava alcançá-lo. Seu coração palpitava em minha cabeça, mas ele estava morto. Ele estava morto! Sua mão parecia feita de uma gélida cera branca. Seus olhos abriram-se. Aquela mão morta agarrou-me o pulso.

— Não! — Tentei puxar a mão para me livrar da-
quilo. Caí de joelhos sobre aquele sangue que esfriava e gritei: —
Solte-me!

Ele pôs-se ereto. Estava todo coberto de sangue.

Sua blusa branca pingava sangue como um trapo ensangüentado.

— Não!

Ele puxava meu braço para junto dele, e me levava.

Firmei uma das mãos no caixão. Eu não iria com ele. Não iria! Ele
curvou-se sobre meu braço, com a boca exagera-damente aberta, e
as presas à procura de alguma coisa. Seu coração batia contra as
somas como um trovão.

— Jean-Claude, não!

Ele olhou para mim pouco antes de atacar.

— Não tive alternativa.

Seu rosto começou a encher-se de sangue, que go-

tejava de seus cabelos, até que se transformasse em um máscara
sangrenta. Presas afundaram-se em meu braço.

Soltei um urro e acordei sentada em minha cama, assustada.

Alguém tocava a campainha. Enrolei-me toda ao

tentar descer da cama rapidamente, esquecendo. Minha respiração
falhou. Movimentei-me rápido demais para a surra que sofrera
ontem à noite. Tudo doía, até lugares em que não havia como eu ter
me machucado. Minhas mãos estavam ressequidas devido ao

sangue que secou sobre elas. Fiquei com a impressão de que eu sofria de artrite.

A campanha tocava sem parar, como se alguém

houvesse esquecido o dedo nela. Quem quer que fosse, ganharia um abraço por ter me acordado. Eu estava dormindo com uma Musa grande demais para o meu tama-

nho. Vestir o jeans de ontem à noite foi a minha versão de um roupão.

Voltei a colocar Sigmund, o pingüim de pelúcia,

junto ao resto. Meus bichinhos de pelúcia ficavam em um pequeno sofá de dois lugares junto à parede oposta, abaixo da janela. Os pingüins cercavam o chão ao redor dele como uma maré felpuda e rechonchuda.

Eu sentia dor quando me mexia. Ainda me sentia

retesada quando respirava. Gritei: "Estou indo!" Ocorreu-me, no meio do caminho até a porta, que poderia ser alguém não muito amistoso. Voltei bem devagar ao quarto e peguei a arma. A sensação da minha mão ressecada segurando a arma era estranha. Deveria tê-las limpado e feito curativos ontem à noite. Enfim...

Ajoelhei-me atrás da poltrona que Edward colocara em frente à porta e gritei:

— Quem é?

— É Ronnie, Anita. Tínhamos marcado de correr

hoje de manhã.

Era sábado. Eu tinha esquecido. Era sempre incrí-

vel o quanto a vida era comum, mesmo com gente tentando causar-me mal. Achei que Ronnie deveria saber a respeito de ontem à noite. Uma coisa tão extraordinária quanto aquela deveria tocar todos os aspectos de minha vida, mas a coisa não funcionava daquela maneira. Quando fiquei internada no hospital, com o braço engessado, e tubos percorrendo o meu corpo inteiro, minha madrasta reclamara por eu ainda não estar casada. Ela já se preocupava com a possibilidade de que eu fosse virar uma solteirona em meus tão maduros vinte e quatro anos. Judith não é o que se convencionou chamar de uma mulher libe-rada.

Minha família não lida muito bem com a minha

profissão, com os riscos que eu corro e com os ferimentos. Eles ignoram o máximo que conseguem. Menos o meu meio-irmão de dezesseis anos. Josh me acha “maneira”, “radical”, ou qualquer que seja o termo que estejam usando agora.

Verônica Sims é diferente. É minha amiga e com-

preende. Ronnie é detetive particular. Nós nos revezamos nas visitas uma à outra no hospital.

Abri a porta e ela entrou. A arma pendia de meu

braço, ao meu lado. Ela absorveu tudo e disse:

— Caramba! Sua aparência está péssima! Eu sorri.

— Pelo menos ela reflete como me sinto.

Ela entrou e colocou a bolsa de ginástica à frente da poltrona.

— Pode me contar o que aconteceu?

Não foi uma exigência. Foi uma pergunta. Ronnie

entendia que não era tudo que se podia contar.

— Lamento não poder correr com você hoje.

— Parece-me que você não suportaria mais um mí-

nimo de exercício. Encha a pia d'água e coloque as mãos de molho. Vou fazer café, está bem?

Concordei, mas me arrependi. Aspirinas. Aspirinas seriam uma ótima idéia no momento. Parei pouco antes de entrar no banheiro.

— Ronnie?

— Sim?

Ela estava de pé em minha pequena cozinha, segu-

rando com uma das mãos um copo medidor com grãos

frescos de café. Ela tinha 1,75m de altura. As vezes me esqueço do quanto isso é alto. O fato de conseguirmos correr juntas deixa todo mundo boquiaberto. O segredo é que sou eu quem dito o ritmo. E forço para o meu lado. E

um ótimo exercício.

— Acho que há umas rosquinhas na geladeira. Po-

de colocá-las no microondas com um pouco de queijo?

Ela olhou para mim.

— Já nos conhecemos há três anos, e essa foi a

primeira vez que eu ouvi você pedir comida antes das dez.

— Escute, se for dar trabalho demais, pode esque-

cer.

— Não é isso, e você sabe.

— Desculpe-me. Só estou cansada.

— Vá se cuidar e depois pode me contar o que houve, está bem?

— Certo.

Não senti minhas mãos melhorarem, mesmo depois

de mergulhá-las em água quente. Parecia que eu estava esfoliando a pele de meus dedos. Sequei-as com leves toques da toalha e passei um unguento antibiótico nos arranhões. O rótulo descrevia-o como “um bactericida tópi-co”. Quando terminei de colocar todos os curativos, parecia uma versão rosada da mão da múmia.

Minhas costas estavam repletas de arranhões escu-

ros. Minhas costelas, decoradas com um púrpura pútrido.

Não havia muito que eu pudesse fazer a respeito, a não ser esperar que o remédio fizesse efeito. Bem, uma coisa eu podia fazer -me mexer. Alongamentos fariam meu corpo ficar mais flexível e me permitiriam movimentos sem dor.

Mais ou menos. As posições de alongamento, por si só, já seriam torturantes. Eu iria deixá-los para mais tarde.

Primeiro, precisava comer.

Eu estava faminta. Normalmente, só de pensar em

comer antes das dez me deixava enjoada. Naquela manhã, eu queria comida. Precisava de comida. Muito estranho.

Talvez fosse estresse.

O cheiro das rosquinhas e do queijo se derretendo fizeram com que meu estômago se contorcesse. O odor de café recém-passado me fez querer mastigar o sofá.

Joguei para dentro duas rosquinhas e três xícaras de café enquanto Ronnie, sentada à minha frente, bicava sua primeira xícara. Levantei o olhar e vi que ela me fitava.

Aqueles olhos cinza me miravam. Eu já a vira olhar para suspeitos daquela maneira.

— O que foi? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Nada. Será que você pode tomar fôlego e me contar o que houve ontem à noite?

Confirmei com um gesto da minha cabeça, e não

doeu tanto assim. Aspirina: o presente da natureza para o homem moderno. Conteí a ela desde a ligação de Monica, até meu encontro com Valentine. Não conteí que tudo aconteceu no Circo dos Amaldiçoados. Era uma informa-

ção muito perigosa para se saber naquele momento. E não conteí das chamadas azuis na escada, nem do som da voz de Jean-Claude em minha mente. Alguma coisa me dizia que também eram informações perigosas. Eu havia aprendido a confiar em meus instintos, portanto, não conteí.

Ronnie é ótima. Ela olhou para mim e perguntou:

— Está contando tudo?

— Estou.

Uma mentira fácil. Simples. Uma palavra. É bem provável que ela não tenha acreditado.

— Tudo bem. — Ela deu um gole no café. — O que quer que eu faça?

— Pergunte por aí. Você tem influência nesses grupos discriminatórios, como o “Humanos Contra Vampiros” e a “Liga dos Humanos Votantes”. Veja se algum deles tem alguma participação nos homicídios. Eu não posso me aproximar. — Sorri. — Afinal, os ressuscitadores também são vítimas da discriminação deles.

— Mas você mata vampiros.

— É, mas também ressuscito zumbis. É bizarro demais para aqueles fanáticos extremistas.

— Tudo bem. Vou verificar o HCV e o resto. Mais alguma coisa?

Pensei por um instante e fiz um sinal negativo com a cabeça, já quase sem sentir dor alguma.

— Não que eu lembre. Apenas tome cuidado. Não quero colocar você em perigo, como fiz com Catherine.

— A culpa não foi sua.

— Certo.

— Nada disso é culpa sua.

— Diga isso a Catherine e ao noivo, se algo de ruim acontecer.

— Que droga, Anita, essas criaturas estão usando

ocê. Eles a querem desanimada e com medo para que possam controlá-la. Se deixar a culpa mexer com a sua cabeça, vai acabar sendo assassinada.

— Caramba, Ronnie, isso era justamente o que eu

queria escutar. Se sua intenção era me motivar, não quero ouvi-la quando quiser zombar de mim.

— Você não precisa que ninguém a motive. Precisa

é de uma boa chacoalhada.

— Obrigada. Já fizeram isso ontem.

— Anita, escute-me. — Ela me encarou. Seus olhos

tinham intensidade. Seu rosto procurava o meu, tentando ver se eu ainda a escutava. — Você fez tudo o que pôde por Catherine. Quero que se concentre em manter-se viva.

Você está cercada de inimigos. Não permita que a distraiam do problema principal.

Ela tinha razão. Faça o possível e siga em frente.

Por enquanto, Catherine estava fora daquilo. Foi o melhor que eu consegui fazer.

— Estou cercada de inimigos, mas ainda tenho alguns amigos.

Ela abriu um sorriso largo.

— Quem sabe conseguimos igualar?

Envolvi o café com minhas mãos repletas de curativos. A xícara irradiava calor.

— Estou com medo.

— Isso prova que você não é tão burra quanto parece.

— Ora, muito obrigada.

— Disponha. — Ela ergueu a xícara, como em um cumprimento. — A Anita Blake, ressuscitadora, caçadora de vampiros e uma boa amiga. Tome cuidado.

Bati minha xícara contra a dela.

— Tome cuidado também. Ser minha amiga, no momento, pode não ser o melhor dos passatempos.

— Desde quando isso é novidade?

Infelizmente, ela tinha razão.

17

DEPOIS QUE Ronnie saiu, eu tinha duas opções: podia dormir de novo, o que não soava nada mau; ou podia começar a solucionar o caso que todos estavam tão ansiosos para que eu assumisse. Eu conseguia me virar com apenas quatro horas de sono por um tempo. Não conseguiria chegar nem perto disso caso Aubrey tivesse rasgado-me a garganta, então, acho que eu ia trabalhar.

É duro carregar uma arma em St. Louis durante o

verão. Com um coldre axilar, ou de cintura, o problema é o mesmo. Se você veste uma jaqueta por cima, para esconder a arma, você derrete no calor. Se guarda a arma na bolsa, você morre, porque nenhuma mulher consegue encontrar nada em sua bolsa em menos de doze minutos. É

uma regra.

Ninguém ainda havia tentado atirar em mim, o que

era um incentivo. Mas também já havia sido seqüestrada e quase assassinada. Tentei fazer o possível para que aquilo não voltasse a acontecer sem resistência. Eu era capaz de erguer quarenta e cinco quilos. Nada mau. Nada mau mesmo. Mas, quando o seu próprio peso é quarenta e oi-to, você fica em desvantagem. Eu apostaria em mim contra qualquer vilão humano do meu tamanho. O problema é que não havia lá tantos vilões do meu tamanho. E com vampiros... Bem, a não ser que eu fosse capaz de erguer um caminhão, seria sobrepujada. Portanto, uma arma.

Enfim, me defini por um visual menos que profis-

sional. Escolhi uma blusa comprida demais, que chegava à metade de minha coxa. Ela se estufava ao meu redor. A única coisa que a salvava era o desenho que ela trazia à frente: pingüins jogando vôlei

de praia. E ainda tinha pingüinzinhos fazendo castelos de areia de um lado. Eu gosto de pingüins. Eu a comprara para que servisse de pijama, e nunca planejei vesti-la onde fosse alvo de olhares. Contanto que a “polícia do estilo” não me visse, eu estava segura.

Vesti um cinto ao redor de meu short preto para

servir como um coldre interno de cintura. Era um da Uncle Mike’s Sidekick de que eu gostava muito, mas não servia para a Browning. Eu tinha outra arma que era mais confortável e mais fácil de ser escondida: uma Firestar —

uma pequena e compacta 9mm de sete tiros.

Meias brancas para cooper, com listas azuis de muito bom gosto, que combinavam com as salientes listas azuis de couro de meus Nike brancos, completavam o traje. Eu parecia e me sentia uma garotinha de dezesseis anos. Um dezesseis desajeitado, mas quando me olhei no espelho não havia qualquer coisa que denunciasse a presença da arma em minha cintura. A maneira como a blusa caiu sobre ela tornou-a invisível.

Da cintura para cima, meu corpo é esguio — petite, se preferir — , musculoso e bastante agradável aos olhos.

Infelizmente, ainda faltavam uns doze centímetros às minhas pernas para que fossem, algum dia, consideradas as pernas ideais dos Estados Unidos. Minhas coxas nunca serão magricelas, assim como as panturrilhas nunca deixarão de ter a musculatura definida. Meu traje enfatizava as pernas e escondiam todo o resto, mas eu iria carregar minha arma e não queria derreter naquele calor. A conciliação é uma arte imperfeita.

Meu crucifixo estava pendurado dentro da blusa,

mas ainda assim vesti um talismã, um pequeno bracelete em meu pulso esquerdo. Três pequenas cruzeiras pendiam da corrente prateada. Minhas cicatrizes também estavam à vista de todos, mas no verão eu tento fingir que elas não existem. Não consigo sequer me imaginar vestindo mangas compridas com a temperatura acima dos 38° e com 100% de umidade relativa do ar. Meus braços caíam. Na verdade, as cicatrizes não são a primeira coisa que a pessoa nota ao ver meus braços descobertos. De verdade.

A Ressuscitadores, Inc. tinha novas salas. Só está-

vamos ali há três meses. A sala à frente da nossa era o consultório de um psicólogo. Nada menos que cem por hora. No fim do corredor, um cirurgião plástico. Dois advogados, um conselheiro matrimonial e uma imobiliária.

Quatro anos antes, a sede de nossa empresa era em uma sala vaga em cima de uma garagem. O negócio era bom.

Grande parte dessa boa sorte deveria ser atribuída a Bert Vaughn, nosso patrão. Ele era um homem de negó-

cios, um showman, um criador de oportunidades lucrati-vas, um velhaco, e um trapaceiro que sempre conseguia manter-se dentro dos limites da lei. Nada ilegal na verdade, mas... Quase todo mundo prefere se considerar chapéu branco, boa gente. Pouca gente usa chapéu preto e gosta. A cor de Bert era cinza. As vezes eu penso que se alguém o ferisse, seu sangue sairia verde. Um verde de dinheiro recém-impresso.

Ele havia transformado o que era um talento inco-

mum, uma maldição vergonhosa ou uma experiência reli-giosa — ressuscitar mortos - em um negócio lucrativo.

Nós, ressuscitadores, tínhamos talento, mas Bert sabia fazer aquilo gerar dinheiro. Era difícil apresentar argumen-tos contrários, mas eu

iria tentar.

O papel de parede da recepção é de um verde bas-

tante claro, com pequenos desenhos orientais feitos em verde e marrom. O carpete é grosso, e de um verde bem suave. Claro demais para ser grama, apesar do esforço. Há plantas por toda parte.

Uma Ficus benjium cresce à direita da porta, esguia como um salgueiro com pequenas folhas verdes de couro.

Ela quase chega a se enroscar na cadeira que fica à frente de seu vaso. Uma outra arvorezinha cresce no canto oposto, alta e reta, com as folhas rígidas e pontiagudas das palmeiras - uma *Dracaena marginata*. Ou pelo menos é isso o que dizem as etiquetas coladas junto aos troncos longos e esguios. As duas arvorezinhas tocam o teto. Dú-

zias de plantas menores foram colocadas, em seus vasos, em cada um dos cantos vazios daquele verde suave de nossa sala.

Na opinião de Bert, o verde-pastel traz suavidade, e as plantas dão um toque aconchegante. Na minha, parece mais um casamento infeliz de uma casa mortuária com uma loja de plantas.

Mary, nossa secretária diurna, já passou dos cin-

qüenta. O quanto já passou só diz respeito a ela. Tem cabelos curtos, que não se agitam com o vento. Obra de um spray de cabelo. Mary não curte muito o visual natural. É

mãe de dois filhos crescidos e avó de quatro netos. Ela me oferecia seu melhor sorriso profissional enquanto eu entrava pela porta.

— Em que posso... Ah, Anita, achei que seu horá-

rio aqui hoje começasse só às cinco.

— E começa, mas preciso conversar com Bert e pegar algumas coisas que estão na minha sala.

Ela franziu a testa e olhou sua agenda. Nossa agenda-da.

— Bem, no momento, Jamison está em sua sala com uma cliente.

Há apenas três salas em nossa pequena empresa.

Uma pertence a Bert, e as outras duas variam entre todos os outros. A maior parte de nosso trabalho é feita em campo, ou melhor, em cemitérios, então, nunca acontece de todos precisarem das salas ao mesmo tempo. Funcionava como se dividíssemos o aluguel de uma casa de veraneio e cada um tivesse sua época específica para desfrutá-la.

— Essa cliente ainda vai demorar quanto tempo?

Mary olhou suas anotações.

— É uma mãe cujo filho está pensando em entrar para a Igreja da Vida Eterna.

— E Jamison está tentando convencê-lo a entrar ou a não entrar?

— Anita! — repreendeu-me Mary, mas era verdade.

A Igreja da Vida Eterna era a igreja dos vampiros.

A primeira igreja da história capaz de garantir ao fiel a vida eterna e, ainda por cima, com provas. Sem espera. Sem mistério. Simplesmente, a eternidade em uma travessa de prata. Muita gente

não acredita mais em suas almas imor-tais. Preocupar-se a respeito de Céu e Inferno não é muito popular, assim como também não o é o fato da pessoa ser completamente boa ou não. Por isso, a tal Igreja atraía seguidores a torto e a direito. Se você não acreditasse que aquilo fosse destruir-lhe a alma, o que tinha a perder? Luz do dia. Comida. Não era muito a se deixar para trás.

O que me perturbava era aquela parte da alma. Mi-

nha alma imortal não está à venda. Nem mesmo caso me ofereçam a eternidade. Sabe o porquê? Porque eu sabia que vampiros morrem. Eu havia provado. Ninguém parecia interessado em saber o que acontece com a alma de um vampiro quando ele morre. Seria possível ser um vampiro bonzinho e ir para o Céu? De alguma maneira, aquilo não funcionava muito bem comigo.

— Bert também está com algum cliente? Ela voltou a verificar a agenda.

— Não, está livre.

Mary olhou para cima e sorriu, como se estivesse

satisfeita por ter sido capaz de ajudar. E talvez estivesse mesmo.

É bem verdade que Bert escolhera a menor das três salas. As paredes são de um suave azul-pastel. O carpete, dois tons mais escuro. Bert acredita que isso traz paz aos clientes. Para mim, é como ficar dentro de um cubo de gelo azul.

Bert não combinava em nada com aquela sala pe-

quena e azul. Nada em Bert é pequeno. 1,93m de altura.

Ombros largos. Silhueta de atleta universitário, ficando um pouco flácido na área do meio. Seus cabelos brancos eram cortados bem

rente ao redor de suas orelhas pequenas. O bronzeado típico de um iatista provoca um grande contraste com seus olhos e cabelos bem claros. Seus olhos são de um cinza quase incolor, como um vidro sujo. É

preciso muito esforço para fazer brilharem olhos de um cinza sujo, mas lá estavam eles, brilhando. Bert olhava pa-ra mim com um sorriso praticamente radiante. Mau sinal.

— Anita, que surpresa agradável! Puxe uma cadeira.

— Ele me mostrou um envelope tamanho ofício. — Re-cebemos o cheque hoje.

— Cheque? — perguntei.

— Para investigar os assassinatos dos vampiros.

Já tinha até esquecido que, no meio daquilo tudo, haviam me prometido dinheiro. Parecia ridículo e até obsceno que Nikolaos tentasse consertar tudo usando dinheiro. Pela expressão de Bert, muito dinheiro.

— Quanto?

— Dez mil dólares.

Ele alongou cada uma daquelas três palavras, fazendo com que elas durassem mais ainda.

— Não é o bastante.

Ele riu.

— Anita... Ficando gananciosa já nessa idade tão avançada! Achei que isso fosse coisa minha.

— Não é o bastante pela vida de Catherine. Ou pela minha.

Aquele largo sorriso dele foi esmorecendo levemente. Seus olhos pareciam desconfiados, como se eu estivesse prestes a contar-lhe que o Coelho da Páscoa não existe. Eu quase conseguia escutá-lo imaginar se teria que devolver o cheque.

— De que está falando, Anita?

Contei a ele, com algumas alterações bem pequenas.

Sem Circo dos Amaldiçoados. Sem fogo azul. Sem primeira marca de vampiro.

Quando cheguei à parte em que Aubrey me arremessou contra a parede, ele disse:

— Está brincando!

— Quer ver as feridas?

Terminei a história e fiquei olhando para aquele

rosto quadrangular e solene. Suas mãos grandes, com aqueles dedos de pontas embotadas, estavam dobradas sobre a mesa. O cheque estava a seu lado, no topo de sua bem organizada pilha de pastas de folha de manilha. Seu rosto, atencioso. Preocupado. Empatia nunca funcionava muito bem no rosto de Bert. Eu sempre conseguia ver as engrenagens girando. Os ângulos sendo calculados.

— Não se preocupe, Bert. Pode descontar o cheque.

— Olhe, Anita, não era...

— Pode parar.

— Anita, de verdade, eu nunca a colocaria em perigo propositalmente.

Eu ri.

— Balela.

— Anita!

Ele parecia chocado. Seus pequenos olhos arregalaram-se. Uma das mãos tocava o peito. O “Senhor Sinceridade”.

— Não estou levando fé, portanto, guarde essa ba-

boseira toda para os clientes. Conheço você bem demais.

Ele então sorriu. Foi o único sorriso genuíno. Por favor, queira o verdadeiro Bert Vaughn se apresentar.

Seus olhos luziam, mas não com vivacidade. Mais com prazer. Há algo de calculista — chegava a ser obsceno de tão perceptível — em relação ao sorriso de Bert. Como se ele soubesse da atitude mais pecaminosa de sua vida e, com muita satisfação, ficasse de bico calado... por um pre-

ço.

Aquilo me deixava com um pouco de medo, o fato

dele saber que não era uma pessoa decente, e não dar a mínima importância. Aquilo ia contra tudo o que os Estados Unidos consideraram importante. Nós aprendemos que, acima de tudo, devemos ser cordiais. Os outros devem gostar de nós. Temos que

ser populares. Uma pessoa que tenha deixado tudo isso de lado é um revolucionário e um ser humano potencialmente perigoso.

— O que a Ressuscitadores, Inc. pode fazer para ajudar?

— Já pedi que Ronnie me ajudasse com algumas coisas. Acredito que, quanto menos gente envolvida nisso, menor será a quantidade de pessoas em perigo.

— Você sempre foi humanitária.

— Bem diferente de certas pessoas de quem me lembro.

— Eu não fazia idéia do que eles queriam.

— Não, mas já sabia a minha opinião a respeito de vampiros. Ele abriu um sorriso que dizia: "Conheço seus segredos.

Conheço seus sonhos mais sombrios." Aquele era Bert, um chantagista em formação.

Retribuí o sorriso, amistosamente.

— Se algum dia você voltar a me enviar um cliente vampiro, sem antes verificar comigo se eu aceito, eu me demito.

— E vai para onde?

— Levo minha lista de clientes comigo, Bert. Quem é que fala nas entrevistas para as rádios? A quem as maté-

rias dão maior atenção? Você se esforçou para que fosse comigo, Bert. Você me considerou a mais apta a ser vendida entre todos os outros. A que apresentava a aparência mais inofensiva, a que trazia mais interesse, como um fi-lhotinho no canil. Quando as pessoas ligam para a Ressuscitadores, Inc., quem é que elas solicitam?

Seu sorriso desaparecera. Os olhos eram como o gelo do inverno.

— Nunca conseguiria sem mim.

— A verdadeira questão é se você conseguiria sem mim.

— Eu conseguiria.

— Eu também.

Nos entreolhamos por um longo intervalo de tem-

po. Nenhum dos dois estava disposto a desviar o olhar, a piscar primeiro. Bert começou a sorrir, ainda olhando dentro de meus olhos. A ponta de um sorriso começou a surgir em minha boca. Rimos juntos e ficou nisso.

— Tudo bem, Anita, não lhe mando mais vampiros. Levantei-me.

— Obrigada.

— Você se demitiria de verdade?

O rosto dele era todo uma sinceridade às risadas.

Uma máscara agradável e de bom gosto.

— Não acredito em ameaças inúteis, Bert. Você já sabe disso.

— E verdade — disse ele. — Sei mesmo. Estou sendo sincero quando digo que não sabia que o serviço colocaria a sua vida em risco.

— Teria feito diferença?

Ele refletiu por um instante, e depois soltou uma risada.

— Não, mas eu teria cobrado um preço maior.

— Continue a fazer-nos lucrar, Bert. É nisso que você é bom.

— Amém.

Deixei-o para que ele pudesse mostrar seu amor pe-lo cheque com privacidade. Quem sabe, rir, enquanto olhava para ele. Era dinheiro de sangue, sem a menor intenção do trocadilho. De alguma maneira, acho que aquilo não deixava Bert incomodado. Era eu quem me sentia incomodada.

18

A PORTA DA OUTRA SALA abriu-se. Saiu por

ela uma loira alta entre os quarenta e os cinqüenta. A calça dourada, feita sob medida, circundava uma cintura elegante. Uma blusa sem mangas, da cor de uma casca de ovo, exibia braços bronzeados, um relógio Rolex de ouro e uma aliança de casamento incrustada de diamantes. A pedra daquele anel devia pesar meio quilo. Aposto que ela não deve nem ter piscado quando Jamison lhe disse o quanto cobramos.

O rapaz que a seguia também era elegante e loiro.

Ele parecia ter cerca de quinze anos, mas eu sabia que deveria ter pelo menos dezoito. Do ponto de vista legal, só tendo idade para entrar para a Igreja da Vida Eterna. Ele ainda não podia beber, do ponto de vista jurídico, mas já podia escolher morrer e viver para sempre. Engraçado como isso não fazia muito sentido para mim.

Jamison seguiu atrás, sorrindo, solícito. Ele falava mansamente com o rapaz enquanto levava os dois em di-reção à porta.

Tirei um cartão de visita da bolsa e entreguei-o à-

quela mulher. Ela olhou para o cartão e depois para mim, inspecionando-me atentamente de cima a baixo. Ela não pareceu impressionada. Talvez fosse a minha blusa.

— Pois não? — disse ela.

Que fineza... Precisa-se de um bocado de prepotência para fazer uma pessoa sentir-se péssima com apenas duas palavras. É claro que aquilo não me deixou chateada.

Não, a grande deusa dourada não fez com que eu me sentisse pequena e insignificante. Ótimo.

— O telefone que está no cartão é de um especialista em cultos de vampirismo. Ele é bom.

— Não quero que façam lavagem cerebral no meu filho. Esforcei-me para abrir um sorriso. Raymond Fields era o meu especialista em cultos de vampirismo e não fazia lavagem cerebral nenhuma. Ele falava a verdade, independentemente do quanto ela fosse desagradável.

— O sr. Fields lhes mostrará o que pode haver de pior no vampirismo — esclareci.

— Creio que o sr. Clarke já tenha nos dado todas as informações de que precisamos.

Ergui meu braço até perto do rosto dela.

— Não fui presenteada com estas cicatrizes brincando de jogar futebol. Por favor, leve o cartão. Você po-de ligar para ele, ou não. Você é quem decide.

Ela tinha uma certa palidez sob aquela maquiagem perfeita. Seus olhos arregalaram-se um pouco ao olhar meu braço.

— Vampiros fizeram isso?

A voz dela era baixa e sussurrante. Quase humana.

— Fizeram — respondi.

Jamison pegou-a pelo cotovelo.

— Sra. Franks, percebo que já conheceu a caçadora de vampiros da casa.

Ela olhou para ele e depois tornou a olhar para mim. Sua expressão cuidadosa começava a desaparecer.

Ela lambeu os lábios e se voltou para mim.

— É mesmo?

Ela estava se recuperando rapidamente. A sensação de superioridade em sua voz voltara.

Dei de ombros. O que eu poderia dizer? Pressionei o cartão naquela mão de unhas muito bem-feitas, e Jamison, com muito tato, tirou dela e guardou no próprio bolso. Mas foi ela que permitiu. O que eu poderia fazer? Na-da. Eu tentei. Ponto final. Fim. Mas fiquei olhando para o filho dela. Seu rosto era incrivelmente jovem.

Lembrei-me da época em que a pessoa que tinha

dezoito anos era adulta. Eu achava que sabia de tudo. Já tinha cerca de vinte e um quando percebi que não sabia nada sobre nada. Continuava sem saber de nada, mas me esforçava bastante. Às vezes, isso é o melhor que se pode fazer. Talvez o melhor que qualquer um possa fazer. Nossa, como fico descrente da humanidade pela manhã!

Jamison conduziu os dois em direção à porta. Consegui escutar algumas frases.

— Ela estava tentando matá-los. Eles simplesmente se defenderam.

É, essa era eu, a mercenária dos mortos-vivos. O

tormento do cemitério. É isso aí. Deixei Jamison para lá com suas meias-verdades e entrei na sala. Não tinha deixado de precisar dos arquivos. A vida continua, pelo menos para mim. Não conseguia deixar de lembrar-me do rosto daquele garoto, de olhos arregalados. Seu rosto era todo de um bronzeado dourado, com a suavidade do rosto de um bebê. Será que a pessoa não deveria, ao menos, ter que se barbear antes de poder se matar?

Chacoalhei a cabeça como se assim fosse capaz de

fazer aquele rosto desaparecer de minha mente. Quase deu certo. Eu estava ajoelhada, com os arquivos nas mãos, quando Jamison entrou na sala. Ele fechou a porta assim que entrou. Bem que eu imaginara que ele o fosse fazer.

Sua pele era da cor do mel escuro. Seus olhos, de um verde bem claro. Cachos compridos e bastante enca-racolados emolduravam-lhe o rosto. A cor de seus cabelos era quase um castanho-avermelhado. Jamison foi o primeiro negro de olhos verdes e cabelo vermelho que eu conhecera em toda a minha existência. Ele era elegante e magro. Não tinha aquela magreza que se consegue com exercícios, mas com uma carga genética de sorte. O que Jamison considerava exercício era erguer doses de bebida em uma boa festa.

— Nunca mais repita isso — disse ele.

— O quê?

Levantei-me com os arquivos abraçados junto a meu peito.

Ele balançou a cabeça e quase abriu um sorriso,

mas foi um sorriso furioso, um rápido mostrar de dentes brancos e pequenos.

— Não banque a espertinha.

— Lamento — respondi.

— Que balela! Não lamenta coisa nenhuma!

— Por tentar dar à mulher o cartão de Fields, não.

Não lamento mesmo. E faria de novo.

— Não gosto que me desmereçam na frente de meus clientes. Dei de ombros, mostrando indiferença.

— Estou falando sério, Anita. Nunca mais repita is-so.

Minha vontade foi perguntar-lhe qual providência tomaria se eu o fizesse, mas desisti.

— Você não tem competência para aconselhar ninguém quanto a se a pessoa deve, ou não, tornar-se uma morta-viva.

— Bert considera que tenho.

— Bert aceitaria dinheiro até para socar o Papa se ele achasse que conseguiria fazê-lo e sair ileso.

Jamison sorriu, e depois transformou o sorriso em cara feia. Depois, não conseguiu se segurar, e sorriu de novo.

— Até que você sabe usar bem as palavras.

— Obrigada.

— Não me desmereça quando eu estiver com clientes, está bem?

— Prometo nunca interferir quando o assunto for acerca de ressuscitar mortos.

— Não é o bastante — reclamou.

— É o máximo que irá conseguir. Você não tem competência para aconselhar os outros. É errado.

— A pequenina senhorita perfeita! Você cobra para matar pessoas. Não é nada além de uma mercenária amaldiçoada.

Respirei fundo e soltei o ar. Não iria brigar com ele hoje.

— Eu executo criminosos com toda a bênção da lei.

— É, mas você gosta. Você vibra quando soca uma estaca. Não consegue passar sequer uma semana de merda que seja sem se banhar com o sangue de alguém.

Fiquei apenas olhando para ele.

— Acredita mesmo nisso? — perguntei.

Ele não queria olhar para mim, mas, enfim, disse:

— Não sei.

— Coitadinhos dos vampiros! Pobres criaturinhas

que ninguém entende! Não é isso? Esse que me fez estas cicatrizes chacinou vinte e três pessoas antes que os tribunais permitissem que eu fosse atrás dele. — Puxei a gola da blusa para baixo para exibir a cicatriz da clavícula. —

Este vampiro aqui havia assassinado dez pessoas. Ele se especializara em garotinhos. Costumava dizer que a carne deles era a mais tenra. Esse não está morto, Jamison. Conseguiu fugir. Mas ele me encontrou ontem à noite e amea-

çou me matar.

— Você não os entende.

— Não! — Enterrei o dedo no peito dele. — É você que não os entende!

Ele me olhou furioso, com as narinas bem abertas.

Sua respiração saía ofegante e quente. Eu recuei. Não devia ter encostado nele. Era contra as regras. Nunca se de-ve tocar a outra pessoa no meio de uma discussão, a não ser que você queira briga.

— Desculpe-me, Jamison.

Não sei se ele entendeu a razão do meu pedido de desculpas, pois não disse uma palavra.

Quando passei por ele, perguntou-me:

— Por que está levando os arquivos?

Hesitei, mas ele conhecia aqueles arquivos tanto quanto eu. Saberia quais eu havia levado.

— Os assassinatos dos vampiros.

Cada um virou na direção do outro ao mesmo tempo. Entreolhamo-nos.

— Você aceitou o dinheiro? — questionou ele. Aquilo me deteve.

— Você sabia? Ele confirmou.

— Bert tentou fazer com que contratassem a mim em vez de você. Eles não quiseram aceitar.

— Mesmo depois de todo o trabalho de relações públicas que você fez para eles.

— Avisei Bert de que você não aceitaria trabalhar para vampiros.

Seus olhos levemente inclinados para cima estudavam meu rosto. Procurando. Tentando espremer para sair alguma verdade. Ignorei-o. Meu rosto era de uma inexpressividade agradável.

— Dinheiro convence, Jamison, até mesmo a mim.

— Você não liga a mínima para dinheiro.

— Uma visão limitada demais de mim, não? — perguntei.

— Sempre achei que sim. Você não está nisso pelo dinheiro. — Uma afirmação. — O que a fez topar?

Não queria a participação de Jamison em tudo aquilo. Para ele, vampiros eram pessoas com presas. E eles tinham muito cuidado em mantê-lo às margens belas e limpas. Ele nunca sujava as mãos, então, era capaz de fingir, ignorar ou até mesmo mentir para si

próprio. Eu sujava as minhas até freqüentemente demais. Mentir para si mesmo era uma boa maneira de morrer.

— Escute, Jamison, nós discordamos em relação

aos vampiros mas qualquer coisa que seja capaz de assassinar vampiros pode transformar seres humanos em carne moída. Quero pegar esse maníaco antes que ele, ela ou essa coisa faça justamente isso.

Não era uma mentira ruim. Era até plausível. Ele

pisçou para mim. Acreditar em mim ou não dependeria do quanto ele precisasse. Do quanto ele precisasse que seu mundo permanecesse seguro e limpo. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. Uma vez. Bem devagar.

— Você se acha capaz de pegar uma coisa que os vampiros-mestres não conseguem?

— Parece que são eles mesmos que me consideram

capaz. Abri a porta, e ele me seguiu enquanto eu saía. Talvez ele ainda fosse perguntar mais, talvez não, mas uma voz interrompeu.

— Anita, está pronta para irmos?

Nós dois nos viramos, e eu devo ter feito uma ex-

pressão tão confusa quanto a de Jamison. Não tinha marcado de me encontrar com ninguém.

Um homem estava sentado em uma das cadeiras da

recepção, meio perdido entre as plantas daquela selva. A princípio, eu não reconhecera quem ele era. Cabelos castanhos espessos, curtos, puxados para trás, e exibindo um rosto muito bonito. Óculos

de sol pretos escondiam-lhe os olhos. Ele virou a cabeça e estragou a ilusão do cabelo curto. Um volumoso rabo-de-cavalo encaracolava-se sobre sua gola. Vestia uma jaqueta zuar-te, com a gola levantada. Uma camiseta vermelho-sangue intensificava o contraste de seu bronzeado. Ele se pôs de pé devagar, sorriu e tirou os óculos.

Era Phillip, o das várias cicatrizes. Eu não o reconhecera, tão vestido. Na lateral de seu pescoço, um curativo, quase todo escondido pela gola da jaqueta.

— Precisamos conversar — disse ele.

Fechei a boca e tentei parecer razoavelmente inteligente.

— Phillip, não esperava reencontrá-lo após tão pouco tempo.

Jamison revezava seus olhares entre mim e Phillip.

Testa franzida. Suspeitando. Mary estava sentada, descansando o queixo sobre as mãos, curtindo o espetáculo.

Aquele silêncio era por demais constrangedor. Phillip estendeu a mão para cumprimentar Jamison. Eu murmurei:

— Jamison Clarke, este é Phillip... meu amigo.

Assim que falei, quis retirar o que havia dito. As pessoas usam a palavra "amigo" para apresentarem namorados. É muito melhor que "a outra metade da minha laranja".

Jamison abriu um sorriso largo.

— Então, você é o... amigo da Anita. — Ele pro-

nunciou "amigo" bem devagar, enrolando a língua ao falar.

Mary fez um gesto de aprovação com uma das mãos. Phillip percebeu e exibiu para ela um sorriso deslumbrante, que derreteria a libido de qualquer mulher. Ela enrubesceu.

— Bem, agora temos que ir. Acompanhe-me, Phillip.

Peguei o braço dele e comecei a puxá-lo na direção da porta.

— Foi um prazer conhecê-lo, Phillip — disse Jami-

son. — Não me esquecerei de falar de você para todo o resto do pessoal que trabalha aqui. Tenho certeza de que eles adorariam conhecê-lo qualquer dia desses.

Jamison estava se divertindo bastante.

— Estamos muito ocupados no momento, Jamison. Quem sabe uma outra hora? - disse eu.

— Claro, claro — disse ele.

Jamison nos acompanhou até a porta e segurou-a

para nós. Ele olhava para nós e sorria enquanto caminhá-

vamos pelo corredor, de braços dados. Que porcaria! Eu tinha que deixar aquele vermezinho sorridente acreditar que eu tinha um namorado. Meu bom Deus... E ele ainda ia contar para todo mundo. Phillip, com o braço, envolveu-me a cintura, e eu resisti a uma necessidade imensa de afastá-lo de mim. Estávamos fingindo, tudo bem, tudo bem. Senti que ele hesitou quando roçou a mão na arma que estava em minha cintura.

Passamos por uma das agentes imobiliárias no sa-

guão. Ela me cumprimentou, mas sem tirar os olhos de Phillip. Ele olhou para ela e sorriu. Depois que passamos, enquanto esperávamos o elevador, dei uma olhadela rápida na direção dela. Como seria óbvio, ela estava olhando as costas de Phillip conforme nos afastávamos.

Devo admitir que as costas dele eram bonitas. Ela percebeu que eu a via e, rapidamente, virou o rosto.

— Defendendo minha honra? — perguntou Phillip.

Afastei-me dele com um empurrão e dei um soco no botão do elevador.

— O que veio fazer aqui?

— Jean-Claude não voltou ontem à noite. Sabe por quê?

— Não o matei, se é o que está insinuando.

As portas se abriram. Phillip apoiou-se sobre elas com seu corpo e um braço para que permanecessem abertas. O sorriso que ele abriu, olhando para mim, era repleto de potencial. Um pouco de malignidade. Muito de sexo.

Será que eu queria mesmo ficar sozinha' dentro do elevador com ele? Provavelmente não, mas eu estava armada.

Ele, até onde eu era capaz de julgar, não estava.

Passei por baixo do braço dele sem ter que abaixar a cabeça. As portas se fecharam depois que entramos. Estávamos sozinhos. Ele se recostou em um dos cantos, com os braços cruzados sobre o

tórax, olhando fixamente para mim por detrás daquelas lentes negras.

— Você sempre faz isso? — perguntei. Um leve sorriso.

— Faço o quê?

— Pose.

Ele enrijeceu o corpo só um pouco, para depois voltar a relaxar, apoiado contra a parede.

— Talento natural. Balancei a cabeça.

— Anh-hã — fiz, e fiquei olhando para os números dos andares, que piscavam.

— Está tudo bem com Jean-Claude?

Olhei ligeiramente para ele, sem saber o que dizer.

O elevador parou. Nós saímos.

— Você não me respondeu — disse ele, com suavidade.

Suspirei. A história era comprida demais.

— Já é quase meio-dia. Vamos almoçar, e eu lhe conto o que sei.

Ele abriu um sorriso largo.

— Tentando me conquistar, srta. Blake? Sorri antes que conseguisse me conter.

— Bem que você queria...

— Talvez — disse.

— Você curte flertar assim, não é?

— A maioria das mulheres gosta.

— Eu gostaria mais se não achasse que você flertaria até com a minha avó de noventa anos da mesma forma que está fazendo comigo no momento.

Ele riu em meio a uma tosse.

— Sua opinião a meu respeito não é das melhores, não?

— Sou uma pessoa que julga demais os outros. É um de meus defeitos.

Ele riu de novo, um som bonito.

— Talvez eu possa escutá-la desabafar sobre seus outros defeitos depois que me contar o paradeiro de Jean-Claude.

— Nem pensar.

— Por que não?

Parei bem em frente às portas de vidro que levavam para a rua.

— Porque vi você ontem à noite. Sei o que é e co-

mo se diverte.

Ele esticou o braço e acariciou meu ombro.

— Eu me divirto de várias maneiras diferentes... Fiz cara feia para a mão dele, e ele a tirou.

— Pode parar, Phillip. Não estou acreditando.

— Talvez, até terminarmos de almoçar, você acre-

dite. Suspirei. Já havia esbarrado com homens do tipo de Phillip em minha vida. Homens bonitos, acostumados a ver as mulheres babarem por eles. Ele não estava tentando me seduzir, só queria que eu admitisse que o achava atraente. Se eu não admitisse, ele não pararia de me importunar.

— Desisto! Você ganhou.

— Ganhei o quê? — perguntou.

— Você é maravilhoso! É lindo de morrer! É um

dos homens mais bonitos que eu já vi. Desde as solas de suas botas, passando pelo seu jeans apertadíssimo, pela elegância definida de seu abdome, até o contorno esculpido de seu maxilar. Você é lindo. Agora, será que dá para irmos almoçar e parar com toda essa babaquice?

Ele abaixou os óculos de sol o bastante para que

pudesse enxergar por cima deles. Ficou me olhando daquela maneira por alguns minutos, e então voltou-os ao seu local original.

— Pode escolher o restaurante — disse ele sinceramente, sem provocações.

Procurei pensar se o havia ofendido. Procurei pensar se eu me importava.

19

O CALOR LÁ FORA estava forte. Um muro de calor úmido que aderira à pele como filme plástico.

— Vai derreter se sair lá fora vestido com essa jaqueta — avisei.

— Quase todo mundo mostra aversão às cicatrizes.

Desdobrei os braços que envolviam os arquivos e

estiquei o braço esquerdo. A cicatriz brilhou à luz do sol, mais cintilante que o resto da pele.

— Se você não contar, eu não conto.

Ele deslizou os óculos de sol para baixo, e ficou me olhando. Eu não conseguia decifrar aquela expressão. Só sabia que alguma coisa acontecia por trás daqueles grandes olhos castanhos. A voz dele saiu serena.

— É a sua única cicatriz de mordida?

— Não — respondi.

Suas mãos se fecharam em punho, e ele fez vários

movimentos bruscos com o pescoço, como se tivesse recebido uma descarga de eletricidade. Uma tremedeira subiu-lhe os braços, irradiou-se por seus ombros e percorreu-lhe toda a coluna. Ele girava o pescoço como se fosse livrar-se daquilo daquela maneira. Phillip voltou a colocar as lentes negras no lugar apropriado. Seus olhos no ano-nimato. Ele tirou a jaqueta. As pálidas cicatrizes nas articulações de seus braços contrastavam com seu bronzeado.

Era possível ver só um pouco da cicatriz de sua clavícula, que aparecia nos trechos onde a camiseta não a escondia.

Ele tinha um pescoço bonito. Era bem grosso, mas não era musculoso, e ali sua pele era toda lisa e bronzeada.

Contei quatro pares de mordidas naquela pele sem falhas.

Apenas do lado direito. O esquerdo estava oculto pelo curativo.

— Posso voltar a vestir a jaqueta — disse ele. Eu havia olhado para ele por tempo demais.

— Não, é só que...

— O quê?

— Não é da minha conta.

— Pergunte assim mesmo.

— Por que faz o que faz?

Ele abriu um sorriso, mas foi um sorriso meio envi-esado, de desagrado.

— Essa pergunta é particular demais.

— Mas você disse que perguntasse assim mesmo.

— Olhei de relance para o outro lado da rua. — Normalmente eu como no restaurante da Mabel, mas pode ser que alguém nos veja.

— Está com vergonha de mim?

Senti certa aspereza na voz dele, como uma lixa.

Seus olhos estavam ocultos, mas os músculos de seu maxilar estavam enrijecidos.

— Não é isso — esclareci. — Foi você que veio até o meu escritório fingindo ser meu “amigo”. Se formos a algum lugar em que me conheçam, teremos que continuar com o fingimento.

— Há mulheres que até me pagariam para acompanhá-las.

— Sei disso. Vi algumas delas na boate ontem à noite.

— É verdade, mas o fato ainda é que você tem vergonha de ser vista em minha companhia. Por causa disso...

Ele levou a mão ao pescoço, conjeturalmente, frágil como um pássaro.

Fiquei com a nítida impressão de ter magoado o rapaz. Aquilo não me incomodava. De verdade. Mas eu sabia como era ser diferente. Sabia como era provocar vergonha em outras pessoas que deveriam ter mais consciência. Mas eu tinha consciência. Não foi devido à mágoa de Phillip, mas sim, a um princípio pessoal.

— Vamos, então.

— Aonde?

— Para o restaurante da Mabel.

— Obrigado — agradeceu ele, e me recompensou

com um daqueles sorrisos brilhantes. Se eu fosse menos profissional, aquilo poderia ter me derretido para dentro de minhas

meias. Ali havia um leve toque maligno. Bastante sexo, mas, sob a superfície, um menininho olhando para tudo o que acontecia. Um menininho repleto de dú-

vidas. Era isso. Essa era a atração. Nada mais interessante que um homem lindo, que também fosse inseguro em re-lação a si próprio.

E interessante não apenas para a mulher em todas

nós, como também para a mãe. Uma combinação perigo-sa. Por sorte, eu era imune. Claro. Além disso, eu havia visto o que Phillip entendia como sexo. Com toda a certeza, ele não fazia o meu tipo.

O restaurante da Mabel é uma lanchonete, mas a

comida é maravilhosa e o preço, razoável. Durante a semana, fica cheio até a boca de engravatados, moçoilas em suas saíngas sociais, maletinhas finas e pastas de folha de manilha. Aos sábados, ficava praticamente abandonado.

Beatrice olhou para mim e sorriu por detrás da comida, que exalava vapor. Ela era alta e rechonchuda. Seus cabelos, castanhos, e seu rosto, cansado. O uniforme corde-rosa não caía-lhe muito bem entre os ombros, e a rede nos cabelos fazia seu rosto parecer alongado demais. Mas ela sempre sorria para mim, e nós sempre nos falávamos.

— Oi, Beatrice. — E sem esperar que ela perguntasse... — Este é Phillip.

— Oi, Phillip — saudou-o.

Cada centímetro do sorriso que ele abriu para ela foi tão deslumbrante quanto o que abria para a agente imobiliária. Ela enrubesceu, desviou o olhar e soltou risi-nhos. Não sabia que

Beatrice conseguia fazer aquilo. Será que ela percebeu as cicatrizes? Será que isso importava para ela?

Estava quente demais para comer bolo de carne,

mas pedi mesmo assim. Ele sempre vinha bem suculento, e o sabor do molho de tomate sempre tinha a medida certa daquele sabor pungente. Até comi sobremesa, o que é muito raro. Estava morrendo de fome. Conseguimos pagar e encontrar uma mesa sem que Phillip flertasse com mais ninguém. Uma grande conquista.

— O que aconteceu com Jean-Claude? — perguntou ele.

— Dê-me mais um minuto.

Orei, agradecendo pela comida. Quando levantei o

olhar, vi que ele não tirava os olhos de mim. Nós come-mos e eu contei-lhe uma versão editada da noite anterior.

Falei mais a respeito de Jean-Claude, de Nikolaos e do castigo.

Quando terminei, ele já havia parado de comer. Ele olhava, por sobre minha cabeça, para alguma coisa que eu não era capaz de identificar.

— Phillip? — chamei-lhe a atenção.

Ele balançou a cabeça e olhou para mim.

— Ela pode até matá-lo.

— Tive a impressão de que ela queria apenas casti-gá-lo. Você sabe qual seria esse castigo?

Ele confirmou, e disse, com aquela voz serena:

— Ela os aprisiona em caixões e usa cruzeiros para

que eles não saiam. Aubrey desapareceu durante três meses. Quando voltei a vê-lo, já estava como se encontra agora. Louco.

Senti um calafrio. Será que Jean-Claude iria enlouquecer? Peguei meu garfo e me encontrei na metade de uma fatia de torta de amoras pretas. Eu detesto amoras pretas. Droga! Quando, enfim, vou comer uma torta, peço o sabor errado. O que estava havendo comigo? O gosto ainda estava quente e grosso em minha boca. Tomei uma volumosa golada de Coca para empurrar, mas não adiantou muito.

— O que vai fazer? — perguntou ele.

Empurrei para longe aquela torta pela metade e abri uma das pastas. A primeira vítima, um Maurice sem sobrenome, havia morado com uma mulher chamada Re-

becca Miles. Moraram juntos durante cinco anos. "Moraram juntos" era melhor que "juntados com fé".

— Vou conversar com amigos e parceiros dos vampiros mortos.

— Talvez eu conheça os nomes.

Olhei para ele, discutindo comigo mesma. Não

queria dividir minhas informações com ele, porque sabia que o bom e velho Phillip era os olhos e os ouvidos dos mortos-vivos durante o dia. De qualquer maneira, quando conversei com Rebecca Miles na companhia da polícia, ela não nos disse nada. Eu não tinha tempo para perder com besteiras. Precisava de informações, e rápido. Nikolaos queria resultados. E o que Nikolaos queria era muito bom que Nikolaos conseguisse.

— Rebecca Miles — revelei.

— Conheço. Ela era... propriedade... de Maurice.

— Ele usou um tom de arrependimento quando disse

“propriedade”, mas não retirou a palavra. E eu fiquei tentando imaginar o que ele queria dizer com aquilo. — Aonde vamos primeiro? — perguntou ele.

— A lugar nenhum. Não quero um civil me acompanhando enquanto trabalho.

— Talvez eu possa ajudar.

— Sem intenção de ofender... Você parece forte, e talvez até seja rápido, mas isso não basta. Sabe lutar? Você porta uma arma?

— Não tenho arma, mas me viro bem.

Eu duvidava daquilo. A maioria das pessoas não re-age bem em meio à violência. Elas congelam. Durante os primeiros segundos, o corpo hesita e a mente não compreende. Esses poucos segundos podem levar você dessa para melhor. A única maneira de acabar com essa hesita-

ção é a prática. A violência deve tornar-se parte da maneira com que você pensa. Ela faz com que você seja cauteloso, desconfiado demais, e faz crescer a sua expectativa de vida. Phillip já conhecia a violência, mas apenas como vítima. Eu não precisava de uma vítima profissional me acompanhando. O problema é que eu precisava de informações de certas pessoas que não iriam querer conversar comigo. Com Phillip, talvez elas falassem.

Eu não esperava entrar em um tiroteio pesado em

plena luz do dia. Também não esperava, de verdade, que alguém fosse me atacar. Pelo menos não hoje. Já me en-ganei antes, mas... Se Phillip fosse capaz de me ajudar, eu não via mal algum. Contanto que ele não abrisse aquele sorriso na hora errada e fosse molestado por freiras, estaríamos seguros.

— Se alguém me ameaçar, você pode ficar de fora

do assunto e me deixar fazer o meu trabalho, ou vai entrar rasgando para tentar me salvar? - perguntei.

— Ora... — disse ele, para depois olhar para baixo, para seu drinque, durante alguns instantes. — Não sei.

Ponto para ele. Muita gente teria mentido.

— Então, prefiro que não me acompanhe.

— Como pretende convencer Rebecca de que tra-

balha para a vampira-mestra da cidade? A Executora?

Trabalhando para vampiros?

Aquilo soava ridículo até mesmo para mim.

— Não sei.

Ele sorriu.

— Então, está resolvido. Vou junto para ajudar a

acalmar as águas.

— Não concordei com isso.

— Mas também não discordou.

Ele tinha certa razão. Dei um gole em minha Coca

e olhei para aquele rosto presunçoso dele durante, talvez, um minuto. Ele ficou mudo, apenas retribuindo o meu olhar. Seu rosto estava neutro. Não havia desafio algum nele. Não havia choque de egos, como havia com Bert.

— Vamos embora — resolvi.

Nós nos levantamos, eu deixei uma gorjeta, e partimos em busca de pistas.

20

REBECCA MILES morava em Dogtown, South

City. Todas as ruas tinham nome de estados: Texas, Mis-sissippi, Indiana... Não havia como enxergar fora do edifí-

cio. A maioria das janelas estava coberta por placas de madeira. A grama estava da altura do olho de um elefante, mas não chegava à metade de sua beleza. Mais um quarteirão à frente, ficavam caríssimos spas, repletos àeyuppies e políticos. Não havia yuppies no quarteirão de Rebecca.

O apartamento dela ficava em um corredor com-

prido e estreito. Não havia refrigeração de ar no saguão, e o calor parecia um casaco de pele à altura do peito, grosso e quente. Uma lâmpada bem fraca luzia sobre o carpete puído. Em certos pontos, as paredes de um verde bem fraco foram remendadas com uma argamassa branca, mas estavam limpas. O cheiro de desinfetante com aroma de pinho era denso e quase chegava a provocar náuseas naquele saguão pequeno e escuro. Era bem provável que até desse para usar aquele carpete como prato, se a pessoa quisesse, mas sobrariam alguns fiapos em sua boca. Nem sequer uma grande quantidade de desinfetante eliminaria os fiapos do carpete.

Como havíamos combinado no carro, Phillip bate-

ria à porta. Combinamos assim para que ele acalmasse qualquer desconfiança que ela pudesse ter em relação à Executora adentrar sua humilde morada. Levamos quinze minutos batendo à porta, e esperando, até conseguirmos escutar alguém andando dentro do apartamento.

A porta abriu-se ao máximo que a correntinha

permitia. Não consegui ver quem atendeu. Uma voz feminina, grave, típica de quem está com sono.

— Phillip, o que está fazendo aqui?

— Posso passar alguns minutos com você? — per-

guntou ele. Eu não conseguia ver seu rosto, mas apostaria tudo o que tenho que ele estava abrindo um de seus já mal-afamados sorrisos.

— Claro. Desculpe-me, é que eu estava dormindo.

A porta se fechou, e fez-se possível ouvir que ela mexia na corrente. A porta abriu-se novamente, e agora, por completo. Eu ainda não conseguia ver pelos lados do corpo de Phillip, então, imagino que Rebecca também não tenha me visto.

Phillip entrou, e eu entrei atrás dele, antes que a porta se fechasse. O apartamento parecia um forno, e me fazia arquejar, tamanho era o calor. A escuridão deveria torná-lo um pouco mais ameno, mas, pelo contrário, tornava-o claustrofóbico. O suor escorria pelo meu rosto.

Rebecca Miles permaneceu junto à porta. Ela era

magra, e seus cabelos negros sem vida caíam, bem lisos, até seus ombros. A pele de seu rosto era bem colada aos ossos altos de suas bochechas. O roupão branco que ela vestia praticamente fazia com que desaparecesse. “Delicada” era a palavra que a descrevia melhor. Frágil. Ela olhava para mim com os olhos escuros e pequenos, e piscava.

Dentro do apartamento estava escuro. Cortinas grossas não deixavam a luz entrar. Ela só havia me visto uma vez, logo após a morte de Maurice.

— Trouxe uma amiga? — perguntou ela, fechando

a porta, e deixando quase tudo escuro.

— Trouxe — disse Phillip. — Esta é Anita Blake...

A voz dela saiu baixa e abafada.

— A Executora?

— É, mas...

Ela abriu a boca pequena, soltou um grito estridente, e atirou-se em cima de mim, desferindo tapas e unhas. Forcei os pés no chão e cobri o rosto com meus antebraços. Ela brigava como uma garotinha, desferindo tapas com as mãos abertas, arranhando e agitando os braços a esmo. Segurei-lhe o pulso e usei a própria força que ela aplicava para livrar-me dela. Ela tropeçou e caiu de joelhos, com uma pequena ajuda. Eu já a segurava em uma chave de braço. Esse golpe força o cotovelo. Machuca. E

com mais uma pressõezinha o braço quebra. Nem todo o mundo briga tão bem com o braço quebrado à altura do cotovelo.

Eu não queria quebrar-lhe o braço. Eu não queria

machucá-la de forma alguma. Ela havia feito dois arranhões, que agora sangravam, em meu braço. Imagino que dei sorte por ela não ter uma arma.

Ela tentava se mexer, e eu pressionava-lhe mais e mais o braço. Senti que ela tremia. Sua respiração estava ofegante demais.

— Você não pode matá-lo! Não pode! Por favor,
por favor, não.

Ela começou a chorar, e seus ombros magros tre-

miam dentro daquele roupão folgado demais. Continuei a segurá-lo o braço, fazendo com que ela sentisse dor.

Soltei, vagorosamente, e recuei até ficar fora de seu alcance. Minha esperança era que ela não voltasse a me atacar. Não queria machucá-la, e tampouco que ela me machucasse. Os arranhões que ela me fizera estavam co-meçando a arder.

Rebecca Miles não iria tentar novamente. Ela cur-

vou-se contra a porta, com as mãos magras e famintas travadas ao redor dos joelhos, soluçando e arfando, procurando ar.

— Você... não... pode... matá-lo. Por favor!

Ela começou a se sacudir para frente e para trás, envolvendo os braços ao redor de si, mesma com força, parecendo que ia despedaçar-se como vidro frágil.

Nossa! Tem dia que eu detesto o meu trabalho.

— Converse com ela, Phillip. Mostre que não vamos machucar ninguém.

Phillip ajoelhou-se ao lado dela, e manteve as mãos ao lado do próprio corpo enquanto conversavam. Não escutei o que ele dizia. Aqueles soluços estremecidos passavam por mim, e iam em direção a uma porta, à direita.

Era a porta do quarto.

Um caixão ficava ao lado da cama. Sua madeira era escura. Talvez fosse cerejeira, envernizada a tal ponto que luzia na penumbra. Ela achou que eu tivesse vindo matar seu namorado. Nossa!

O banheiro dela era pequeno e bagunçado. Liguei o interruptor e aquela desagradável luz amarela não foi nada gentil. Sua

maquiagem estava toda espalhada por aquela pia tão repleta de rachaduras que lembrava um desastre com vítimas. A banheira estava praticamente podre de tanta ferrugem. Encontrei o que eu esperava que fosse um pano limpo e coloquei-o sob a água fria. A água que saía da bica tinha cor de café fraco. Os canos chacoalhavam e produziam ruídos metálicos e estridentes. Enfim, a água começou a sair limpa. Ela trazia uma boa sensação às minhas mãos, mas acabei não molhando o pescoço ou o rosto. Teria me refrescado, mas aquele banheiro era muito sujo. Não conseguiria usar aquela água, só se precisasse muito. Levantei o olhar enquanto espremia o pano para tirar-lhe a água. O espelho tinha rachaduras que subiam como uma teia de aranha. Ele me devolveu meu rosto em pedaços quebradiços.

Não voltei a olhar para aquele espelho. Passei novamente pelo caixão e hesitei. Tive vontade de dar batidas naquela madeira que aparentava ser macia. Tem gente?

Não bati. Eu não sabia, mas alguém poderia atender às batidas.

Phillip estava com a mulher no sofá. Ela se apoiava contra ele, parecendo não ter ossos e respirando com dificuldade, mas já havia quase parado de chorar. Ela encolheu-se quando me viu. Eu tentava não parecer ameaçadora. Sou boa nisso. Entreguei o pano a Phillip.

— Limpe o rosto dela e repouse-o contra sua nuca.

Vai ajudar.

Ele fez o que recomendei, e ela ficou sentada com o pano úmido à nuca, sem tirar os olhos de cima de mim.

Aparecia muito do branco de seus olhos arregalados. Ela tremia.

Encontrei o interruptor, e uma luz desagradável

preencheu a sala. Depois de uma simples olhadela naquele lugar, quis voltar a apagar a luz, mas não o fiz. Achei que Rebecca pudesse voltar a me atacar se eu me sentasse a seu lado. Ou talvez sofresse um colapso nervoso. Não seria uma beleza? A única poltrona cambava para um dos lados, e seu estofamento amarelo tornava-se evidente através de um buraco. Resolvi ficar de pé.

Phillip olhou em minha direção. Seus óculos de sol estavam pendurados à frente de sua camiseta. Seus olhos estavam arregalados e cuidadosos, como se não quisesse que eu soubesse o que estava pensando. Um braço bronzeado envolvia, protetor, os ombros dela. Senti-me um daqueles sujeitos que bancam os valentões para intimidar os outros.

— Contei a ela a razão de estarmos aqui. Disse que você não machucaria o Jack.

— O caixão? — Sorri, não consegui evitar: era o

nome daquele brinquedo em que um boneco de mola pula quando você abre a caixa.

— Exato — disse Phillip, olhando para mim como se sorrir não fosse apropriado.

E não era mesmo, então parei, mas com um relativo esforço.

Balancei a cabeça afirmativamente. Se Rebecca queria morar junto com um vampiro, era da conta dela. Com certeza não era assunto da polícia.

— Pode falar, Rebecca. Ela está tentando nos ajudar — disse Phillip.

— Por quê? — perguntou ela.

Era uma boa pergunta. Eu a assustei e a fiz chorar.

Respondi à pergunta:

— A mestra da cidade me fez uma oferta que não consegui recusar.

Ela ficou me observando, estudando meu rosto, como se o estivesse guardando na memória.

— Não acredito em você — disse.

Dei de ombros. É isso que se ganha por dizer a verdade, chamam você de mentiroso. Muita gente aceita melhor uma mentira plausível do que uma verdade inverossímil. Na verdade, preferem a mentira.

— Como qualquer vampiro poderia ameaçar A E-xecutora? — perguntou ela.

Deixei sair um suspiro.

— Não sou o bicho-papão, Rebecca. Você já conheceu a mestra da cidade?

— Não.

— Então, terá de confiar em mim. Eu me borro de medo dela. Qualquer pessoa, em pleno juízo, se borraria.

Ela ainda parecia não estar convencida, mas come-

çou a falar. Sua voz baixa e abafada contou a mesma história que contara à polícia. Branda e inútil como uma re-cém-cunhada moeda de um centavo.

— Rebecca, estou tentando capturar a pessoa, ou a coisa, que matou seu namorado. Por favor, ajude-me.

Phillip abraçou-a.

— Conte a ela o que me contou.

Ela olhou rapidamente para ele, e voltou a olhar pa-ra mim, chupou o lábio inferior para dentro da boca, e raspou-o com os dentes superiores, pensativa. Ela respirou fundo, tremendo-se toda.

— Estávamos em uma festa de simpatizantes naquela noite.

Pisquei os olhos e tentei parecer razoavelmente inteligente.

— Eu sei que chamam de “simpatizante” uma pessoa que gosta de vampiros. Seria uma festa de simpatizantes o que eu imagino que seja?

Foi Phillip que confirmou, fazendo um gesto com a cabeça.

— Eu vou a muitas delas. — Ele não quis olhar pa-ra mim enquanto falava. — Você pode provar um vampiro quase da maneira que quiser. E eles podem provar vo-cê.

Ele arriscou um olhadela ligeira para o meu rosto, e voltou a olhar para baixo. Talvez não tenha gostado do que viu.

Tentei manter o rosto inexpressivo, mas não estava tendo muita sorte. Uma festa de simpatizantes, meu bom Deus! Mas já era um

começo.

— Alguma coisa especial aconteceu nessa festa? —

perguntei.

Ela olhou para mim e piscou os olhos, com o rosto sem expressão, como se não tivesse entendido. Voltei a tentar.

— Alguma coisa fora do comum aconteceu nessa festa?

Sempre que estiver em dúvida, mude o vocabulário.

Ela olhou para o próprio colo e balançou a cabeça.

Os cabelos compridos e escuros roçavam em seu rosto como uma cortina fina.

— Sabe se Maurice tinha algum inimigo?

Rebecca balançou a cabeça sem sequer olhar para

cima. Consegui enxergar seus olhos em meio aos cabelos, e vi que pareciam os de um coelho assustado, escondido atrás de um arbusto, tentando ver o que estava acontecendo. Será que ela sabia de outras informações? Ou será que não tinha mais nada para dar? Se eu forçasse, ela podia quebrar, se despedaçar, e talvez uma pista saísse espirrada.

Mas também, talvez não. Ela tinha as mãos entrelaçadas sobre o colo, com as articulações dos dedos já brancas de tanto apertar, devido ao nervosismo. Elas tremiam muito levemente. Eu queria muito saber? Não era tanto assim.

Deixei para lá. Anita Blake, "a humanitária".

Esperei na sala, enquanto Phillip foi colocar Rebecca na cama. Fiquei até esperando escutar algumas risadinhas ou algum ruído que mostrasse que ele estava colocando seu charme para funcionar. Nada se ouvia, exceto o murmúrio silencioso de vozes e o frio farfalhar de lençóis.

Quando ele saiu do quarto, seu rosto estava sério. Solene.

Ele voltou a colocar os óculos e apertou o interruptor. A sala estava em uma escuridão quente e densa. Fiquei escutando enquanto ele se movimentava por aquela escuridão digna de um forno. Um roçar de jeans, um arranhar de botas. Tentei, tateando, encontrar a maçaneta. Achei e abri com violência.

Uma luz clara adentrou. Phillip estava de pé, olhando para mim, com os olhos escondidos. Seu corpo estava relaxado e tranqüilo, mas, de alguma forma, eu conseguia sentir sua hostilidade. Não estávamos mais fingindo que éramos amigos. Não tinha certeza se ele estava irritado comigo por algum motivo, ou com ele próprio, ou com o destino. Quando você acaba vivendo uma vida como a de Rebecca, há que se haver algum culpado.

— Poderia ter sido eu — disse ele. Olhei para ele.

— Mas não foi.

Ele abriu bem os braços e os enrijeceu.

— Mas poderia ter sido.

Eu não sabia que resposta dar àquilo. O que eu poderia dizer? “A graça de Deus foi o que impediu que você terminasse assim?” Eu duvidava que Deus tivesse muito a ver com o mundo de Phillip.

Phillip procurou garantir que a porta ficasse trancada depois de sairmos, e disse:

— Eu sei que, pelo menos, outros dois dos vampiros assassinados freqüentavam sempre o circuito de festas.

Senti um aperto no estômago. Um pequeno agito de empolgação.

— Você acha que as outras... vítimas poderiam ser viciados em simpatizantes?

Ele deu de ombros.

— Posso descobrir.

Seu rosto ainda estava fechado para mim. Inexpressivo. Alguma coisa havia desligado o interruptor dele. Talvez tenham sido as mãos pequenas e famintas de Rebecca Miles. O que eu sei é que, para mim, elas não trouxeram nada que servisse.

Será que eu poderia confiar que ele descobriria? Será que ele me contaria a verdade? Será que ele iria enfrentar algum risco? Nenhuma resposta, apenas mais perguntas, mas ao menos as perguntas estavam melhorando. Festas de simpatizantes. Uma linha de investigação comum.

Uma pista com bastante vida. Maravilha.

21

DENTRO DO CARRO, liguei o ar-condicionado no máximo. O suor em minha pele esfriava e começava a me incomodar, além de solidificar-se onde estivesse. Diminuí antes que o choque térmico me desse dor de cabe-

ça.

Phillip sentou-se e guardou o máximo de distância de mim que conseguiu. Metade de seu corpo estava virado, chegando ao máximo que o cinto de segurança permitia em direção à janela. Seus olhos, por trás de seus óculos de sol, olhavam para fora, ao longe. Phillip não queria conversar a respeito do que acabara de acontecer. Como eu sabia disso? "Anita, decifradora de mentes." Não, apenas "Anita, não tão burra assim".

Seu corpo inteiro estava curvado sobre si mesmo.

Se eu não soubesse que estava errada, diria que ele sentia alguma dor. Pensando melhor, talvez sentisse mesmo.

Eu havia acabado de intimidar um ser humano mui-

to frágil. Não foi muito prazeroso, mas foi muito melhor do que deixá-la inconsciente. Eu não a havia machucado fisicamente. Por que eu mesma não acreditava nisso? Agora, eu iria questionar Phillip, porque ele me dera uma pista.

A desculpa de sempre. Eu não poderia deixar passar em branco.

— Phillip? — perguntei.

Ele apertou mais os ombros, mas continuou a olhar para fora da janela.

— Phillip, preciso saber mais dessas festas.

— Deixe-me na boate.

— A Prazeres Malditos? — perguntei. Réplica brilhante! Esta sou eu...

Ele confirmou com um gesto de cabeça, ainda virado para a janela.

— Não precisa ir buscar o seu carro?

— Não sei dirigir — disse. — A Monica me deixou no seu escritório.

— Deixou, não é?

Senti a fúria, instantânea e quente.

Então, ele se virou e olhou para mim com o rosto vazio e os olhos escondidos.

— Por que tem tanta raiva dela? Ela só levou você à boate, só isso.

Eu dei de ombros.

— Por quê?

A voz dele estava cansada. Humana. Normal.

Se fosse aquele flerte provocador, eu não teria respondido, mas a pessoa que estava falando comigo era real.

Pessoas reais merecem resposta.

— Ela é humana. E traiu outros humanos a pedido de inumanos — disse eu.

— E isso é um crime pior do que Jean-Claude escolher você para ser a nossa justiceira?

— Jean-Claude é um vampiro. Você acaba esperando traição de um vampiro.

— Você espera. Eu, não.

— Rebecca Miles parece já ter sido traída.

Ele titubeou.

Que ótimo, Anita, que beleza, vamos abusar do lado emotivo de todos com quem esbarrarmos hoje. Mas era verdade...

Ele havia voltado a fitar o mundo lá fora, e eu tive que preencher aquele silêncio angustiante.

— Vampiros não são humanos. A lealdade de qualquer um, em primeiro lugar, deve ser para com sua própria espécie. Isso eu compreendo. Monica traiu sua própria espécie. Também traiu uma amiga. Isso é imperdoável.

Ele se contorceu para olhar para mim. Eu queria conseguir ver-lhe os olhos.

— Então, se uma pessoa é sua amiga, você faria qualquer coisa por ela?

Fiquei refletindo sobre a pergunta conforme descí-

amos a East 70. Qualquer coisa? Era pedir demais. Quase qualquer coisa? Isso.

— Quase qualquer coisa - respondi.

— Então, lealdade e amizade são muito importantes para você?

— Exato.

— Por você acreditar que Monica traiu esses dois

princípios, o crime dela acaba sendo pior do que qualquer coisa que vampiros venham a fazer?

Mudei de posição no banco do carro, insatisfeita

com o rumo que aquela prosa estava tomando. Não sou muito boa em analisar a mim mesma. Sei quem sou e o que faço, e isso costuma bastar. Não basta sempre, mas a maior parte das vezes.

— Qualquer coisa não. Não acredito em muitos

desses absolutos. Mas, se quiser a versão resumida, sim, é por isso que tenho tanta raiva dela.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se fosse a resposta que ele queria ouvir.

— Ela tem medo de você. Sabia?

Abri um sorriso que não saiu muito legal. Eu podia sentir os cantos da boca franzirem-se com uma espécie sombria de satisfação.

— Espero que aquela vagabunda esteja se borrando de medo.

— E está mesmo — disse ele, com a voz bem baixa.

Olhei para ele, e rapidamente voltei a atenção para a rua. Tive a sensação de que ele não aprovara eu querer colocar medo nela. Obviamente, isso era problema dele.

Eu estava bastante satisfeita com os resultados.

Estávamos nos aproximando da saída de River-

front. Ele ainda não havia respondido o que eu pergunta-ra. Para falar a verdade, ele evitara a pergunta de maneira muito gentil.

— Conte-me a respeito dessas festas de simpatizantes, Phillip.

— Você ameaçou mesmo arrancar o coração dela?

— Ameacei. Será que você pode me falar das festas ou não?

— Você faria isso mesmo? Arrancaria mesmo o coração dela?

— Responda a minha pergunta que eu respondo a sua.

Virei o carro para as estreitas estradinhas de tijolo de Riverfront. Mais dois quarteirões, e chegaríamos à Prazeres Malditos — contei

como são as festas. Eu tinha parado de ir nos últimos meses.

Voltei a olhar para ele. Queria perguntar o motivo.

Foi o que fiz.

— Por quê?

— Que droga. Você não vê problema em abordar assuntos particulares, não é?

— Não tive a intenção.

Achei que ele não fosse responder, mas respondeu.

— Cansei de passar de mão em mão. Não queria terminar como Rebecca, ou pior.

Quis perguntar como seria pior, mas deixei para lá.

Eu me esforço para não ser cruel, apenas persistente. Há dias em que a diferença é bastante pequena.

— Se descobrir que todos os vampiros que morreram freqüentavam essas festas, me ligue.

— E o que acontece depois? — perguntou ele.

— Preciso ir a uma delas.

Estacionei em frente à Prazeres Malditos. O néon

estava calmo. Um fantasma apagado de sua identidade noturna. O lugar parecia fechado.

— É melhor você não ir a festa alguma, Anita.

— Estou tentando solucionar um crime, Phillip. Se eu não conseguir, minha amiga morre. E não tenho ilusão nenhuma a respeito do que a mestra fará comigo caso eu fracasse. Uma morte rápida seria o melhor que eu poderia desejar.

Ele estremeceu.

— Tá, tá... — Phillip soltou o cinto de segurança e esfregou as mãos ao longo dos braços, como se estivesse sentindo frio. -Você acabou não respondendo o que perguntei em relação a Monica — disse ele.

— Você acabou não me contando das festas.

Ele olhou para baixo, fixando o olhar na parte superior de suas coxas.

— Há uma hoje à noite. Se precisa mesmo ir, eu le-vo você. — Ele se virou para mim, com os braços ainda envolvendo os cotovelos. — Elas sempre acontecem em lugares diferentes. Quando descobrir onde será esta, como entro em contato com você?

— Deixe um recado na minha secretária eletrônica, no meu telefone de casa.

Tirei um cartão de visita da bolsa e anotei meu telefone de casa atrás. Ele resgatou a jaqueta jeans do banco traseiro e guardou o cartão dentro de um dos bolsos, en-tão abriu a porta, e o calor entrou no gélido ar refrigerado de meu carro como o bafo de um dragão.

Ele apoiou-se no carro, com um braço no teto e o outro na porta.

— Agora, responda a minha pergunta. Arrancaria

mesmo o coração de Monica para que fosse impossível ela voltar a viver como vampira?

Olhei dentro da negritude daqueles óculos de sol

dele e disse:

— Arrancaria.

— Lembre-me de nunca irritá-la. — Ele respirou

fundo. — Vai precisar vestir alguma coisa que exiba suas cicatrizes à noite. Compre alguma coisa, se já não tiver. —

Ele hesitou, e depois perguntou: — Você é tão boa em ser amiga como é em ser inimiga?

Respirei fundo e soltei o ar. O que eu poderia dizer?

— É melhor não me ter como inimiga, Phillip.

Como amiga eu sou muito melhor.

— É, aposto que sim.

Ele fechou a porta do carro e se dirigiu à porta da boate. Ele bateu, passou um tempinho, e a porta abriu-se.

Consegui ver que quem a abriu tinha a pele pálida. Não poderia ser um vampiro, poderia? Ela fechou-se antes que eu pudesse ver mais. Vampiros não podiam sair em plena luz do dia. Era uma regra. Mas até ontem à noite, eu também “sabia” que vampiros não podiam voar. Grande coisa o que eu sabia!

Quem quer que fosse, estava esperando Phillip chegar. Desci do meio-fio. Por que mandariam-no para mim em seu melhor clima de flerte? Será que lhe deram ordem para que me seduzisse? Ou será que ele foi o único humano que conseguiram arrumar tão em cima

da hora? O único membro diurno do clubinho deles. Com exceção de Monica. E eu não era muito fã dela no momento. Aquilo tudo, para mim, estava simplesmente fantástico.

Não achei que Phillip estivesse mentindo a respeito das festas, mas o que eu sabia a respeito dele? Ele tirava a roupa na Prazeres Malditos, o que não servia exatamente como uma boa referência. Era um viciado em vampiros.

As referências ficavam cada vez melhores. Será que toda aquela dor era representação? Será que ele me atrairia até algum lugar, como Monica?

Eu não sabia. E precisava saber. Havia um lugar para o qual eu podia ir, que talvez tivesse as respostas. O

único lugar do Distrito onde eu era bem recebida com sinceridade. Defunto Dave, um ótimo bar, que servia um hambúrguer da melhor qualidade. O proprietário era um ex-policia que havia sido expulso da polícia por estar morto. Exigentes demais. Dave gostava de ajudar, mas tinha mágoa do preconceito de seus ex-camaradas. Então, contava para mim. E eu contava para a polícia. Foi um ótimo acordo, que permitiu que Dave permanecesse com raiva da polícia, e ainda assim a ajudasse.

Aquilo me tornava praticamente inestimável para a polícia. Eu trabalhava com eles, e isso deixava Bert bastante satisfeito.

Por estarmos no meio do dia, o Defunto Dave estaria enfiado dentro de seu caixão, mas Luther estaria lá.

Luther era o gerente e o barman durante o dia. Era uma das poucas pessoas do Distrito que não tinham muito a ver com vampiros, exceto por trabalhar para um deles. A vida nunca é perfeita.

Consegui encontrar uma vaga para estacionar meu

carro perto do bar. Há muito mais vagas de estacionamento no Distrito durante a manhã. Quando os donos dos negócios de Riverfront eram humanos, nunca havia lugar para estacionar nos fins de semana, fosse dia ou noite. Foi um dos poucos pontos positivos das novas leis do vampirismo. Esse é o turismo.

St. Louis era um lugar excelente para quem quisesse ver um vampiro. O único lugar melhor era Nova York, mas nossa estatística de criminalidade era menor. Em No-va York, uma gangue toda se transformou em vampiros.

Eles se espalharam até Los Angeles e tentaram se espalhar por aqui. A polícia encontrou os primeiros recrutas cortados em pedaços do tamanho de mordidas.

Nossa comunidade de vampiros se orgulha por per-

tencer ao mainstream. Uma gangue de vampiros traria má fama à "categoria", então, eles cuidaram do problema. Eu admirei a eficiência da ação, mas preferia que tivessem feito de outra maneira. Passei semanas tendo pesadelos com paredes que sangravam e braços desmembrados que rastejavam sozinhos pelo chão. Nunca conseguimos achar as cabeças.

22

O DEFUNTO DAVE é todo de vidro escuro e

chamativas propagandas de cerveja. À noite, as janelas da frente parecem uma espécie de arte moderna com propaganda de nomes de marcas. Durante o dia, tudo se emudece. Bares são mais ou menos como vampiros: atingem seu potencial máximo depois que escurece. Há um aspecto cansado e melancólico em um bar que funciona durante o dia.

O ar-condicionado estava ligado no máximo, dei-

xando o lugar com a temperatura de um freezer. Quase sofri um choque físico, saindo daquele calor capaz de derreter a pele que estava fazendo lá fora. Fiquei logo à frente da porta e esperei que meus olhos se adaptassem ao interior escuro do bar. Por que todo bar é tão escuro assim, droga? Parecem cavernas ou esconderijos. Independentemente de quando você entrasse, o ar cheirava a cigarro velho, como se anos e anos de fumaça houvessem se instalado no estofamento, como fantasmas aromáticos.

Dois homens de terno e gravata estavam sentados à mesa mais distante da porta. Estavam comendo, e havia pastas de folha de manilha espalhadas sobre a mesa. Trabalhando no sábado. Igualzinho a mim... Bem, talvez não seja tão igual assim. Podia apostar que ninguém havia ameaçado arrancar-lhes os pescoços. É claro que eu podia estar enganada, mas achava difícil. Aposto que a pior ameaça que eles tiveram na semana foi a falta de estabilidade no emprego. Ah, os bons dias de outrora!

Havia um homem curvado, sentado em um daque-

les bancos do balcão, afagando um drinque comprido. Seu rosto já estava exaurido. Seus movimentos, bastante lentos e precisos, como

se tivesse medo de derramar alguma coisa. Bêbado à uma e meia da tarde. Não era um bom sinal para ele. Mas não era da minha conta. Não dá para salvar todo mundo. Para ser sincera, há dias em que acredito que não dá para salvar ninguém. Cada pessoa tem que salvar-se a si própria primeiro, para que depois você possa chegar e ajudar. Eu descobrira que essa filosofia não funciona tão bem em meio a um tiroteio, tampouco em uma luta de facas. Fora essas situações, funciona bem à beça.

Luther polia alguns copos com uma limpíssima toa-

lha branca. Ele olhou para cima quando subi em um dos bancos, e balançou a cabeça para cima e para baixo. Um cigarro pendia de seus lábios grossos. Luther é grande.

Além de grande, é gordo. Não há outra palavra para descrevê-lo. Mas sua gordura é rígida e sólida como uma rocha. Quase uma espécie de músculo. As articulações de seus dedos são enormes, e a própria mão dele é do tamanho do meu rosto. Obviamente, meu rosto é pequeno.

Sua pele é de um negro bastante escuro, quase um preto com matiz violeta, como mogno. O chocolate cremoso de seus olhos tem lá seu certo tom de amarelo devido à ex-posição maciça a fumaça de cigarro. Não me lembro de já tê-lo visto sem um cigarrinho apertado entre os lábios. Ele é gordo, fuma tanto que acende um cigarro com o outro, e os cabelos grisalhos denunciam que já passou dos cinqüenta, mas ainda assim nunca fica doente. Deve ter lá sua boa carga genética.

— O que vai querer, Anita?

A voz dele combinava com seu corpo, penetrante e áspera.

— O de sempre.

Ele me serviu um copo pequeno de suco de laranja.

Vitaminas. Luther fingia misturar vodca no suco para que minha predileção por sobriedade não trouxesse má reputação ao bar. Quem vai querer se embebedar quando há pessoas em meio à multidão que não encostam a boca em álcool? E por que razão eu seguiria freqüentando um bar, se eu não bebia?

Tomei um gole de minha vodca fajuta e disse:

— Preciso de informação.

— Já tinha percebido. De que precisa?

— Preciso de informação a respeito de um homem chamado Phillip, que dança na Prazeres Malditos.

Ele ergueu uma sobrancelha grossa.

— Vamp?

Sacudi a cabeça, negando.

— Viciado em vampiros.

Ele deu uma tragada forte no cigarro, fazendo com que a ponta ardesse como carvão em brasa, e soprou uma boa quantidade de fumaça, respeitosamente, para longe de mim.

— O que quer saber a respeito dele?

— É digno de confiança?

Ele me olhou ligeiramente, e depois abriu um largo sorriso.

— Digno de confiança? Caramba, Anita, é um vici-

ado! Não importa qual seja o vício dele, drogas, sexo, bebida, vampiros, não tem diferença. Nenhum viciado é digno de confiança, e você já sabe disso.

Eu concordei. Sabia mesmo, mas o que eu poderia fazer?

— Preciso confiar nele, Luther. É a última coisa que me resta.

— Caramba, garota, você está entrando para os círculos errados.

Eu sorri. Luther era o único a quem eu deixava me chamar de “garota”. Toda mulher era “garota” e todo homem, “amigo”.

— Preciso saber se já ouviu falar em alguma coisa muito ruim que ele tenha feito — pedi.

— Qual é o lance? — perguntou ele.

— Não posso revelar. Eu falaria, se pudesse, ou se achasse que adiantaria alguma coisa.

Ele me estudou por um momento, com o cigarro

espalhando cinzas sobre o balcão. Ele limpou as cinzas, distraidamente, com a toalha branca e limpa.

— Tudo bem, Anita. Você fez por merecer o direi-

to de me negar uma coisa dessa vez, mas da próxima é melhor que traga alguma coisa para dividir comigo.

Eu sorri.

— Juro por Deus.

Ele apenas balançou a cabeça e puxou um cigarro

novo de dentro do maço que sempre mantinha atrás do bar. Deu uma última tragada no cigarro, praticamente to-do fumado, e enfiou o que havia tirado do maço entre os lábios. Ele tocou a ardente ponta laranja do cigarro velho na fresquinha ponta branca do novo, e tragou. O papel e o tabaco queimaram em um vermelho-alaranjado, e ele apa-gou a bituca velha no cinzeiro já todo tomado que carregava junto a si, para cima e para baixo, como um ursinho de pelúcia.

— Eu sei que lá, nessa boate, um dos dançarinos é simpatizante. Ele é freqüentador assíduo do circuito de festas, e é muuuito popular com uma certa espécie de vampiro. — Luther deu de ombros. Um movimento enorme, como montanhas soluçando. — Não sei de nada que possa depor contra ele a não ser pelo fato de ser um viciado, e por ser freqüentador do circuito, nada além.

Mas que merda, Anita, isso já basta de maus antecedentes!

Me parece uma pessoa de quem se deva manter distância.

— Eu manteria mesmo, se pudesse. — Foi a minha

vez de dar de ombros. — Mas não ficou sabendo de mais nada a respeito dele?

Ele pensou por um instante, tragando seu novo cigarro.

— Nem sequer uma palavra. Ele não é um dos

grandões do Distrito. É uma vítima profissional. A maior parte do papo que rola por aqui diz respeito aos predadores, não às ovelhas. — Ele franziu a testa. — Espere um pouco. Acabou de me ocorrer uma idéia. — Ele ficou pensando alguns minutos com bastante

cuidado, e depois abriu um sorriso bem grande. — É, tenho algumas novidades a respeito de um predador. O vampirão se chama Valentine e usa máscara. Anda por aí se gabando de ter sido o primeiro a usar Phillip.

— E daí? — perguntei.

— Não estou falando da primeira vez desde que vi-

rou viciado, garota, mas da primeira de todas. Valentine afirma tê-lo pego de jeito quando garoto, e diz que Phillip gostou tanto que acabou se viciando.

— Minha Nossa!

Lembrei-me dos pesadelos, da realidade, de Valen-

tine. Como seria ser bem pequeno quando aconteceu?

Como será que me afetaria?

— Você conhece Valentine? — perguntou Luther.

Confirmei com um gesto de cabeça.

— Conheço. Algum dia ele disse qual era a idade de Phillip quando o atacou?

O gesto dele foi negativo.

— Não, mas corre à boca pequena que qualquer

coisa acima dos doze já passou da idade para Valentine, a não ser que seja por vingança. Ele é por demais vingativo.

Dizem por aí que se a mestra não o mantivesse na linha, ele seria perigoso demais.

— Pode apostar que ele é perigoso mesmo.

— Você o conhece. — Não foi uma pergunta. O-
lhei para Luther.

— Preciso saber onde Valentine fica durante o dia.

— Já é a segunda informação que você me pede
sem dar nada em troca. Não vou dizer.

— Ele usa máscara porque eu derramei água benta
nele há cerca de dois anos. Até a noite de ontem, para mim, ele
estava morto, e ele pensava o mesmo de mim.

Ele vai me matar caso tenha chance.

— Você é muito dura de matar, Anita.

— Sempre há uma primeira vez para tudo, Luther,
e só basta uma.

— Entendi. — Ele começou a polir copos que já
estavam limpos. — Sei não, se o povo fica sabendo que a gente
espalha os lugares em que os vampiros descansam durante o dia,
isso pode nos causar problemas. Eles podem queimar o nosso bar
inteirinho conosco aqui dentro.

— Tem razão. Não tenho o direito de perguntar.

Mas fiquei ali sentada, no banco do bar, olhando
para ele, procurando levá-lo a me dar o que eu precisava.

Coloque sua vida em risco por minha causa, meu velho amigo e camarada. Eu faria o mesmo por você. Verdade.

— Se promettesse que não usaria a informação para matá-lo, eu poderia contar... — disse Luther.

— Seria mentira.

— Tem um mandado para executá-lo? — perguntou ele.

— Não está válido, mas poderia conseguir um.

— Esperaria a emissão?

— É ilegal matar um vampiro sem um mandado de execução do tribunal — afirmei.

Ele olhou para mim.

— A questão não é essa. Você se precipitaria para garantir que ele morresse?

— E possível.

Ele balançou a cabeça em reprovação.

— Qualquer dia desses você vai acabar tendo que responder a algum processo, garota. Assassinato é coisa séria.

Dei de ombros, em desdém.

— É melhor que arrancarem a minha cabeça.

Ele piscou os olhos.

— Então... — Ele parecia não saber ao certo o que dizer, então, seguiu polindo um copo que já brilhava, repetidas vezes, com aquelas mãos grandes. — Vou perguntar ao Dave. Se ele não vir problema, eu conto.

Terminei meu suco de laranja e paguei a conta. Peguei pesado na gorjeta para manter tudo às claras. Dave nunca admitiria ter me ajudado devido à minha ligação com a polícia, então, meu dinheiro teria que trocar de mãos, mesmo que não chegasse nem perto de quanto valia a informação.

— Obrigada, Luther.

— Dizem por aí que você conheceu a mestra ontem à noite. É verdade?

— Soube disso antes ou depois de acontecer? — perguntei.

Ele pareceu inconformado.

— Anita, teríamos lhe avisado se soubéssemos.

Sem cobrar, nem nada.

Acenei com a cabeça em sinal de assentimento.

— Desculpe-me, Luther. As últimas noites foram bastante difíceis.

— Posso apostar que sim. Então, o boato é verdadeiro?

O que eu poderia dizer? Iria negar? Estava pare-

cendo que muita gente já sabia. Parece que não dá para confiar nem nos mortos para guardar um segredo.

— Talvez. — Daria na mesma se eu respondesse

“sim”, porque não neguei. Luther entendeu a brincadeira.

Ele mostrou que entendeu, gesticulando com a cabeça.

— O que queriam com você?

— Não posso dizer.

— Mmm... er... Tudo bem, Anita. Tenha muito

cuidado, ouviu? Talvez seja melhor arrumar ajuda, se tiver alguém em quem confie.

Confiança? Não era questão de desconfiança.

— Talvez só haja duas maneiras de me livrar dessa enrascada toda, Luther. Eu escolheria morrer. Uma morte rápida seria melhor, mas duvido que a consiga se alguma coisa sair errado. Que amigo eu deveria arrastar para entrar nessa?

Seu rosto arredondado e sombrio me observava.

— Não tenho respostas, garota. Queria tê-las.

— Eu também.

O telefone tocou. Luther atendeu. Ele olhou em

minha direção, e trouxe o telefone para mim, com seu fio comprido.

— É para você — disse.

Segurei o telefone contra a bochecha.

— Pois não?

— Aqui é Ronnie.

A voz dela tinha uma empolgação contida, típica de uma criança na manhã de Natal.

Senti um aperto no estômago.

— Descobriu alguma coisa?

— Está se espalhando um boato na Humanos Contra Vampiros. Um esquadrão da morte, com o objetivo de eliminar os vampiros da face da Terra.

— Tem provas? Alguma testemunha?

— Ainda não.

Deixei escapar um suspiro antes que pudesse evitar.

— Ora, Anita, a notícia é boa!

Tapei a boca com a mão e sussurrei.

— Não posso levar para a mestra um boato a res-

peito da HCV. Os vampiros os aniquilariam! Muitos inocentes morreriam, e nós nem temos certeza de que é a HCV que está realmente por trás desses assassinatos.

— Tudo bem, tudo bem — disse Ronnie. — Até

amanhã terei notícias mais concretas, prometo. Seja por meio de propina ou ameaça, vou conseguir essa informa-

ção.

— Obrigada, Ronnie.

— Para que servem as amigas? Além do mais, a ho-

ra extra e os subornos vão sair do bolso de Bert. Sempre adoro a cara de sofrimento que ele faz quando precisa gastar dinheiro.

Abri um sorriso ao telefone.

— Eu também.

— O que vai fazer à noite?

— Vou a uma festa.

— Como?

Expliquei o mais resumidamente que consegui. A-

pós um demorado silêncio, ela disse:

— Isso é muito bizarro.

Concordei com ela.

— Continue a trabalhar do seu lado que eu vou

continuar do meu. Quem sabe não nos encontramos no meio?

— Seria legal imaginar que sim.

A voz dela parecia ter ardor. Quase raiva.

— Qual é o problema?

— Você vai sem um apoio, não vai? — perguntou

ela.

— Você também está sozinha — repliquei.

— Mas não estou cercada de vampiros e seres bizarros.

— Se você está na sede da HCV, posso discordar da última categoria mencionada.

— Não fique de gracinhas. Você entendeu o que eu quis dizer.

— E verdade, Ronnie. Entendi o que quis dizer.

Você é a única amiga minha que sabe cuidar de si própria.

— Fiz um gesto de desdém com os ombros, depois percebi que ela não estava vendo, e disse: — Qualquer outra seria como Catherine, uma ovelhinha no meio dos lobos.

E você sabe disso.

— E os outros ressuscitadores?

— Quem? Jamison acredita que vampiros são o

máximo. Bert fala muito bonito, mas não arrisca o rabo branco de mauricinho. Charles tem qualidade para ressuscitar cadáveres, mas enjoa fácil e tem um filho de quatro anos. Manny já parou de caçar vampiros. Passou quatro meses no hospital sendo reconstituído depois da última caçada.

— Se a memória não me falha, você também passou um tempo no hospital — disse ela.

— Um braço fraturado e a clavícula quebrada fo-

ram minhas piores contusões, Ronnie. Manny quase morreu. Além disso, ele tem mulher e quatro filhos.

Manny foi o ressuscitador que me treinara. Foi ele que me ensinou a reviver mortos e a ceifar vampiros, embora eu admita ter superado seus ensinamentos. Ele gostava de ser tradicional. Era partidário do estaca-e-alho. Ele já havia portado uma arma, mas só como um recurso, não como sua arma principal. Se a tecnologia moderna me permitir apagar um vampiro de longe, em vez de ter que me colocar em cima dele, e martelar-lhe uma estaca no coração, ora, por que não?

Há dois anos, Rosita, esposa de Manny, veio me

implorar que não voltasse a colocar a vida de seu marido em risco. Ela disse que cinqüenta e dois anos era idade demais para caçar vampiros. O que seria dela e dos filhos?

De alguma forma, toda a culpa veio parar em cima de mim, como uma mãe cujo filho predileto foi levado para o mau caminho pelos maus elementos do bairro. Ela me fez jurar por Deus que eu nunca mais pediria a Manny que se unisse a mim em uma caçada. Se ela não tivesse chorado, eu teria resistido e recusado. Chorar é injusto para caramba em uma discussão. Quando a pessoa começa a chorar, não tem mais como você falar nada. De repente, você passa a querer só que a pessoa pare de chorar, que pare de sentir dor, que pare de fazer com que você se sinta a maior canalha do mundo. Qualquer coisa que dê um fim às lágrimas.

Ronnie estava calada do outro lado da linha.

— Tudo bem, mas tenha cuidado.

— Terei tanto cuidado quanto uma virgem na noite

de núpcias, prometo.

Ela riu.

— Você é incorrigível.

— Todo mundo me diz isso — afirmei.

— Olho vivo.

— Você também.

— Pode deixar.

Ela desligou. O telefone dava sinal de ocupado em minhas mãos.

— Boas notícias? — Luther perguntou.

— É.

Talvez a Humanos Contra Vampiros tivesse um es-

quadrão da morte. Talvez. Mas “talvez” já era melhor do que o que eu tinha antes. Vejam, amigos, nada escondido nas mangas. Nada nos bolsos. Nenhuma idéia sequer do que eu estava fazendo. Só estava andando a esmo, tentando encontrar o assassino que eliminara dois vampiros-mestres. Se eu estivesse seguindo o caminho certo, logo atrairia atenção. O que significava que alguém poderia tentar me matar. Não seria demais?

Eu iria precisar de roupas que exibissem as cicatrizes feitas por vampiros, e permitissem que eu escondesse armas. Não iria ser uma combinação fácil de encontrar.

Eu teria de passar a tarde inteira procurando roupa para comprar. Detesto fazer isso. Considero um dos males necessários da vida, como couve-de-bruxelas e sapatos de salto alto. É claro que era muito melhor do que ter a vida ameaçada por vampiros. Mas espere

aí. Eu podia procurar roupas agora, e ser ameaçada por vampiros à noite. Nada mais perfeito para se fazer em uma noite de sábado.

23

PASSEI TODO o conteúdo das bolsas pequenas para uma única bolsa grande para ficar com uma das mãos livre, para carregar a arma. E de se espantar como a pessoa vira um alvo fácil quando tenta equilibrar uma bolsa de compras em cada braço. Primeiro, soltar as bolsas...

Isto é, se uma das alças não estiver enrolada no seu pulso.

Depois, pegar a arma, puxar, mirar e atirar. Até fazer tudo isso, o bandido já deu dois tiros em você, e está indo embora calmamente, assobiando uma música, disfarçadamente.

Comportei-me como uma louca neurótica a tarde

toda, desconfiada de qualquer um que se aproximasse.

Será que eu estava sendo seguida? Será que aquele cara ficou me olhando por tempo demais? Será que aquela mulher usava um cachecol para esconder as marcas dos dentes?

Quando fui buscar o carro, meu pescoço e meus

ombros eram um só nó bastante doloroso. O que eu havia visto de mais assustador naquela tarde foram os preços das roupas de marcas famosas.

O mundo ainda era azul-claro e calorento quando

fui buscar o carro. É fácil esquecer que o tempo passa quando você está em um shopping. Tem ar-condicionado e a temperatura interna é controlada. É um mundo particular, onde nada de verdade encosta em você. A Disne-ylândia dos compradores compulsivos.

Fechei os pacotes dentro do porta-malas e vi que o céu já escurecia. Eu sabia como era sentir medo, um peso enorme na boca do estômago. Uma apreensão simpática e silenciosa.

Mexi os ombros repetidamente para soltá-los. Girei o pescoço até que estalasse. Melhorou, mas ainda estava tenso. Eu precisava de uma aspirina. Eu havia comido no shopping, o que eu quase nunca fazia. Assim que senti o cheiro das barraquinhas de comida, fui ao encontro delas, faminta.

A pizza tinha sabor de cartolina fina com imitação de molho de tomate espalhada por cima. O queijo não tinha gosto e estava borrachudo. Nham, nham! Comida de shopping! A verdade é que eu adoro uma espécie de cachorro-quente que eles fazem com pão de milho e depois fritam em óleo, e os biscoitinhos de uma dessas cadeias de fast-food.

Comi uma fatia de pizza só com queijo, como eu

gosto, mas uma fatia com tudo. Detesto cogumelo e pimentão-verde. Lugar de salsicha é na mesa do café-da-manhã, não na pizza. Eu não sabia o que me incomodava mais, se o simples fato de ter pedido aquilo, ou se foi ter comido metade da fatia antes de perceber o que estava fazendo. Eu estava louca para comer uma coisa que eu detestava. Por quê? Mais uma daquelas perguntas sem resposta. Por que logo essa me deixou com medo?

Minha vizinha, a sra. Pringle, passeava com o ca-

chorro, indo e voltando, no gramado que ficava à frente do nosso edifício. Estacionei e tirei aquele bolsão enorme do porta-malas.

Ela já passou dos sessenta e tem quase 1,82m de altura, emagrecidos demais com a idade. Olhos azuis, já quase sem cor, claros e curiosos, envoltos por óculos de aros prateados. Seu cão, Custard, é um lulu-da-pomerânia.

Ele parece mais um monte de pêlos dourados de dente-de-leão com patas de gato.

Ela acenou quando me viu, e eu estava detida. Sorri e fui até onde ela estava. Custard começou a pular em cima de mim, como se tivesse molas naquelas perninhas minúsculas. Ele parecia mais um brinquedo de corda. Seus latidos eram estridentes, freqüentes e insistentes. Festivos.

Custard tem consciência de que não gosto dele e,

em sua mente perturbada de cachorro, está determinado a me conquistar. Ou talvez saiba que aquilo me irrita. Tanto faz.

— Anita, sua safadinha, por que não me contou

que tinha um beau? — perguntou-me a sra. Pringle.

Franzi a testa.

— Um beau?

— Um namorado — traduziu ela.

Não sabia de onde ela havia tirado aquilo.

— Como assim?

— Pode fingir que não está entendendo, se quiser, mas quando uma jovem dá a chave de seu apartamento a um homem, tem certo significado.

Aquele peso enorme em meu estômago subiu alguns centímetros.

— A senhora viu alguém entrar no meu apartamen-

to hoje? — perguntei, esforçando-me bastante para manter a expressão e a voz inalteradas.

— Vi, o seu belo jovem. Muito bonito.

Minha vontade era perguntar como ele era, mas se

era meu namorado e tinha a chave do meu apartamento, eu tinha que saber. Não podia perguntar. “Muito bonito.”

Seria Phillip? Mas por quê?

— A que horas ele veio?

— Ah, por volta das duas da tarde. Ele estava en-

trando bem na hora em que eu saía para levar Custard pa-ra passear.

— A senhora viu quando ele foi embora?

Ela ficou me olhando com uma certa expressão

preocupada.

— Não. Anita, ele não devia estar na sua casa? Eu deixei um criminoso escapar impune?

— Não. — Consegui abrir um sorriso e dar uma ri-

sada quase completa. — Só não esperava que ele viesse hoje, só isso. Se a senhora vir alguém entrar em meu apartamento, não se preocupe. Uns amigos meus vêm passar uns dias comigo.

Ela havia estreitado os olhos. Suas mãos de ossos frágeis, bastante imóveis. Até Custard estava sentado na grama, arfando e olhando para mim.

— Anita Blake... — disse ela, fazendo-me lembrar

de que era uma professora primária aposentada. A voz era bem típica. — O que está aprontando?

— Nada. De verdade. É só que eu nunca havia da-

do a chave do meu apartamento para um homem, e estou um pouco insegura a respeito. Nervosa.

Dei-lhe meu melhor olhar inocente de olhos arregalados. Lutei contra a vontade de dar piscadelas rápidas, mas tudo o mais estava dando certo.

Ela cruzou os braços sobre a barriga. Acho que não acreditou em mim.

— Se está tão nervosa assim com relação a esse jovem, então, ele não é o rapaz certo para você. Se fosse, não estaria tão tensa assim.

Senti-me aliviada. Ela tinha acreditado.

— A senhora deve estar certa. Obrigada pelo conselho. Pode até ser mesmo que eu o siga.

Senti-me tão bem que acariciei o topo da cabecinha peluda de Custard.

Conforme eu me afastava, ouvi a sra. Pringle dizer:

— Custard, agora faça o que deve fazer e vamos subir.

Pela segunda vez no mesmo dia, poderia haver um

intruso em meu apartamento. Desci andando pelo corredor silencioso, com a arma em punho. Uma porta abriu-se. Saíram um homem e duas crianças. Rapidamente, enfiei a mão com a arma dentro da sacola das compras, fingindo procurar alguma coisa, enquanto escutava os passos deles ecoarem pelo corredor.

Não podia ficar ali, parada no corredor, com uma

arma. Alguém poderia chamar a polícia. Todos já haviam chegado do trabalho e estavam jantando, lendo o jornal ou brincando com os filhos. O lado suburbano dos Estados Unidos estava acordado e alerta. Eu não podia andar pelo meio dele com uma arma em punho.

Eu levava a sacola de compras na mão esquerda, à

minha frente, com a mão direita, e a arma ainda dentro dela. Se acontecesse alguma coisa, eu daria um tiro de dentro da sacola. Passei duas portas do meu apartamento e desenterrei a chave lá do fundo da bolsa. Repousei a sacola de compras apoiada na parede e passei a arma para a mão esquerda. Eu era capaz de atirar com a esquerda. Não tão bem quanto com a direita, mas teria que ser assim.

Segurei a arma paralelamente à minha coxa, e rezei para que ninguém passasse por mim no corredor e a visse. Ajoelhei-me ao lado da porta, com a chave na mão direita, sem fazer barulho. Desta vez, sem deixar tilintar. Eu a-prendo rápido.

Segurei a arma à frente do peito e coloquei a chave na fechadura. Destranquei, a fechadura deu um estalo.

Encolhi-me, e esperei por tiros ou barulho. Por alguma coisa. Nada. Guardei a chave no bolso e repassei a arma para a mão direita. Apenas com o pulso e parte do braço à frente da porta, girei a maçaneta e a abri, com força.

A porta foi projetada para trás, e bateu contra a parede. Ninguém ali. Nenhum tiro disparado contra a porta.

Silêncio.

Eu estava agachada ao lado do umbral da porta,

com a arma apontada, e examinando a sala. A vista não alcançava ninguém. A poltrona, que ainda se encontrava de frente para a porta, estava vazia desta vez. Eu quase teria sentido alívio se visse Edward.

Dava para ouvir que alguém subia a escada ao fim

do corredor. Eu precisava resolver logo. Estiquei a mão esquerda para trás e peguei a sacola de compras, sem tirar os olhos, ou a arma, de dentro do apartamento. Atirei-me para dentro, arremessando a sacola à minha frente. Fechei a porta com um empurrão, ainda agachada ao chão.

O aquecedor do aquário fez um clique, começou a

zunir, e eu saltei. O suor descia as minhas costas. A corajosa caçadora de vampiros! Se eles me vissem agora... A sensação era de que o apartamento estava vazio, de que ali não havia ninguém além de mim, mas, por precaução, verifiquei dentro dos armários e sob as camas. Bancando o Dirty Harry, batendo as portas, e colando as costas às paredes. Eu me sentia uma idiota, mal seria uma idiota ainda maior se tivesse confiado em que o apartamento estivesse vazio, e me enganado.

Sobre a mesa da cozinha, uma espingarda e duas

caixas de munição. Debaixo de tudo, uma folha de papel branco, datilografado. Em letras pretas e limpas, estava escrito: "Anita, você tem 24 horas."

Olhei para aquele recado e o reli. Edward veio aqui.

Acho que fiquei um minuto sem respirar. Fiquei imagi-nando minha vizinha conversando com ele. Se a Sra. Pringle hesitasse ao ouvir a mentira dele, ou exibisse medo, será que ele a teria matado?

Eu não sabia. Simplesmente não sabia. Droga! Eu

era como uma praga. Todos que estivessem perto de mim corriam perigo, mas o que eu podia fazer?

Na dúvida, respire fundo e continue seguindo em

frente. Passei anos me baseando nessa filosofia. Mas já ouvi piores.

O recado dizia que eu tinha 24 horas até Edward

vir saber onde era o local do descanso matinal de Nikolaos. Se não lhe dissesse, teria que matá-lo. Talvez eu não fosse capaz de fazê-lo.

Disse a Ronnie que éramos profissionais, mas, se

Edward era profissional, eu era amadora. E Ronnie também.

Um suspiro profundo de frustração. Eu tinha que

me arrumar para a festa. Não havia tempo para ficar me preocupando com Edward. Esta noite eu tinha outros problemas.

A secretária eletrônica estava piscando, e eu fui ouvir os recados. Primeiro, a voz de Ronnie, dizendo o que ela já havia me contado a respeito da HCV. Evidentemen-te, ela tinha ligado para cá antes de me encontrar no bar do Dave. Depois...

— Anita, aqui é Phillip. Já sei onde será a festa. Venha me buscar em frente à Prazeres Malditos às seis e meia. Tchau.

A secretária deu um clique, começou a zunir, e ficou em silêncio. Eu tinha duas horas para me arrumar e ir para lá.

Tempo suficiente. Em média, para me maquiar, le-

vo quinze minutos. Com os cabelos levo menos, porque só passo uma escova. Bem rapidinho, eu estou apresentá-

vel.

Não uso maquiagem com muita frequência, então,

quando acontece de eu usar, sempre acho que está escura e irreal demais. Mas é sempre alvo de elogios, como: "Por que você não usa sombra com mais frequência? Destaca bastante os seus olhos." Ou o meu predileto: "Você fica muito melhor com maquiagem." Todas essas frases querem dizer que, sem maquiagem, você parece uma candida-ta a ficar para titia.

Uma coisa que eu não uso na maquiagem é base.

Não consigo me imaginar enchendo o rosto todo com uma pasta. Tenho um vidro de esmalte de unha transparente, mas não é para meus dedos. É para a minha meia-calça. Se eu consigo usar um par delas, sem que se ras-guem, quer dizer que meu dia foi muito bom.

Postei-me de pé em frente ao espelho de corpo in-

teiro que tenho no banheiro. A blusa passava por cima da cabeça com uma alça bem fina. Não tinha costas. Ela se fechava no dorso, nas costas, com um lindo lacinho. Tal lacinho não me agradava tanto assim, mas o resto não era tão ruim. O caimento da blusa sobre a saia preta dava um ar completo, inteiriço, parecendo um vestido, sem divisão.

Os curativos cor de pele de minhas mãos não combinavam com o vestido. Deixa para lá. A saia era bem cheia e rodopiava quando eu

me mexia. E tinha bolsos.

Passando através desses bolsos, duas bainhas de

coxa, completas, com facas de prata. Eu só precisava escorregar as mãos para dentro deles para tirar uma arma.

Legal. Suor é uma coisa interessante quando se está usando uma bainha de coxa. Eu não havia conseguido descobrir uma forma de esconder uma arma em meu corpo.

Independentemente do quanto já se viu mulheres portando armas em coldres de coxa na televisão, é desajeitado demais. Você anda parecendo um pato com a fralda encharcada.

Meias e sapatos de salto alto, de cetim preto, completavam o traje. Os sapatos e as armas eu já tinha. O resto era tudo novo.

Uma outra novidade, uma gracinha de bolsa preta,

de alça fina, que pendia de meu ombro, deixando minhas mãos livres. Pus dentro dela minha arma menor, a Firestar. Já sei, já sei, até eu desenterrar a arma das profundezas daquela bolsa, os bandidos já estariam se deliciando com a minha carne, mas era melhor que não estar nem perto de-la.

Coloquei a cruz ao redor do pescoço, e a prata deu um visual bonito em contraste com a blusa preta. Infelizmente, eu duvidava que os vampiros fossem me deixar entrar na festa com um crucifixo abençoado. Ai, ai. Era melhor deixar no carro, junto com a espingarda e a muni-

ção.

Edward, gentilmente, deixara uma caixa próxima à

mesa. Presumi que ele trouxera a arma dentro dela. O que será que ele havia dito à Sra. Pringle? Que era um presente para mim?

Edward dissera 24 horas, mas a partir de quando?

Será que ele viria bem cedo, ao amanhecer, para arrancar a informação de mim debaixo de tortura? Nada. Edward não me parecia afeito às manhãs. Eu estaria segura, pelo menos, até a tarde. Provavelmente.

24

ENTREI EM uma área de estacionamento proibido em frente à Prazeres Malditos. Phillip estava encostado na parede do edifício, com os braços soltos a seus lados.

Vestia uma calça preta, de couro. Só de pensar em vestir couro neste calor já fazia uma alergia irromper em meus joelhos. A blusa tinha uma tela arrastão preta, e exibia tanto suas cicatrizes quanto seu bronzeado. Não sei se foi por causa da calça de couro ou da blusa arrastão, mas o termo

“vulgar” me veio à mente. Ele havia cruzado algum limite invisível, passando de provocante a agressivo.

Tentei imaginá-lo com doze anos, mas não deu cer-

to. O que quer que tenha sido feito a ele, ele era o que era, e era com aquilo que eu tinha que lidar. Eu não era uma psiquiatra, que podia lamentar pelos pobres desafortunados. A pena é um sentimento que pode levar você à morte. A única coisa mais perigosa é ódio cego, e talvez amor.

Phillip desencostou-se da parede e veio andando até o carro. Destravei a porta e ele entrou, cheirando a couro, colônia cara e um pouco de suor.

Desci do meio-fio.

— Que roupinha mais agressiva, hem, Phillip?

Ele virou-se para olhar para mim, com o rosto i-

móvel, e os olhos escondidos atrás dos mesmos óculos de sol de antes. Ele se largou no banco, com uma das pernas dobrada e

pressionada contra a porta, e a outra bem aberta, com o joelho acima do banco.

— Vá pela West 70.

A voz dele estava áspera, quase rouca.

Há aquele momento em que a mulher está sozinha

com um homem, e os dois percebem. Juntos e a sós, sempre há possibilidades implícitas. A atenção de um passa a ficar no outro de uma maneira quase dolorosa. Isso pode vir a causar constrangimento, sexo ou medo, dependendo do homem e do momento.

Ora, em sexo não ia dar. Nisso eu podia apostar

com qualquer um e ainda pagaria o dobro. Dei uma olhadela rápida na direção dele, que ainda estava virado em minha direção, com os lábios levemente afastados. Ele havia tirado os óculos de sol. Seus olhos eram bastante castanhos e estavam muito próximos. Que droga estava acontecendo?

Estávamos na estrada, e íamos bastante rápido. Eu me concentrava nos carros à minha volta, em dirigir, e tentava ignorá-lo. Mas eu sentia o peso daquele olhar ao longo de minha pele. Era quase uma ardência.

Ele começou a deslizar pelo banco, em minha dire-

ção. De repente, ficou bastante evidente o som de couro roçando no estofamento. Um som quente e animalesco.

Ele envolveu-me os ombros com o braço, aproximando o peito de mim.

— O que acha que está fazendo, Phillip?!

— Qual é o problema? — Ele fungou em meu pescoço. — Não está achando agressivo o suficiente?

Eu ri. Não consegui evitar. Ele se retesou ao meu lado.

— Não foi minha intenção ofendê-lo, Phillip. Só que eu não imaginava tela arrastão e couro para hoje à noite.

Ele permaneceu perto demais de mim. Apertado.

Quente, com a voz ainda estranha e áspera.

— Do que você gosta, então?

Olhei pra ele, mas estava próximo demais. Repentinamente, eu estava olhando dentro dos olhos dele, a cinco centímetros de distância. Aquela proximidade corria dentro de mim como um choque elétrico. Voltei a virar-me para a estrada.

— Volte para o seu lado do carro, Phillip.

— O que deixa você... — sussurrou ele em meu ouvido — excitada?

Era o limite.

— Qual era a sua idade quando Valentine o atacou pela primeira vez?

Seu corpo todo deu um arranco, e ele se afastou rapidamente de mim.

— Maldita! — disse ele, e pareceu falar sério.

— Vamos combinar uma coisa, Phillip. Você não precisa responder o que eu perguntar, e eu não respondo o que você perguntar.

A voz dele saiu abafada.

— Quando falou com Valentine? Ele virá aqui hoje? Eles me prometeram que ele não viria hoje.

A voz dele exibia uma boa quantidade de pânico.

Eu nunca havia escutado um terror tão imediato.

Não queria ver Phillip com medo. Podia ser que eu começasse a sentir pena dele, e isso eu não podia deixar acontecer. Anita Blake, mais durona que uma pedra. Con-victa de si mesma. Impassível diante de um homem que chora. Verdade.

— Não conversei com Valentine a seu respeito,

Phillip. Juro.

— Então, como...

Ele parou, e eu olhei em sua direção. Ele havia re-colocado os óculos de sol. O rosto dele parecia bastante tenso e imóvel atrás daqueles óculos escuros. Frágil. Aquilo meio que acabava com sua imagem.

Não agüentei mais.

— Como descobri o que ele fez com você?

Ele afirmou com um gesto de cabeça.

— Paguei a alguém para me contar o seu passado.

E falaram isso. Precisava saber se podia confiar em você.

— E pode?

— Ainda não sei — disse eu.

Ele respirou fundo diversas vezes. Das duas primeiras, estremeceu, mas a cada uma ficava mais firme, até que, enfim, controlasse a respiração... por ora. Pensei em Rebecca Miles e em suas mãos pequenas e famintas.

— Pode confiar em mim, Anita. Não vou trair você. Não vou.

A voz dele parecia perdida, como a de um garotinho cujas ilusões todas lhe foram arrancadas.

Eu não seria capaz de pisotear aquela voz de crian-

ça perdida. Mas sabia, e ele também, que ele faria qualquer coisa que os vampiros quisessem. Qualquer coisa, e trair-me estava entre elas. Uma ponte se erguia da estrada. Uma alta estrutura entrelaçada de metal cinza. Árvores abraçavam a estrada dos dois lados. O céu de verão era de um azul claro e pálido, tornado mais claro devido ao calor e ao brilhante sol de verão. O carro deu um solavanco ao subir a ponte, e o rio Missouri se estendeu dos dois lados.

O ar parecia amplo e distante sobre as águas inquietas.

Um pombo subiu a ponte batendo as asas e se assentando ao lado de, talvez, uma dúzia de outros pombos, todos empertigados e arrulhando sobre a ponte.

Eu já até havia visto gaivotas ao longo do rio, mas nunca se via uma nas proximidades da ponte. Apenas pombos. Talvez gaivotas não

gostem de carros.

— Aonde estamos indo, Phillip?

— Como?

Tive vontade de perguntar “Achou a pergunta

complicada demais?”, mas resisti. Passaria a impressão de que eu estava implicando com ele.

— Estamos cruzando o rio. Qual é o nosso destino?

— Pegue a saída para Zumbahl e vire à direita.

Fiz o que ele mandou. A saída para Zumbahl vira à direita e desemboca automaticamente em uma pista de conversão. Fiquei parada no sinal, e virei quando o sinal da outra pista fechou. Há uma pequena quantidade de lojas à esquerda, e depois um complexo de apartamentos.

Depois vêm árvores, quase uma mata. Havia algumas casas no meio daquela mata. Depois vem um asilo e depois, um cemitério bem grande. Sempre me perguntei o que o pessoal do asilo achava de ter um cemitério como vizinho.

Seria uma constante lembrança macabra, sem a intenção do trocadilho? Uma conveniência, só por precaução?

O cemitério já existia ali muito antes do asilo. Algumas das lápides remontavam ao início do século XIX.

Sempre achei que o empreiteiro deveria ter sido um sádico não assumido, para colocar a vista das janelas para as colinas repletas de tumbas. A idade avançada já é lembrança suficiente do que vem a seguir. Auxílio visual é desnecessário.

Zumbehl também tinha outras coisas: uma locado-

ra, uma boutique de roupas infantis, um lugar que vendia vitrais, postos de gasolina, e um enorme complexo residencial denominado Lago do Vale do Sol. Até havia mesmo um lago grande o bastante para se velejar, caso a pessoa fosse bastante cuidadosa.

Mais alguns quarteirões e estaríamos no subúrbio.

Casas com jardins minúsculos, repletos de árvores enormes, margeavam a estrada. Uma colina terminava em uma rampa descendente. O limite de velocidade era de cinqüenta. Era impossível manter o carro indo a cinqüenta na descida da rampa sem ter que acionar os freios. Será que haveria um guarda lá embaixo?

Se ele nos parasse, e visse Phillip em sua blusinha de tela arrastão, com tantas belas cicatrizes, será que ficaria desconfiado? “Aonde está indo, moça?” “Lamento, seu guarda, mas estamos indo a uma festa ilegal, e estamos atrasados.” Usei os freios para descer a ladeira. Obviamente, não havia guarda algum. Se eu tivesse desrespeitado o limite de velocidade, sem dúvida haveria. A Lei de Murphy é a única que vale de verdade na minha vida a maior parte do tempo.

— É este casarão à esquerda. Vá até a entrada da garagem — disse Phillip.

A casa era feita de tijolos em um vermelho bem escuro. Dois, talvez três andares. Muitas janelas, e pelo menos duas varandas. A Era Vitoriana ainda existe. O jardim era amplo e tinha uma floresta particular, com árvores altas e bem antigas. A grama estava muito alta, o que dava ao lugar um aspecto de descuido. A estradinha até a entrada da garagem era de cascalho e cortava por entre as árvores até uma moderna garagem, projetada para combinar com a casa, e que quase atingiu o objetivo.

Havia apenas mais dois carros. A garagem não

permitia que se visse muito longe. Talvez houvesse mais, lá para dentro.

— Só deixe o ambiente principal se for comigo. Se sair com outra pessoa, não poderei fazer mais nada —

disse ele.

— Fazer, como? — perguntei.

— Foi a história que inventei. Você é o motivo de eu ter faltado a tantas reuniões. Dei a entender não apenas que somos namorados, mas que tenho... — ele abriu os braços, com as mãos espalmadas, como se procurasse pe-lo melhor termo — cultivado você, até que eu sentisse que estava preparada para comparecer a uma festa.

— Cultivado a mim?

Desliguei o carro e o silêncio pairou entre nós dois.

Ele não tirava os olhos de mim. Mesmo com os óculos de sol entre nós, eu sentia a força de seu olhar. Senti a pele entre meus ombros se arrepiar.

— Você é uma relutante sobrevivente de um ataque

de verdade, não uma simpatizante, nem viciada, mas eu a convenci a comparecer a uma festa. Foi a história que cri-ei.

— Alguma vez já fez isso para valer? — perguntei.

— O quê? Dar alguém a eles?

— Isso — respondi.

Ele bufou com certa insatisfação.

— Você não me acha grande coisa, não é?

O que eu deveria responder? “Não”?

— Se somos namorados, quer dizer que temos que representar a noite inteira.

Ele sorriu, agora, de forma diferente. Era um sorriso de expectativa.

— Seu idiota!

Ele deu de ombros e girou o pescoço, como se suas costas estivessem tensas.

— Não vou atirá-la ao chão e levá-la ao êxtase, se é com isso que está preocupada.

— Eu sabia que você não faria isso esta noite.

Fiquei satisfeita por ele não saber que eu portava armas. Talvez pudesse surpreendê-lo mais à noite. Ele olhou para mim, franzindo a testa.

— Sempre corresponda ao que eu fizer. Se eu fizer qualquer coisa que a deixe constrangida, conversaremos a respeito — disse ele, e sorriu, cintilante, com seus dentes brancos e simétricos, contrastando com seu bronzeado.

— Sem conversa. Você pára e pronto.

Ele deu de ombros.

— Você vai acabar com a nossa história e fazer com que nos matem.

O calor estava tomando o carro. Uma gota de suor

desceu seu rosto. Abri minha porta e saí. O calor parecia uma segunda pele. Cigarras cantavam. Uma canção aguda e estridente, que vinha lá de cima das árvores. Cigarras e calor. Ah, o verão!

Phillip deu a volta ao redor do carro, com as botas provocando ruídos no cascalho.

— É melhor deixar a cruz no carro — disse ele.

Eu já esperava por aquilo, mas não tinha que gos-

tar. Guardei o crucifixo no porta-luvas, engatinhando sobre o banco. Assim que fechei a porta, levei a mão ao pescoço. Eu usava tanto aquela corrente, que apenas me causava estranheza quando ela não estava lá.

Phillip me ofereceu a mão e, depois de um instante, eu a segurei. Sua palma estava quente por estar fechada, e levemente úmida no meio.

A porta dos fundos era sombreada por um arco

branco de treliça. Uma trepadeira Clematis crescia bem espessa de um dos lados. Flores do tamanho de minhas mãos espalhavam púrpura pelo sol, que era filtrado pela árvore. Uma mulher estava de pé, à sombra da porta, escondida de vizinhos e de carros que transitavam. Ela vestia uma meia-calça preta transparente, presa por uma cinta-liga. Sutiã e calcinha combinavam, ambos em púrpura-real, e deixavam nua a maior parte de seu corpo pálido.

Ela calçava saltos de doze centímetros, que obrigavam as pernas a parecer compridas e elegantes.

— Estou vestida demais — sussurrei para Phillip.

— Talvez por pouco tempo — murmurou ele junto

a meu cabelo.

— Não aposte a vida nisso.

Olhei para ele enquanto falava e vi seu rosto se espremer, confuso. Não durou muito. O sorriso apareceu, em uma leve franzida de lábios. A serpente deve ter sorrido para Eva daquela maneira. “Tenho aqui uma bela e brilhosa maçã para você. Quer um pouquinho, garotinha?”

O que quer que Phillip achasse que estava venden-

do, eu não iria comprar. Ele me abraçou ao redor da cintura, com uma das mãos brincando com as cicatrizes de meu braço, afundando os dedos nos quelóides só um pouco. Seu ar saiu todo em um rápido suspiro. Nossa! No que eu havia me metido?

A mulher sorria em minha direção, mas seus gran-

des olhos castanhos olhavam fixamente para a mão de Phillip, que brincava com a minha cicatriz. A língua dela saiu rapidamente para molhar-lhe os lábios. Vi seu tórax subir e descer.

— “Venha visitar a minha sala”, disse a aranha para a mosca.

— O que foi que disse? — perguntou Phillip.

Descartei com um gesto de cabeça. Era provável

que ele não conhecesse o poema de qualquer maneira. Eu não conseguia me lembrar de como terminava. Não me lembrava se a mosca escapava. Meu estômago contraía-se.

Quando a mão de Phillip roçou-me as costas nuas, dei um salto.

A mulher soltou uma gargalhada alta, e talvez um

pouco bêbada. Eu murmurei as palavras da mosca enquanto subia a escada.

— “Oh, não, não, convidar-me é em vão, já que quem subiu a sua escada jamais voltou a pisar o chão.”

“Jamais voltou a pisar o chão.” O som daquilo parecia bastante ruim.

25

A MULHER SE ESPREMEU contra a parede para nos deixar passar, e fechou a porta depois que a cruzamos.

Fiquei esperando ouvi-la trancar, para que não pudéssemos sair, mas ela não o fez. Tirei com certa irritação a mão de Phillip de minhas cicatrizes, e ele se envolveu o redor de minha cintura, me levando ao longo de um corredor comprido e estreito. A casa estava bem gelada, e o ar-condicionado ronronava contra o calor. Uma passagem em arco servia de entrada para um dos aposentos.

Era uma sala de estar bem típica: um sofá, um ou-

tro sofá de dois lugares, duas poltronas, plantas suspensas em frente a uma janela projetada para fora da casa, sombras da tarde serpenteando pelo carpete... Aconchegante.

Um homem estava de pé no centro da sala, segurando um drinque. Ele parecia ter acabado de sair de uma loja de acessórios de couro. Faixas de couro atravessavam-lhe o peito e os braços, como a idéia de Hollywood de um gladiador sexuado ao extremo.

Eu devia um pedido de desculpas a Phillip. Ele havia se vestido de maneira extremamente conservadora. A alegre dona da casa chegou por trás de nós em sua lingerie púrpura-real e pôs a mão no braço de Phillip. As unhas de suas mãos estavam pintadas de um violeta escuro, quase negro. As unhas arranharam todo o braço de Phillip, deixando fracas trilhas avermelhadas.

Phillip arrepiou-se a meu lado, e seu braço apertou-me a cintura. Seria isso o que ele considerava diversão? Eu esperava que não.

Uma negra alta levantou-se do sofá. Seus seios deveras volumosos ameaçavam sair espremidos de um sutiã preto, com armação metálica. Uma saia carmesim, com mais buracos que tecido, pendia

do sutiã e esvoaçava conforme ela andava, dando mostras de carne escura. Eu podia apostar que ela estava nua debaixo daquela saia.

Ela tinha cicatrizes rosadas em um dos pulsos e no pescoço. Uma viciada-neném. Nova. Quase fresca. Ela começou a nos rondar, toda pavoneada, como se estivéssemos à venda e ela quisesse dar uma boa olhada. Sua mão acariciou-me as costas, e eu me afastei de Phillip para encarar a mulher.

— Essa cicatriz nas suas costas, o que é? Não são mordidas de vampiro.

A voz dela era grave para uma mulher, talvez uma solista contralto.

— Uma serviçal humana atravessou uma ripa pontuda de madeira nas minhas costas.

Deixei de dizer que a tal ripa fora uma das estacas que eu levara comigo, e que matei a tal serviçal humana mais tarde, naquela mesma noite.

— Meu nome é Rochelle — disse.

— Anita.

A alegre dona da casa veio até o meu lado, acariciando meu braço com as mãos. Afastei-me dela e seus dedos deslizaram por minha pele. Suas unhas deixaram leves linhas vermelhas em meu braço. Lutei contra a vontade de passar a mão por cima. Eu era uma caçadora de vampiros mais durona que uma pedra. Arranhões não me incomodavam. O que incomodava era a expressão nos olhos dela.

Ela parecia se perguntar qual sabor eu teria e o quanto eu duraria. Eu nunca havia sido encarada daquela maneira por uma mulher. E não gostei muito.

— Meu nome é Madge. Aquele ali é Harvey, meu

marido — disse ela, apontando na direção do “sr. Couro”, que fora ficar ao lado de Rochelle. — Seja bem-vinda ao nosso lar. Phillip nos falou tanto a seu respeito, Anita!

Harvey tentou chegar por trás de mim, mas eu dei

um passo para trás na direção do sofá, para ficar de frente para ele. Eles estavam tentando nos rondar, como tuba-rões. Phillip me fitava com firmeza. Ah, é! Eu devia estar me divertindo, e não me comportando como se todos eles tivessem doenças contagiosas.

Qual seria o mal menor? Uma das perguntas mais

difíceis de serem respondidas que eu já ouvi. Madge lambeu os lábios vagarosamente, e com uma atitude insinuante. Seus olhos indicavam que imaginava indecências comigo, e com ela. Nem pensar. Rochelle chicoteou a saia, exibindo grande parte de sua coxa. Eu estava certa. Ela estava nua sob a saia. Eu morreria antes.

Restava Harvey. Suas mãos pequenas, de dedos

brutos, brincavam com as abotoaduras de couro e metal do pequeno kilt que vestia. Dedos roçavam sem parar aquele couro. Merda.

Abri para ele o meu melhor sorriso profissional.

Nada sedutor, mas era melhor que uma careta. Seus olhos se arregalaram, e ele deu um passo em minha direção, esticando a mão para tocar meu braço esquerdo. Respirei fundo e preendi o ar, congelando o sorriso em meu rosto.

Mal seus dedos tocaram-me a articulação do braço, fazendo cócegas em minha pele, e eu senti um arrepio.

Harvey considerou aquilo um convite, e se aproximou mais, quase fazendo com que nossos corpos se tocassem.

Coloquei a mão em seu peito para evitar que se aproximasse ainda mais. Seus pêlos do peito eram grossos, ásperos e bem pretos. Eu nunca gostei muito de peito cabeludo. Maciez eu aceito de bom grado. Seu braço começou a envolver minhas costas. Eu não sabia ao certo o que fazer.

Se eu desse mais um passo para trás, cairia sentada no so-fá, o que não seria uma idéia lá muito boa. Se eu desse um passo para frente, me aproximaria ainda mais dele, espremida contra todo aquele couro e pele. Ele olhou para mim, e sorriu.

— Estava morrendo de vontade de conhecê-la.

Ele disse “morrendo” como se fosse uma palavra

obscena, ou uma piada particular deles. Todos riram, menos Phillip, que pegou meu braço e me afastou de Harvey.

Apoiei-me em Phillip, e até abracei-lhe a cintura. Eu nunca havia abraçado uma pessoa que estivesse usando uma blusa arrastão. A sensação foi interessante.

Phillip disse:

— Lembrem-se do que eu disse.

— Claro, claro — disse Madge. — Ela é sua, toda

sua. Nada de compartilhar, nada de meio a meio. — Ela se aproximou dele, altiva, e se insinuando em sua apertada calcinha de renda. Com o salto alto, ela era capaz de olhar em seus olhos. —

Pode mantê-la a salvo de nós por enquanto, mas quando os grandões chegarem, você vai dividi-la. Eles o obrigarão a dividi-la.

Ele seguiu observando-a até que ela desviasse o olhar.

— Eu a trouxe aqui e serei eu que a levarei para ca-sa — disse. Madge ergueu uma sobrancelha.

— Vai lutar contra eles? Phillip, meu garoto, ela de-ve ser um docinho de menina, mas não vale a pena irritar os grandões por qualquer que seja a aquecedora de cama.

Afastei-me de Phillip, pus a mão espalmada na barriga dela e a empurrei, com a medida exata de força para que ela recuasse. Os saltos fizeram-na perder o equilíbrio, e ela quase caiu.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — avisei. —

Eu não sou nenhum docinho, nem aquecedora de cama.

— Anita... — disse Phillip.

— Ora, ora, ela é irritadiça. Onde foi que você a encontrou, Phillip?
— perguntou Madge.

Se tem uma coisa que eu detesto, é ser considerada encantadora quando estou irritada. Aproximei-me dela, e ela sorriu, olhando para baixo, para mim.

— Você sabia... — perguntei — que quando sorri

fica com rugas imensas dos dois lados da boca? Você já passou dos quarenta, não passou?

Ela respirou fundo, descompassadamente, e se afastou de mim.

— Sua vagabundinha.

— Nunca mais me chame de “docinho de menina”,

Madge, querida.

Rochelle ria em silêncio, e seus grandes seios chacoalhavam como uma geléia marrom-escura. Harvey permanecia sério. Se ele tivesse, no mínimo, sorrido, acho que Madge o teria machucado. Seus olhos brilhavam bastante, mas não havia nenhum traço de sorriso.

Uma porta abriu-se e fechou-se no fim do corredor, mais para o interior da casa. Uma mulher adentrou a sala.

Ela devia ter por volta de cinqüenta, ou talvez uns quarenta bem envelhecidos. Seus cabelos bastante loiros emolduravam um rosto rechonchudo. Podia apostar que aquela loira saíra de uma garrafa. Mãozinhas roliças cintilavam, repletas de anéis com gemas autênticas. Seu roupão negro e comprido arrastava-se pelo chão, e ela ainda vestia uma manta aberta de renda. O preto fosco de seu roupão lhe era simpático com a silhueta, contudo, não o bastante. Ela estava acima do peso, e não havia como esconder. Parecia uma participante de associações de pais e professores, uma líder de escoteiras, uma doceira, a mãe de alguém... E

lá permanecia ela, de pé, na passagem da porta, olhando fixamente para Phillip.

Ela soltou um pequeno guincho, e veio correndo na direção dele. Saiu da frente antes de ser esmigalhada pelo estouro da boiada. Phillip teve o tempo exato para se firmar, antes que ela atirasse seu peso considerável em seus braços. Por um instante, achei que ele fosse cair de costas no chão, com ela por cima, mas ele enrijeceu as costas, firmou as pernas e conseguiu deixar ambos eretos.

É o “Phillip Fortão”, capaz de erguer ninfomaníacas obesas com as duas mãos.

— Esta é Crystal — disse Harvey.

Crystal beijava o peito e a barriguinha de Phillip, e suas mãozinhas rechonchudas tentavam puxar-lhe a blusa de dentro da calça, para que tivesse acesso direto à pele.

Ela parecia uma cachorrinha alegre no cio.

Phillip tentava fazê-la desanimar, sem muito sucesso. Ele olhou para mim demoradamente. Foi então que me lembrei de que ele havia dito que deixara de comparecer às festas. Seria aquele o motivo? Crystal e gente do tipo? Madge, a das unhas pontiagudas? Eu o forcara a me trazer, mas, ao fazer isso, também o forcara a comparecer.

Se for pensar dessa maneira, a culpa de Phillip estar aqui era minha. Droga. Agora eu devia uma a ele.

Acariciei levemente a bochecha daquela mulher. Ela olhou para mim e piscou, e eu me perguntei se ela seria míope.

— Crystal... — disse eu, oferecendo-lhe o meu me-

lhor sorriso angelical. — Crystal, não tenho intenção de ser grossa, mas está passando a mão no meu namorado.

Imediatamente, ela ficou boquiaberta. Seus olhos pálidos se arregalaram.

— Namorado? — guinchou ela. — Ninguém tem namorado em uma festa.

— Bom, eu sou nova neste circuito de festas. Ainda não conheço as regras. Mas, de onde eu venho, uma mulher não apalpa o namorado da outra. Espere, pelo menos, eu virar as costas, está bem?

O lábio inferior dela estremeceu. Seus olhos come-

çaram a se encher de lágrimas. Eu havia sido gentil, até simpática, e ainda assim, ela ia chorar. O que ela estava fazendo ali, com aquela gente?

Madge se aproximou, abraçou Crystal com um dos

braços e levou-a embora. Madge fazia sons calmantes e acariciava-lhe os sedosos braços negros.

— Bastante fria — disse Rochelle.

Ela se afastou de mim, e foi em direção a um armário de bebidas que ficava junto a uma das paredes.

Harvey também foi, seguindo Madge e Crystal, sem sequer dar uma olhadela para trás.

Parecia que eu havia chutado um cachorrinho. Phillip soltou um longo suspiro e sentou-se no sofá. Ele juntou as mãos à sua frente, entre os joelhos. Sentei-me ao lado dele, afundando a saia entre as pernas.

— Não sei se consigo levar isso até o fim — murmurou ele.

Toquei-lhe o braço, que tremia. Um chacoalhar

constante, que não me agradou nem um pouquinho. Não havia me dado conta do quanto custaria a ele ir àquela festa hoje, mas estava começando a perceber.

— Podemos ir embora — disse eu.

Ele se virou, bastante devagar, e olhou para mim.

— Como assim?

— Disse que podemos ir embora.

— Está disposta a ir embora agora, sem ter desco-

berto coisa alguma, só porque eu estou enfrentando problemas? — perguntou-me.

— Digamos apenas que gosto muito mais de você

como o flerte cheio de si. Se continuar se comportando como uma pessoa normal, vai acabar me confundindo toda. Podemos ir embora, se isso tudo que está acontecendo for demais para você.

Ele respirou fundo e soltou o ar. Depois, sacudiu-se como um cachorro que sai do banho.

— Eu consigo. Se eu tiver opção, eu consigo. Foi a minha vez de olhar para ele.

— Por que não teve opção antes? Ele desviou o olhar.

— Só achei que deveria vir com você, já que queria tanto...

— Não, droga, não era a nada disso que você se referia! — Peguei no rosto dele e o forcei a olhar para mim.

— Alguém o mandou ir ao meu encontro naquele dia, não foi? Não foi apenas para saber sobre Jean-Claude, não é verdade?

Os olhos dele estavam arregalados, e eu conseguia sentir sua pulsação sob meus dedos.

— O que é que você teme, Phillip? Quem é que está lhe dando essas ordens?

— Anita, por favor, não posso... Minha mão caiu sobre meu colo.

— Quais foram as ordens que você recebeu, Phillip?

Ele engoliu saliva, e eu fiquei vendo a garganta dele funcionar.

— Só vim para dar-lhe segurança aqui, só isso.

Sua pulsação saltava sob a marca de mordida em

seu pescoço. Ele lambeu os lábios, porém não de maneira sedutora, e sim nervosa. Era mentira. O segredo era saber qual era o tamanho da mentira, e a respeito de quê.

Escutei a voz de Madge avançando pelo corredor,

repleta de uma sedução animadora. Que ótima anfitriã!

Ela acompanhava duas pessoas até onde estávamos. Uma ruiva, de cabelos curtos, e que exagerara na maquiagem dos olhos. Parecia que havia lambuzado as pálpebras com giz de cera verde. O outro era Edward, sorridente, no melhor de seu charme, envolvendo com o braço a cintura nua de Madge. Ela soltou uma risada sonora e gutural depois que ele sussurrou alguma coisa em seu ouvido.

Eu congelei por um segundo. Foi tão inesperado

que eu, simplesmente, congelei. Se ele tivesse sacado uma arma, poderia ter me matado enquanto eu ficava ali, sentada, com a boca escancarada. O que é que ele estava fazendo ali, droga?

Madge levou Edward e a mulher na direção do bar.

Virando a cabeça para trás, ele voltou a olhar para mim, por sobre o ombro dela, e abriu um sorriso com tamanha delicadeza que deixou-me os olhos azuis tão desprovidos de vida quanto os de uma boneca.

Eu sabia que minhas 24 horas não haviam acabado.

Disso eu sabia. Edward havia resolvido vir procurar Nikolaos. Será que ele havia nos seguido? Será que ele ouviu o recado de Phillip na minha secretária?

— O que houve? — perguntou Phillip.

— O que houve? — repeti. — Você vem recebendo ordens de alguém, provavelmente de um vampiro...

Terminei a frase silenciosamente, apenas em minha mente: e a Morte acabou de entrar valsando pela porta, para brincar de simpaticante, enquanto procura Nikolaos.

Edward só procurava um vampiro em especial com um motivo. A intenção dele era matá-la, se conseguisse chegar a tal ponto.

Pode ser que, enfim, o assassino tenha encontrado alguém a sua altura. Minha vontade era estar presente quando Edward, finalmente, fosse derrotado. Eu queria ver qual seria a presa grande demais para a Morte subjugar. Eu já havia visto essa presa bem de pertinho. Caso Edward e Nikolaos se esbarrem, e ela sequer suspeite de que eu tive participação nisso... merda. Merda, merda, merda!

A melhor coisa para mim seria delatar Edward. Ele havia me ameaçado e iria cumprir a ameaça. Ele me torturaria para conseguir tirar informação de mim. Eu devia alguma coisa a ele? Mas não seria capaz de fazê-lo, e sequer estava disposta a isso. Um ser humano

não entrega outro ser humano para esses monstros. Por qualquer que seja o motivo.

Monica havia desrespeitado essa regra, e eu a des-prezava por tê-lo feito. Acho que eu era quem chegava mais próxima do que Edward poderia chamar de amiga de verdade. Alguém que sabe quem e o que você é, e gosta de você mesmo assim. Eu gostava mesmo dele, apesar do que ele era, ou devido a isso. Mesmo sabendo que ele me mataria caso fosse conseguir algo com isso? Gostava, mesmo sabendo disso. Não fazia lá muito sentido quando se encarava a coisa por esse prisma. Mas eu não podia me preocupar com o senso de moral de Edward. A única pessoa que eu era obrigada a encarar no espelho era eu mesma. O único dilema moral que eu poderia resolver seriam os meus próprios.

Fiquei observando Edward brincar de beijinhos

com Madge. Ele era muito melhor na arte de representar do que eu. Também era muito melhor na arte de mentir.

Eu não o delataria, e Edward sabia disso. De sua

maneira bem particular, ele também me conhecia. Havia apostado a própria vida em minha integridade, e aquilo me irritava para valer. Detesto ser usada. Minha virtude acabou se tornando seu próprio castigo.

Mas talvez, ainda não sabia como, eu pudesse usar Edward da mesma maneira que ele estava me usando.

Talvez eu pudesse usar sua falta de honradez da mesma maneira que ele usava o meu excesso.

Havia possibilidades.

26

A RUIVA QUE CHEGARA com Edward veio até

o sofá e sentou-se no colo de Phillip. Ela soltava risadinhas e abraçava Phillip na altura do pescoço, dando pequenos chutes no ar. Ela não descia as mãos, tampouco tentava despi-lo. A noite estava melhorando. Edward andava atrás dela como uma sombra loira. Na mão, segurava um drinque; no rosto, exibia um sorriso adequadamente inofensivo.

Se eu não o conhecesse, nunca, só de olhar para ele, eu diria que ali estava um homem perigoso. Edward, o camaleão. Ele se equilibrou no braço do sofá, às costas da mulher, e ficou acariciando-lhe o ombro com uma das mãos.

— Anita, esta é Darlene — disse Phillip.

Acenei com a cabeça. Ela soltava risadinhas e continuava chutando o ar com aqueles pezinhos pequeninos.

— Este é Teddy. Ele não é esplêndido?

Teddy? Esplêndido? Consegui abrir um sorriso, e

Edward deu um beijo do lado do pescoço dela, que se a-ninhou contra seu tórax, ainda conseguindo serpear sobre o colo de Phillip ao mesmo tempo. Coordenação é isso aí.

— Posso provar um pouco? — perguntou Darlene,

sugou o lábio inferior sob os dentes, e o fez voltar ao normal bem devagar.

A respiração de Phillip estremeceu, e ele murmu-

rou:

— Pode.

Tive a impressão de que não iria gostar nada daqui-lo.

Darlene tomou-lhe o braço nas mãos, e o ergueu

até a boca. Ela aplicou um beijo bastante delicado em uma das cicatrizes de Phillip, e então escorregou, descendo as pernas, até que chegassem entre as dele, e até que ela chegasse a ficar ajoelhada a seus pés, ainda segurando-lhe o braço. Toda a parte de baixo de seu vestido havia se retorcido, e estava ao redor de sua cintura, presa às pernas de Phillip. Ela usava uma calcinha de renda vermelha, combinando com a cinta-liga. Coordenação de cor é isso aí.

O rosto de Phillip ficara frouxo. Ele a olhava enquanto ela levava seu braço à boca. Sua língua pequena e rosada o lambia. Rápida. Para fora. Molhada. Perdida. Ela olhou para o rosto de Phillip com aqueles olhos escuros e cheios. Deve ter gostado do que viu, pois começou a lambe-lhe as cicatrizes, uma a uma, delicadamente. Um rego-zijo. Ela não deixava um só instante de olhar para o rosto dele.

Phillip tremia. Suas costas sofriam espasmos. Fe-

chou os olhos e deitou a cabeça para trás, no sofá. Ela levou as mãos até seu abdome, agarrou-lhe a blusa e puxou. Ela saiu de dentro da calça, e as mãos dela acariciavam-lhe o peito nu.

Ele deu um impulso repentino, com os olhos arre-

galados, e agarrou-lhe os braços. Ficou balançando a ca-beça.

— Não, não. — A voz dele estava um pouco rouca.

Abafada demais.

— Quer que eu pare? — perguntou Darlene.

Os olhos dela estavam praticamente fechados. Sua respiração, ofegante. Seus lábios, volumosos e ansiosos.

Ele mostrava dificuldade em falar e manter a coerência de suas palavras ao mesmo tempo.

— Se formos em frente... Anita acabará ficando sozinha. Injustiça. Primeira festa dela.

Darlene olhou para mim, talvez pela primeira vez.

— Com essas cicatrizes?

— As cicatrizes são de um ataque de verdade. Eu a convenci a vir a esta festa. — Ele tirou as mãos dela de dentro de sua blusa. — Não posso abandoná-la. — Os olhos dele pareciam ter voltado a focalizar direito. — Ela não conhece as regras.

Darlene deitou a cabeça na coxa dele.

— Phillip, por favor, eu senti a sua falta.

— Você sabe o que fariam com ela.

— Teddy não deixará que nada aconteça a ela. Ele conhece as regras.

— Você já foi a outras festas? — perguntei.

— Já — disse Edward, e permaneceu olhando para mim durante vários segundos, enquanto eu tentava imaginá-lo em outras festas.

Então, era assim que ele conseguia informações do mundo dos vampiros. Usando os simpatizantes.

— Não — disse Phillip, pondo-se de pé, e fazendo

com que Darlene colocasse os pés no chão. Ele continuou segurando-lhe os antebraços. — Não — repetiu, e agora o som de sua voz estava convicto, confiante.

Ele a soltou e estendeu a mão em minha direção.

Eu a segurei. O que mais eu poderia fazer?

A mão dele estava quente e cheia de suor. Ele co-

meçou a sair dali a passos largos, e eu quase tive que correr com meus saltos para acompanhar minha mão.

Ele me levou até o fim do corredor, onde ficava o banheiro, e nós entramos. Ele trancou a porta, e deixou-se desabar sobre ela, com o rosto todo suado, e os olhos fechados. Puxei minha mão, que ele ainda segurava, ao que ele não resistiu.

Olhei em volta, para ver os lugares em que poderia me sentar, e, por fim, resolvi fazê-lo na borda da banheira.

Não estava confortável, mas parecia ser o menor de dois males. Phillip tragava fundo grandes quantidades de ar, até que, enfim, voltou-se para a pia. Ele abriu a torneira, e deixou a água cair, produzindo ruídos altos e jogando água para todos os lados. Ele molhava as mãos, e cobria o rosto d'água. Fez isso repetidas vezes, até que parou e ficou ali, de pé, com a água escorrendo pelo rosto. Ficaram go-tículas em seus cílios e em seus cabelos.

Olhando para si mesmo no espelho sobre a pia,

piscava os olhos várias vezes. Ele parecia assustado, sur-preendido.

A água pingava por seu pescoço e peito. Levantei-

me e entreguei-lhe uma toalha que estava exposta. Ele não deu resposta. Sequei seu peito com os vincos macios daquela toalha que cheirava a limpeza.

Enfim, ele pegou a toalha e terminou de se secar.

Seus cabelos estavam escuros e molhados perto do rosto.

Não havia como secá-los.

— Eu consegui — disse ele.

— É verdade — concordei. — Você conseguiu.

— Quase permiti que ela...

— Mas não permitiu, Phillip. É isso que vale.

Ele concordou com a cabeça, quicando-a rapidamente.

— É, acho que sim — disse ele, que ainda parecia estar sem fôlego.

— É melhor voltarmos para a festa.

Ele concordou de novo, mas permaneceu onde es-

tava, respirando fundo demais, como se não conseguisse absorver oxigênio o bastante.

— Phillip, você está bem?

A pergunta foi idiota, mas não consegui pensar em outra coisa para dizer.

Aquele mesmo concordar. O diálogo em pessoa.

— Quer ir embora? — perguntei. Só assim ele olhou para mim.

— Já é a segunda vez que me propõe isso. Por quê?

— Por que o quê?

— Por que me oferece o descumprimento de minha promessa?

Dei de ombros e esfreguei as mãos em meus braços.

— Porque... Porque você parece estar sofrendo

uma dor de alguma espécie. Porque você é um viciado que está tentando largar o vício, mais ou menos, e eu não quero ser a responsável por estragar tudo.

— É uma coisa... muito decente de se oferecer.

Ele disse "decente" como se não estivesse acostumado com tal palavra.

— Quer ir embora?

— Quero — disse ele. — Mas não podemos.

— Você já disse isso. Por que não podemos?

— Não posso, Anita. Não posso.

— Pode sim! Quem é que está lhe dando essas ordens, Phillip? Conte para mim. O que é que está acontecendo?!

Eu estava de pé, quase encostando meu corpo no

dele, cuspiendo cada palavra em seu peito, e olhando para seu rosto. É sempre complicado bancar a durona quando se precisa olhar para cima para ver os olhos da pessoa.

Mas eu fui baixinha a vida inteira, e a prática faz a perfeição.

Ele tentou abraçar-me à altura de meus ombros. Eu o empurrei para me afastar dele, mas suas mãos travaram às minhas costas.

— Phillip, pare com isso.

Minhas mãos estavam espalmadas sobre o peito de-

le para evitar que nossos corpos se encostassem demais.

Sua blusa estava molhada e gelada. Seu coração martelava dentro do peito. Engoli em seco e disse:

— Sua blusa está molhada.

Ele me soltou tão repentinamente que cheguei a

perder o equilíbrio, quase caindo para trás. Ele tirou a blusa por sobre a cabeça, com um movimento bastante natural. Obviamente, ele tinha muita prática em despir-se. Seria um tórax lindo sem as cicatrizes.

Ele deu um passo em minha direção.

— Pare exatamente onde está — pedi. — Qual a razão dessa repentina mudança de ânimo?

— Eu gosto de você. Isso não basta? Neguei com um gesto de cabeça.

— Não, não basta.

Ele soltou a blusa, que caiu ao chão. Fiquei olhando ela cair como se fosse importante. Dois passos, e ele já estava ao meu lado. Banheiros são tão pequenos! Acabei fazendo a única coisa em que pude pensar. Entrei, de pé, na banheira. Não era uma coisa muito digna, já que eu estava de salto alto, mas pelo menos não estava esmagada junto ao peito dele. Qualquer coisa já era uma melhora.

— Alguém está nos observando — disse ele.

Eu me virei, devagar, como em um filme de terror

dos ruins. A penumbra pendia contra as cortinas transparentes, e um rosto surgiu, nos observando, escondido no escuro. Era Harvey, o "sr. Couro". As janelas eram altas demais. Ele não podia estar com os pés no chão. Será que ele tinha subido em uma caixa? Ou talvez eles tivessem pequenas plataformas em todas as janelas, para que os clientes pudessem assistir aos espetáculos.

Permiti que Phillip me ajudasse a sair de dentro da banheira, e murmurei:

— Será que ele consegue nos escutar?

Phillip balançou a cabeça, e voltou a me envolver com os braços.

— A história é que somos namorados. Quer que Harvey desconfie que seja mentira?

— Isso é chantagem.

Ele sorriu. Um sorriso cintilante. Dava vontade de pegá-lo com a mão e acariciá-lo, de tão sexy. Senti um aperto no estômago. Ele se curvou para baixo, e eu não o detive. O beijo foi tudo o que já vinha sendo anunciado.

Lábios macios e volumosos, o contato entre as peles, um peso acalorado. As mãos dele apertavam minhas costas nuas, e seus dedos massageavam os músculos ao longo de minha coluna, até que eu relaxei, apoiada contra ele.

Ele beijou o lóbulo de minha orelha, e eu senti seu hálito quente. Sua língua brincava ao longo do contorno de meu maxilar. Sua boca encontrou a pulsação em meu pescoço. Sua língua procurava por ela como se derretesse e saísse pela pele. Dentes arranharam onde havia o latejar em meu pescoço. Dentes morderam fundo. Apertando.

Machucando.

Empurrei-o para que se afastasse.

— Merda! Você me mordeu!

Seus olhos estavam dispersos. Atordoados. Uma gota carmesim manchava-lhe o lábio inferior.

Levei uma das mãos ao pescoço, e ela voltou manchada de sangue.

— Maldito!

Ele lambeu meu sangue dos lábios.

— Creio que Harvey tenha acreditado no espetáculo-

lo. Agora você está marcada. Tem a prova do que é e da razão de ter vindo. — Ele respirou fundo, e estremeceu.

— Não precisarei voltar a encostar em você hoje. Providenciarei também para que ninguém mais o faça. Prometo.

Meu pescoço latejava. Uma mordida. Uma mordida, caramba!

— Você sabe quantos germes residem na boca de um ser humano?

Ele abriu um sorriso, ainda um pouco disperso.

— Não — respondeu.

Tirei-o do caminho com um empurrão, e espirrei

água no corte. A aparência correspondia com fidelidade ao que era: dentes humanos. A marca não era de uma arcada dentária perfeita, mas chegava perto.

— Maldito.

— Precisamos sair para que você possa procurar

suas pistas, Ele havia resgatado a blusa do chão e estava ali, de pé, segurando-a a seu lado. Peito nu e bronzeado, calça de couro, lábios volumosos como se estivesse su-gando alguma coisa. A mim.

— Está parecendo um anúncio de aluguel de gigolô

— brinquei.

Ele deu de ombros.

— Pronta para sairmos?

Eu ainda tocava o ferimento. Tentava ficar irritada, mas não conseguia. Estava com medo. De Phillip e do que ele poderia ser. Ou não ser. Eu não esperara aquilo.

Será que ele tinha razão? Será que eu ficaria mesmo em segurança pelo resto da noite? Ou ele só queria conhecer o meu sabor?

Ele abriu a porta, e me esperou. Eu saí. Enquanto voltávamos para a sala de estar, percebi que Phillip havia me distraído de minha pergunta. Para quem será que ele estava trabalhando? Eu seguia sem saber.

Era bastante vergonhoso o fato de que, sempre que ele tirava a blusa, meu cérebro tirava sua hora de almoço.

Mas já bastava. Eu havia experimentado meu primeiro e último beijo de Phillip, o das várias cicatrizes. De agora em diante, eu seguiria sendo a caçadora de vampiros mais durona que uma pedra. Não mais seria distraída por músculos bem torneados ou belos olhos.

Meus dedos tocavam a marca da mordida. Doía.

Chega de ser a boazinha. Se Phillip voltar a se aproximar de mim, vou machucá-lo. E claro que, sabendo como ele é, provavelmente fosse gostar.

27

MADGE NOS DETEVE no corredor, começou a levar a mão ao meu pescoço, mas agarrei-lhe o pulso.

— Irritadinha, irritadinha... — disse ela. — Não

gostou? Não venha me dizer que já está há um mês com Phillip e que ele nunca deu sequer uma provadinha em você.

Ela abaixou o sutiã de seda para mostrar a parte de cima do seio. Uma marca perfeita de mordida em sua carne pálida.

— É a marca registrada de Phillip, não sabia?

— Não — respondi, empurrando-a para deixá-la

para trás, e comecei a entrar na sala de estar. Um homem que eu não conhecia caiu aos meus pés. Crystal estava montada em cima dele, prendendo-o ao chão. Ele parecia jovem e um pouco assustado. Ele olhou para cima, passando por Crystal, até chegar a mim. Achei que fosse clamar por socorro, mas ela lhe deu um beijo bastante molhado e profundo, como se o bebesse boca abaixo. As mãos dele começaram a erguer-lhe as pregas de seda da saia. Suas coxas eram incrivelmente alvas. Pareciam baleias encalhadas.

Virei-me abruptamente e fui em direção à porta.

Meus saltos produziam ruídos que soavam importantes naquele chão de tábua corrida. Se eu não soubesse que não era verdade, teria dito que, pelo barulho, parecia que eu estava correndo. Eu não estava correndo. Só estava andando bastante rápido.

Phillip me alcançou quando cheguei à porta. Com a mão espalmada contra ela, não deixou que eu a abrisse.

Respirei fundo para me acalmar. Eu não iria perder a calma. Ainda não.

— Lamento, Anita, mas é melhor assim. Você está segura agora, dos humanos.

Olhei para o rosto dele, no alto, e balancei a cabeça.

— Você não entende mesmo. Estou precisando de um pouco de ar, Phillip. Não estou indo embora de vez, se é disso que tem medo.

— Eu acompanho você até lá fora.

— Não. Isso acabaria com o propósito, Phillip, já que você é uma das coisas das quais estou querendo me afastar.

Ele, então, deu um passo para trás, com as mãos para os lados. Seus olhos estavam cerrados. Protegidos.

Escondidos. Por que aquilo haveria de ferir-lhe os sentimentos? Eu não sabia, e também não tinha curiosidade de saber.

Abri a porta, e o calor me envolveu como um casaco de pele.

— Está escuro — disse ele. — Eles chegarão logo.

Não poderei fazer nada por você se não estiver ao seu lado.

Aproximei-me dele e disse, quase sussurrando:

— Sejamos sinceros, Phillip. Eu sou muito melhor

para me proteger do que você. O primeiro vampiro que o chamar com o dedo come você no almoço.

Ele começou a contorcer o rosto, e eu não queria ver aquilo.

— Que droga, Phillip, controle-se! — Saí para a-

quela varanda coberta de treliça, e lutei contra uma grande vontade de bater a porta. Seria uma atitude infantil. Eu estava me sentindo um pouco infantil no momento, mas era melhor guardar a sensação. Nunca se sabe quando um pouco de raiva infantil pode ser útil.

As cigarras e os grilos preenchiam a noite. Um ven-to balançava as copas das árvores altas, mas não chegava a tocar o chão. O ar por aqui era tão seco e abafado quanto plástico.

A sensação de calor era boa, depois de sair do ar-condicionado daquela casa. Era real e purificadora, de certa forma. Levei a mão à mordida em meu pescoço. Sentia-me suja, usada, abusada, nervosa, irritada... Não ia descobrir nada por aqui. Se alguém, ou alguma coisa, estava eliminando os vampiros que freqüentavam o circuito dos simpatizantes, não parecia ser uma idéia lá tão ruim.

É claro que, mesmo que eu nutrisse certa simpatia pelo assassino, ou não, não fazia diferença. Nikolaos tinha esperança em mim para solucionar aqueles crimes, e seria melhor que eu o fizesse.

Respirei fundo aquele ar denso, e senti as primeiras turbulências de... poder, que escoava através das árvores como o vento, mas cujo toque não resfriava a pele. Os pêlos de minha nuca tentavam se arrepiar, descendo a coluna. Quem quer que fossem, eram poderosos. E estavam tentando ressuscitar mortos.

Apesar do calor, havia chovido muito, e meus saltos afundaram-se na grama imediatamente. Acabei andando quase agachada, e nas

pontas dos pés, tentando não me atrapalhar naquela terra lamacenta.

O chão estava repleto de frutos dos carvalhos. A

sensação era de que eu pisava em bolas de gude. Caí por cima do tronco de uma árvore, segurando-me dolorosa-mente, e forçando o ombro que Aubrey ferira de maneira tão gentil.

Ecoou um balido estridente, agudo, e tomado de

pânico. Havia sido próximo. Seria um truque daquele ar sereno ou haveria mesmo um bode balindo? A lamúria terminou com o som de um gorgolejo aguado, denso e borbulhante. As árvores acabaram, e o solo estava claro e prateado com a luz que vinha da lua.

Tirei um dos pés do sapato e experimentei pisar.

Encharcado. Frio. Mas não estava tão ruim assim. Tirei o outro pé, preendi os dois com uma das mãos, e corri.

O quintal era enorme e se alongava pelo escuro prateado. Seu vazio se estendia, exceto por um muro de cercas vivas que cresceram demais, e pareciam árvores pequenas a distância. Corri na direção delas. A sepultura tinha que estar ali. Não havia outro lugar para escondê-la.

O ritual para ressuscitar um morto é bem curto em comparação a outros rituais. O poder se espalhava pela noite, e ia para dentro do túmulo. Criava uma ascensão vagarosa e estável, uma "mágica" quente. Puxava-me aos arrancos pelo estômago, e me levou às cercas vivas, que se elevavam, negras à luz do luar, e crescidas demais. Des-controladas. Eu não iria, de maneira alguma, me espremer para passar pelo meio delas.

Um homem gritou, seguido de uma mulher:

— Cadê ele? Cadê o zumbi que nos prometeu?

— Ele era velho demais! — disse, com a voz fina de tanto medo.

— Você disse que galinhas não bastavam, então

nós arrumamos um bode para você matar. Mas cadê o zumbi? Achei que você fosse bom nisso.

Encontrei um portão do lado oposto às cercas vivas. Metálico, enferrujado e deformado em sua estrutura.

Ele gemeu, um grito metálico, quando o empurrei para abri-lo. Mais de uma dúzia de par de olhos viraram-se em minha direção. Rostos pálidos. Aquela extrema imobilidade dos mortos. Vampiros. Estavam esperando em meio às antiqüíssimas lápides daquele pequeno cemitério familiar.

Nada espera com tanta paciência quanto os mortos.

Um dos vampiros que estava mais próximo a mim

era o negro do covil de Nikolaos. Minha pulsação acele-rou, e dei uma pesquisada rápida naquela aglomeração. Ela não estava presente. Obrigada, Deus.

O vampiro sorriu, e disse:

— Veio assistir... ressuscitadora?

Será que ele quase havia dito "Executora"? Era segredo?

De qualquer forma, ele fez com que os outros recu-assem para permitir que eu visse o espetáculo. Zachary estava deitado no chão, com a blusa encharcada de sangue. Não se pode rasgar a garganta

de nada sem deixar um pouco de sujeira. Theresa estava de pé sobre ele, com as mãos à cintura. Ela vestia preto. A única parte exposta de sua pele era uma faixa de carne pelo meio, pálida e quase brilhante à luz das estrelas. “Theresa, a Senhora da Escuridão.”

Seus olhos viraram-se rapidamente para mim, e logo voltaram-se para aquele homem.

— E então, Zachary, cadê o nosso zumbi? Deu para ouvir-lo engolir.

— É velho demais! Não resta o bastante.

— Só tem cem anos de idade, ressuscitador. Você é tão fraco assim?

Ele olhou para o chão. Seus dedos enterraram-se na terra lamacenta. Ele deu uma olhadela rápida para mim e voltou rapidamente a olhar para baixo. Não deu para entender o que ele tentou me dizer com aquela olhadela.

Medo? Era para eu correr? Um apelo por socorro? O quê?

— De que serve um ressuscitador que não conse-

gue ressuscitar mortos? — perguntou Theresa, colocando-se de joelhos, repentinamente ao lado dele, com as mãos em seus ombros. Zachary titubeou, mas não tentou escapar.

Uma leve agitação, quase uma movimentação de

verdade, percorreu os outros vampiros. Eu sentia a tensão de todo aquele círculo às minhas costas. Iriam matá-lo.

Ele não ter ressuscitado o zumbi era uma mera desculpa.

Parte do jogo.

Theresa rasgou-lhe as costas da blusa, que agora esvoaçava ao redor da parte inferior dos braços dele, ainda presa dentro da calça. Um suspiro coletivo correu em meio aos vampiros.

Uma braçadeira de fios trançados envolvia-lhe a

parte de cima do braço direito, toda trabalhada com contas. Era um amuleto vodu, mas não seria capaz de ajudá-lo naquele momento. Independentemente do poder que ele possuísse, não seria suficiente.

Theresa fingiu um murmúrio:

— Talvez você seja apenas carne fresca...

Os vampiros começaram a se aproximar, silenciosos como o vento passando pela grama.

Eu não podia ficar parada ali, apenas assistindo. Ele era um colega de profissão, e um ser humano. Eu não podia simplesmente deixá-lo morrer. Não daquela maneira.

Não na minha frente.

— Esperem... — pedi.

Tive a impressão de que ninguém me ouvira. Os

vampiros se aproximavam cada vez mais de Zachary, e eu o perdia de vista. Bastava que um o mordesse para que se iniciasse o frenesi. Todos se aproveitariam. Eu já havia visto aquilo acontecer uma vez. Nunca conseguiria me livrar dos pesadelos se visse de novo.

Falei mais alto, e rezei para que me escutassem.

— Esperem! Ele não pertence a Nikolaos? Ele não chamou Nikolaos de mestra?

Eles hesitaram, e depois se afastaram, para que

Theresa viesse andando a passos largos pelo meio deles, até ficar cara a cara comigo.

— Isto aqui não lhe diz respeito.

Ela olhou fixamente para meus olhos, e eu não evitei seu olhar furioso. Uma coisa a menos com o que se preocupar.

— Acabei de fazer com que me diga respeito — re-truquei.

— Deseja juntar-se a ele?

Os vampiros começaram a se espalhar, saindo de

perto de Zachary para, agora, fazerem um círculo ao meu redor. Permite que o fizessem. Não havia muita alternativa para mim de qualquer maneira. Ou eu conseguiria tirar nós dois daquela situação com vida, ou morreria junto com ele. Talvez. Provavelmente. Enfim...

— Desejo conversar com ele, de um profissional para o outro — pedi.

— Por quê? — ela perguntou.

Aproximei-me dela até um ponto em que quase nos

tocávamos. A raiva que ela sentia era praticamente palpá-

vel. Eu estava acabando com a reputação dela na frente dos outros, e sabia disso. E ela sabia que eu sabia. Sussurrei, embora alguns ali fossem me escutar.

— Nikolaos ordenou que esse homem morresse,

mas ela me quer viva, Theresa. O que ela lhe faria caso eu viesse a, acidentalmente, morrer aqui hoje? — Eu disse as últimas palavras jogando meu hálito em seu rosto. — Pretende passar a eternidade confinada a um caixão coberto de cruzes?

Ela soltou um rosnado e se afastou bruscamente, como se eu a houvesse esaldado.

— Maldita seja, mortal! Que seja amaldiçoada com

o inferno! — Seus cabelos negros crepitavam ao redor de seu rosto. Suas mãos agora eram garras. — Converse com ele, por mais que não vá lhes adiantar de nada. Ele deve ressuscitar este zumbi. Este zumbi, ou ele é nosso. Assim disse Nikolaos.

— Se ele ressuscitar o zumbi, está livre? Poderá ir embora sem sofrer mal algum? — questionei.

— Poderia, mas ele não consegue. Não tem poder o bastante.

— O que era exatamente com o que Nikolaos contava — esclareci.

Theresa sorriu. Um sorriso forçado e furioso, exibindo as presas.

— Issso.

Ela virou as costas para mim e saiu caminhando a

passos largos por entre os outros vampiros, que abriam caminho para sua passagem como pombos em pânico. E

eu a estava enfrentando. Às vezes, bravura e estupidez são quase intercambiáveis.

Ajoelhei-me ao lado de Zachary.

— Você está ferido?

Ele negou com um gesto da cabeça.

— Agradeço a preocupação, mas eles tentarão me

matar hoje. — Ele olhou na minha direção, os olhos pálidos à procura de meu rosto. — Nada que fizer poderá detê-los. — Ele abriu um sorriso incerto. — Até você tem seus limites.

— Podemos ressuscitar este zumbi se confiar em mim.

Ele franziu a testa, e depois ficou olhando para

mim. Não consegui definir sua expressão... Era confusão, mas havia alguma coisa além.

— Por quê?

O que eu iria dizer? Que eu não conseguiria sim-

plesmente vê-lo morrer? Ele havia visto um homem ser torturado e não levantou sequer um dedo. Escolhi o motivo menos demorado.

— Porque não posso permitir que fiquem com você, se eu puder impedir.

— Não entendo você, Anita. Nem um pouquinho.

— Somos dois, então. Consegue ficar de pé? Ele confirmou com a cabeça.

— O que está planejando?

— Vamos unir nossos poderes. Ele arregalou os olhos.

— Caramba, você consegue ser um foco?

— Já consegui duas vezes.

As duas com a mesma pessoa. A pessoa que me treinara para ser ressuscitadora. Nunca com um estranho.

Sua voz baixou o volume para um mero sussurro.

— Tem certeza de que quer fazer isso mesmo?

— Salvá-lo? — perguntei.

— Compartilhar seu poder — respondeu ele.

Theresa veio até nós com seu caminhar de passos largos, e sua roupa silvando.

— Já chega, ressuscitadora. Ele não conseguiu, portanto, pagará o preço. Parta agora ou una-se a nós em nosso... banquete.

— Vocês vão comer o quem-assado inteiro? — perguntei.

— De que está falando?

— Fiz uma citação do filme O Grinch. Sabe, aquela parte em que ele diz: “E banqueteariam! Banqueteariam!

Banqueteariam! Banqueteariam! Banqueteariam com quem-dim e com o quem-assado inteiro.”

— Você é louca.

— Já me disseram isso.

— Quer morrer? — perguntou ela.

Levantei-me, bem devagar, e senti uma coisa cres-

cendo dentro de mim. Uma garantia, uma certeza absoluta de que ela não representava perigo para mim. Era uma coisa estúpida, mas eu sentia. Uma sensação firme e verdadeira.

— Pode ser que alguém me mate antes que tudo is-

to acabe, Theresa... — cheguei bem perto dela, que acabou recuando — , mas não será você.

Quase dava para sentir sua pulsação em minha bo-

ca. Será que ela tinha medo de mim? Estaria eu enlouquecendo? Eu havia acabado de confrontar uma vampira centenária, e ela recuara! Senti-me desorientada, quase tonta, como se a realidade tivesse se movimentado, e ninguém me alertara.

Theresa virou as costas para mim, com as mãos em punho.

— Revivam esse morto, ressuscitadores, ou, em

nome de todo o sangue que já foi derramado, eu mato vocês dois.

Acho que ela falava sério. Chacoalhei-me como um

cachorro que sai da água. Precisava pacificar uma dúzia de frade de vampiros e ressuscitar um cadáver centenário.

Meu limite para cuidar de tantos problemas de uma vez só era um zilhão. Um zilhão e um já estava além de minha capacidade.

— Levante-se, Zachary — pedi. — Hora de traba-

lhar. Ele se pôs de pé.

— Nunca fiz isso com um foco. Precisa me dizer o que fazer.

— Sem problema algum — respondi.

28

ELES HAVIAM DEITADO O bode de lado. O

branco descoberto de sua coluna luzia sob o luar. Ainda vazava sangue pelo chão todo, saindo do ferimento aberto. Os olhos estavam vitrificados, olhando para cima, e a língua pendia da boca.

Quanto mais velho o zumbi, maior é o sacrifício

necessário. Eu sabia disso, e era exatamente por isso que eu evitava zumbis muito velhos sempre que conseguia.

Um cadáver de cem anos é praticamente só pó. Talvez, com sorte, alguns poucos fragmentos de ossos, que volta-vam a formar-se para se erguer do túmulo. Se você tivesse poder para tanto.

O problema é que a maioria dos ressuscitadores

não era capaz de reviver os há muito mortos, os de mais de um século. Eu tinha essa capacidade. Só não queria. Já tive discussões acaloradas com Bert a respeito de minhas preferências. Quanto mais velho fosse o zumbi, maior era o preço que cobrávamos. Este era, no mínimo, um serviço de vinte mil dólares. Eu duvidava que fosse receber qualquer recompensa financeira aquela noite, a não ser que viver até a manhã do dia seguinte fosse pagamento suficiente. É, mas acho que, de fato, era. Um brinde em home-nagem ao testemunho de mais uma aurora.

Zachary veio se colocar ao meu lado. Ele havia arrancado os retalhos que sobraram de sua blusa, e ficou do meu lado, magro e pálido. Seu rosto era exclusivamente sombra e carne branca. Os ossos das bochechas eram altos e quase cavernosos.

— Agora fazemos o quê? — perguntou-me ele.

A carcaça do bode estava no meio do círculo de sangue que ele já traçara. Ótimo.

— Traga tudo o que precisamos para o interior do

círculo. Ele trouxe uma faca comprida de caça e um jarro de meio litro repleto de um unguento claro e de luminosidade bem fraca. Particularmente, eu preferia um machete, mas aquela faca era enorme, resplandecente e tinha o gume dentado. Estava limpa e afiada. Ele cuidava muito bem de suas ferramentas de trabalho. Ponto para ele, apesar disso não valer de nada.

— Não podemos matar o bode duas vezes — disse ele. — O que vamos usar?

— Nós dois — respondi.

— Como assim?

— Cortaremos nossa própria carne. Daremos o máximo de sangue vivo e fresco que estivermos dispostos a oferecer.

— A perda sangüínea a deixará fraca demais para seguir em frente.

Neguei, com um gesto de cabeça.

— Já temos um círculo de sangue, Zachary. Vamos apenas reativá-lo, não vamos refazê-lo.

— Não entendi.

— Não tenho tempo para lhe explicar metafísica.

Cada ferimento é uma pequena morte. Daremos ao círculo uma morte menor, assim, reativando-o.

Ele balançou a cabeça.

— Ainda não entendi.

Ofereci-lhe minha mão para que me desse a faca.

Ele hesitou, e então entregou-me, com o cabo virado para mim. Parecia pesada demais na parte de cima, mas não havia sido mesmo projetada para ser lançada. Respirei fundo e pressionei o fio da lâmina contra meu braço esquerdo, logo abaixo da queimadura em forma de cruz.

Uma rápida pressão e o sangue começou a gotejar, bastante escuro. Começou a arder. Uma dor aguda e imediata.

Deixei escapar o suspiro que vinha segurando, e entreguei a faca a Zachary.

Ele alternava olhares entre mim e a faca.

— Corte o direito, para que fiquemos de frente um para o outro — mandei.

Ele concordou, e deu um talho rápido no braço direito. Sua respiração sibilou, quase engasgando.

— Ajoelhe-se junto a mim.

Eu me ajoelhei e ele fez o mesmo, ficando de frente para mim, como eu havia pedido. Um homem capaz de obedecer a instruções. Nada mau.

Dobrei o cotovelo esquerdo e levantei o braço, para que as pontas dos dedos ficassem à altura de minha cabe-

ça e o cotovelo, à altura de meus ombros. Ele fez o mesmo.

— Juntaremos as mãos, pressionando um corte contra o outro.

Ele hesitou, imóvel.

— Qual é o problema? — perguntei.

Ele agitou duas vezes, rapidamente, a cabeça para os lados, e envolveu minha mão com a dele. Seu braço era mais comprido que o meu, mas isso não foi problema.

Sua pele me passou certa sensação de desconforto

ao tocar a minha, por estar fria. Olhei para cima, para o rosto dele, mas não consegui decifrá-lo. Não fazia a mí-

nima idéia do que ele estava pensando. Respirei bem fundo, um fôlego purificador, e comecei.

Respirei fundo, e então percebi que não conseguiria explicar-lhe aquilo. Seria como tentar explicar a mecânica da respiração. Pode até ser possível descrever minimamente cada etapa, mas mesmo assim não mostra qual é a sensação de se respirar.

— Vou mostrar para que entenda.

Se ele não sentisse esta parte do ritual, e não compreendesse sem explicações verbais, o resto não daria certo de qualquer maneira.

— Damos nosso sangue à terra. Vida por morte,

morte por vida. Que ergam-se os mortos, e venham beber de nosso sangue. Que nós os alimentemos, e eles nos en-treguem sua obediência.

Foi então que seus olhos arregalaram-se. Ele entendera. Um obstáculo a menos. Levantei-me e o levei comigo. Comecei a direcioná-lo ao redor do círculo de sangue.

Eu sentia aquilo como uma corrente elétrica subindo minha coluna. Olhei bem fixamente para dentro dos olhos dele. Eram quase prateados à luz do luar. Demos a volta pelo círculo e terminamos onde havíamos iniciado, ao la-do do sacrifício.

Sentamos naquela grama banhada de sangue. Mo-

lhei a mão direita no sangue que ainda vertia do ferimento do bode. Tive que me ajoelhar para alcançar o rosto de Zachary. Passei o sangue em sua testa, descendo pelas bochechas. Pele macia. O roçar da barba que nasce. Deixei uma escura marca de minha mão sobre seu coração.

A braçadeira trançada parecia um círculo de escuri-dão naquele braço. Passei sangue naquelas contas, e as pontas de meus dedos descobriram o macio roçar de penas que fora trabalhado naquele rosário. O amuleto precisava de sangue, dava para perceber claramente. Mas não era sangue de bode. Dei de ombros e não me importei.

Preocupar-me com a mágica particular de Zachary pode ficar para depois.

Ele passou sangue em meu rosto usando apenas as

pontas dos dedos, como se tivesse medo de encostar em mim. Eu sentia a mão dele tremer enquanto passava-a por minhas bochechas. A sensação do sangue sobre meu peito era de uma umidade gélida. Sangue do coração.

Zachary abriu o jarro que continha o unguento ca-

seiro, cuja cor era clara, parecendo um branco sujo salpicado com luzes esverdeadas. O salpicado incandescente era humo de cemitério.

Esfreguei o unguento sobre os traços de sangue. A pele chupou tudo.

Ele esfregou o creme em meu rosto. Tinha a con-

sistência espessa como uma cera. Consegui detectar o odor de pinho-do-alecrim para memória, canela e cravo-da-

índia para preservação, salva para sabedoria e alguma erva de odor bem intenso, talvez tomilho, para unir todos os poderes. Ele exagerou na canela. De repente, a noite cheirava a torta de maçã.

Fomos juntos passar unguento e sangue na sepultu-

ra. O nome era mostrado apenas por leves entalhes no mármore. Marquei-o com as pontas dos dedos. Estelle Hewitt. Nascida em mil oitocentos e alguma coisa. Faleceu em 1866. Havia mais entalhes abaixo da data e do nome, mas já estavam desgastados e eram impossíveis de serem decifrados. Quem seria? Eu nunca ressuscitara um zumbi de quem não soubesse nada a respeito. Nem sempre era uma boa idéia, mas, pensando bem, tudo isso que estava ocorrendo já não era uma boa idéia.

Zachary postou-se ao pé do túmulo, e eu permaneci ao lado da lápide. A sensação era de que, entre mim e Zachary, fora estendido um fio invisível. Começamos a reci-tar o cântico juntos. Perguntas eram desnecessárias.

— Ouça-nos, Estelle Hewitt. Nós a invocamos de

seu túmulo. Com sangue, magia e aço, a invocamos. Erga-se, Estelle, e venha a nós. Venha a nós.

Nossos olhares se encontraram, e eu senti um pu-

xão no fio invisível que nos unia. Ele era poderoso. Por que será que não foi capaz de ressuscitá-la sem mim?

— Estelle. Estelle, venha a nós. Desperte, Estelle.

Erga-se, e venha a nós — chamávamos o nome dela, cada vez elevando mais a voz.

O chão estremeceu. O bode deslizava para o lado

enquanto o solo entrava em erupção, e uma mão apareceu buscando ar. Uma segunda mão segurou o nada, e a terra começou a expelir a morta aos poucos.

Foi então, somente naquela hora, que eu percebi o que estava errado. O motivo de ele não conseguir ressuscitá-la sem mim. Agora eu sabia onde já o havia visto. Eu compareci ao funeral dele. A categoria dos ressuscitadores tinha um número tão pequeno de profissionais que, se algum morresse, você comparecia, e ponto final. Cortesia profissional. Eu vi aquele rosto magro todo maquiado.

Quem o maquiou fez um péssimo trabalho. Lembro-me de ter pensado isso à época.

A zumbi quase saíra sozinha do túmulo. Ela ficou

sentada, arfando, com as pernas ainda presas ao chão.

Zachary e eu nos entreolhamos por cima da tumba.

A única coisa que eu conseguia fazer era olhar para ele como uma idiota. Ele estava morto, mas não era um zumbi, tampouco era qualquer outra coisa que eu já tivesse ouvido falar. Teria apostado a

minha vida com base em sua humanidade, e pode ser que eu tenha feito justamente isso.

Aquela braçadeira trançada. O feitiço que não se satisfizera com o sangue do bode. O que ele estaria fazendo para permanecer "vivo"?

Já havia ouvido boatos a respeito de amuletos capazes de enganar a morte. Boatos. Lendas. Contos de fada.

Mas, pensando melhor, talvez não.

Pode até ser que Estelle Hewitt já tenha sido uma mulher bonita, mas cem anos, a sete palmos, desgastam muito a pessoa. Sua pele tinha um feio branco-acinzentado, ceroso e praticamente inexpressivo, que chegava a parecer falso. Luvas brancas escondiam-lhe as mãos, manchadas com as cinzas do túmulo. Seu vestido era branco, coberto por rendas. Eu podia apostar que era um vestido de noiva. Nossa mãe!

Na parte de cima da cabeça, um coque de cabelos

negros. No resto, tufos esparsos emolduravam-lhe o rosto praticamente esquelético. Era possível ver-lhe todos os ossos, como se sua pele fosse argila moldada sobre uma estrutura. Seus olhos eram frenéticos, escuros, e exibiam demais de seu branco. Pelo menos não secaram, ficando com a aparência de uvas murchas. Eu detestava aquilo.

Estelle sentou-se ao lado de sua tumba, e tentou

organizar os pensamentos. Ainda levaria algum tempo.

Até mesmo os que acabavam de morrer levavam alguns minutos para entender o que havia acontecido. Cem anos era tempo demais para se estar morto.

Eu andava ao redor do túmulo, tomando cuidado

para não sair do círculo. Zachary viu que eu me aproximava, e não disse sequer uma palavra. Ele não conseguiu ressuscitar aquela morta porque ele próprio já era um ca-dáver. Com os que morriam há pouco, ainda dava, mas não com os que morreram há muito. Mortos invocando mortos do túmulo... Havia alguma coisa de muito errado naquilo.

Olhei para ele enquanto resgatava sua faca. Eu conhecia seu segredo. Será que Nikolaos sabia? Será que al-guém sabia? Sabia. Quem quer que tenha feito o amuleto sabia. Mas quem mais saberia? Espremi a pele ao redor do corte em meu braço, e levei os dedos ensangüentados na direção dele.

Ele agarrou meu pulso com os olhos arregalados.

Sua respiração acelerara.

— Você não.

— Quem, então?

— Gente que ninguém sinta a falta.

A zumbi que acabáramos de reviver andava em um

farfalhar de anáguas e saias-balão, e começou a rastejar em nossa direção.

— Deveria ter deixado que o matassem — disse eu.

Ele sorriu.

— É capaz de matar quem já morreu? Soltei meu pulso com um puxão.

— É o que mais faço.

A zumbi tentava agarrar minhas pernas. Pareciam gravetos me dando pontadas.

— Alimente-a você mesmo, seu desgraçado — irritei-me.

Ele estendeu o pulso em direção à criatura. A zumbi agarrou-lhe o braço sem o mínimo cuidado, ansiosa.

Ela cheirou-lhe a pele, e soltou seu membro intocado.

— Acho que não posso alimentá-la, Anita.

É claro que não. Era necessário sangue vivo e fresco para fechar o ritual. Zachary estava morto. Não servia mais. Mas eu servia.

— Maldito seja, Zachary. Maldito seja.

Ele apenas me olhava.

A zumbi emitia um som gutural, lamurioso e bas-

tante grave. Meu Deus! Ofereci-lhe meu braço esquerdo, que já sangrava. As mãos pontudas se afundaram em minha pele. Ela firmou a boca ao redor do ferimento e o sugou. Resisti à extrema necessidade de puxar o braço. Fui eu que fiz o acordo e escolhi o ritual. Não tinha opção.

Não parei de olhar para Zachary enquanto aquela coisa se alimentava do meu sangue. A nossa zumbi. Uma joint venture. Maldição!

— Quantos já matou para permanecer vivo? — perguntei.

— É melhor não saber.

— Quantos?

— Basta — respondeu.

Fiquei tensa e levantei o braço, praticamente er-

guendo a zumbi do chão. Ela reclamou com um som suave, típico de um gatinho recém-nascido, e soltou meu bra-

ço tão repentinamente que caiu para trás. O sangue escorria por seu queixo ossudo. Ele também deixara-lhe os dentes todos manchados. Eu não conseguia ficar olhando para nada daquilo.

— O círculo está aberto. A zumbi é de vocês —
disse Zachary.

Por um curto instante, achei que ele falava comigo.

Foi então que me lembrei dos vampiros, que ficaram a-grupados no escuro, tão quietos e imóveis, que eu me esquecera deles. Eu era a única que estava viva naquele lugar maldito. Tinha que dar o fora dali.

Catei meus sapatos e saí do círculo. Os vampiros

abriram passagem para mim. Theresa interrompeu meu caminho, parando em minha frente.

— Por que permitiu que sugasse do seu sangue?

Zumbis não fazem isso.

Balancei a cabeça. Por que será que eu achei que seria mais rápido explicar do que brigar por causa daquilo?

— O ritual já havia dado errado. Não dava para recomeçar mos sem um outro sacrifício. Foi então que me ofereci para ser o sacrifício.

Ela me olhava.

— Você se ofereceu?

— Foi o melhor que deu para fazer, Theresa. Agora, saia da minha frente.

Eu estava cansada e passando mal. Precisava sair

dali naquela hora. Talvez ela tenha percebido pela minha voz. Talvez estivesse tão ansiosa para chegar à zumbi que mexer comigo não era tão importante assim. Não sei qual foi o motivo, mas o fato foi que ela saiu da minha frente.

Simplesmente desapareceu, como se o vento a levasse.

Deixe que façam suas brincadeirinhas psicológicas. Eu ia voltar para casa.

Escutei um pequeno grito vindo de trás de mim.

Um som curto e abafado, como se aquela voz não estivesse acostumada a falar. Continuei andando. A zumbi gritava. Lembranças humanas ainda presentes. O bastante para ter medo. Escutei uma risada sonora. Um eco distante de Jean-Claude. Cadê você, Jean-Claude?

Dei somente uma olhadela rápida para trás. Os

vampiros cercavam-na. A zumbi tropeçava de um lado para o outro, tentando correr. Mas não havia lugar aonde ela pudesse ir.

Tropecei ao passar pelo portão enferrujado. O vento, enfim, descera do alto das árvores. Mais um grito ecoou, vindo lá de trás das cercas

vivas. Eu corri, e não olhei mais para trás.

29

ESCORREGUEI na grama encharcada. Se você

quiser correr, é melhor não estar usando meia-calça. Fiquei ali, sentada, respirando, tentando não pensar. Eu havia ressuscitado uma zumbi, para salvar um ser humano, que não era ser humano. Agora, essa mesma zumbi era torturada por vampiros. Merda. A noite não estava nem na metade ainda.

— O que vem agora? — murmurei.

Uma voz respondeu, branda como música.

— Saudações, ressuscitadora. Parece-me que está tendo uma noite deveras cheia.

Nikolaos estava de pé às sombras das árvores. Willie McCoy a acompanhava, um pouco para o lado, não muito perto dela, como um guarda-costas ou um serviçal.

Eu apostaria em serviçal.

— Parece inquieta. Qual é o problema? — pergun-

tou, e sua voz elevava-se em uma cadência melodiosa. Era o retorno daquela menininha perigosa.

— Zachary ressuscitou a zumbi. Não pode mais usar isso como desculpa para matá-lo.

Então eu ri. Até mesmo para mim, a risada foi rude e cruel. Ele já estava morto. Não creio que ela soubesse.

Ela não era capaz de ler pensamentos, podia apenas forçar os donos de tais pensamentos a dizerem-lhe a verdade.

Aposto que Nikolaos nunca pensara em perguntar: “Você está vivo, Zachary? Ou é apenas um cadáver ambulante?”

Soltei mais uma risada, sem conseguir detê-las.

— Anita, está tudo bem com você? — perguntou

Willie, e o som de sua voz era o mesmo de sempre.

Afirmei com um gesto de cabeça, enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Estou bem.

— Não estou vendo essa graça toda nesta situação, ressuscitadora.

— A voz infantil falhava como uma máscara que vai caindo aos poucos. — Você ajudou Zachary a ressuscitar a zumbi. — Ela colocou um tom naquilo, co-mo se fosse uma acusação.

— Ajudei.

Escutei movimentos pela grama. As passadas de

Willie, e nada mais. Olhei para cima e vi Nikolaos vindo em minha direção, furtiva como uma felina. Ela sorria.

Uma criança linda. Inofensiva. Um modelo. Uma graça.

Não. Seu rosto era um pouco comprido. A perfeita noiva infantil não era mais tão perfeita. Quanto mais ela se aproximava, mais falhas eu conseguia apontar. Será que eu estava vendo sua aparência real? Será?

— - Está me olhando, ressuscitadora. — Ela soltou uma risada aguda e sinistra. Mensageiros do vento em uma tempestade. — Como se tivesse visto um fantasma. —

Ajoelhou-se, puxando as calças largas para cima dos joelhos como se fosse uma saia. —

Viu um fantasma mesmo, ressuscitadora? Viu alguma coisa que a deixou assustada? Ou é outra coisa?

A distância do rosto dela para mim era de apenas

um braço. Eu prendia a respiração, e enterrava os dedos no chão. O medo me cobria como uma gélida segunda pele. Aquele rostinho era tão agradável, sorridente e incentivador... Ela precisava mesmo de uma covinha para combinar com aquilo tudo. Minha voz estava rouca, e tive que tossir para falar sem a rouquidão.

— Eu ressuscitei a zumbi. Não quero que façam mal a ela.

— Mas é uma mera zumbi, ressuscitadora. Eles não têm mentes de verdade.

Fiquei apenas olhando aquele rosto delgado e agradável, com medo de desviar o olhar dela e com medo de olhar para ela. Sentia um aperto no peito por causa da necessidade incontrolável de correr.

— Já foi um ser humano. Não quero que seja torturada.

— Não a machucarão muito. Meus pequenos vam-

piros ficarão decepcionados. Mortos não podem se alimentar de mortos.

— Demônios devoradores de cadáveres podem.

Eles se alimentam de mortos.

— Mas o que é um demônio devorador de cadáveres, ressuscitadora? Eles estão mortos de fato?

— Estão.

— Eu estou morta? — perguntou ela. — Está.

— Tem certeza?

Ela tinha uma pequena cicatriz próxima ao lábio superior. Deve tê-la conseguido antes de morrer.

— Tenho certeza — afirmei.

Ela então gargalhou. Uma risada capaz de levar um sorriso ao rosto e uma canção ao coração de qualquer um.

Em mim, provocou um aperto no estômago. É bem capaz que eu nunca mais veja com prazer um filme da Shirley Temple.

— Acho que não tem tanta certeza assim.

Ela se pôs de pé com um movimento suave. Mil anos de prática trazem a perfeição.

— Só que eu quero aquela zumbi de volta à tumba esta noite — disse eu.

— Você não está em posição de querer coisa alguma.

A voz agora era fria, bastante adulta. Uma criança não sabe esfoliar a pele com a voz.

— Fui eu que a ressuscitei. Não quero que seja torturada.

— Isso não é uma pena?

O que mais eu poderia dizer?

— Por favor.

Ela olhou para baixo, para mim.

— Por que dá tanta importância a isso?

Achei que não seria capaz de explicar-lhe meus motivos.

— Porque sim.

— Mensure a importância — pediu ela.

— Não entendi o que quis dizer.

— O que estaria disposta a suportar pela sua zumbi?

O medo formou um nó gelado na boca de meu estômago.

— Não entendi o que quis dizer.

— Entendeu, sim — afirmou.

Então, pus-me de pé. Não que fosse servir de al-

guma coisa. Eu era até mais alta que ela. Ela era pequenina. Uma frágil fada de menina. Verdade...

— O que você quer?

— Não faça assim, Anita.

Willie mantinha-se afastado de nós, como se tivesse medo de se aproximar. Ele era mais inteligente morto do que havia sido em vida.

— Quietos, Willie.

A voz dela assumiu um tom de conversa quando fa-

lou com ele. Sem gritos. Sem ameaças. E Willie silenciou-se imediatamente, como um cão bem treinado.

Talvez ela tenha visto que eu estava olhando. De

qualquer maneira, disse:

— Fui obrigada a castigar Willie por ter fracassado em contratá-la daquela primeira vez.

— Castigar?

— Certamente Phillip já deve ter lhe contado de

nossos métodos.

Confirmei, acenando com a cabeça.

— Um caixão cercado de crucifixos.

Ela sorriu. Brilhosa. Contente. As sombras desapareceram com aquele sorriso, e transformaram seu olhar em um olhar de esquelha.

— Willie ficou apavorado, achando que eu o deixaria passar meses, ou até anos, lá dentro.

— Um vampiro nunca morre de fome. Entendo o princípio — disse eu, e continuei a frase no pensamento:

“sua vagabunda”, meu pavor termina quando começo a sentir raiva; raiva é muito melhor.

— Você cheira a sangue fresco. Permita-me prová-la, e eu garanto a segurança da sua zumbi.

— Provar significa morder? — perguntei.

Ela soltou uma gargalhada doce e aflitiva. Vagabunda...

— Significa, humana. Significa morder. — De repente,

ela já estava ao meu lado. Fiz um movimento brusco para trás, sem pensar. Ela voltou a gargalhar. — Parece que Phillip já chegou na minha frente.

Por um instante, não consegui entender o que ela

quis dizer. Foi então que levei a mão à marca de mordida em meu pescoço. Senti-me repentinamente incomodada, como se ela tivesse me flagrado nua.

A risada flutuava ao ar do verão. Ela estava começando, de verdade, a me dar nos nervos.

— Nem pensar — afirmei.

— Então, deixe-me entrar em sua mente de novo.

É uma das formas com que me alimento.

Agitei a cabeça para os lados, rápido demais, repetidas vezes. Preferia morrer a deixá-la entrar de novo em minha mente. Se eu tivesse opção.

Um grito ecoou não muito distante dali. Estelle estava reencontrando sua voz. Estremeci-me como se tivesse levado um tapa.

— Deixe-me provar de seu sangue, ressuscitadora.

Sem usar os dentes. — Ela exibiu as presas ao dizer a última frase. — Fique parada, e não faça qualquer menção de me impedir. Eu provo do ferimento fresco em seu pescoço. Não vou usá-la para me alimentar.

— Já parou de sangrar. Coagulou. Ela abriu um sorriso tão simpático...

— Eu passo a língua até que o coágulo se desfaça.

Engoli em seco. Não sabia se seria capaz. Mais um grito ecoou, agudo e perdido. Deus!

— Anita... — disse Willie.

— Silêncio, ou arrisque minha fúria — rosnou grave e sombria a voz dela.

Willie pareceu encolher-se ao redor de si mesmo.

Seu rosto era um triângulo pálido sob os cabelos negros.

— Tudo bem, Willie. Não vá se machucar por mi-

nha causa — respondi.

Ele ficou me olhando a distância. Alguns metros.

Poderiam ser quilômetros, que nada mudaria. Apenas a expressão em seu rosto, como se estivesse perdido, servia de alguma coisa. Pobre Willie. Pobre de mim.

— De que vai servir se não usará meu sangue para se alimentar? — perguntei.

— De coisa alguma. — Ela estendeu a mão pequena e pálida em minha direção. — É claro que o medo já é uma espécie de sustância.

Dedos gélidos deslizaram ao redor de meu pulso.

Titubeei, mas não puxei o braço. Eu estava prestes a deixá-la fazer aquilo, não estava?

— Pode considerar que me alimentarei mais de seu medo que de seu sangue, humana. Sangue e medo são sempre preciosos, independentemente de como os obtemos.

Ela se aproximou de mim, respirou contra minha pele, e eu recuei. Apenas sua mão em meu pulso me mantinha próxima.

— Espere. Quero que liberte a zumbi agora. Antes.

Ela ficou apenas me olhando, e depois acenou com a cabeça, concordando.

— Muito bem. — Seu olhar passava além de mim.

Seus olhos pálidos viam coisas que não estavam ali ou que eu não conseguia enxergar. Senti uma certa tensão através da mão dela, quase como uma descarga de eletricidade. —

Theresa os afugentará e fará com que o ressuscitador coloque a zumbi de volta à tumba.

— Você acabou de fazer tudo isso agora?

— Theresa obedece a tudo que ordeno. Não sabia?

— Bem que imaginei.

Não sabia de qualquer vampiro que fosse capaz de

usar telepatia. É claro que, até ontem à noite, também não imaginava que fossem capazes de voar. Ora, e não é que eu estava aprendendo um monte de coisas novas?

— Como posso saber se não está falando isso apenas para me convencer? — perguntei.

— Terá, simplesmente, de confiar em mim.

Aquilo foi quase engraçado. Se ela tivesse senso de humor, talvez pudéssemos chegar a um acordo. Que na-da...

Ela puxou meu pulso para perto de seu corpo, e me levou junto. Sua mão parecia feita de aço e envolta por carne. A única coisa capaz de separar-lhe a mão de meu pulso seria um maçarico. E eu já não tinha mais nenhum.

O topo de sua cabeça encaixou-se debaixo de meu

queixo. Ela teve que ficar na ponta dos pés para poder respirar em meu pescoço. Aquilo deveria ter estragado a ameaça. Não estragou. Lábios macios tocaram meu pescoço. Senti um arrepio. Ela riu contra a minha pele, com o rosto já encostado em mim. Eu tre-mia, e não conseguia parar.

— Prometo ser delicada.

Ela riu de novo, e eu tive que resistir à necessidade incontrolável de empurrá-la para longe de mim. Eu teria dado quase qualquer coisa para acertar uma paulada nela.

Só uma vezinha. Com força. Mas eu não queria morrer hoje. Além disso, havíamos feito um acordo.

— Pobrezinha, está tremendo... — Ela apoiou a

mão em meu ombro para ter firmeza, e roçou os lábios nas cavidades de meu pescoço. — Está sentindo frio?

— Pare com a palhaçada. Acabe logo com isto! Ela retesou o corpo contra o meu.

— Não quer que eu toque em você?

— Não — respondi.

Será que ela era maluca? Pergunta retórica... A voz dela soou bastante serena.

— Onde fica a cicatriz em meu rosto? Respondi sem pensar.

— Próxima à boca.

— E como... — sibilou ela — sabe disso?

Meu coração saltou até a garganta. Opa. Mostrei a ela que seus truques psicológicos não estavam funcionando, quando deveriam estar.

Ela afundou a mão em meu ombro. Emiti um ruído curto, mas não gritei.

— O que andou fazendo, ressuscitadora?

Não fazia a menor idéia. De alguma forma, eu duvidava de que ela fosse acreditar nisso.

— Deixe-a em paz! — Phillip chegou, quase correndo, por entre as árvores. — Você me prometeu que não a machucaria hoje.

Nikolaos sequer se virou. — Willie...

Foi apenas o nome dele, mas, como todo bom servidor, já sabia o que devia ser feito.

Ele parou à frente de Phillip, com um dos braços esticado, transversalmente, em relação a seu corpo. Ele iria empurrá-lo. Phillip deu um passo para o lado, desviando-se do braço de Willie, e o deixou para trás.

Willie nunca fora bom de briga. Força não é o bastante, se o seu equilíbrio é uma droga.

Nikolaos pegou meu queixo e virou meu rosto para que eu voltasse a olhar para ela.

— Não me obrigue a prender sua atenção, ressuscitadora. Não gostaria dos métodos que eu empreenderia.

Engoli saliva, e deu para ouvir de longe. Era bem provável que ela tivesse razão.

— Já está prendendo toda a minha atenção. Com sinceridade.

Minha voz saiu como um murmúrio rouco. O medo a espremia, silenciando-a. Se eu tossisse para acabar com a rouquidão, tossiria no rosto dela. Não seria uma idéia nada boa.

Escutei pés apressados, que faziam a grama farfa-

lhar. Resisti à necessidade incontrolável de olhar para cima, desviando o olhar daquela vampira. Nikolaos deu um giro para ver de onde vinham os passos. Fui capaz de perceber o movimento, mas ainda assim ele foi de uma velocidade tal que, em certo instante, ela pareceu um borrão.

Simplesmente do nada, ela estava virada de costas para mim. Phillip estava de pé à frente dela. Willie o alcançou e agarrou-lhe o braço, mas parecia não saber o que fazer com ele.

Será que passava pela cabeça de Willie que ele poderia, simplesmente, esmagar o braço daquele homem?

Duvido.

Mas passou pela de Nikolaos.

— Solte-o. Se ele quiser continuar a vir para cima de mim, deixe que o faça — disse ela, e sua voz prometia muita dor.

Willie recuou. Phillip ficou parado, olhando além dela, para mim.

— Está tudo bem com você, Anita?

— Volte lá para dentro, Phillip. Agradeço a preocupação, mas fiz uma oferta a ela. Ela não irá me morder.

Ele balançou a cabeça.

— Você prometeu que ela não sofreria mal algum.

Você prometeu.

Phillip estava falando com Nikolaos novamente, com cuidado para não olhar diretamente em seus olhos.

— E então, mal algum lhe será feito. Eu mantenho minha palavra, Phillip, na maior parte das vezes.

— Estou bem, Phillip. Não vá se machucar por minha causa - disse eu.

Ele fez uma careta, mostrando confusão. Parecia não saber o que fazer. Parecia que sua coragem havia se derramado pela grama. Mas ele não recuou. Muitos pontos para ele. Eu teria recuado... Talvez. Provavelmente. Ai, que droga! Phillip estava exibindo bravura, mas eu não queria que aquilo fosse a causa de sua morte.

— Volte de uma vez lá para dentro, Phillip, por favor!

— Não — disse Nikolaos. — Se o homenzinho es-

tá se sentindo corajoso, que venha experimentar.

Phillip cerrou as mãos, como se tentasse agarrar alguma coisa.

De repente, Nikolaos apareceu a seu lado. Não vi

quando ela se movimentou. Phillip ainda não havia percebido, e permaneceu olhando para onde ela estava antes.

Nikolaos, por trás, chutou-lhe as pernas, que voaram ao ar. Ele caiu e ficou estirado na grama, piscando os olhos em sua direção, como se ela tivesse acabado de aparecer.

— Não o machuque! — ordenei.

A mão pequena e pálida moveu-se com a rapidez

de um tiro. Um mero toque. Seu corpo inteiro foi arremessado para trás. Ele rolou para o lado, com o rosto manchado de sangue.

— Nikolaos, por favor! — pedi.

Incrível, mas eu havia dado dois passos na direção dela. Voluntariamente. Eu até tinha a oportunidade de tentar pegar a arma. Não a mataria, mas era possível que desse a Phillip tempo para fugir. Se ele fosse fugir.

Ecoaram gritos oriundos da casa. Uma voz de homem, gritando:

— Perversos!

— O que é isso? — perguntei. Nikolaos respondeu:

— A Igreja da Vida Eterna enviou sua congregação.

— Ela falou como se estivesse levemente encantada. —

Devo ausentar-me desta pequena reunião. — Ela virou-se rapidamente em minha direção, deixando Phillip aturdido no gramado. — Como viu minha cicatriz? — perguntou-me.

— Não sei.

— Pequena mentirosa. Terminaremos isto depois.

Ela se foi, correndo como uma sombra pálida sob

as árvores. Pelo menos, não foi embora voando. Acho que meu juízo não suportaria ver isso hoje.

Ajoelhei-me ao lado de Phillip. O lugar onde ela o atingira estava sangrando.

— Consegue me ouvir?

— Consigo. — Ele se esforçou para sentar-se. —

Precisamos dar o fora daqui. Os fiéis sempre vêm armados.

Ajudei-o a levantar-se.

— Eles invadem as festas de simpatizantes com frequência?

— Sempre que podem — respondeu.

Phillip me pareceu bem equilibrado, de pé. Ótimo.

Não iríamos muito longe se eu tivesse que carregá-lo. Willie disse:

— Sei que não tenho o direito de pedir, mas ajudo vocês a chegarem até onde está o carro. — Secou as mãos, esfregando-as na calça. — Podem me dar uma carona?

Não consegui me conter. Tive de rir.

— Não consegue desaparecer simplesmente, como todos os outros?

Ele sacudiu os ombros.

— Ainda não sei como se faz.

— Ah, Willie... — suspirei. — Venha, vamos dar o fora daqui.

Ele olhou para mim e abriu um sorriso largo. Ser

capaz de olhar dentro de seus olhos fez com que ele me parecesse quase humano. Phillip não fez objeção ao vampiro unir-se a nós. Por que achei que faria?

Mais gritos vindos da casa.

— Alguém vai acabar chamando a polícia — disse

Willie. Ele estava certo. Eu nunca seria capaz de explicar.

Segurei na mão de Phillip e me equilibrei, enquanto calça-va os saltos altos de novo.

— Se eu soubesse que iríamos correr de fanáticos

enlouquecidos, teria escolhido sapatos com saltos menores — brinquei.

Continuei agarrada ao braço de Phillip para manter-me equilibrada enquanto andávamos por aquele campo minado de frutos dos carvalhos. Não era bem a hora a-propriada para se torcer um tornozelo.

Havíamos quase chegado à estradinha de cascalho, quando três formas deixaram a casa como se fossem cus-pidas. Uma empunhava um porrete. As outras eram vampiros. Não precisavam de armas. Abri a bolsa, tirei a arma e a mantive abaixada, a meu lado, escondida contra a saia.

Dei a chave do carro para Phillip.

— Dê partida no carro. Eu protejo a nossa retaguarda.

— Não sei dirigir — lembrou-me ele. Eu tinha esquecido.

— Merda!

— Eu dirijo.

Willie pegou a chave, e eu permiti que o fizesse.

Um dos vampiros veio correndo em nossa direção, de braços abertos, e sibilando. Talvez tivesse intenção de nos assustar. Talvez, de nos causar mal. Eu já havia passado o bastante por uma noite. Destravei a arma, acionei o gatilho e dei um tiro no chão, bem onde estavam os pés dele.

Ele hesitou, e quase tropeçou.

— Balas não me ferem, humana.

Havia mais rebuliço sob as árvores. Eu não sabia se era amigo ou inimigo, ou se fazia lá tanta diferença assim.

O vampiro não desistiu e continuou partindo para cima de mim. Estávamos em uma área residencial. Balas viajam grandes distâncias até encontrarem um alvo. Eu não iria arriscar.

Ergui o braço, mirei e atirei. A bala o alvejou no es-tômago. Ele se contorceu e meio que se curvou sobre o ferimento. Seu rosto exibia estupefação.

— Balas folheadas a prata, seu dentuço desgraçado!

Willie foi buscar o carro. Phillip ficou sem saber se me ajudava ou se o acompanhava.

— Vá, Phillip, ande!

O outro vampiro tentava dar a volta por trás de mim.

— Fique parado onde está! — ordenei, e o vampiro congelou. — Se qualquer um dos dois fizer o mínimo gesto ameaçador, leva uma bala no meio do cérebro.

— Não vai nos matar — disse o outro vampiro.

— Não, mas também não vai lhes fazer muito bem.

O humano com o porrete se aproximava aos poucos.

— Não — disse eu a ele.

Escutei o carro ligar. Não ousei olhar, e fui andando para trás, rezando para não tropeçar nos malditos saltos altos. Se eu caísse, eles correriam para cima de mim. Se fizessem isso, alguém iria morrer.

— Ande, Anita, entre! — era Phillip, esticando-se pela janela do banco da frente.

— Chegue para o meio! — Ele fez o que pedi, e eu entrei no carro. O humano vinha para cima de nós. —

Parta, agora!

Willie fez o cascalho voar com os pneus, e eu bati a porta. Não queria mesmo matar ninguém hoje... O humano ficou protegendo o rosto do cascalho enquanto saíamos pela estradinha.

O carro deu um salto bizarro e quase bateu em uma árvore.

— Pode ir mais devagar. Já estamos em segurança

— apazigüei. Willie aliviou o acelerador, olhou para mim e abriu um grande sorriso.

— Conseguimos.

— É — disse eu, e retribuí o sorriso que ele me o-fertara, sem ter tanta certeza do que estava fazendo.

O sangue descia pelo rosto de Phillip em um fluxo bem contínuo. Ele deu voz a meus pensamentos.

— Em segurança, mas até quando?

Sua voz parecia tão cansada como eu me sentia. Afaguei-lhe o braço com tapinhas carinhosas.

— Vai ficar tudo bem, Phillip.

Ele olhou para mim. Seu rosto parecia mais velho

do que antes. Cansado.

— Sua fé em relação a isso não é nem um pouquinho maior do que a minha.

O que eu poderia dizer? Ele estava certo.

30

VOLTEI A travar a arma e me espremi com o cinto de segurança. Phillip afundou-se no banco, com as pernas compridas bem esticadas, uma de cada lado do chão do carro. E fechou os olhos.

— Para onde? — perguntou Willie.

Boa pergunta. Minha vontade era ir para casa dormir, mas...

— O rosto de Phillip precisa ser remendado.

— Quer levá-lo para o hospital?

— Estou bem — disse Phillip, com a voz baixa e estranha.

— Você não está nada bem — retruquei.

Ele abriu os olhos e virou-se, para olhar para mim.

O sangue havia escorrido para debaixo de seu pescoço, escuro e brilhoso, refletindo os clarões das luzes urbanas.

— Você ficou muito pior ontem à noite — disse

ele. Deixei de olhar para ele, e me virei para a janela. Não sabia o que dizer.

— Agora já estou bem.

— Eu também vou ficar legal.

Voltei a olhar para ele, que não tirava os olhos de mim. Não consegui decifrar a expressão em seu rosto, apesar de querer.

— O que está passando pela sua cabeça, Phillip?

Ele virou o rosto para olhar para frente. Seu rosto era apenas uma silhueta e sombras.

— Que eu enfrentei a mestra. Eu consegui. Consegui!

A voz dele adquiriu um ardor feroz ao dizer essa última frase. Um orgulho feroz.

— Foi muito corajoso — elogiei.

— Fui mesmo, não fui?

Sorri, e concordei com um gesto de cabeça. — Foi.

— Detesto ter que interromper os dois, mas preciso saber até onde devo dirigir esta coisa — disse Willie.

— Deixe-me na Prazeres Malditos — pediu Phillip.

— Deveria ir ver um médico.

— Vão cuidar de mim na boate.

— Tem certeza?

Com a cabeça, ele respondeu afirmativamente. Depois, recuou e virou-se para falar comigo.

— Você queria saber quem estava me dando or-

dens. Era Nikolaos. Você tinha razão. Naquele primeiro dia. Ela me enviou para que eu a seduzisse. — Ele sorriu, o que acabou não combinando muito bem com todo aquele sangue. — Acho que eu não servia para a tarefa.

— Phillip... — disse eu.

— Não, tudo bem. Estava certa a meu respeito. Eu sou doente. Não é de causar surpresa que não queira nada comigo.

Dei uma olhadela rápida para Willie, que mantinha a concentração no volante como se sua vida dependesse daquilo. Caramba! Ele ficou mais inteligente morto do que quando estava vivo.

Respirei fundo, tentando decidir o que dizer.

— Phillip... aquele beijo antes de você... me morder... — Nossa! Como poderia dizer aquilo? — Foi bom.

Ele olhou rapidamente para mim, mas logo desviou o olhar.

— Está falando sério?

— Estou.

Um silêncio constrangedor tomou o carro. O único

som que se ouvia era o da precipitação do asfalto sob as rodas. Os clarões noturnos das luzes e a escuridão isoladora.

— Você ter enfrentado Nikolaos foi uma das coisas mais corajosas que já vi uma pessoa fazer. Também foi uma das mais burras — critiquei.

Ele soltou uma risada abrupta e surpresa.

— Nunca mais faça isso. Não quero a sua morte em minhas mãos.

— A escolha foi minha — replicou.

— Chega de heroísmos, está bem?

Ele olhou para mim.

— Lamentaria a minha morte?

— Lamentaria.

— Acho que já é alguma coisa.

O que será que ele queria me ouvir dizer? Queria

que eu confessasse um amor imortal ou alguma outra besteira desse tipo? Que tal luxúria imortal? Qualquer dos dois seria mentira. O que será que ele queria de mim?

Quase perguntei, mas não o fiz. Minha coragem não chegava a tanto.

31

JÁ ERAM QUASE três quando eu subia a escada até o meu apartamento. Todos os machucados doíam. Eu sentia uma dor quase incomensurável nos joelhos, nos pés e na coluna lombar devido aos saltos altos. Tudo o que eu queria era uma chuveirada demorada e quente, e cama.

Quem sabe, se eu desse sorte, até conseguisse dormir ininterruptamente por oito horas. É claro que eu não apostaria nisso.

Em uma das mãos, a chave. Na outra, a arma, que

mantive ao lado apenas para o caso de algum vizinho abrir a porta inesperadamente. Nada a temer, amigos, apenas a ressuscitadora amiga do bairro. Verdade...

Pela primeira vez em um bocado de tempo minha

porta estava do jeitinho que eu havia deixado quando saí: trancada. Obrigada, meu Deus. Eu não estava muito no clima para brincar de Polícia e Ladrão tão cedo.

Chutei os sapatos para longe assim que entrei pela porta, e fui tropeçando até o quarto. A luz de recados piscava em minha secretária eletrônica. Coloquei a arma em cima da cama, apertei o botão para ouvir os recados, e comecei a tirar a roupa.

— Oi, Anita, aqui é a Ronnie. Consegui marcar

uma reunião para amanhã com o cara lá da HCV. Em

meu escritório, às onze em ponto. Se o horário for ruim, deixe um recado na minha secretária eletrônica, que eu retorno a ligação. Tome cuidado.

Um clique, um zunido e a voz de Edward saía da secretária.

— Seu tempo está se esgotando, Anita.

Clique.

Droga.

— Você gosta desses seus joguinhos, não é verdade, seu desgraçado?

Eu estava ficando de mau humor, e não sabia o que iria fazer com relação a Edward. Ou a Nikolaos, ou a Zachary, ou a Valentine, ou a Aubrey. O que eu sabia era que queria uma chuva. Podia começar por ela. Talvez me ocorresse uma idéia brilhante enquanto eu me esfregava com a esponja para tirar o sangue daquele bode de minha pele.

Tranquei a porta do banheiro e pus a arma em cima do vaso sanitário. Eu estava começando a ficar um pouquinho paranóica. Ou talvez "realista" me descrevesse melhor.

Liguei a água até que dela emanasse um vapor, e entrei sob o chuveiro. Eu não estava mais próxima de solucionar o caso agora do que estava há 24 horas.

Mesmo que o solucionasse, ainda enfrentaria pro-

blemas. Aubrey e Valentine me matariam assim que Nikolaos me tirasse de sua proteção. Lindo, não? E eu nem sequer tinha certeza quanto a se a própria Nikolaos também não tinha idéias nesse sentido. Agora... Zachary estava matando para alimentar seu amuleto vodu. Eu já tinha ouvido falar de amuletos que exigiam sacrifícios humanos.

Amuletos que davam à pessoa muito menos que imortalidade. Riqueza, poder, sexo... Os desejos de sempre, desde que o mundo é mundo. Costumava ser um tipo de sangue bastante específico: de crianças, de virgens, de meninos pré-adolescentes ou de velhinhas com cabelos azuis e uma perna de madeira. Tudo bem, não era tão específico assim, mas precisava seguir um padrão. Uma série de desaparecimentos com vítimas semelhantes. Se Zachary estivesse, simplesmente, deixando os corpos por aí, para que fossem encontrados, a esta altura os jornais já teriam percebido.

Talvez.

Ele tinha que ser detido. Se eu não tivesse atrapa-lhado hoje, teria sido. Nenhuma boa ação fica sem castigo.

Apoiei as palmas das mãos no azulejo do banheiro, deixando que fios d'água quase escaldantes escorressem por minhas costas. Muito bem. Eu tinha que matar Valentine antes que ele me matasse. Eu tinha um mandado para executá-lo que nunca fora revogado. É claro que primeiro precisava encontrá-lo.

Aubrey era perigoso, mas pelo menos só iria me a-

trapalhar depois que Nikolaos o libertasse de seu caixão cercado de armadilhas.

Eu poderia, simplesmente, entregar Zachary para a polícia. Dolph me escutaria, mas eu não tinha sequer uma prova mínima. Caramba! Até aquela mágica era uma coisa da qual eu nunca tinha ouvido falar. Se eu mesma não entendia o que Zachary era, como iria explicar para a polícia?

Nikolaos. Será que ela iria me deixar viver se eu solucionasse o caso? Ou não? Eu não sabia.

Edward viria atrás de mim amanhã à noite. Ou eu

lhe dava Nikolaos ou ele me arrancaria a pele. Conhecendo Edward como o conheço, ele o faria da forma mais dolorosa possível. Talvez eu simplesmente lhe desse a vampira. Apenas e tão-somente dizer-lhe o que quer saber. Daí ele fracassa ao tentar matá-la, e ela vem atrás de mim. Uma coisa que eu queria evitar, praticamente mais do que qualquer outra coisa, era que Nikolaos viesse atrás de mim.

Eu me sequei, passei uma escova no cabelo e tive

que fazer alguma coisa para comer. Tentei me convencer de que estava cansada demais para comer. Meu estômago não acreditou em mim.

Só fui cair na cama depois das quatro da manhã.

Meu crucifixo estava seguramente ao redor de meu pesco-

ço. A arma, em seu coldre, atrás da guarda da cama. E, por puro pânico, escondi uma faca entre o colchão e o estrado da cama. Nunca conseguiria alcançá-la a tempo de fazer nada de útil, mas... Bem, nunca se sabe.

Voltei a sonhar com Jean-Claude. Ele estava senta-do à mesa, comendo amoras pretas.

— Vampiros não comem nada sólido — disse eu.

— Exatamente.

Ele sorriu, e colocou o prato com as frutas ao meu alcance.

— Detesto amoras pretas — reclamei.

— Sempre foram minhas prediletas. Há séculos que não sentia o gosto delas.

Seu rosto exibia uma aparência melancólica.

Ergui o prato. Estava frio, quase gelado. As amoras pretas flutuavam em meio a sangue. O prato caiu de minhas mãos, devagar, enchendo a mesa de sangue. Muito mais sangue do que ele poderia conter, e ele ficou pingando da superfície da mesa, direto para o chão.

Jean-Claude ficou olhando para mim por sobre a mesa ensangüentada. Suas palavras saíram como vento quente.

— Nikolaos matará nós dois. Devemos sacar primeiro, ma petite.

— Que droga é essa de “devemos”?

Ele formou uma espécie de concha com as mãos

pálidas, resgatou um pouco do sangue que pingava e estendeu-as em minha direção, como se fosse um copo.

Pingava sangue por entre seus dedos.

— Beba. Isso lhe dará forças.

Acordei olhando para cima, para a escuridão.

— Maldito seja, Jean-Claude! — disse eu, e sussurrei: — O que você fez comigo?

Não veio resposta alguma do quarto vazio e escuro.

Às vezes eu não mostro gratidão suficiente por grandes bênçãos concedidas. O relógio marcava seis horas e três minutos. Da manhã. Virei para o outro lado e voltei a me aconchegar debaixo das cobertas. O zunido do ar-condicionado não escondia o barulho da água corrente de um dos vizinhos. Liguei o rádio. “Concerto para Piano em Mi Bemol”, de Mozart, preencheu o ambiente escurecido.

Na verdade, era até animado demais para se dormir àquele som, mas eu queria barulho. Barulho de minha escolha.

Não sei se foi o Mozart ou se eu estava cansada demais. De qualquer forma, voltei a dormir. Se tive outro sonho, não me lembrei ao acordar.

32

O ALARME INTERROMPEU meu sono estri-

dentemente. Ecoou como o alarme de um carro, um horror de alto. Enfiei a mão nos botões. Misericordiosamente, ele se calou. Olhando para o relógio, pisquei repetidas vezes, e vi, ainda com os olhos meio fechados. Nove da manhã. Droga. Eu tinha esquecido de desligar o alarme.

Havia tempo para me vestir e chegar à igreja. Eu não queria me levantar. Não queria ir à igreja. Certamente Deus me perdoaria se fosse só essa vezinha.

É claro que eu precisava muito de toda e qualquer ajuda que pudesse conseguir no momento. Talvez até tivesse uma revelação e tudo o que está acontecendo se encaixasse. Não ria, já me aconteceu. Não confio cegamente em auxílio divino, mas às vezes meu cérebro funciona melhor na igreja.

Quando o mundo se mostra repleto de vampiros e

vilões, e um crucifixo abençoado pode ser aquilo que impede a morte de chegar até você, a igreja passa a ter uma conotação completamente diferente. Por assim dizer.

Desci da cama engatinhando e resmungando. O te-

lefone tocou. Sentei na ponta da cama, esperando que a secretária eletrônica atendesse. Foi o que ela fez.

— Anita, quem fala é o sargento Storr. Mais um

vampiro foi assassinado.

Peguei o fone.

— Oi, Dolph.

— Ótimo. Que bom que ainda a encontrei antes que fosse à igreja.

— Mais um vampiro assassinado?

— Ahn-hã.

— Igual aos outros? — perguntei.

— Parece que sim. Preciso que venha até aqui dar uma olhada. Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, percebi que ele não podia me ver, e disse:

— Claro. Quando?

— Agora.

Soltei um suspiro. Nada de igreja. Eles não podiam segurar o corpo até o meio-dia, ou até mais tarde, só para esta pequena aqui.

— Diga-me onde está. Espere, deixe-me pegar uma

caneta que funcione. — Eu sempre deixava um bloquinho ao lado da cama, mas a caneta já tinha perdido a tinta sem que eu percebesse.

— Certo. Mande.

Tinha acontecido a cerca de apenas um quarteirão do Circo dos Amaldiçoados.

— Fica bem no limite do Distrito. Nenhum dos outros assassinatos ocorreu tão longe assim de Riverfront.

— Verdade — disse ele.

— Esse assassinato apresentou alguma outra diferença?

— Verá quando chegar.

A informação em pessoa.

— Está bem. Chego aí em meia hora.

— Até lá — disse, e o telefone ficou mudo.

— Ora... Bom dia para você também, Dolph —

disse eu para o fone; talvez ele também não gostasse muito das manhãs.

Minhas mãos estavam se curando. Eu tirei os cura-

tivos ontem à noite porque estavam cobertos com o sangue do bode. Os arranhões formavam casca muito bem e, por isso, não me preocupei em fazer mais curativos.

Um curativo bem grosso protegia o corte da faca

em meu braço. Meu braço esquerdo não podia mais sofrer nenhum ferimento. Não restava mais espaço. A marca de mordida em meu pescoço começava a ficar vermelha. Parecia o pior chupão do mundo. Se Zerbrowski visse, nunca mais me deixaria em paz. Cobri com um curativo. Agora, parecia que eu estava escondendo uma mordida de vampiro. Droga. Deixei assim. Que desconfiem. Não é da conta de ninguém mesmo...

Vesti uma blusa pólo vermelha e prendi-a dentro da calça jeans. Meus Nikes, um coldre para a arma, e já estava pronta. O coldre tem uma bolsinha para carregar munição extra. Guardei pentes novos

nela. Vinte e seis balas. Muito cuidado, vilões! A verdade é que a maioria dos tiroteios termina antes que se disparem os primeiros oito tiros. Mas sempre poderia haver a primeira vez.

Levei um casaco fino amarelo bem chamativo sobre

o braço. Eu o vestiria caso a arma começasse a deixar as pessoas nervosas. Eu estava indo trabalhar com a polícia.

Eles estariam com as armas à vista de todos. Por que logo eu não podia? Além disso, já estava cansada de joguinhos.

Deixe que os malditos saibam que estou armada e disposta.

Sempre há gente demais nas cenas dos crimes. Não

me refiro aos curiosos que aparecem para olhar. É até normal que apareçam. Sempre há algo de fascinante na morte de alguém. Mas o local sempre fica apinhado de policiais, em sua maioria, detetives com alguns uniformes isolados. Tantos policiais para um simples homicídio.

Havia até um furgão de um jornal de televisão, com uma enorme antena parabólica saindo pela traseira, como uma arma gigante de raios tirada de algum filme de ficção científica da década de 1940. Eu era capaz de apostar co-mo chegariam furgões de outros jornais. Não sei como a polícia conseguiu manter a discrição do caso por tanto tempo.

Assassinatos de vampiros. Caramba! Sensacionalis-

mo em seu ponto máximo. Nem precisam apimentar a

história para torná-la bizarra.

Procurei sempre manter a multidão no meio do

caminho entre mim e o câmara, para que ele não conseguisse me filmar. Um repórter de cabelos loiros e curtos, vestido com um terno cheio de estilo, empurrava um mi-crofone no rosto de Dolph. Contanto que eu permanecesse próxima daqueles horríveis restos mortais, estaria segura. Eles até poderiam captar minha imagem no filme, mas não conseguiriam exibir na televisão. Bom gosto, essas coisas, entende?

Eu tinha um cartãozinho plastificado com a minha

foto, que me dava acesso a áreas restritas da polícia. Sempre me sentia uma agente do FBI quando o pendurava em meu cordão.

Fui detida por um vigilante uniformizado à altura de onde a polícia havia estendido aquela fita amarela deles.

Ele passou vários segundos olhando a minha identifica-

ção, como se tentasse resolver se era autêntica ou não. Ele iria me deixar passar ou iria precisar chamar um detetive antes?

Fiquei parada, com as mãos para os lados, tentando passar uma impressão inofensiva. Até que sou ótima nisso. Posso passar a idéia de que sou uma gracinha total. O

uniformizado levantou a fita e me deixou passar. Resisti à grande vontade de dizer "É isso aí, garoto!", e só disse:

— Obrigada.

O corpo estava estirado próximo a um poste de luz.

As pernas, bastante abertas. Um dos braços estava torcido sob o corpo, provavelmente quebrado. O corpo estava sem a parte do meio das costas, como se alguém as tivesse rasgado com as mãos, e removido aquela área com uma concha. O corpo não tinha mais o coração, assim como todos os outros.

O detetive Clive Perry estava de pé, ao lado do ca-dáver. Ele era um negro magro e alto, o membro mais recente do Esquadrão-Assombração. Ele sempre passava uma impressão agradável, de fala mansa. Nunca seria capaz de imaginar que Perry houvesse feito qualquer coisa rude o suficiente para deixar alguém irritado, mas ninguém recebia a transferência para aquele esquadrão sem motivo.

Ele olhou por cima de seu bloquinho.

— Olá, srta. Blake.

— Olá, detetive Perry. Ele sorriu.

— O sargento Storr avisou que viria.

— Todos já terminaram o que precisavam fazer com o corpo?

Ele respondeu afirmativamente com a cabeça.

— É todo seu.

Saindo de baixo do corpo, espalhava-se uma poça

marrom-escura de sangue. Ajoelhei-me ao lado dele. O

sangue havia coagulado, e agora apresentava uma consistência pegajosa, bem parecida com a de uma cola. Se chegou a haver rigor mortis, já desaparecera. Os vampiros nem sempre reagiam à “morte” da mesma maneira que um corpo humano. Isso dificultava muito no tocante a determinar a hora da morte. Mas isso era obrigação do legista, não minha.

A claridade do sol de verão fazia pressão sobre o cadáver. Devido ao formato do corpo e ao terninho preto, eu apostava que a mais nova vítima era mulher. Era meio difícil definir, com o corpo virado de barriga para baixo, o tórax escondido e sem ter a cabeça. A coluna

exibia seu branco e brilhava. O sangue saía do pescoço como uma garrafa quebrada de vinho tinto. A pele estava rasgada e torcida. Parecia que alguém arrancara-lhe a droga da cabeça a rasgadas.

Engoli em seco, e ainda assim fazendo força. Há

meses que eu não vomitava por causa de uma vítima de homicídio. Levantei-me, e guardei certa distância do cadáver.

Seria aquilo obra de um ser humano? Não. Talvez.

Caramba! Se foi um ser humano que fez isto, fez um esforço tremendo para parecer que não foi. Independentemente do que um exame superficial revelasse, o legista sempre encontrava marcas de faca no corpo. A questão era se tais marcas aconteciam antes ou depois da morte.

Seria um humano tentando dar a entender que fora um monstro ou um monstro tentando o mesmo para cima de um humano?

— Cadê a cabeça? — perguntei.

— Tem certeza de que está se sentindo bem? Olhei para ele. Será que eu estava pálida?

— Vou ficar bem — disse eu, a grande e durona

caçadora de vampiros, que não vomita ao ver cabeças de-capitadas. Verdade...

Perry ergueu as sobrancelhas, mas foi educado de-

mais para abordar o assunto. Ele me levou por cerca de uns dois metros e meio, descendo a calçada. Alguém havia coberto a cabeça com um plástico. Uma outra poça menor, de sangue que se coagulava, saía por debaixo do plástico.

Perry curvou-se e segurou o plástico.

— Preparada?

Afirmei com a cabeça, sem confiança em minha

voz. Ele levantou o plástico e ficou segurando-o, como uma daquelas cortinas de fundo de cenário que usam no teatro, para o que estava ali, sobre a calçada.

Cabelos compridos e negros contornavam o rosto

pálido. Estavam emaranhados e pegajosos, repletos de sangue. O rosto já fora atraente, mas não era mais. Os tra-

ços estavam flácidos. Pareciam quase com os de uma boneca em seu irrealismo. Meus olhos enxergaram, mas meu cérebro demorou alguns segundos a mais para registrar.

— Merda!

— O que foi?

Levantei-me rapidamente e dei dois passos na direção da rua. Perry também veio, ficou ao meu lado.

— Tudo bem com você?

Voltei a olhar para o plástico e sua medonha protuberância. Será que estava tudo bem comigo? Boa pergunta. Este corpo eu seria capaz de identificar.

Era Theresa.

33

CHEGUEI AO escritório de Ronnie alguns minutos antes das onze. Detive-me com a mão à maçaneta.

Não conseguia esquecer a imagem da cabeça de Theresa em cima da calçada. Ela fora cruel, provavelmente havia matado centenas de humanos. Por que eu sentia pesar por ela? Burrice, deve ser. Respirei fundo e abri, para dentro, a porta.

O escritório de Ronnie é repleto de janelas. A luz entra, resplandecente, por dois lados: sul e oeste. Isso significa que, à tarde, o escritório parece um aquecedor solar.

O máximo de ar-condicionado possível não supera tanto sol daquele jeito.

Das janelas ensolaradas de Ronnie, é possível ver o Distrito. Se você se incomodar em olhar.

Ronnie, vendo-me à porta, acenou em minha dire-

ção, de dentro daquele clarão quase cegante de seu escritório.

Uma mulher de aparência bastante frágil estava sentada em uma cadeira, do outro lado da mesa. Era asiática, seus cabelos negros e brilhosos estavam cuidadosamente penteados para trás. Uma jaqueta púrpura-real, que combinava com sua saia feita sob medida, estava perfeitamente dobrada sobre o braço da cadeira. Uma blusa brilhosa, de um lilás bem claro, levava a atenção para seus olhos e para o lilás ainda mais claro das sombras de suas pálpebras e sobrancelhas. Os tornozelos dela estavam cruzados; as mãos, dobradas sobre o colo. Ela exibia uma aparência fria, em sua blusa lilás-clara, mesmo sob aquele sol sufo-cante.

Vê-la daquele jeito, depois de tantos anos, me pegou desprevenida por um instante. Enfim, fechei a boca, que deixava transparecer meu ar embasbacado, e segui em frente, com a mão estendida.

— Beverly, há quanto tempo!

De maneira bastante elegante, ela pôs-se de pé, levando a mão gelada ao encontro da minha.

— Três anos.

Precisa. Era Beverly mesmo que estava ali.

— Vocês duas já se conhecem? — perguntou Ronnie. Virei na direção dela novamente.

— Bev não disse que me conhecia? Ronnie balançou a cabeça.

Fiquei olhando para aquela nova mulher.

— Por que não contou a ela?

— Não considerei necessário.

Bev precisava erguer o queixo para me olhar nos

olhos. Quase ninguém precisa fazer isso. É tão raro que eu sempre sinto uma coisa estranha, como se devesse me abaixar para que nossos olhos fiquem à mesma altura.

— Alguma das duas pode me contar de onde se conhecem?— insistiu Ronnie.

Ronnie passou por nós, foi sentar-se do outro lado de sua mesa. Ela inclinou levemente a cadeira para trás, cruzou as mãos sobre a barriga e ficou aguardando. Seus olhos, de um cinza puro, tenros como os pêlos de um ga-to, me olhavam insistentemente.

— Importa-se se eu contar, Bev?

Bev havia voltado a se sentar, serena e refinada. Ela tinha muita dignidade, sempre me impressionou por ser uma lady, no melhor sentido da palavra.

— Se considerar necessário, não faço objeções —

disse. Não foi lá muito incentivadora, mas servia. Deixei meu corpo cair para trás, na outra cadeira, bastante consciente de minha calça jeans e de meus tênis de cooper. Ao lado de Bev, eu parecia uma criança malvestida. Por um mero instante, deixei-me afetar por aquilo. Depois, não mais. Lembre-se: ninguém pode fazer você se sentir inferior sem o seu consentimento. A frase é de Eleanor Roosevelt. Tento tomá-la como base para minha vida. Consigo na maior parte das vezes.

— A família de Bev foi vítima de uma gangue de

vampiros, ela foi a única sobrevivente. E eu ajudei a eliminar os vampiros.

— Breve, direta e deixando bastante coisa por contar: na maioria, as partes dolorosas.

Bev falou, com sua voz serena e precisa:

— O que Anita esqueceu-se de dizer foi que salvou minha vida, colocando a própria vida dela em risco.

Ela abaixou o olhar na direção das mãos, que re-

pousavam em seu colo.

Lembrei-me da primeira vez em que vi Beverly Chin. Uma perna pálida chocando-se violentamente contra o chão. A aparição dos caninos quando o vampiro recuou a cabeça para atacar. O relance de um rosto pálido, em pânico, e cabelos escuros. O terror puro em seus gritos. Minha mão atirando uma faca com lâmina de prata, atingindo o ombro do vampiro. Sem força para matar.

Não havia tempo. A criatura já havia, com uma rapidez incrível, voltado a ficar de pé, e rosnavava, olhando para mim. Ali estava eu, encarando aquela coisa, com a minha última faca. A arma eu já havia descarregado há muito tempo. Sozinha.

Lembrei-me de Beverly Chin afundando a cabeça

do vampiro com um castiçal de prata, quando ele já estava agachado por cima de mim, o hálito quente em meu pescoço. Seus gritos estridentes passaram semanas ecoando em meus sonhos. Lembranças dela esfaqueando a cabeça daquela coisa, até que o chão ficasse todo tomado por sangue e fragmentos de cérebro.

Tudo isso se passou entre nós sem palavras. Uma

havia salvado a vida da outra, e vice-versa. É um laço que permanece com a pessoa. Amizades podem desvanecer, mas sempre há aquela obrigação, aquele entendimento forjado a horror, sangue e violência compartilhada, que nunca vai embora para sempre. Ainda existia entre nós duas após três longos anos. Tenso e palpável.

Ronnie é uma mulher inteligente, logo percebeu o

silêncio constrangedor.

— Aceitam alguma coisa para beber?

— Sem álcool — dissemos Bev e eu ao mesmo

tempo.

Rimos uma da outra, e a tensão foi embora. Nunca

seríamos amigas do peito, mas talvez pudéssemos deixar de ser fantasmas uma na vida da outra.

Ronnie trouxe dois refrigerantes dietéticos. Fiz uma careta, mas aceitei assim mesmo. Eu sabia que ela não tinha mais nada na pequena geladeira do escritório. Nós já havíamos conversado a respeito de bebidas dietéticas, mas ela jurava gostar do sabor. Gostar do sabor... Argh!

Bev aceitou o dela com graciosidade. Devia ser o

que ela bebia em casa. Dê-me uma coisa que engorde, mas que tenha algum sabor, que eu aceito de bom grado.

— Ronnie me disse pelo telefone que talvez haja

um esquadrão da morte ligado à HCV. É verdade? —

perguntei.

Bev olhou para baixo, para a lata de refrigerante que ela segurava por baixo, com uma das mãos em forma de concha para não manchar a saia.

— Não posso afirmar com certeza que seja verda-

de. Mas creio que sim.

— Pode me dizer o que ouviu falar? — perguntei.

— Durante algum tempo, cogitou-se a formação de

um esquadrão para caçar vampiros. Para matá-los, assim como eles mataram as nossas... famílias. O presidente, ob-viamente, vetou a

idéia. Nossa política é agir dentro dos limites do sistema. Não somos justiceiros.

O tom de sua voz assumiu quase o de uma pergun-

ta, como se ela tentasse convencer a si própria mais que a nós. Ela estava atordoada com o que poderia ter acontecido. Seu mundinho perfeito desabava novamente.

— Mas, ultimamente, tenho escutado algumas conversas... Gente da organização se gabando de matar vampiros.

— Como foram, supostamente, assassinados? —
questionei. Ela olhou para mim, e hesitou:

— Não sei.

— Nenhuma pista? Ela balançou a cabeça.

— Acredito que possa descobrir para você. É importante?

— A polícia vem escondendo certos detalhes do público. Coisas que apenas o assassino saberia.

— Entendi. — Ela voltou a olhar para a lata em suas mãos, depois para mim, de novo. — Na minha opinião, não é assassinato, mesmo que o meu pessoal tenha feito o que afirmam os jornais. Matar animais perigosos não deveria ser crime.

Em parte, eu concordava com ela. Já houve tempo

em que eu concordaria com aquela opinião dela sem qualquer restrição.

— Então, por que nos contar? — perguntei.

Ela olhou diretamente para mim, com seus olhos escuros, quase negros, fitando o meu rosto.

— Tenho uma dívida com você.

— Você salvou a minha vida da mesma forma. Não tem dívida nenhuma.

— Sempre haverá uma dívida entre nós. Sempre.

Olhei para o rosto dela e compreendi. Bev me implorara para não contar a ninguém que fora ela que estra-

çalhara a cabeça daquele vampiro. Acho que ela própria ficara horrorizada com o fato de ser capaz de cometer tamanho ato de violência, independentemente do motivo.

Contei à polícia que ela distraíra o vampiro para que eu pudesse matá-lo. Ela tem sido desproporcionalmente agradecida por essa mentira pequena e inofensiva. Talvez, se ninguém mais soubesse, ela poderia fingir que não aconteceu. Talvez.

Ela se levantou, ajeitando a parte de trás da saia, e repousou cuidadosamente a lata de refrigerante à ponta da mesa.

— Deixarei um recado com a srta. Sims assim que ficar sabendo de mais detalhes.

Acenei com a cabeça, concordando.

— Agradeço o que está fazendo.

Ela pode estar traindo a causa por mim. Beverly

dobrou a jaqueta púrpura sobre o braço, com a pequena bolsa presa às mãos.

— Violência não é solução. Devemos agir dentro

dos limites do sistema. A Humanos Contra Vampiros defende a lei e a ordem, não a justiça com as próprias mãos.

Pareceu-me um discurso já decorado, mas deixei

para lá. Todo mundo precisa de alguma crença em que se apoiar.

Ela apertou a minha mão e a de Ronnie com a mão

gelada e seca, e foi embora, com os ombros magros bem eretos. A porta fechou-se com firmeza, porém em silêncio, depois que ela saiu. Nunca se imaginaria, só de se olhar para ela, que tenha sido alvo de tamanha violência.

Talvez fosse exatamente isso o que ela queria. Quem sou eu para discordar?

Ronnie disse:

— Muito bem, agora conte-me tudo. O que descobriu?

— Por que acha que descobri alguma coisa? — perguntei.

— Porque estava com uma cara de enjoada quando entrou.

— Ótimo. E eu que achei que tinha conseguido disfarçar. Ela deu repetidos tapinhas em meu braço.

— Não se preocupe. É só que eu conheço você bem demais. Só isso.

Fiz um gesto com a cabeça, aceitando a explicação exatamente com o intuito que ela teve: baboseira para fazer eu me sentir bem. Mas aceitei de qualquer forma. Contei a ela da morte de Theresa. Contei tudo, menos os sonhos que tinha com a presença de Jean-Claude. Eram particulares.

Ela deixou escapar um assovio baixo.

— Caramba, você tem andado ocupada! Acha que quem vem fazendo isso é algum esquadrão da morte formado por humanos?

— Refere-se à HCV?

Ela confirmou, com um gesto de cabeça. Respirei fundo e soltei o ar.

— Não sei. Se são humanos, não faço a mínima idéia de como estejam fazendo. Só uma força super-humana consegue arrancar uma cabeça a seco.

— Um humano muito forte? — perguntou-me.

A imagem dos braços de Winter, repletos de protuberâncias, surgiu em minha mente.

— Talvez, mas uma força assim...

— No calor do momento, vovozinhas franzinas já ergueram carros inteiros.

Ela tinha certa razão.

— O que acharia de fazermos uma visita à Igreja da Vida Eterna? — sugeri.

— Pensando em se converter?

Olhei para ela de cara feia. Ela riu.

— Está bem, está bem, pare de me olhar com essa carranca. O que vamos fazer lá?

— Ontem à noite, eles atacaram a festa com porretes. Não estou dizendo que a intenção era matar, mas quando se começa a agredir as pessoas... — sacudi os ombros — , acidentes acontecem.

— Acha que isso é coisa dessa igreja?

— Não sei, mas se detestam simpatizantes o suficiente para invadirem suas festas, atacando todo mundo, talvez também detestem o suficiente a ponto de matá-los.

— A maior parte dos fiéis da igreja é de vampiros

— afirmou Ronnie.

— Exatamente. Força super-humana e a capacidade de se aproximarem das vítimas.

Ronnie sorriu.

— Nada mau, Blake. Nada mau. Baixei a cabeça em sinal de modéstia.

— Agora, só precisamos provar.

Seus olhos ainda brilhavam com humor quando ela disse:

— A não ser, é claro, que não tenham sido eles.

Ah, fique quieta. Já é um começo.

Ela abriu bastante os braços.

— Ei, não estou reclamando. Meu pai sempre dizia:

“Apenas critique se for capaz de fazer melhor.”

— Também não sabe o que está acontecendo, hem? — perguntei.

Seu rosto aquietou-se.

— Queria saber. Igualzinho a mim.

34

O TEMPLO MAIOR da Igreja da Vida Eterna fica logo após a Avenida Page. Fica longe do Distrito. A igreja não gosta que liguem seu nome ao populacho. Boate de strip-tease de vampiros, Circo dos Amaldiçoados, tsc, tsc... Bem chocante. Não, eles se consideram o mainstream dos mortos-vivos.

A própria igreja fica localizada em um grande terre-no, quase sem vegetação. Pequenas árvores se esforçavam para crescer e virar grandes árvores, para ensombrar o branco surpreendente da igreja, que parecia brilhar naquele sol quente de verão, como uma lua a caminho de seu poente.

Entrei no estacionamento e parei o carro sobre o

novo e brilhoso asfalto negro. O chão era a única coisa que aparentava normalidade, com a terra avermelhada descoberta e mexida até virar lama. A grama nem sequer teve chance.

— Bonita — disse Ronnie, apontando com a cabeça na direção da igreja.

Sacudi os ombros.

— Se está dizendo... Para ser sincera, nunca me acostumo com o efeito genérico.

— Efeito genérico? — perguntou ela.

— As imagens dos vitrais são todas coloridas e abs-tratas. Não há imagens de Cristo, de santos ou de símbolos sagrados. Límpido e puro como um vestido de noiva que acaba de sair do plástico.

Ela saiu do carro, colocando os óculos de sol e ficou olhando para a igreja com os braços cruzados por cima da barriga.

— Parece que acabaram de desembrulhá-la e ainda não colocaram os adornos.

— É. Uma igreja sem Deus. O que há de errado nessa imagem? Ela não riu.

— Será que vai ter alguém acordado a esta hora do dia?

— Ah, vai. Eles evangelizam durante o dia.

— “Evangelizam”?

— Ah, você sabe... Vão de porta em porta, como os mórmons e as testemunhas-de-jová.

Ela ficou me olhando.

— Deve estar de brincadeira.

— E parece que estou de brincadeira?

Ela negou, fazendo um gesto com a cabeça.

— Vampiros de porta em porta! Muito... — sacudiu as mãos para frente e para trás — conveniente.

— É — respondi. — Vamos ver quem está cuidando do escritório.

Subimos amplos degraus brancos, que nos levaram

a enormes portas duplas. Uma delas estava aberta. A outra tinha uma placa, na qual lia-se: "Entre, amigo, e esteja na Paz." Resisti a uma necessidade incontrollável de arrancar aquela placa e pisar em cima.

Eles estavam usando um dos medos mais básicos

do homem — a morte. Todo mundo tem medo da morte.

Os que não crêem em Deus têm grande dificuldade em aceitar a morte como sendo o fim de tudo. Você morre e deixa de existir. Puf! Mas na Igreja da Vida Eterna, eles prometem justamente o que diz o título. E podem provar.

Não é uma crença em algo intangível ou incapaz de ser provado. Sem esperas. Nenhuma pergunta fica sem resposta. Como é a sensação de se estar morto? É só perguntar a um dos fiéis da igreja.

Ah, e você também nunca envelhece. Nada de plás-

tica, lipoaspiração... Simplesmente a juventude eterna.

Não é um negócio ruim, se você não acreditar em alma.

Contanto que não acredite que sua alma virá a ficar aprisionada dentro do seu corpo de vampiro, e nunca poderá ir para o Paraíso. Ou ainda pior, que é inerente ao vampiro ser mau, e que você está condenado a ir para o Inferno. A Igreja Católica vê no vampirismo voluntário uma espécie de suicídio. Tenho tendência a concordar, embora o Papa também tenha excomungado todos os ressuscitadores, com exceção dos que parassem de reviver os mortos. Tudo bem. Virei anglicana.

Duas largas filas de bancos de madeira bem polida chegavam até o que seria um altar. Até havia um púlpito, mas não dava para considerar aquilo um altar. Era apenas uma parede azul lisa, cercada por paredes ainda mais brancas.

As janelas eram vitrais vermelhos e azuis. Com os raios do sol, formavam primorosas figuras coloridas no chão branco.

— Que tranqüilidade... — disse Ronnie. — Tam-

bém é tranqüilo assim no cemitério. Ela olhou para mim e sorriu.

— Achei mesmo que diria isso. Olhei para ela com a cara feia.

— Pare com a provocação. Viemos aqui tratar de negócios.

— Exatamente o que você quer que eu faça?

— Apenas me dê cobertura. Banque a ameaçadora, se conseguir. Procure por pistas.

— Pistas? — perguntou.

— É, você conhece. Pistas. Comprovantes de pagamento, notas com partes queimadas, indícios...

— Ah, isso!

— Pare de sorrir assim para mim, Ronnie.

Ela ajeitou os óculos de sol e fez sua melhor aparência "gélida". Ela é ótima nisso. Sabe-se que bandidos costumam tremer quando a situação complica para o lado deles. Agora veríamos como a coisa funcionava com fiéis religiosos.

De um dos lados do "altar", havia uma porta pe-

quena. Passando por ela, entrava-se em um corredor acar-petado. Aquele silêncio típico de um ambiente refrigerado nos envolveu. À esquerda, banheiros; à direita, uma sala aberta. Talvez fosse ali que eles bebessem... café depois dos cultos. Não, café provavelmente não. Um sermão ins-tigante seguido de um pouquinho de sangue, quem sabe?

Os escritórios se destacavam por uma pequena pla-

ca nas portas, na qual se lia "Escritório". Bastante inteligente. Havia um escritório externo, a típica escrivania de secretária etc... Um jovem atendia quem chegasse, sentado àquela escrivania. Era magro, seus curtos cabelos castanhos, cuidadosamente cortados. Óculos de armação fina decoravam um par de lindíssimos olhos castanhos.

Em seu pescoço, curava-se uma marca de mordida.

Ele se levantou e deu a volta ao redor da mesa.

Com a mão estendida, olhando para nós duas, abriu um sorriso.

— Saudações, amigas. Meu nome é Bruce. Em que posso servi-las?

Seu aperto de mão era firme, mas não era exagera-

do. Forte, mas sem esmagar-me a mão. Um toque demorado e amistoso, mas sem sexualidade. Vendedores de carros competentes têm esse aperto de mão. Corretores de imóveis também. Eu tenho uma alma muito bonitinha.

Quase não foi usada. O preço é justo. Confie em mim. Se aqueles grandes olhos castanhos fossem só um pouquinho mais sinceros, eu teria dado a ele um biscoitinho canino e afagado-lhe a cabeça.

— Gostaria de marcar um horário para falar com Malcolm — pedi.

Ele piscou uma vez.

— Sente-se.

Foi o que fiz. Ronnie apoiou-se contra a parede de um dos lados da porta. Com as mãos cruzadas, sua aparência era fria e típica de uma guarda-costas.

Depois de nos oferecer café, Bruce voltou a dar a volta ao redor da mesa, e sentou-se, com as mãos cruzadas.

— Agora, srta...

— Srta. Blake.

Ele não vacilou. Ainda não tinha ouvido falar de mim. Como a fama é efêmera...

— Srta. Blake, qual o intuito da reunião com o chefe maior de nossa igreja? Temos diversos conselheiros competentes e compreensivos que a ajudarão a tomar sua decisão.

Olhei para ele e abri um sorriso. Aposto mesmo que tenham, seu vermezinho...

— Acredito que Malcolm vá querer conversar comigo. Tenho informações a respeito dos assassinatos dos vampiros. Seu sorriso derrapou.

— Se tem tais informações, vá à polícia.

— Mesmo se eu tiver provas de que determinados fiéis de sua igreja são os responsáveis pelos crimes?

Um pequeno blefe, também conhecido como

“mentira”. Ele engoliu em seco, e seus dedos pressionaram a superfície da mesa até as pontas ficarem brancas.

— Não entendi. Quer dizer...

Olhei para ele e sorri.

— Vamos encarar os fatos, Bruce. Você não tem qualificação para lidar com homicídio. Não foi treinado para isso, não é verdade?

— Bem, não, mas...

— Sendo assim, apenas marque um horário para que eu volte à noite e converse com Malcolm.

— Não sei, eu...

— Não se preocupe. Malcolm é o chefe maior da igreja. Ele cuidará de tudo.

Ele movimentava bem rapidamente a cabeça para

cima e para baixo. Seus olhos foram parar em Ronnie e voltaram rapidamente para mim. Ele folheou uma agenda, com encadernação em couro, que estava sobre a mesa.

— Hoje, às nove da noite. — Pegou uma caneta,

fez pose e preparou-se. — Se me der seu nome inteiro, eu marco o horário.

— Anita Blake.

Ele ainda não reconheceria o nome. E, eu devo mesmo ser o terror da vampirada.

— E o assunto diz respeito a...

Ele vinha recuperando o profissionalismo. Levantei-me.

— Homicídio. Diz respeito a homicídio.

— Ah, claro, eu... — Ele escreveu qualquer coisa.

— Hoje, nove da noite, Anita Blake, homicídio.

Ele olhou para o que havia escrito e fez uma careta, como se houvesse alguma coisa errada. Resolvi ajudá-lo.

— Não faça essa careta. Você anotou o recado

muito bem. Ele olhou para cima, para mim, um pouco pálido.

— Volto mais tarde. Providencie para que ele receba o recado. Bruce voltou a movimentar a cabeça bem rápido, para cima e para baixo, com os olhos bastante arregalados por trás das lentes dos óculos.

Ronnie abriu a porta e eu saí à frente dela. Ela seguiu atrás de mim como a guarda-costas de um filme ru-im. Quando já estávamos passando novamente pela igreja principal, ela riu.

— Acho que assustamos o garoto.

— Bruce se assusta com facilidade.

Ela concordou com um gesto de cabeça, os olhos brilhando.

À menor menção de violência, homicídio, ele teria se despedaçado. Quando ele “crescesse”, viraria vampiro.

É óbvio.

A luz do sol quase nos cegou depois que saímos da escuridão daquela igreja. Apertei os olhos, colocando a mão à frente. Com o canto do olho, eu conseguia enxergar movimentos.

— Anita! — gritou Ronnie.

Tudo ficou mais devagar. Tive bastante tempo para ver o homem, e a arma que ele apontava. Ronnie se atirou em cima de mim, levando nós duas para o chão, e voltando para dentro da igreja. Projéteis atingiram a porta em que estávamos, produzindo ruídos surdos.

Ronnie começou a andar de gatinhos, atrás de mim, próxima à parede. Eu já segurava a arma, e estava deitada de lado, encostada na porta. Meu coração trovejava em meus ouvidos, mas ainda assim eu conseguia escutar tudo.

O vinco de meu casaco fino parecia estático. Escutei-o subir a escada. O desgraçado iria continuar em sua caçada.

Fui avançando aos poucos. Ele terminou de subir.

Sua sombra entrou pela porta. Ele nem sequer tentava se esconder. Talvez achasse que eu não estava armada. E

estava prestes a entender que se enganara.

— O que está havendo aqui? — perguntou Bruce.

— Volte para dentro! — gritou Ronnie.

Não tirei os olhos da porta. Não iria levar um tiro devido à distração provocada pelo velho Bruce. A única coisa que importava era aquela sombra que entrava pela porta. Aqueles passos claudicantes. A única.

Ele entrou direto, segurando a arma, e os olhos procurando pela igreja. Amador.

Eu poderia ter encostado o cano da arma nele.

— Não se mexa. — “Parado” sempre parecia tão melodramático! “Não se mexa.” Curto e grosso. — Não se mexa — repeti.

Ele virou somente a cabeça, devagar, em minha direção.

— Você é A Executora — disse ele com a voz serena e repleta de hesitação.

Seria melhor negar? Talvez. Se ele veio para matar A Executora, com certeza.

— Não — respondi. Ele começou a se virar.

— Então, deve ser ela.

Ele estava se virando na direção de Ronnie. Merda.

Ele ergueu o braço e começou a apontar.

— Não! — gritou Ronnie.

Tarde demais. Eu já tinha atirado, à queima-roupa, no tórax dele. O tiro de Ronnie veio logo após o meu. O

impacto o tirou do chão e fez com que ele andasse cambaleando para trás. O sangue começou a manchar-lhe a blusa. Ele chocou-se com a porta entreaberta, desabando de costas no chão, deslizando por ela. Eu só conseguia ver-lhe as pernas.

Hesitei e procurei escutar. Não ouvia movimento

algum. Dei a volta pela porta, tomando bastante cuidado.

Ele não se mexia, mas a arma ainda estava bem presa à sua mão. Apontei a minha para ele e fui me aproximando, bem devagar. Se ele sequer se contorcesse, eu lhe acertaria outro tiro.

Tirei-lhe a arma da mão com um chute e verifiquei a pulsação em seu pescoço. Nada. Necas. Morto.

A munição que eu uso mata um vampiro. Se eu der

um tiro certo, e se o alvo não tiver muita idade. A bala fez um pequenino buraco do lado em que entrou, mas o outro lado do tórax dele sumiu. A bala fez o que se espera dela: explodiu, abrindo um buraco enorme na saída.

O pescoço dele pendia para o lado. Duas marcas de mordidas decoravam-lhe o pescoço. Droga! Com ou sem mordida, estava morto. O que sobrou do coração não da-va sequer para passar pelo buraco de uma agulha. Tiro certo. Um amador estúpido com uma arma.

Ronnie estava apoiada na ombreira da porta, pálida, apontando a arma para o morto. Seus braços tremiam muito levemente.

Ela quase sorria.

— Não costumo sair com arma durante o dia, mas sabia que estaria na sua companhia.

— É uma ofensa? — perguntei.

— Não — respondeu-me. — É a realidade.

Eu não tinha como contestar aquilo. Sentei-me nos gélidos degraus de pedra, e senti os joelhos fraquejarem. A adrenalina já se esvaía, como água de um copo quebrado.

Bruce chegara ao vão da porta, branco feito gelo.

— Ele... Ele tentou matar você — disse, e sua voz chegava a falhar de tanto medo.

— Sabe quem é? — perguntei.

Ele balançava a cabeça repetidas vezes, sem parar, com movimentos rápidos e bruscos.

— Tem certeza?

— Nós... nós não... toleramos violência. — Ele fez força para engolir em seco. Sua voz parecia mais um murmúrio dissonante. — Não sei quem é.

O medo parecia genuíno. Talvez ele não soubesse

mesmo quem era aquele homem, mas isso não queria dizer que o defunto não fosse um dos fiéis da igreja.

— Chame a polícia, Bruce.

Ele permaneceu ali, parado, olhando para o cadáver.

— Chame a polícia, está bem?

Ele ficou olhando para mim, com os olhos vitrifi-

cados. Eu não sabia ao certo se havia me escutado ou não, mas ele voltou lá para dentro.

Ronnie sentou-se ao meu lado, olhando para o es-

tacionamento. O sangue escorria pelos degraus brancos em minúsculos córregos escarlates.

— Nossa... — suspirou ela.

— E. — Eu ainda segurava a arma, mas a deixava

solta, pendendo de meus dedos. O perigo parecia já ter acabado. Acho que já podia guardar a arma. — Obrigada por me tirar do caminho dos tiros — agradei.

— Disponha. — Ela respirou fundo, mostrando

nervosismo. — Obrigada por atirar nele antes que ele atirasse em mim.

— Disponha também. E além do mais, você também tirou sua casquinha dele.

— Não precisa me lembrar. Olhei para ela.

— Está tudo bem com você?

— Não, estou assustada para valer. — Tá.

É claro, bastava que Ronnie mantivesse distância de mim. Eu estava parecendo uma zona de tiro livre. Uma ameaça ambulante a meus amigos e colegas de trabalho.

Ronnie poderia ter morrido hoje, e a culpa teria sido minha. Ela demorara alguns segundos a mais para atirar do que eu. Esses poucos segundos poderiam ter custado-lhe a vida. É claro que, se ela não tivesse ido comigo, seria eu quem poderia ter morrido. Uma bala em meu peito, e minha arma não teria tanta serventia assim.

Escutei, a distância, o som de sirenes de polícia. Já deviam estar pela área, ou talvez fosse mais um assassinato. Possível. Será que a polícia acreditaria que foi apenas um mero fanático tentando matar A Executora? Talvez.

Dolph não se deixaria convencer.

Os raios do sol desciam sobre nós duas como um

plástico amarelo bem claro. Nenhuma das duas dizia sequer uma palavra. Talvez não houvesse mesmo mais nada a se dizer. Obrigada por salvar minha vida. Disponha. O

que mais?

Senti-me leve e vazia, quase em paz. Entorpecida.

Devo estar me aproximando da verdade, qualquer que seja ela. Tinha gente tentando me matar. Era um sinal positivo.

Mais ou menos. Significava que eu sabia alguma coisa importante. Importante o bastante para me matarem. O

problema é que eu mesma não tinha idéia do que, tão importante assim, eu sabia.

35

AS 8:45 DAQUELA NOITE, eu voltava àquela igreja. O céu era de um púrpura vivo. Nuvens cor-de-rosa se espalhavam por ele como algodão-doce esfacelado por crianças ansiosas, e largado para que derretesse. Faltavam poucos minutos para que ficasse tudo escuro de verdade.

Os demônios devoradores de cadáveres já estariam andando por aí. Mas os vampiros ainda tinham que esperar mais um pouco.

Fiquei de pé na escada da igreja, admirando o pôr-do-sol. Não havia mais qualquer vestígio de sangue. Os degraus brancos estavam brilhantes e novos como se a tarde de hoje nunca houvesse acontecido. Mas eu me lembrava. Eu havia resolvido suar no calor do verão, para poder carregar um arsenal. Meu casaco fino não somente ocultava meu coldre e a 9mm, como ainda abrigava munição a mais e uma faca em cada antebraço.

A Firestar estava bem guardada em meu coldre in-

terno de cintura, ajustada na medida para um saque cruzado com a mão direita. Prendi até uma faca no tornozelo.

Obviamente, nada do que eu vinha carregando po-

deria deter Malcolm. Ele era um dos vampiros-mestres mais poderosos da cidade. Após ter visto Nikolaos e Jean-Claude, eu diria que ele ficaria em terceiro lugar. Dentre aqueles com quem eu o estava comparando, terceiro não era nada mau. Então, por que confrontá-lo? Porque eu não conseguia ter outra idéia melhor.

Eu havia deixado uma carta detalhando minhas

suspeitas a respeito da igreja e de todo mundo, em um cofre individual, no banco. Todo mundo não tem um desses? Ronnie sabia da carta. E também deixei uma na mesa da recepção da Ressuscitadores, Inc., que seria enviada para Dolph na segunda-feira pela manhã, a não ser que eu ligasse e pedisse para não enviarem.

Uma mera tentativa de homicídio, e eu já estava ficando toda paranóica. Imaginem só.

O estacionamento estava cheio. Os fiéis entravam

na igreja em pequenos grupos. Alguns poucos vieram andando. Nada de carro. Fiquei olhando insistentemente para eles. Vampiros, antes que escurecesse totalmente?

Mas não, apenas humanos.

Fechei o zíper do casaco até a metade. Não tinha

desejo algum de atrapalhar a cerimônia, exibindo uma arma.

Uma jovem distribuía panfletos para quem entrasse.

Seus cabelos castanhos, penteados com gel, formavam uma onda artificial sobre um de seus olhos. Supus que o que ela estava distribuindo fosse um guia da cerimônia.

Ela sorriu e disse:

— Seja bem-vinda. É a sua primeira vez?

Retribuí com um sorriso agradável, como se eu não estivesse portando um arsenal suficiente para varrer metade da congregação.

— Marquei um horário para conversar com Malcolm.

O sorriso dela não se alterou. Se tanto, ficou ainda maior, formando uma covinha de um dos lados de sua boca de batom. De alguma maneira, acho que ela não sabia que eu havia matado uma pessoa hoje. Não é comum as pessoas sorrirem para mim quando sabem dessas coisas.

— Só um minuto. Deixe-me chamar alguém para cuidar da porta.

Ela se afastou e convocou um outro jovem, à base de cutucadas em seu ombro. Sussurrou alguma coisa contra sua bochecha e entregou-lhe os panfletos.

Ela voltou até onde eu estava, com as mãos ajeitando seu vestido vinho.

— Pode vir comigo?

Ela formulou uma pergunta. O que será que ela faria se eu me negasse? Provavelmente ficaria confusa. O jovem saudava um casal que acabara de entrar na igreja. O

homem vestia um terno; a mulher, o típico traje com vestido, meia-calça e sandálias. Poderiam freqüentar a minha igreja. Qualquer igreja. Conforme eu acompanhava a jovem, pelo corredor lateral, em direção à porta, percebi um casal vestido no estilo punk pós-moderno. Ou qualquer que seja o termo do momento. O cabelo dela parecia com o da noiva do Frankenstein, colorido de verde e rosa. Depois de dar uma segunda olhada, não tive mais tanta certeza. Talvez o de verde e rosa fosse homem. Se era verdade, o cabelo da namorada dele, de tão raspado próximo à cabeça, parecia uma barba por fazer.

A Igreja da Vida Eterna atraía uma ampla gama de

fiéis. Diversidade. Esse é o segredo. Pareciam a opção certa para agnósticos, ateus, para os desiludidos com a corrente em voga e também para alguns que nunca se decidi-ram quanto ao que seriam. A igreja já estava praticamente lotada, e ainda não havia escurecido totalmente. Os vampiros ainda iriam chegar.

Há muito tempo eu não via uma igreja tão cheia, a não ser na Páscoa ou no Natal. Cristãos de Festas. Um arrepio percorreu a minha coluna.

Era a igreja mais cheia a que eu comparecia em a-

nos. A igreja dos vampiros. Talvez o perigo de verdade não fosse o assassino. Talvez o perigo de verdade estivesse bem aqui, neste local.

Agitei a cabeça e passei pela porta, acompanhando minha guia, saindo da igreja, e passando pela área do cafe-zinho. De fato, estavam coando café sobre uma mesa coberta por um pano branco. Também havia uma funda ti-gela de ponche avermelhado, que parecia um pouquinho viscoso demais para ser ponche.

— Gostaria de tomar um café? — perguntou ela.

— Não, obrigada.

Ela sorriu com simpatia, abrindo a porta onde esta-va escrito “Escritório” para mim. Eu entrei. Não havia ninguém.

— Malcolm a receberá assim que despertar. Se de-
sejar, posso fazer-lhe companhia enquanto aguarda —
disse, olhando para a porta enquanto falava.

— Não quero que perca a cerimônia. Ficarei bem

só. O sorriso dela voltou a formar aquela covinha.

— Obrigada. Estou certa de que a espera será curta.

Com isso, ela partiu, e eu fiquei sozinha. Sozinha com a mesa do secretário, com a agenda com encaderna-

ção de couro da Igreja da Vida Eterna. A vida é bela.

Abri a agenda na semana anterior ao primeiro as-

sassinato dos vampiros. Bruce, o secretário, tinha uma caligrafia bastante nítida. Cada anotação era bastante precisa. Horário, nome e uma frase descrevendo a reunião.

“Dez horas, Jason MacDonald, entrevista para revista.”

“Nove horas, reunião com o prefeito, problemas de zone-amento.” Assuntos usuais para o Billy Graham do vampirismo. Então, dois dias antes do primeiro assassinato, uma linha com caligrafia diferente. Menor, mas tão nítida quanto. “Três horas, Ned.” Nada mais. Sem o sobrenome, e sem o assunto da reunião... E não tinha sido Bruce que marcara o horário. Parece-me que temos uma pista. Muita calma, meu coração.

Ned é apelido de Edward, assim como Teddy. Será

que Malcolm se encontrou com o mercenário dos mortos-vivos? Talvez. Talvez não. Podia ser uma reunião clandestina com um outro Ned. Ou talvez Bruce tenha precisado deixar a recepção, e alguém tenha ficado em seu lugar.

Verifiquei o resto da agenda o mais rápido que pude. Na-da mais parecia fora do normal. Todas as outras anotações tinham a escrita grande e arredondada de Bruce.

Malcolm se encontrara com Edward, se é que fora

Edward mesmo, dois dias antes do primeiro homicídio. Se fosse verdade, em que pé estariam as coisas? Edward seria o assassino e Malcolm estaria pagando pelos assassinatos.

Mas essa teoria tinha um problema. Se Edward me quisesse morta, ele próprio já o teria feito. Talvez Malcolm tenha ficado com medo e enviado um de seus seguidores para que o fizesse? Podia ser.

Eu estava sentada em uma cadeira encostada na pa-

rede, folheando uma revista, quando a porta se abriu. Malcolm era alto, de uma magreza tal que quase chegava a doer. Suas mãos grandes e ossudas pertenciam a um homem mais musculoso. Seus cabelos curtos e encaracolados tinham o amarelo chocante das penas de um pintassil-go. Cabelos loiros ficavam assim depois de quase trezen-tos anos no escuro.

Na última vez que vi Malcolm, ele me parecera belo e perfeito. Agora, era quase comum, como Nikolaos e sua cicatriz. Será que Jean-Claude me deu o poder de ver as formas verdadeiras dos vampiros-mestres?

A presença de Malcolm preenchia a pequenina sala

como água invisível: gelada, provocando pontadas ao longo de minha pele. Já chegara à altura dos joelhos, e subia sem parar. Dêem-lhe mais novecentos anos e talvez seja páreo para Nikolaos. E claro que eu não ficaria por perto para testar minha modesta teoria.

Coloquei-me de pé, e ele adentrou majestosamente

a sala, trajando-se de maneira bastante modesta, com um terno azul-marinho, uma blusa azul-clara e uma gravata azul de seda. A blusa clara tornava-lhe os olhos parecidos com ovos de tordo. Ele sorria, com seu rosto pontiagudo, expressando grande viva-cidade. Não estava tentando a-nuviar minha mente. Malcolm era ótimo

quando a questão era resistir contra vontades incontroláveis. Toda a sua credibilidade baseava-se no fato de que ele não trapaceava.

— Srta. Blake, como é bom reencontrá-la! — Ele

não estendeu a mão para me cumprimentar. Já me conhecia. — Bruce me deixou um recado bastante confuso. Alguma coisa a respeito dos assassinatos entre os vampiros?

— perguntou, e sua voz era profunda e apaziguadora, como o oceano.

— Eu disse a Bruce que tenho provas de que a igreja de vocês está envolvida com os assassinatos entre os vampiros.

— E tem mesmo?

— Tenho.

Acreditava mesmo que tinha. Se ele havia se encontrado com Edward, eu já tinha o meu assassino.

— Hmm... A senhorita está sendo sincera, mas, ainda assim, sei que não é verdade.

Sua voz começou a me envolver, calorosa e densa.

Poderosa.

Fiz um sinal de desaprovação com a cabeça.

— Trapaceando, Malcolm? Utilizando-se de seus poderes para devassar minha mente? Tsc, tsc...

Ele deu de ombros, com as mãos abertas para os

lados.

— Eu controlo a minha igreja, srta. Blake. Meus fiéis não fariam isso do que os acusa.

— Atacaram uma festa de simpatizantes ontem à noite. Com porretes às mãos. Feriram pessoas — disse eu, e é claro que nessa última chutei.

Ele fez uma expressão de desaprovação.

— Há uma pequena facção de nossos seguidores que insiste em usar de violência. A festa de simpatizantes, como a chamou, é uma coisa abominável e deve ser eliminada, mas através dos canais legítimos. Já avisei meus fiéis disso.

— Mas você chega a castigá-los quando o desobedecem? — perguntei.

— Não sou policial, ou pastor, para conferir castigos. Ninguém aqui é criança. Todos têm suas próprias consciências.

— Aposto que têm mesmo.

— O que está querendo dizer com isso? — questionou ele.

— Estou querendo dizer, Malcolm, que você é um vampiro-mestre. Nenhum deles é capaz de enfrentá-lo.

Eles fazem qualquer coisa que você mandar.

— Não me utilizo de meus poderes mentais para com minha congregação.

Agitei a cabeça. Seu poder subia por meus braços

como uma onda gélida. Nem era intenção dele. Era a simples emanção. Será que ele percebia o que estava fazendo? Poderia aquilo ser mesmo acidental?

— Você teve um encontro dois dias antes do primeiro assassinato.

Ele sorriu com cuidado, para não exibir as presas.

— Tenho diversos encontros.

— Eu sei, você é bastaaante popular. Mas deve

lembrar-se deste em particular, quando contratou um mercenário para assassinar vampiros.

Fiquei observando-lhe o rosto, mas ele era bom

demais. Percebi uma leve agitação em seus olhos, talvez um desconforto. Mas logo depois ela desapareceu, tomando seu lugar aquela autoconfiança resplandecente de olhos azuis.

— Srta. Blake, por que está olhando em meus olhos? Dei de ombros.

— Se não tentar me encantar, é seguro.

— Já tentei convencê-la disso em diversas ocasiões, mas a senhorita sempre agiu com... precaução. Agora, está me encarando. Por quê?

Ele veio em minha direção, rápido, quase um borrão à minha frente. Eu já estava segurando a arma, sem precisar pensar. Instinto.

— Nossa! — exclamou.

Fiquei apenas olhando para ele, bastante disposta a colocar-lhe uma bala no peito caso ele se aproximasse sequer um passo.

— A senhorita está, pelo menos, com a primeira marca, srta. Blake. Algum vampiro-mestre a tocou. Quem foi?

Deixei o ar sair de meus pulmões em um suspiro demorado. Nem percebi que havia prendido a respiração.

— É uma história comprida.

— Acredito na senhorita.

De repente, ele pôs-se novamente de pé próximo à porta, como se nunca tivesse deixado aquele lugar. Droga, ele era bom.

— Você contratou um homem para matar os vampiros que freqüentam o circuito dos simpatizantes — afirmei.

— Não — retrucou ele. — Não contratei.

Sempre fico irritada quando uma pessoa para a qual estou apontando uma arma assume um ar tão blasé.

— Mas contratou um assassino...

Ele deu de ombros. E sorriu.

— Não espera de verdade que eu faça qualquer outra coisa que não seja negar, espera?

— Acho que não mesmo. — Que se dane. Vou

perguntar de qualquer forma. — Você ou a sua igreja têm ligação de qualquer espécie com os assassinatos desses vampiros?

Ele quase soltou uma gargalhada. Não o culpei.

Ninguém que gozasse do perfeito funcionamento das faculdades mentais responderia afirmativamente, mas às vezes é possível descobrir alguma coisa devido à maneira com que a pessoa nega algum fato. A escolha das mentiras pode ser quase tão útil quanto a verdade.

— Não, srta. Blake.

— Mas você, de fato, contratou um assassino — afirmi com convicção.

O sorriso esvaiu-se de seu rosto. Puf! Ele não tirava os olhos de cima de mim. Sua presença rastejava ao longo de minha pele como insetos.

— Srta. Blake, acredito que já tenha chegado a hora de a senhorita partir.

— Um homem tentou me matar hoje.

— Acho difícil que eu tenha culpa nisso.

— Tinha duas mordidas no pescoço.

De novo aquela leve agitação nos olhos. Desconforto? Talvez.

— Estava me esperando do lado de fora da sua igreja. Fui obrigada a matá-lo na sua escada.

Uma pequena mentira, mas não queria Ronnie mais envolvida do que já estava.

Agora ele já fazia uma expressão de descontentamento. Uma ponta de raiva, como calor, emanava por todo o ambiente.

— Não tenho ciência disso, srta. Blake. Vou procurar saber. Abaixei a arma, mas não a guardei. Não é nada bom ficar tempo demais apontando uma arma para al-guém. Se a pessoa não está com medo, não está ameaçando causar-lhe nenhum mal e você não vai atirar, a coisa toda fica bastante infantil.

— Não submeta Bruce a um castigo muito severo.

Ele não sabe se virar quando há violência no meio.

Malcolm pôs-se ereto, puxando o paletó do terno.

Um gesto de nervosismo? Ora, ora... Atingi o ponto fraco.

— Vou procurar saber o que houve, srta. Blake. Se ele pertencia à nossa igreja, lhe devemos um pedido de desculpas dos grandes.

Fiquei olhando para ele durante um minuto. O que

eu poderia responder? Deveria agradecer? Não me pareceu apropriado.

— Sei que contratou um mercenário, Malcolm.

Não é exatamente uma boa propaganda para a sua igreja.

Na minha opinião, você está por trás desses assassinatos.

Pode ser que suas mãos não tenham derramado sangue, mas houve aprovação sua no que foi feito.

— Por favor, vá embora, srta. Blake — disse ele, abrindo a porta enquanto fazia o pedido.

Atravessei-a com a arma ainda em minha mão.

— Claro, vou embora, mas não vou deixá-lo em paz. Ele olhou para baixo, para mim, com os olhos em fúria.

— A senhorita sabe o que significa receber a marca de um vampiro-mestre?

Pensei por um instante, mas não sabia ao certo co-mo responder. Verdade.

— Não.

O sorriso que abriu tinha uma frieza tão grande que era capaz de congelar um coração.

— Mas aprenderá, srta. Blake. Se acabar sendo de-

mais para a senhorita suportar, lembre-se de que a nossa igreja está aqui para ajudá-la. — E fechou a porta na minha cara... com suavidade.

Fiquei olhando para a porta.

— O que está querendo dizer com isso? — murmurei.

Ninguém respondeu.

Guardei a arma e vi uma porta pequena, na qual estava escrito "Saída". Atravessei-a. A igreja estava com uma luz branda. Velas, quem sabe. Vozes se elevavam pelo ar da noite, em cantoria. Eu não estava reconhecendo a letra da canção. O ritmo era de *Bringing in the Sheaves*. Consegui captar um dos versos: "Viveremos eternamente.

Morrer, nunca mais."

Apressei-me para chegar até o carro, tentei não escutar a canção. Havia algo de bastante assustador em todas aquelas vozes alçadas aos céus, em adoração... O quê?

Eles próprios? A juventude eterna? Sangue? O quê? Mais uma para a série de perguntas sem resposta.

Edward era o assassino, para mim. A questão era se eu seria capaz de entregá-lo a Nikolaos. Seria eu capaz de entregar um ser humano aos monstros, mesmo que fosse para me salvar? Mais uma daquelas perguntas para as quais eu não sabia a resposta. Há dois dias, a resposta seria negativa. Agora, eu simplesmente não sabia mais.

36

NÃO QUERIA voltar para o meu apartamento.

Era hoje que Edward viria me visitar. Ou eu revelaria o local em que Nikolaos descansa durante o dia ou ele me forçaria a isso. Complicado o bastante. E agora eu suspei-tava que fosse ele o assassino que eu caçava. Bastante complicado.

A melhor solução que eu cogitava era evitá-lo. Não serviria para sempre, mas talvez eu tivesse uma idéia mira-bolante, que solucionasse tudo. Tudo bem, não havia muita chance de isso acontecer, mas a esperança é a última que morre.

Quem sabe Ronnie tinha me deixado um recado?

Algo de útil. Deus sabe que qualquer ajuda seria bem-vinda. Entrei com o carro em um posto de gasolina que tinha um telefone público à frente. A minha secretária eletrônica era uma dessas bem high-tech, que permitem que você ouça os recados sem ter que estar fisicamente presente. Talvez eu conseguisse evitar Edward a noite inteira se dormisse em um hotel. Ufa! Se eu tivesse a mínima prova concreta que fosse, teria chamado a polícia naquele exato instante.

Escutei a fita emitir um zunido e um clique, e en-tão:

— Anita, é o Willie. Pegaram Phillip, o cara que estava com você! Estão machucando ele à beça! Precisa vir...

O telefone emudeceu muito abruptamente, como se tivesse sido cortado.

Senti um aperto no estômago. Mais um recado:

— Você sabe quem está falando. Já escutou o reca-

do de Willie. Venha buscá-lo, ressuscitadora. Não preciso mesmo ameaçar o seu lindo namoradinho, preciso?

O telefone era todo a gargalhada de Nikolaos, repleta de estática e distante, devido à fita.

Então, um clique alto, e a voz de Edward ao telefone.

— Anita, diga-me onde está. Posso ajudá-la.

— Vão matar Phillip — disse eu. — E, além disso, você não está do meu lado, lembra?

— Eu sou o que você tem de mais parecido com um aliado.

— Sendo assim, que Deus me ajude. — Desliguei na cara dele de maneira bem grosseira. Phillip havia tentado me defender ontem à noite. Agora, estava pagando pelo erro. Gritei: — Droga!

Um homem que estava abastecendo ficou olhando para mim.

— Está olhando o quê? — disse eu, também quase aos berros.

Ele olhou para o chão, concentrando-se com bastante afinco em encher o tanque de seu carro.

Sentei ao volante do meu carro e fiquei ali, parada, durante alguns minutos. Estava com tanta raiva que chegava a tremer. Eu sentia a tensão em meus dentes. Droga.

Droga! Estava furiosa demais para dirigir. Não serviria de nada para Phillip se eu me envolvesse em um acidente no meio do caminho.

Tentei respirar puxando grandes quantidades de ar.

Não serviu de nada. Virei a chave na ignição.

— Sem ultrapassar o limite de velocidade. Não

posso me dar ao luxo de ser parada pela polícia. Com cuidado, Anita, com cuidado.

De vez em quando, eu converso comigo mesma.

Eu me dou ótimos conselhos. Às vezes, até os coloco em prática.

Tirei o carro do ponto morto e dirigi até a estrada.

Com cuidado. A raiva subia pelas minhas costas e irradiava por meus ombros e pescoço. Agarrei o volante com força, e acabei descobrindo que minhas mãos não estavam exatamente curadas. Pequenas pontadas de uma dor aguda, mas longe de serem suficientes. Nem toda a dor do mundo faz você se livrar da raiva.

Phillip estava sofrendo por minha causa. Assim

como Catherine e Ronnie. Chega. Chega, caramba! Eu iria salvar Phillip do jeito que conseguisse, e depois entregaria toda a maldita história para a polícia. Sem prova alguma mesmo. É. Sem sequer um mínimo que eu pudesse apresentar. Já estava na hora de dar o fora antes que mais alguém se machucasse.

A raiva era quase suficiente para esconder o medo por trás dela. Se Nikolaos estava atormentando Phillip devido à noite passada, era

bem provável que também não estivesse lá muito satisfeita comigo. Eu iria voltar a descer aquela escada, até o covil da mestre, à noite. Não parecia uma coisa lá muito inteligente quando colocada nesses termos.

A raiva se esvaía em uma onda de um medo gélido,

que fazia minha pele se arrepiar. “Não!” Eu não iria entrar lá com medo. Agarrei-me à minha fúria com tudo que eu tinha. Era o mais próximo que eu chegava do ódio em um bom tempo. Ódio. Está aí um sentimento que espalha ardor pelo corpo.

Quase todo ódio baseia-se no medo, de um jeito ou de outro. Isso. Eu me cercava de fúria, com uma pitada de ódio, e no fundo disso tudo, um centro gélido de horror puro.

37

O CIRCO DOS Amaldiçoados fica em um antigo armazém. Seu título é escrito pelo telhado em luzes coloridas. Imagens gigantes de palhaços dançam ao redor das palavras em pantomimas estáticas. Se você olhar os palha-

ços bem de perto, perceberá que têm presas. Mas só se olhar bem de pertinho.

As laterais do prédio eram encordoadas com enor-

mes cartazes em tecidos plastificados, como um espetáculo dos velhos tempos. Um deles mostrava um homem

sendo enforcado, e trazia escrito: "O Conde Alcourt —

Ele Desafia a Morte." Zumbis saíam rastejando de um cemitério em uma das imagens: "Vejam os Mortos Saírem de suas Tumbas." Um desenho muito mal feito mostrava um lobisomem no decorrer da mudança entre as formas de lobo e de homem: Fabian, o Lobisomem. Havia outros cartazes. Outras atrações. Nenhuma delas tinha uma aparência lá muito salutar.

A Prazeres Malditos caminha sobre uma linha bem

estreita, que fica bem no limite entre o entretenimento e o sadismo. O Circo salta dessa linha e desaba no abismo.

E aqui estou eu, entrando nele. Oh, alegria pela

manhã...

O barulho já surge ao passar da porta. Uma rajada de som de festa, os empurrões pelo meio da multidão, os ruídos produzidos por centenas de pessoas... As luzes se espalham e gritam em centenas

de cores diferentes. Todas capazes de fazer os olhos secarem. Todas com a garantia de atrair atenção ou de fazer com que você ponha o almo-

ço para fora. Claro, talvez fossem apenas os meus nervos.

O odor era uma união de algodão-doce, cachorro-

quente, canela, casquinhas de neve, suor e, sob tudo isso, um cheiro que me arrepiava o pescoço. O odor de sangue se assemelha ao de moedinhas de chocolate, e esse cheiro se mistura a tudo. Quase ninguém reconhece, mas há um outro odor no ambiente. Não é sangue apenas, é violência.

É claro que a violência é inodora, mas, ainda assim, sempre neste lugar, há... alguma coisa. Uma sensação mínima de ambientes há muito fechados e trapos fétidos.

Só havia vindo a este lugar em missão policial. O

que eu não teria dado por alguns uniformes no momento...

A multidão abria espaço como água à frente de um

navio. Winter, músculos em pessoa, passava pelo meio do povo e, como que por instinto, eles saíam da frente. Eu também teria saído da frente, mas não achava que teria tal oportunidade.

Winter trajava a típica vestimenta de um sujeito forte. Tinha falsas listras de zebra sobre um fundo branco, e exibia grande parte de seu corpo da cintura para cima. Su-as pernas na malha colante listrada enrugavam-se e exibiam suas protuberâncias como se fosse uma segunda pele.

Seu bíceps, sem contração, tinha a medida maior que os dos meus dois braços juntos. Ele se deteve à minha frente, portando eminentemente sua altura sobre mim, totalmente consciente disso.

— A sua família toda tem essa mesma altura obsce-
na ou é só você? — perguntei.

Ele fez uma expressão de desaprovação e espremeu
os olhos. Acho que não entendeu. Ai, ai...

— Venha comigo — disse ele, virou-se e voltou a
caminhar em meio à multidão.

Acho que deveria acompanhá-lo como uma meni-
ninha comportada. Merda. Uma grande tenda azul ocupa-va um dos
cantos do armazém. As pessoas formavam filas e exibiam seus
ingressos. Um homem gritava com uma voz retumbante.

— Está quase na hora do espetáculo, amigos. Apre-
sentem seus ingressos e entrem. Vejam o homem enforcado. O
conde Alcourt será executado diante dos olhos de vocês!

Parei para escutar. Winter não parou para esperar.

Por sorte, suas enormes costas brancas não se perdiam em meio à
multidão. Precisei correr de leve para alcançá-lo.

Detesto ter que fazer isso. Faz com que eu me sinta uma criança
correndo atrás de um adulto. Se uma corridinha de nada seria a pior
coisa pela qual eu fosse passar esta noite, tudo ótimo.

Havia uma roda gigante enorme. Seu topo ardente
quase tocava o teto. Um homem me ofereceu uma bola de beisebol.

— Tente a sorte, mocinha.

Não lhe dei atenção. Detesto quando me chamam

de "mocinha". Dei uma olhadela ligeira nos prêmios oferecidos. Diversos bichinhos de pelúcia e bonecas feias.

Os bichinhos de pelúcia eram, em sua maioria, predadores: panteras de pelúcia, ursos do tamanho de uma criança de um ano, cobras malhadas e morcegos gigantes com dentes felpudos.

Um homem careca, com maquiagem branca de pa-

lhaço, vendia ingressos para o labirinto dos espelhos. Ele olhava demais para as crianças que entravam em sua casa de vidro. Quase dava para sentir o peso do olhar dele sobre as costas delas, como se memorizasse cada traço de seus pequeninos corpos. Nada me faria passar por ele e entrar naquele cintilante rio de vidros.

Depois, era a vez da Casa das Bruxas. Mais palha-

ços e gritos. Lufadas ruidosas de vento. A calçada metálica que levava às suas profundezas empenava-se e retorcia-se.

Um garotinho, por pouco, não caiu. Sua mãe voltou a colocá-lo de pé. Que razão levaria qualquer pai a trazer um filho aqui, neste lugar apavorante?

Havia até mesmo uma Casa Mal-Assombrada. Che-

gava a ser quase engraçado. Um pouco redundante, se quiser saber minha opinião. Todo o maldito lugar era uma casa dos horrores.

Winter parara à frente da pequena porta que daria lá para trás, e olhava para mim de cara feia, com aqueles bra-

ços enormes quase cruzados sobre um tórax igualmente imenso. Ele não conseguia dobrar os braços direito. Músculos em demasia atrapalhavam, mas ele estava se esfor-

çando.

Ele abriu a porta. Eu entrei. O homem alto e careca que acompanhava Nikolaos da primeira vez estava de pé junto à parede, atento. Seu rosto estreito e bonito e seus olhos bastante salientes devido à falta de cabelo eram praticamente tudo o que ele tinha para se ver. Ele me olhava da mesma maneira que professoras primárias olham para crianças malcomportadas. Deve receber um castigo, mocinha. Mas o que eu fiz de errado?

Sua voz era grave e vagamente britânica. Refinada, mas humana.

— Reviste-a e verifique se porta alguma arma antes de descermos.

Winter mostrou que obedeceria com um gesto de

cabeça. Falar para quê, quando um gesto dá conta do recado? Suas manípulas ergueram minha jaqueta e pegaram minha arma. Ele empurrou um de meus ombros, para que eu me virasse, e também encontrou a outra arma. Será que eu tinha achado de verdade que eles me deixariam permanecer com as armas? E, acho que tinha. Burrice das grandes.

— Verifique se está carregando facas nos braços.

Droga.

Winter agarrou as mangas de minha jaqueta como se fosse rasgá-las.

— Espere, por favor. Eu tiro a jaqueta sem problema. Pode revistá-la também, se assim quiser.

Winter tirou-me as facas dos braços. O careca re-

vistou o casaco amarelo para ver se encontrava alguma arma escondida. Não encontrou nenhuma. Winter agachou-se, apalpando minhas pernas, mas não muito bem. A faca em meu tornozelo passou despercebida. Eu tinha uma arma, e eles não sabiam. Parabéns para mim.

Descemos a escada comprida e chegamos à sala do

trono, deserta. Talvez tenha sido fácil notar a expressão em meu rosto, porque o homem disse:

— A mestra espera por nós, com o seu amigo.

Ele foi à frente, como havia feito enquanto descíamos a escada. Winter vinha atrás. Talvez eles achassem que eu poderia tentar dar no pé. Ótimo. E iria para onde?

Pararam à altura da masmorra. Como será que eu

sabia que o fariam? O careca bateu à porta duas vezes, nem tão forte, nem tão de leve.

Fez-se silêncio. Então, uma gargalhada alta e estridente surgiu lá de dentro. Arrepiei-me toda com aquela risada. Não queria me reencontrar com Nikolaos. Não queria ser posta novamente em uma cela. Queria voltar para casa.

A porta se abriu. Valentine fez um gesto com a mão.

— Entrem, entrem.

Desta vez sua máscara era prateada. Uma mecha de

seus cabelos castanho-avermelhados estava presa à testa da máscara, pegajosa devido ao sangue.

Meu coração latejava na garganta. Phillip, você está vivo? Era só o que eu conseguia fazer para não gritar.

Valentine deu um passo para trás, aproximando-se

da porta, como se estivesse me esperando passar. Olhei para o careca sem nome. Seu rosto estava indecifrável. Ele mostrou, com um gesto, que eu deveria ir à sua frente. O

que eu poderia fazer? Foi o que fiz.

O que vi me fez parar no topo da escada. Era im-

possível avançar mais. Impossível. Aubrey estava de pé próximo à parede oposta, olhando para mim, abrindo um largo sorriso. Seus cabelos ainda eram dourados; seu rosto, bestial. Nikolaos também estava de pé, com um vestido de um branco tão harmonioso que fazia sua pele parecer giz, e os cabelos, da cor do algodão. Estava toda gote-jada de sangue, como se alguém a houvesse salpicado com uma caneta de tinta vermelha.

Seus olhos azul-acinzentados olhavam em minha

direção. Ela voltou a gargalhar. Uma risada sonora, pura e perversa. Não havia outro termo para descrevê-la. Perversa. Ela acariciava o peito nu de Phillip com uma mão alva e repleta de pingos de sangue. Ela acariciou-lhe o mamilo com a ponta de um dos dedos, e riu.

Ele estava acorrentado à parede pelos pulsos e tornozelos. Seus cabelos compridos e castanhos haviam caí-

do para frente, e escondiam um de seus olhos. O corpo musculoso estava repleto de mordidas. O sangue escorria por sua pele bronzeada em finas linhas carmesim. Ele olhou em minha direção com aquele único olho castanho, já que o outro estava oculto por seus cabelos. Desespero.

Ele sabia que o levaram até ali para morrer, assim mesmo, e não havia uma maldita coisa sequer que ele pudesse fazer a respeito. Mas talvez eu possa fazer alguma coisa. Tinha de poder. Deus, por favor, permita que sim!

O homem tocou meu ombro, e eu dei um pulo. Os

vampiros riram. Ele permaneceu sério. Desci a escada até ficar de pé a alguns metros à frente de Phillip. Ele não queria olhar para mim.

Nikolaos tocou a coxa nua de Phillip e a acariciou com os dedos, para cima. Ele ficou com o corpo todo retesado, as mãos cerradas em punho.

— Oh, temos nos divertido bastante com o seu

namoradinho... — disse Nikolaos. A voz dela tinha a mesma ternura de sempre. A noiva infantil encarnada. Vagabunda.

— Ele não é meu namorado.

Ela projetou o lábio inferior.

— Ora, Anita, sem mentiras. Não é legal. — Ela

veio em minha direção, portando-se de maneira altiva, agitando os quadris esguios ao ritmo de alguma dança interior. Ela estendeu a mão em minha direção e eu recuei, trombando com Winter. — Ressuscitadora, ressuscitadora... — disse ela. — Quando irá aprender que não pode resistir a mim?

Não achei que ela quisesse que eu retrucasse, então, não o fiz.

Ela voltou a estender a mão ensangüentada e delicada em minha direção.

— Winter pode segurá-la, se assim achar melhor.

Permaneça imóvel ou seguramos você. Ótimas opções.

Permaneci imóvel. Fiquei olhando aqueles dedos

pálidos se movendo em direção ao meu rosto. Enterrei as unhas dos dedos nas palmas de minhas mãos. Eu não iria me afastar dela. Não iria me mexer. Seus dedos tocaram-me a testa, e eu senti a umidade gélida do sangue. Ela seguiu descendo os dedos, passando por minha têmpora, até a bochecha, e terminou sobre meu lábio inferior. Acho que eu havia parado de respirar.

— Passe a língua em seus lábios — ordenou-me.

— Não — respondi.

— Ah, mas como é teimosa! Foi Jean-Claude que lhe deu essa coragem?

— De que droga está falando?

Seus olhos escureceram-se e seu rosto tornou-se nebuloso.

— Não banque a pudica, Anita. Não combina nada

bem com você. — De repente sua voz ficou adulta e quente o bastante para esquentar. — Conheço o seu segredo.

— Não sei a que se refere — disse eu, e era sério: eu não entendia aquela raiva.

— Se assim preferir, podemos passar ainda mais

um tempinho com estes joguinhos. — De repente, ela já estava de pé ao lado de Phillip, e eu não a havia visto movimentar-se. —

Surpreendi você, Anita? Ainda sou a mestra da cidade. Tenho poderes com os quais você e seu mestre nunca sequer sonharam.

Mestre? De que droga ela estava falando? Eu não tinha mestre algum.

Ela roçou as mãos pelo lado do peito de Phillip,

sobre sua caixa torácica. Removeu o sangue com a mão para exibí-lhe a pele lisa e intocada. Pôs-se de pé à frente dele, mas não foi em direção à sua clavícula. Phillip fechara os olhos. Ela arqueou a cabeça para trás. Um vislumbre de suas presas. Lábios recuados em um rosnado.

— Não.

Dei um passo na direção dos dois. Winter desceu as mãos até meus ombros e agitou a cabeça para os lados, devagar e com cuidado. Eu não devia interferir.

Ela penetrou-lhe a lateral do corpo com os caninos.

Ele inteiro retesou-se. Seu pescoço arqueava, os braços puxavam as correntes.

— Deixe-o em paz! — disse eu, desferindo uma co-

tovelada no estômago de Winter, que soltou um grunhido e enterrou os dedos em meus ombros até que eu tivesse vontade de gritar.

Ele me agarrou com os braços bem junto ao peito, estancando qualquer movimento meu.

Ela ergueu o rosto, afastando-se da pele de Phillip.

Escorria sangue por seu queixo. Ela lambeu os lábios com uma minúscula língua cor-de-rosa.

— Que ironia... — disse ela, a voz com muito mais idade do que o corpo jamais teria. — Enviei Phillip para seduzi-la. Só que você virou o jogo e o seduzido foi ele.

— Não somos namorados.

Sentia-me ridícula com os braços de Winter me esmagando contra seu peito.

— Negar não trará nada de bom para você, nem para ele — disse ela.

— O que trará, então? — perguntei.

Ela fez um gesto, e Winter me soltou. Afastei-me

dele e fui para longe de seu alcance, o que me deixou mais próxima de Nikolaos. Talvez não tenha sido um progresso.

— Discutamos o seu futuro, Anita... — Ela começou a subir pela escada. — E o futuro do seu namorado.

Presumi que referia-se a Phillip, e não a corrigi. O

homem sem nome fez um gesto para que eu a acompa-

nhasse e subisse a escada. Aubrey se aproximava de Phillip. Ficariam só os dois ali. Inaceitável.

— Nikolaos, por favor...

Talvez tenha sido o "por favor". Ela se virou.

— Pois não? — disse.

— Posso pedir duas coisas?

Ela olhava para mim e sorria, encantada comigo. O

encanto de um adulto com uma criança que usara uma palavra nova. Eu não ligava para o que ela fosse pensar a meu respeito, contanto que fizesse o que eu queria.

— Pode fazer os pedidos — respondeu ela.

— Quero que, assim que saíamos, todos os vampi-

ros deixem o ambiente. — Ela permanecia olhando para mim, sorrindo. Até agora, tudo bem. — E também quero conversar com Phillip em particular.

Ela soltou uma risada aguda e bizarra. Pareciam carrilhões em uma ventania.

— Você é ousada, mortal. Dou a mão à palmatória.

Começo a enxergar o que Jean-Claude vê em você.

Deixei passar o comentário porque achei que não tinha entendido parte do que ela queria dizer.

— Pode atender meu pedido, por favor?

— Chame-me de “mestra” e terá seu desejo reali-

zado. Engoli em seco, foi possível ouvir bem alto naquele silêncio súbito.

— Por favor... mestra.

Viu? Até que não engasguei ao falar.

— Excelente, ressuscitadora. Muito bom, de fato.

Sem que ela precisasse dizer uma palavra sequer,

Valentine e Aubrey subiram a escada e saíram pela porta.

Nem tentaram discutir. Só isso já dava para assustar bastante.

— Deixarei Burchard no último degrau da escada.

Ele tem audição humana. Se murmurarem, ele não será capaz de ouvir nada do que disserem.

— Burchard? — perguntei.

— Exato, ressuscitadora. Burchard, meu serviçal

humano.

Ela ficou me olhando insistentemente, como se a-

quilo fosse importante. Pareceu-me que minha expressão não a agradou muito. Ela franziu a testa. Então, virou-se de maneira abrupta, com um balanceio das saias brancas.

Winter acompanhou-a como um cãozinho obediente, viciado em anabolizantes.

Burchard, o homem sem nome de antes, assumiu

seu posto em frente à porta fechada. Ele permaneceu olhando para frente, não para mim e Phillip. Privacidade.

Ou o máximo que conseguiríamos nos aproximar dela.

Andei até onde Phillip estava, e ele ainda não queria olhar para mim. Seus cabelos castanhos e espessos servi-am como uma espécie de cortina entre nós dois.

— Phillip, o que houve?

Sua voz era um sussurro exaurido. Gritar muito

provoca isso. Tive que ficar na ponta dos pés, praticamente apertar meu corpo contra o dele, para conseguir escutá-

lo.

— Na Prazeres Malditos. Foram me buscar lá.

— E Robert não tentou detê-los?

Por algum motivo, aquilo parecia importante. Eu

havia visto Robert apenas uma vez, mas estava, em parte, furiosa por ele não ter protegido Phillip. Ele era o responsável por tudo na ausência de Jean-Claude. Phillip era parte desse “tudo”.

— Não era forte o bastante.

Perdi o equilíbrio e tive que me apoiar nele, com as mãos espalmadas contra seu tórax acabado. Recuei bruscamente, mantendo as mãos ensangüentadas longe de mim.

Phillip fechou os olhos e inclinou-se para trás, apoiando-se contra a parede. Dava para ver quanto esforço sua garganta fazia para engolir. Duas mordidas recentes enfeitavam-lhe o pescoço. Eles iriam sangrá-lo até a morte se alguém não se empolgasse antes.

Ele abaixou a cabeça e tentou olhar para mim, mas agora seus cabelos haviam caído à frente dos dois olhos.

Limpei o sangue em minha calça jeans e voltei a ficar quase na ponta dos pés, próxima a ele. Tirei os cabelos da frente, mas eles voltaram a cair. Aquilo estava começando a me incomodar. Penteei-lhe os cabelos com meus dedos, até que não caíssem mais sobre seu rosto. Eram mais macios do que aparentavam, espessos e quentes devido ao calor de seu corpo.

Ele quase sorriu. Sua voz fraquejava conforme ele sussurrava.

— Há alguns meses, eu teria pago por isto.

Fiquei olhando para ele, e então percebi que tentara fazer uma piada. Nossa! Senti um nó na garganta.

— Hora de ir embora — disse Burchard.

Olhei bem para dentro do castanho perfeito dos

olhos de Phillip. As luzes das tochas dançavam dentro deles como se fossem espelhos convexos.

— Não vou abandoná-lo aqui, Phillip.

Ele olhou rapidamente para o homem que estava

na escada, e logo voltou a olhar para mim. O medo tornava-lhe o rosto jovem e impotente.

— Nós nos vemos mais tarde — respondeu ele.

Dei um passo para trás, afastando-me dele.

— Pode contar com isso.

— Não é aconselhável fazê-la esperar — disse Burchard.

Era bem provável que ele tivesse razão. Permaneci trocando olhares com Phillip por momentos interminá-

veis. A pulsação de seu pescoço latejava sob a pele como se tentasse libertar-se. Minha garganta doía. Eu sentia apertos pelo peito. A luz das tochas tremulou em minha visão por apenas um segundo. Virei as costas e caminhei até a escada. Nós, caçadores de vampiros mais durões que uma pedra, nunca choramos. Pelo menos, nunca em pú-

blico. Pelo menos, nunca quando podemos evitar.

Burchard manteve a porta aberta para mim. Olhei

rapidamente de volta para Phillip, e acenei, como uma idiota. Ele me via ir embora com os olhos, repentinamente, grandes demais para seu rosto. Uma criança vendo o pai sair do quarto antes de todos os monstros irem embora.

Tive que abandoná-lo daquele jeito, sozinho e indefeso. Que Deus me ajude.

38

NIKOLAOS SENTOU-SE em sua cadeira de ma-

deira com entalhes, seus pequeninos pés pendiam a certa altura do chão. Uma graça.

Aubrey, apoiado contra a parede, lambia os lábios aproveitando seus últimos vestígios de sangue. Valentine permanecia imóvel ao lado dele; olhava fixamente para mim.

Winter veio ficar ao meu lado. O carcereiro.

Burchard foi colocar-se ao lado de Nikolaos, com uma das mãos às costas de sua cadeira.

— E então, ressuscitadora? Nenhuma piada? —
perguntou-me Nikolaos.

Sua voz permanecia sendo a da versão adulta. Era

como se ela tivesse duas vozes e fosse capaz de alterná-las ao acionar de um botão.

Balancei a cabeça em sinal negativo. Não me sentia engraçada o bastante.

— Conseguimos acabar com sua determinação?

Conseguimos fazer com que desistisse de lutar?

Fiquei olhando para ela. A raiva crescia dentro de mim como uma onda de calor.

— O que quer, Nikolaos?

— Ah, assim está muito melhor!

A voz dela se elevava e decaía, terminando cada palavra com a risadinha de uma menina. E bem provável que eu nunca mais goste de criança.

— Jean-Claude deveria estar enfraquecendo dentro

de seu caixão, faminto, mas, pelo contrário, está forte e bem alimentado. Como pode ser?

Eu não fazia a menor idéia, então, fiquei calada.

Talvez fosse uma pergunta retórica. Não era.

— Responda-me, A-n-i-t-a — disse, demorando

bastante para terminar de dizer meu nome, alongando ca-da sílaba.

— Não sei.

— Ah, sabe sim.

Não sabia mesmo, mas ela não iria acreditar em mim.

— Por que está fazendo Phillip sofrer?

— Depois do que houve ontem à noite, ele estava precisando de uma lição.

— Só porque ele não abaixou a cabeça para você?

— perguntei.

— Exato — respondeu ela. — Só porque não abai-

xou a cabeça para mim. — Ela saiu em velocidade de sua cadeira e correu a passos miúdos para cima de mim. Ela deu um pequeno giro para que seu vestido branco criasse ondas ao seu redor. Então, deu um salto e veio parar ao meu lado, sorrindo. — E também porque eu estava irritada com você. Torturei o seu namorado para não ter que torturar você. E talvez isso tudo lhe dê um novo incentivo para encontrar quem vem matando os vampiros. — Aquele lindo rostinho dela estava virado em minha direção, e seus olhos pálidos luziam de humor. Ela é boa.

Engoli em seco, e fiz a pergunta que tinha que fazer:

— Por que estava irritada comigo?

Ela inclinou a cabeça para o lado. Se não estivesse toda respingada de sangue, seria uma imagem graciosa.

— Será que não sabe mesmo? — Ela tornou a vi-

rar-se na direção de Burchard. — Qual o seu julgamento, meu amigo? Ela está ignorante?

Ele endireitou os ombros.

— Acredito que seja possível.

— Oh, Jean-Claude foi um rapaz bastante levado

ao dar a segunda marca a uma mortal sem ela ter consci-

ência disso.

Fiquei parada. Imóvel. Lembrei-me daqueles olhos

azuis e flamejantes na escada, e da voz de Jean-Claude em minha mente. Tudo bem, até já havia suspeitado daquilo, mas ainda não entendia o que significava.

— O que quer dizer essa segunda marca?

Ela lambeu os lábios com suavidade, como um filhote de felino.

— Explicamos a ela, Burchard? Devemos contar-lhe o que sabemos?

— Se é verdade que ela não sabe, minha ama, devemos tornar tudo claro para ela — respondeu ele.

— Certo — disse ela, flutuando de volta à cadeira.

— Burchard, revele a sua idade.

— Tenho seiscentos e três anos de idade.

Fiquei olhando para aquele rosto liso, e balancei a cabeça.

— Mas você é humano. Não é vampiro.

— Foi dada a mim a quarta marca, e eu viverei até quando minha ama necessitar de mim.

— Não. Jean-Claude não faria isso comigo — retruquei. Nikolaos fez um pequeno gesto de isenção com as mãos.

— Eu o havia pressionado demais. Eu sabia da primeira marca para curá-la. Suponho que ele estivesse desesperado para salvar a si mesmo.

Lembrei-me da voz dele ecoando em minha mente.

“Lamento. Não tive alternativa.” Maldito. Sempre há alternativas.

— Ele vem aparecendo em todos os meus sonhos.

O que isso significa?

— Ele está entrando em contato com você, ressuscitadora. Após a terceira marca, o contato mental direto será maior.

Agitei a cabeça. — Não.

— “Não” o quê, ressuscitadora? “Não” à terceira marca ou “não” porque não acreditará em nós? — perguntou ela.

— Não quero ser serviçal de ninguém.

— Tem se alimentado mais do que de costume? — questionou ela.

A pergunta era tão estranha que me fez ficar olhando para ela por um instante. Foi então que me lembrei.

— Tenho. Isso tem importância?

Nikolaos fez uma carranca.

— Ele vem captando energia através de você, Anita. Vem se alimentando através de seu corpo. A esta altura, ele já deveria estar bem enfraquecido, mas você vem mantendo-o forte.

— Não tive intenção.

— Acredito em você — disse ela. — Ontem à noi-

te, quando percebi o que ele havia feito, perdi o chão de tanta raiva. Por isso, peguei o seu namorado.

— Por favor, acredite em mim. Ele não é meu namorado.

— Então, por que ele se arriscou a enfrentar minha fúria para salvá-la ontem à noite? Amizade? Decência?

Não acredito.

Tudo bem. Deixe que acredite. Apenas permita que saíamos vivos desta. Esse era o objetivo. Nada mais importava.

— O que Phillip e eu podemos fazer para compensar?

— Ora, tão educada! Gostei... — Ela pousou uma das mãos à cintura de Burchard. Um gesto casual, como se acariciasse um cachorro. — Devemos mostrar-lhe o que ela tem em seu futuro?

O corpo inteiro de Burchard ficou retesado, como se uma corrente elétrica houvesse passado por ele.

— Se é o que a minha ama deseja...

— É o que desejo — disse ela.

Burchard ajoelhou-se à frente dela, com o rosto à altura de seu peito. Nikolaos olhou para mim por sobre a cabeça dele.

— Esta... — disse ela — é a quarta marca. — E le-

vou as mãos até os pequeninos botões perolados que decoravam-lhe a frente do vestido branco. Ela abriu bem a roupa, desnudando seios

pequenos. Eram seios de uma criança, diminutos e não inteiramente formados. Ela raspou a unha ao lado do seio esquerdo. A pele abriu-se co-mo a terra lavrada, fazendo escorrer sangue em uma linha rubra por seu peito e sua barriga.

Não me era mais possível ver o rosto de Burchard, que se inclinava para frente. Suas mãos deslizavam ao redor da cintura de Nikolaos. Seu rosto, enterrado entre os seios dela. Ela enrijeceu o corpo, arqueando as costas.

Sons suaves de sucção preenchiam o silêncio do ambiente.

Desviei o olhar, procurando mirar qualquer coisa

que não fosse aqueles dois, como se os tivesse flagrado fazendo sexo e não pudesse ir embora. Valentine olhava para mim com insistência. Também olhei para ele. Ele deu um toque em um chapéu imaginário, olhando para mim, e exibiu as presas. Eu o ignorei.

Burchard estava sentado ao lado da cadeira, meio

apoiado sobre ela. Seu rosto, relaxado e enrubescido. Seu tórax subia e descia em arfadas profundas. Ele limpou o sangue da boca com a mão trêmula. Nikolaos ficou sentada, imóvel, com a cabeça para trás e os olhos fechados.

Talvez sexo não fosse uma analogia tão imprecisa, afinal.

Nikolaos falou, de olhos fechados, com a cabeça

para trás, e a voz bem grave:

— Willie, seu amigo, voltou para o caixão. Sentiu pena de Phillip. Precisamos curá-lo de tais instintos.

Ela ergueu a cabeça abruptamente. Seus olhos bri-

lhavam, quase cintilavam, como se tivessem luz própria.

— Hoje você consegue ver a minha cicatriz?

Respondi negativamente com a cabeça. Ela estava uma criança linda. Total e completa. Sem imperfeições.

— Sua aparência voltou a ser perfeita. Por quê?

— Porque estou usando energia para fazer isso.

Precisei me esforçar.

A voz dela ecoava grave e ardente. Um aquecimento crescente, como o de tempestades a distância.

Senti os cabelos de minha nuca arrepiarem-se. Alguma coisa ruim estava prestes a acontecer.

— Jean-Claude tem seus seguidores, Anita. Se eu

matá-lo, eles o transformam em um mártir. Se eu provar que ele é fraco e impotente, eles simplesmente largam dele e passam a idolatrar a mim. Ou não idolatram mais ninguém.

Ela se pôs de pé, com o vestido novamente aboto-

ado até o pescoço. Seus cabelos brancos de algodão pareciam agitar-se ao sabor de um vento, mas não havia vento algum.

— Eliminarei alguma coisa a qual Jean-Claude tenha oferta do sua proteção.

Será que eu conseguiria alcançar a faca em minha perna com rapidez? E de que isso me serviria?

— Provarei a todos que Jean-Claude não é capaz de proteger coisa alguma. Eu sou a mestra de tudo.

Vagabunda egocêntrica. Winter agarrou-me o braço

antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Ocupei-me demais com os vampiros para atentar para os humanos.

— Vão — disse ela. — Matem-no.

Aubrey e Valentine afastaram-se da parede e prestaram-lhe reverência. Então, não estavam mais ali, como se houvessem desaparecido. Virei-me na direção de Nikolaos.

Ela sorria.

— Exato. Anuviei sua mente, e você não os viu partir.

— Aonde vão?

Senti um aperto no estômago. Acho que já sabia a resposta.

— Jean-Claude deu a Phillip sua proteção, e, portanto, Phillip deve morrer.

— Não.

Nikolaos sorria.

— Ora, mas sim.

Um grito agudo rasgou o corredor. Um grito de

homem. O grito de Phillip.

— Não!

Quase caí de joelhos. A mão de Winter era a única coisa que me impedia de chegar ao chão. Fingi que des-maiava, fazendo peso em seu braço. Ele me soltou. Tirei a faca da bainha do tornozelo. Winter e eu estávamos perto do corredor, distantes de Nikolaos e de seu humano. Talvez distantes o bastante.

Winter olhava para ela como se esperasse seu co-

mando. Levantei-me do chão e penetrei-lhe a virilha com a faca. Ela afundou, e o sangue começou a espirrar quando tirei a lâmina. Saí correndo na direção do corredor.

Eu já havia chegado à porta quando o primeiro to-

que de vento desceu minhas costas. Não olhei para trás.

Abri a porta.

Phillip estava pendurado pelas correntes. O sangue escorria, saindo de seu peito, em uma torrente vermelha e brilhosa. Caía ao chão espirrando para todos os lados co-mo chuva. A luz das tochas cintilava no osso molhado de sua coluna. Alguém havia rasgado-lhe a garganta.

Cambaleei e me apoiei na parede como se tivesse

sido atingida por alguém. Não conseguia respirar ar suficiente. Alguém repetia, sussurrando:

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus... — sem parar, e

era eu. Fui descendo a escada com as costas espremidas contra a parede. Não conseguia parar de olhar para ele.

Não conseguia desviar o olhar. Não conseguia respirar.

Não conseguia chorar.

As chamas das tochas refletiam em seus olhos,

dando uma ilusão de movimento. Um grito se formou em minhas entranhas e saiu pela garganta.

— Phillip!

Aubrey veio colocar-se à minha frente, no meio do caminho entre mim e Phillip. Ele estava coberto de sangue.

— Estou ansiosíssimo para visitar a sua adorável amiga Catherine.

Minha vontade era correr para cima dele, gritando.

Em vez disso, me apoiei na parede, com a faca abaixada ao meu lado, escondida. O objetivo já não era mais sair dali com vida. Agora, o objetivo era matar Aubrey.

— Seu desgraçado. Seu desgraçado maldito.

Minha voz saiu extremamente serena, sem demonstrar um mínimo de emoção. Eu não estava com medo.

Não estava sentindo nada.

Aubrey olhou para mim, e seu rosto se contraiu em meio a uma máscara formada pelo sangue de Phillip.

— Não me chame de tais coisas.

— Seu cretino, filho-da-puta, horrendo e fétido.

Ele veio flutuando para cima de mim, justamente como quis que fizesse, e pousou a mão em meu ombro.

Gritei em frente ao rosto dele o mais alto que pude. Ele hesitou por um mero instante. Enfiei a lâmina da faca entre suas costelas. Ela era fina, afiada, e eu a enfiei até o cabo. O corpo dele enrijeceu-se por inteiro, caindo por cima de mim. Olhos arregalados e surpresos. Ele abria e fechava a boca, mas não saía som algum. Enfim, desabou ao chão, com os dedos tentando agarrar o nada.

Valentine chegou imediatamente e ajoelhou-se ao lado do corpo.

— O que você fez?

Ele não conseguia ver a faca, encoberta pelo corpo de Aubrey.

— Eu o matei, seu desgraçado, assim como vou fazer com você.

Valentine pôs-se de pé bruscamente, começou a dizer alguma coisa, e então o inferno inteiro apareceu. A porta da cela foi arrombada e arremessada para seu interior, quebrando-se em milhões de pedaços ao explodir contra a parede oposta. Uma rajada de vento, típica de um tornado, entrou arrasando o ambiente.

Valentine ajoelhou-se, tocando o chão com a cabeça. Era uma reverência. Eu me espremi contra a parede. O vento assediava-me o rosto, embaraçando meus cabelos à frente dos olhos.

O barulho diminuiu, e eu espremi os olhos para ver quem estava à porta. Nikolaos flutuava logo acima do último degrau. Seus cabelos crepitavam ao redor da cabeça como uma teia de aranha. A pele se repuxara contra os ossos a um ponto tal que ela ficara esquelética. Seus olhos ardiam um fogo azul-claro. Ela começou a descer a escada, flutuando, com as mãos estendidas.

Era possível ver-lhe as veias como luzes azuis sob a pele. Eu corri. Corri em direção à parede oposta, onde ficava o túnel que os homens-rato haviam utilizado.

O vento me arremessou contra a parede, mas eu

continuei indo, tropeçando e me apoiando com as mãos pelo chão, em direção ao túnel. O buraco era grande e escuro. Um vento frio tocou meu rosto, e alguma coisa agarrou meu tornozelo.

Soltei um grito. A coisa em que Nikolaos se transformara me arrastava de volta. Ela me atirou contra a parede, prendendo meus pulsos com a mão dotada de garras. Ela inclinou o corpo na direção de minhas pernas.

Sob o tecido, pareciam ser só ossos.

Lábios recuaram, exibindo presas e dentes. A cabeça esquelética sibilou.

— Aprenderá a obedecer... a mim! — gritou a coisa bem em frente ao meu rosto, e eu respondi com outro grito.

Nenhuma palavra. Um animal gritando em uma

armadilha. Meu coração latejava na garganta. Não conseguia respirar.

— Nãooo!

A coisa soltou um grito estridente.

— Olhe para mim!

Foi o que fiz. Caí dentro do fogo azul que eram

seus olhos. Aquele fogo entrava escavando em meu cérebro. Dor. Seus pensamentos me cortavam como facas, fatiando partes de mim. Sua fúria escaldava e queimava ao ponto de eu achar que minha pele estava separando-se do rosto. Garras raspavam o interior de meu crânio, esmerilhando e transformando osso em pó.

Quando voltei a enxergar, estava cercada pela parede, e a coisa, de pé sobre mim, sem me tocar. Não precisava. Eu tremia. Tremia tanto que meus dentes trepidavam. Eu estava com frio. Muito frio.

— Mais cedo ou mais tarde, ressuscitadora, você

me chamará de sua mestra, e me considerará como tal.

Repentinamente, ela já estava ajoelhada sobre mim, pressionando seu corpo magro contra o meu, e prendendo meus ombros ao chão, com as mãos. Era impossível mexer.

A linda menina deitou o rosto por cima de mi-

nha bochecha, e sussurrou:

— Agora vou afundar meus caninos no seu pesco-

ço, e você é incapaz de fazer qualquer coisa que possa me deter.

Sua frágil orelhinha roçava em meus lábios. Afundei os dentes nela até sentir gosto de sangue. Ela emitiu um grito estridente, e afastou-se bruscamente. Escorria sangue pelo lado de seu pescoço.

Garras afiadas como navalhas rasgavam o interior

do meu cérebro. Sua dor e fúria transformavam-no em uma geléia. Acho que eu estava gritando novamente, mas não conseguia escutar. Depois de algum tempo, não conseguia escutar mais nada. Chegou a escuridão. Ela engoliu Nikolaos e me deixou sozinha, flutuando no escuro.

39

ACORDEI. Por si só, já era uma surpresa bastante agradável. Eu piscava os olhos, mirando uma luz elétrica instalada no teto. Eu estava viva, e não estava mais naquela masmorra. Ótimas coisas para se perceber.

Por que deveria me surpreender por estar viva?

Meus dedos acariciavam o tecido áspero e repleto de protuberâncias do sofá em que estava deitada. Havia um quadro pendurado na parede, acima do sofá. A paisagem de um rio, com chatas, mulas e gente. Uma pessoa se aproximou. Cabelos compridos e loiros. Maxilar quadrado.

Um rosto bonito. Sua beleza não era mais tão inumana quanto eu vira da outra vez, mas ainda assim ele era bonito. Acho que a pessoa tem que ser bonita para fazer strip-tease.

Minha voz saiu em um áspero tom lúgubre.

— Robert...

Ele ajoelhou-se ao meu lado.

— Tive receio de que só fosse acordar depois que amanhecesse. Está machucada?

— Onde... — pigarreei, o que ajudou um pouco —
, onde estou?

— Na sala de Jean-Claude, na Prazeres Malditos.

— Como vim parar aqui?

— Nikolaos trouxe você, e disse: “Tome a prostitu-ta de seu mestre.”

Fiquei observando a garganta dele se mexer en-

quanto engolia. Aquilo me lembrava alguma coisa, mas não conseguia definir o quê.

— Sabe o que Jean-Claude fez? — perguntei-lhe.

Robert respondeu afirmativamente com um gesto de sua cabeça.

— Meu mestre marcou-a duas vezes. Quando falo com você, estou falando com ele.

Será que ele disse aquilo no sentido figurado ou no sentido literal? Na realidade, eu não queria saber.

— Como está se sentindo? — perguntou-me.

Captei alguma coisa na entonação da pergunta, que deixava claro que não deveria me sentir bem. O pescoço doía. Levantei a mão e toquei-o. Sangue seco. Em meu pescoço.

Fechei os olhos, o que não adiantou de nada. Um

ruído curto escapou de minha garganta, bem similar a um choro. A imagem de Phillip permaneceria para sempre em minha mente. O sangue jorrando de sua garganta. A carne cor-de-rosa esfacelada. Balancei a cabeça, tentei respirar fundo e devagar. Não adiantou.

— Banheiro — pedi.

Robert me indicou onde era. Entrei, ajoelhei-me no chão gelado e vomitei no vaso sanitário até que eu me es-vaziasse e não saísse mais nada além de bÍlis. Depois, fui à pia e molhei a boca e o rosto

com água gelada. Fiquei olhando o meu reflexo no espelho que havia sobre a pia.

Meus olhos estavam negros, e não castanhos. Minha pele, pálida. Minha aparência estava uma merda, e eu me sentia ainda pior.

E ali, do lado direito de meu pescoço, o que valia de verdade. Não era a marca da mordida de Phillip. Eram marcas de caninos. Minúsculas. Diminutas. Marcas de caninos. Nikolaos havia... me contaminado. Para provar que era capaz de fazer mal à serviço humana de Jean-Claude.

Havia provado o quanto era durona. E, claro. Bastante durona.

Phillip estava morto. Morto. Repeti insistentemente a palavra em minha mente, mas será que conseguiria dizer em voz alta? Resolvi tentar.

— Phillip está morto — disse eu ao meu reflexo.

Amassei o papel-toalha marrom e atirei-o na lata de lixo metálica. Não foi o bastante. Gritei: "Ahhh!", e chutei-a repetidas vezes, sem parar, até que desabasse ao chão, su-jando tudo de lixo.

Robert entrou pela porta.

— Você está legal?

— E parece que estou legal?! — gritei. Ele hesitou, parado à porta.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Você nem foi capaz de impedir que levassem

Phillip! Ele estremeceu como se eu o tivesse agredido.

— Tentei ao máximo.

— Mas não foi suficiente, não é verdade?! — Ainda gritava como uma louca. Desabei, caindo de joelhos. Toda aquela ira subiu até minha garganta, e saiu por meus olhos.

— Fora!

Ele hesitou.

— Tem certeza?

— Fora daqui!

Ele fechou a porta ao sair. Sentei-me ao chão, balançando para frente e para trás, chorando e berrando.

Quando percebi meu coração tão vazio quanto meu es-tômago, senti-me inerte. Esgotada.

Nikolaos matara Phillip e me mordera para provar

o tamanho de seu poder. Deve ter achado que agora eu estaria me borrando de medo. Nisso ela acertou. Mas grande parte do tempo que fico acordada, passo confrontando e destruindo coisas que temo. Uma vampira-mestra milenar era um pouquinho demais, mas um objetivo é sempre importante na vida de uma mulher.

40

A BOATE ESTAVA em silêncio e na penumbra.

Eu estava ali sozinha. Provavelmente, o dia já havia amanehido. Não havia ruído algum, e a boate estava repleta daquele silêncio típico dos edifícios depois que todos vão embora para casa, como se, no momento em que saíssemos, ele adquirisse vida própria, bastando apenas que o deixássemos em paz. Sacudi a cabeça e tentei me concentrar. Tentei sentir alguma coisa. Só queria voltar para casa e tentar dormir. E rezar para não sonhar.

Havia um recado em um papel adesivo amarelo co-

lado à porta: "Suas armas estão atrás do bar. A mestra também as trouxe. Robert."

Recoloquei as duas armas e as facas em seus respectivos lugares. Ela não trouxe a que eu usara para ferir Winter e Aubrey. Será que Winter morreu? Talvez. E

quanto a Aubrey? Tomara que sim. Normalmente, apenas um vampiro-mestre sobreviveria a um golpe no coração, mas eu nunca havia experimentado em um cadáver ambulante de quinhentos anos de idade. Se tirarem a faca, talvez ele seja resistente o bastante para sobreviver. Precisava ligar para Catherine. E falar o quê? "Deixe a cidade. Um vampiro sairá à sua caça." Não parecia uma coisa na qual ela fosse acreditar. Merda.

Saí da boate e cheguei à suave luz branca da aurora.

A rua estava vazia e repleta daquele ar sereno da manhã.

O calor não tivera tempo de se assentar. Estava quase fresco. Onde estaria o meu carro? Escutei passos e, um segundo depois, uma voz disse:

— Não se mexa. Estou com uma arma apontada para as suas costas.

Levei as mãos à cabeça sem que ele precisasse mandar.

— Bom dia, Edward — disse eu.

— Bom dia, Anita — respondeu. — Não faça um só movimento, por favor. — Ele estava logo atrás de mim, apertando a ponta da arma contra minha coluna.

Revistou-me por completo, de cima a baixo. Edward não deixa nada ao sabor do acaso. É uma das razões pelas quais permanece vivo. Ele recuou, afastando-se de mim, e disse:

— Já pode virar-se.

Minha Firestar, guardada por dentro de seu cinto. A Browning, solta em sua mão esquerda. Com as facas, não sei o que ele fez.

Ele abriu um sorriso infantil e gracioso, apontando a arma para meu peito com firmeza.

— Chega de esconde-esconde. Cadê essa tal de Nikolaos? — perguntou.

Respirei fundo e soltei o ar. Pensei em acusá-lo de ser o matador dos vampiros, mas não parecia o momento apropriado. Quem sabe mais tarde, quando ele não estiver apontando uma arma para mim...

— Já posso abaixar os braços? — perguntei.

Ele permitiu, com um leve gesto de sua cabeça.

Lentamente, desci os braços.

— Quero que uma coisa fique bem clara entre nós

dois, Edward: vou dar a você esta informação, mas não é porque tenho medo de você. Eu quero que ela morra. E

quero entrar

na farra.

O sorriso dele alargou-se, os olhos cintilavam de prazer.

— O que houve ontem à noite?

Baixei a cabeça, olhando para a calçada, e voltei a elevar o olhar. Fitei-o bem dentro daqueles olhos azuis.

— Ela ordenou a morte de Phillip. Ele olhava o meu rosto bem de perto.

— Continue.

— Ela me mordeu. Acho que objetiva tornar-me uma serva particular.

Ele recolocou a arma em seu coldre e aproximou-se de mim. Depois, virou-me a cabeça de lado para ver melhor a marca.

— Precisa limpar essa mordida. A dor será infernal.

— Sei disso. Pode me ajudar?

— Claro. — O sorriso diminuiu. — Vim disposto a

causar-lhe dor para tirar uma informação de você. Agora, me pede para ajudar-lhe a colocar ácido em uma ferida.

— Água benta — corrigi.

— A dor será igual — disse ele. Infelizmente, ele tinha razão.

41

EU ESTAVA SENTADA com as costas coladas à porcelana gelada da banheira. A frente e a lateral de minha blusa grudavam em minha pele, ensopadas d'água. Edward, ajoelhado ao meu lado, segurava uma garrafa de á-

gua benta pela metade. Já era a terceira. E eu havia vomitado apenas uma vez. Parabéns para mim.

Quando começamos, eu estava sentada na borda da

pia. Não consegui ficar lá por muito tempo. Tinha pulado, gritado e chorado. Também tinha xingado Edward de "filho-da-puta". Ele não me culpou por isso.

— Como está se sentindo? — perguntou-me, com o rosto totalmente inexpressivo.

Eu não conseguia definir se ele estava se divertindo ou detestando aquilo. Lancei um olhar feroz para cima dele.

— Como se alguém estivesse queimando meu peçoço com uma faca fervente.

— Quer parar e descansar um pouco? Respirei fundo.

— Não. Quero esta ferida limpa, Edward. Completamente. Ele balançou a cabeça para os lados, quase sorrindo.

— Você sabe que o normal deste procedimento é

fazê-lo no decorrer de alguns dias.

— Sei — respondi.

— Mas mesmo assim quer tudo em uma sessão-maratona?

O olhar dele era bastante firme, como se a pergunta fosse mais importante do que aparentava.

Desviei o olhar da intensidade do dele. No momento, não queria que olhassem para mim.

— Não tenho alguns dias. Preciso desta ferida limpa antes que anoiteça.

— Porque Nikolaos virá visitá-la novamente... — disse ele.

— Exato — respondi.

— E, se esta primeira mordida não estiver purificada, ela terá poder sobre você.

Respirei fundo, e estremei.

— Exato.

— Mesmo que limpemos a mordida, talvez ela ainda seja capaz de chamá-la. Se for mesmo tão poderosa como diz.

— Ela é tão poderosa como digo, e ainda mais. —

Esfreguei as mãos na calça jeans. — Acha que Nikolaos ainda pode me virar contra você, mesmo após limparmos a mordida?

Depois de falar, olhei para o rosto dele, esperando conseguir decifrar sua expressão. Ele olhou para mim.

— Nós, os caçadores de vampiros, nos arriscamos.

— Isso não foi um “não” — disse eu. Ele fez menção de abrir um sorriso.

— Também não foi um “sim”.

Ah, que ótimo! Edward também não sabia.

— Aplique mais, antes que eu perca a coragem.

Então ele sorriu, de fato, com os olhos luzindo.

— Nunca perderá a coragem. A vida, provavelmente, mas a coragem, nunca.

Foi um elogio, e ele o quis assim.

— Obrigada.

Ele pousou a mão em meu ombro, e eu virei o ros-

to. Meu coração latejava de tal maneira em minha garganta, até o ponto em que eu só conseguia escutar meu sangue pulsando dentro da cabeça. Eu tinha vontade de correr, escoicear, gritar, mas eu precisava ficar ali, sentada, deixando que me machucasse. Detesto isso. Quando eu era criança, sempre foi necessária a presença de, pelo menos, duas pessoas para me aplicar uma injeção. Uma para inserir a agulha e outra para me segurar.

Agora, quem me segurava era eu. Se Nikolaos me

mordesse pela segunda vez, eu provavelmente faria qualquer coisa que ela quisesse de mim. Até mesmo matar. Eu já havia visto acontecer, e com um vampiro que seria brinquedo de criança em comparação à mestra.

A água escorria por minha pele e tocava a mordida como ouro derretido, esaldando ao correr por meu corpo. Corroendo pele e osso. Me destruindo. Me matando.

Soltei um grito estridente. Não consegui segurar.

Dor imensa. Não conseguia fugir. Tinha de gritar.

Eu estava deitada, com a bochecha amassada contra o gelo que era o chão, inspirando em arfadas curtas e famintas.

— Devagar com essa respiração, Anita. Está rápida demais. Respire, devagar e com calma, ou vai acabar des-maiando.

Abri a boca, e respirei bem fundo. O ar desceu pela minha garganta chiando e gritando. Eu estava engasgando com ar. Tossi e lutei para respirar. Já estava zonzá, um pouco enjoada, quando consegui respirar fundo, mas não tinha desmaiado. Um zilhão de pontos para mim.

Edward quase teve que deitar-se ao chão para aproximar o rosto do meu.

— Consegue me ouvir? Esforcei-me.

— Consigo.

— Que bom! Quero tentar colocar a cruz em cima da mordida. Concorda? Ou considera cedo demais?

Se não houvéssemos purificado a mordida com á-

gua benta o bastante, a cruz iria me queimar, e eu ficaria com uma cicatriz novinha em folha. Eu já havia sido corajosa acima e além do esperado. Não queria mais brincar.

Abri a boca para dizer “não”, mas não foi o que saiu.

— Vamos lá — respondi. Merda. Eu ia bancar a corajosa.

Ele tirou meus cabelos do pescoço. Deitei no chão, fechei as mãos e apertei com força, tentando me preparar.

Não há como, de verdade, você se preparar para esperar alguém enfiar-lhe um ferrete no pescoço.

A corrente ressoava e serpenteava nas mãos de Edward.

— Preparada?

— Não.

— Vamos logo com isso, droga!

Foi o que ele fez. A cruz tocou-me a pele. Metal

frio. Não queimou. Não houve fumaça. Não houve cauterização. Não houve dor. Eu estava pura. Ou tão pura quanto antes disso tudo.

Ele balançou o crucifixo à frente de meu rosto. Eu o agarrei com uma das mãos e o apertei até que ela tre-messe. Não demorou muito. Lágrimas corriam, saindo do canto dos olhos. Eu não estava chorando. De verdade.

Estava exausta.

— Consegue se sentar direito? — perguntou-me e-

le. Afirmi com um gesto de cabeça e me esforcei para me sentar, apoiando-me à banheira.

— Consegue pôr-se de pé? — perguntou.

Pensei por um instante, e resolvi que não conseguiria. Meu corpo inteiro estava fraco, trôpego, enjoado.

— Só com ajuda.

Edward ajoelhou-se ao meu lado, envolveu-me os

ombros com um dos braços, pôs o outro sob meus joelhos, e me pegou no colo. Depois, levantou-se com um movimento suave, sem esforço.

— Coloque-me no chão — mandei. Ele olhou para mim.

— O quê?

— Não sou criança. Não quero ser carregada. Ele soltou um suspiro alto, e disse:

— Tudo bem.

Ele me desceu, pondo-me de pé, e soltou. Eu cam-

baleei, caí sobre a parede e deslizei até o chão. As lágrimas voltaram. Droga! Fiquei sentada no chão, chorando, fraca demais para ir andando do meu banheiro até a cama.

Deus!

Edward ficou parado, olhando para mim no chão,
com o rosto inexpressivo e indecifrável como o de um gato.

Minha voz saiu quase normal, sem a mínima ponta
de lamúria.

— Detesto ficar impotente. Detesto!

— Você é uma das pessoas menos impotentes que
conheço — disse Edward.

Ele voltou a ajoelhar-se ao meu lado, dobrou meu

braço direito sobre seus ombros, e pegou meu pulso direito com a
mão. Com o outro braço, envolveu minha cintura. A diferença de
altura nos deixou um pouco desajeitados, mas ele conseguiu me
passar a ilusão de que eu caminhei até a cama.

Os pingüins de pelúcia estavam sentados, encosta-

dos na parede. Edward não falou nada a respeito deles. Se ele não
falou, eu é que não iria falar. Quem sabe, talvez Morte durma com
um ursinho de pelúcia... Que nada!

As pesadas cortinas ainda estavam fechadas, o que deixava o quarto
em uma penumbra permanente.

— Descanse. Montarei guarda e providenciarei para que nenhum dos
bichos-papões chegue até você enquanto dorme.

Acreditei nele.

Edward trouxe a poltrona branca da sala e encos-

tou-a na parede do quarto, perto da porta. Ele voltou a vestir seu coldre, ficando com a arma preparada e à mão.

Também trouxera do carro uma bolsa de ginástica para o apartamento. Abriu-a e tirou o que parecia ser uma metralhadora em miniatura. Eu não entendia muito de metralhadoras, e só consegui imaginar que fosse uma Uzi.

— Qual é essa arma? — perguntei.

— Uma mini-Uzi.

Vejam só! Eu acertei... Ele tirou o pente e me mostrou como recarregá-la, onde ficava a trava de segurança...

Todos os melhores atributos, como se fosse um carro no-vo. Edward sentou-se na poltrona, com a metralhadora sobre os joelhos.

Meus olhos não paravam de se fechar, mas pedi:

— Não atire em nenhum dos meus vizinhos, está bem? Acho que ele sorriu.

— Vou tentar não fazê-lo. Concordei mexendo a cabeça.

— E você quem vem matando os vampiros? Ele então sorriu. Alegre. Cheio de charme.

— Durma, Anita.

Já estava praticamente dormindo, quando a voz dele me chamou de volta, serena e distante.

— Onde Nikolaos descansa durante o dia?

Abri os olhos e tentei focalizá-lo. Ele permanecia sentado na poltrona, imóvel.

— Estou cansada, Edward, mas não sou burra.

A gargalhada dele borbulhou ao meu redor, e eu caí no sono.

42

JEAN-CLAUDE ESTAVA SENTADO ao trono

entalhado. Ele olhava para mim, sorria e estendia uma de suas mãos. Dedos compridos.

— Venha — disse ele.

Eu estava com um vestido branco e longo, que ti-

nha sua própria renda. Nunca havia sonhado que vestiria qualquer coisa parecida com aquilo. Olhei na direção de Jean-Claude. Foi ele que decidiu isso, não eu. O medo enrijeceu minha garganta.

— O sonho é meu — reclamei.

Ele me ofereceu as duas mãos, e disse:

— Venha.

E eu fui até ele. O vestido roçava contra as pedras, produzindo um farfalhar ininterrupto. Me dava nos nervos. De repente, estava de pé à frente dele. Devagar, ergui as mãos em direção às dele. Não devia. Péssima idéia, mas eu parecia incapaz de me conter.

Minhas mãos foram envoltas pelas dele, e eu me a-

joelhei à sua frente. Ele levou minhas mãos à renda que descia à frente de sua blusa, e forçou meus dedos a agarra-rem-na.

Com as mãos, ele cobriu as minhas, segurando-as

com firmeza. Depois, rasgou a própria blusa com as minhas mãos.

Seu peito era macio e pálido, com pêlos negros e

crespos descendo, em uma linha, pelo meio. Os pêlos ficavam mais grossos sobre a lisura de seu abdome, e incrivelmente negros contra a brancura de sua barriga. A cicatriz de sua queimadura era firme, brilhosa e não combinava com a perfeição de seu corpo.

Ele segurou-me o queixo com uma das mãos, er-

guendo meu rosto em sua direção. Com a outra mão, tocou o próprio peito, logo abaixo do mamilo direito, e tirou sangue da pele pálida. O sangue escorria por seu peito em uma linha carmesim brilhosa.

Tentei me afastar, mas seus dedos enterraram-se em meu maxilar como um torno.

— Não! — gritei.

Tentei agredi-lo com a mão esquerda. Ele agarrou

meu pulso, não soltou. Com a mão direita, me apoiei no chão e o empurrei com os joelhos. Ele me segurava pelo maxilar e pelo pulso como uma borboleta presa por um alfinete. Você pode se mexer, mas não conseguirá escapar.

Ergui os joelhos, como se tivesse sentada. Isso o obrigou a escolher entre me estrangular, ou me colocar no chão.

Ele me pôs no chão.

Comecei a agitar os pés com tudo que eu tinha. Os dois acertaram-lhe o joelho. Vampiros sentem dor. Ele largou o meu maxilar tão repentinamente que eu caí para trás. Ele agarrou meus pulsos, me puxou bruscamente pa- ra que me ajoelhasse e prendeu meu corpo no chão, dos dois lados, com as pernas. Então, sentou-se na cadeira, controlando a parte inferior de meu corpo com os joelhos, prendendo meus pulsos com as mãos, como se fossem correntes.

Uma gargalhada aguda, como um tinido, tomou o ambiente. Nikolaos estava de pé, de um dos lados, nos assistindo. Sua risada ecoava por onde estávamos, ficando cada vez mais alta, como uma música enlouquecida.

Jean-Claude passou a segurar meus dois pulsos com apenas uma das mãos, e não fui capaz de impedi-lo. Com a mão desocupada, acariciava-me o rosto, descendo suavemente a linha de meu pescoço. Ele forçou os dedos à base de meu crânio e começou a empurrar.

— Jean-Claude, por favor, não faça isso!

Ele levava meu rosto cada vez mais próximo à ferida em seu peito. Eu resistia, mas aqueles dedos estavam fundidos ao meu crânio. Eram parte de mim.

— Não!

A gargalhada de Nikolaos transformou-se em palavras.

— Tirando os pormenores, somos todos muito parecidos, ressuscitadora.

Soltei um grito:

— Jean-Claude!

A voz dele chegou como veludo, calorosa e sombria, ocupando minha mente.

— Sangue do meu sangue. Carne da minha carne.

Duas mentes, com nada mais que um só corpo. Duas almas unidas, como uma só.

Por um momento brilhante e iluminado, eu vi e

senti. Eternidade com Jean-Claude. Seu toque... Eternamente. Seus lábios. Seu sangue.

Pisquei os olhos e vi meus lábios quase tocando a ferida em seu peito. Se eu pusesse a língua para fora, a to-caria.

— Jean-Claude, não! Jean-Claude! — gritei. —

Deus me ajude!

Essa última eu também gritei.

Escuridão, alguém agarrando meu ombro. Nem se-

quer pensei duas vezes. O instinto tomou conta. A arma da guarda da cama já estava em minha mão, e eu já virava para apontá-la.

Uma mão prendeu meu braço sob o travesseiro,

apontando a arma para a parede. Um corpo fazia pressão contra o meu.

— Anita! Anita, é o Edward! Olhe para mim!

Pisquei os olhos e vi que era Edward quem prendi-

a-me os braços. Sua respiração estava um pouco ofegante.

Olhei para a arma em minha mão e voltei a olhar

para Edward, que permanecia segurando meus braços.

Acho que eu não poderia culpá-lo.

— Você está bem? — perguntou ele. Confirmei com um gesto de cabeça.

— Diga alguma coisa, Anita.

— Tive um pesadelo — respondi. Ele sacudiu a cabeça para os lados.

— Não brinque! — disse, e me soltou devagar. Recoloquei a arma em seu coldre.

— Quem é Jean-Claude? — perguntou ele.

— Por quê?

— Estava gritando o nome dele.

Passei a mão na testa, e ela voltou toda lustrosa, de tanto suor. As roupas com as quais dormia e os lençóis estavam encharcados de suor. Esses pesadelos estavam começando a me dar nos nervos.

— Que horas são?

Meu quarto estava escuro demais, como se o sol já tivesse se posto. Senti um aperto no estômago. Se a noite já estivesse mesmo tão perto, Catherine não teria chance.

— Não entre em pânico. São apenas as nuvens. Ainda tem cerca de quatro horas até o anoitecer.

Respirei fundo e fui cambaleando até o banheiro.

Molhei o rosto e o pescoço com água gelada. Olhei-me no espelho e vi que estava branca como um fantasma. Aquele sonho seria obra de

Jean-Claude ou de Nikolaos? Se fosse de Nikolaos, será que ela já estava me controlando? Sem respostas. Sem solução para nada.

Quando saí do banheiro, Edward estava sentado na

poltrona branca, me olhava como se eu fosse uma espécie interessante de inseto que ele nunca havia visto.

Ignorei-o e fui telefonar para o escritório de Catherine.

— Oi, Betty. Quem está falando aqui é Anita Blake.

Catherine está?

— Olá, srta. Blake. Achei que soubesse que a srta.

Maison viria a se ausentar da cidade no período entre os dias treze e vinte em função de um depoimento.

Catherine havia me dito, mas eu esquecera. Enfim, a sorte me sorria. Já não era sem tempo.

— Tinha esquecido, Betty. Muito obrigada. Nem

tem idéia do quanto estou agradecida.

— Fico contente em ajudar. A srta. Maison agen-

dou a primeira prova dos vestidos das damas de honra para o dia vinte e três — disse ela como se aquilo devesse me fazer sentir melhor. Não fez.

— Não me esquecerei disso. Tchau.

— Tenha um bom dia.

Desliguei e telefonei para Irving Griswold, repórter do Saint Louis Post-Dispatch. Também era um lobisomem. “Irving, o lobisomem.”

Não combinava tanto, mas o que combinaria, então? “Charles, o lobisomem?” Não.

Justin? Oliver? Wilbur? Brent? Não.

Irving atendeu no terceiro toque.

— É Anita Blake.

— Ora! Oi, como vai?

Ele me pareceu suspeitar, como se eu só ligasse quando quisesse alguma coisa.

— Conhece algum homem-rato?

Ele permaneceu em silêncio por um tempo quase demasiado, e então...

— Por que quer saber?

— Não posso revelar.

— Está dizendo que quer minha ajuda, mas que não vou poder publicar a matéria?

Suspirei.

— É mais ou menos isso.

— Se é assim, dê-me um motivo para ajudá-la.

— Não dificulte as coisas, Irving. Já lhe dei várias matérias exclusivas. Foi graças a uma informação minha que você conseguiu

a sua primeira matéria de primeira página, então, não venha me irritar.

— Está um pouquinho mal-humorada hoje, hem?

— Você conhece ou não um homem-rato?

— Conheço.

— Preciso que chegue um recado até o Rei Rato.

Ele deu um assovio baixo, que já era penetrante pe-lo telefone.

— Você não quer demais, não é? Talvez eu até

consiga marcar um encontro com esse homem-rato que conheço, mas não com o rei deles.

— Passe o seguinte recado para o Rei Rato... Tem um lápis?

— Sempre — respondeu ele.

— “Os vampiros não me pegaram, e eu não fiz a vontade deles.”

Irving repetiu o recado para mim. Quando confirmei, ele disse:

— Está metida com vampiros e homens-rato, e não vai me dar a exclusividade da matéria?

— Esta ninguém vai publicar, Irving. Será feia demais para isso.

Ele permaneceu em silêncio por um instante.

— Tudo bem. Vou tentar marcar o encontro. A noite já devo ter a resposta.

— Obrigada, Irving.

— Tenha cuidado, Blake. Detestaria perder minha melhor fonte de matérias de primeira página.

— Eu também — respondi.

Nem bem eu havia desligado o telefone, e ele voltou a tocar. Atendi sem pensar. Se o telefone toca, você atende. Anos de treino. A minha secretária eletrônica ainda era nova para que eu esquecesse totalmente esse conceito.

— Anita, é Bert quem está falando.

— Oi, Bert — disse, soltando um suspiro silencioso.

— Sei que está trabalhando naquele caso dos vampiros, mas tenho uma coisa que talvez possa lhe interessar.

— Bert, já estou soterrada com tanta coisa... Mais uma que seja, talvez eu nunca mais volte a ver a luz do dia.

Era de esperar que Bert me perguntasse se estava tudo bem comigo. Ou como eu estava. Mas não. Meu pa-trão, não!

— Thomas Jensen ligou hoje. Estiquei as costas.

— Jensen ligou?

— Exatamente.

— Ele vai consentir?

— Quer você. Ele pediu, especificamente, você.

Tentei convencê-lo a aceitar outra pessoa, mas não teve jeito. E tem que ser hoje à noite. Ele está com medo de se acovardar.

— Droga — disse eu, serenamente.

— Ligo para ele, cancelando, ou pode me dizer um horário para que ele vá ao seu encontro?

Por que será que tudo tem que aparecer ao mesmo tempo? Uma das perguntas retóricas desta vida.

— Diga que venha encontrar-se comigo hoje à noite, assim que escurecer por completo.

— Essa é a minha garota! Sabia que não me decepcionaria.

— Não sou a sua garota, Bert. Quanto ele vai pagar?

— Trinta mil dólares. Já enviou pelo mensageiro especial o sinal de cinco mil.

— Você é um homem ruim, Bert.

— Sou — disse ele. — E isso me faz ganhar bas-

tante dinheiro, obrigado — acrescentou, e desligou sem despedir-se: o charme em pessoa.

Edward estava me olhando.

— Você acabou de aceitar ressuscitar um morto

hoje à noite?

— Na verdade, hoje, vou dar descanso a um morto.

Aceitei.

— Ressuscitar mortos deixa você exaurida?

— Exaurida? — perguntei. Ele agitou os ombros.

— Sem energia, sem vigor, sem força...

— As vezes.

— E quanto a esse serviço? Exige muito de você?

Sorri.

— Exige.

Ele balançou a cabeça.

— Não pode se dar ao luxo de acabar com as for-

ças que lhe restam, Anita.

— Não vão acabar — disse eu, tomando bastante

fôlego. Iria tentar imaginar uma maneira de explicar tudo a Edward.

— Thomas Jensen perdeu a filha há vinte anos.

Há sete, contratou alguém para ressuscitá-la como uma zumbi.

— E então?

— Ela se suicidara. Ninguém sabia a razão à época.

Depois, descobriram que ele abusava sexualmente dela. E por isso ela se matou.

— E ele a ressuscitou do mundo dos mortos... —

Edward fez uma careta. — Não está querendo dizer...

Agitei as mãos, como se pudesse apagar aquela imagem súbita e intensa.

— Não, não, isso não. Ele sentia remorso, a ressuscitou para se desculpar.

— E...

— Ela não quis perdoar-lhe. Ele balançou a cabeça.

— Não entendi.

— Ele a ressuscitou para tentar se redimir, mas ela morreria detestando e temendo o pai. A zumbi não o perdoava, e por isso, ele a mantinha "viva". Conforme a mente e o corpo dela deterioravam-se, ele a mantinha junto de si como uma espécie de castigo.

— Nossa!

— É! — exclamei. Fui até o armário e peguei mi-

nha bolsa de ginástica. Edward usava a dele para carregar armas. Eu usava para carregar minha parafernália de res-surreição. Às vezes, usava para carregar meu kit de caça a vampiros. A carteira de

fósforos que Zachary me dera estava no fundo da bolsa. Guardei-a no bolso da calça. Acredito que Edward não tenha percebido. Ele sabe ser bem sagaz, se uma pista senta e late. — Enfim, Jensen concordou em deixar que descanse, mas só se eu o fizer.

Não posso negar. Ele é meio que uma lenda entre os ressuscitadores. É o mais próximo que chegamos de uma história de fantasma.

— Por que tem que ser hoje? Se ela já esperou sete anos, por que não esperar mais algumas noites?

Continuei a encher a bolsa com o material.

— Ele insistiu. Está com medo de perder a cora-

gem, se tiver que esperar. E no mais, pode ser que daqui a algumas noites eu não esteja mais viva. Ele pode não deixar que mais ninguém o faça.

— O problema não é seu. Não foi você que ressuscitou a zumbi...

— Não, mas antes de qualquer outra coisa, eu sou

uma ressuscitadora. Caçar vampiros é uma atividade secundária. Sou uma ressuscitadora. Não é apenas um emprego.

Ele continuava a olhar para mim.

— Não entendo a razão, mas entendo que tenha que fazê-lo.

— Obrigada.

Ele sorriu.

— Não tem de quê. Importa-se se eu for junto para garantir que ninguém a incomode por lá?

Olhei para ele.

— Já viu um zumbi sendo ressuscitado? — Não.

— Você não enjoa fácil, não é? — perguntei com

um sorriso. Ele me olhou com os olhos azuis repentinamente gélidos.

Seu rosto inteiro mudou. Nada lá havia. Inexpressivo, a não ser por uma frieza terrível. Vazio. Uma vez, um leopardo ficou me olhando daquela maneira, detrás das barras de uma jaula. Nenhuma emoção que eu fosse capaz de compreender. Pensamentos tão incomuns que poderiam até ter habitado outro planeta. Uma coisa capaz de me matar de maneira hábil e eficiente, porque foi criada para fazê-lo, caso tivesse fome ou caso eu a perturbasse.

O medo não me fazia desmaiar, nem sair de onde

estivesse correndo e gritando, mas um certo esforço era necessário.

— Já provou o que queria, Edward. Deixe de ban-

car o assassino perfeito e vamos embora.

Os olhos dele não voltaram ao normal instantane-

amente. Tiveram de ir devagar, como a aurora surgindo pouco a pouco nos céus.

Rezei para que ele nunca mudasse, de verdade, sua expressão de tal maneira ao olhar para mim. Se o fizesse, um de nós dois acabaria morrendo. E é bem provável que viesse a ser eu.

43

A NOITE ERA de uma negritude quase perfeita.

Nuvens densas escondiam o céu. Um vento correu pelo chão e trouxe cheiro de chuva.

A lápide de Iris Jensen era de um mármore liso e

branco. Um anjo em escala quase real, com as asas estendidas e os braços abertos, acolhedores. Ainda era possível ler as inscrições com a lanterna: "Filha amada e saudosa."

O mesmo homem que mandara entalhar o anjo, e que

sentia sua falta, era o que a vinha molestando. Ela se suicidou para fugir dele, e ele a trouxe de volta. Era por essa razão que eu estava ali, no escuro, esperando os Jensen.

Não ele, mas ela. Mesmo embora eu soubesse que a mente dela já não existisse mais, queria Iris Jensen debaixo de sete palmos, em paz.

Não conseguiria explicar isso a Edward, portanto, nem tentei. Um enorme carvalho montava sentinela sobre o túmulo vazio. O vento precipitava-se por entre as folhas, fazendo-as voar e farfalhar. O som produzido era seco demais, como se fossem folhas de outono, em vez de verão. O ar fazia-se sentir gélido e úmido, quase como se estivéssemos debaixo de chuva. Para variar, não estava insuportavelmente quente.

Eu havia levado duas galinhas, que agora cacarejavam baixinho de dentro de seu cesto, próximo ao túmulo.

Edward recostou-se em meu carro, com os tornozelos cruzados e os braços soltos para os lados. Eu abri a bolsa de ginástica sobre o

chão. O machete que eu usava luziu lá dentro.

— Cadê ele? — perguntou Edward. Balancei a cabeça para os lados.

— Não sei.

Já havia se passado quase uma hora desde que escurecera por completo. Aquela área do cemitério era praticamente vazia. Poucas árvores apenas pontilhavam o suave vai-e-vem das colinas. Deveríamos avistar faróis na estradinha de cascalho. Onde será que Jensen estava? Será que havia se acovardado?

Edward desencostou-se do carro e veio ficar ao meu lado.

— Não estou gostando, Anita.

Eu também não estava lá tão animada, mas...

— Vamos esperar mais quinze minutos. Se até lá ele não chegar, nós partimos.

Edward olhou ligeiramente ao redor daquele espaço aberto.

— Lugarzinho um pouco desprotegido demais para o meu gosto...

— Acho que não precisamos nos preocupar com franco-atiradores.

— Você disse que uma pessoa tentou atirar em vo-

cê, não foi?

Confirmei. Ele tinha certa razão. Calafrios subiram meus braços. O vento abriu um buraco nas nuvens e o luar desceu em feixes. A distância, uma pequena constru-

ção respondia à incidência da luz com um cinza-prateado.

— O que é aquilo? — perguntou Edward.

— O galpão da manutenção — respondi. — Achou que a grama se cortava sozinha?

— Nunca me preocupei com isto — disse ele.

As nuvens voltaram a preencher aquele vazio, e

mergulharam o cemitério na negritude. Tudo virou silhuetas sem forma. O mármore branco parecia emitir luz pró-

pria.

Ouviu-se um ruído de garras escarafunchando al-

gum metal. Virei-me rapidamente. Sentado sobre o teto de meu carro, um demônio devorador de cadáveres. Estava nu e parecia um humano que fora despido e mergulhado em tinta prateada, quase metálica. Mas seus dentes, assim como as garras de suas mãos e pés, eram compridos, negros e curvados. Os olhos ardiam em carmesim.

Edward veio ficar ao meu lado, com a arma em

mãos.

Eu também já estava com a minha. Prática. Prática, e você nem precisa pensar.

— O que ele está fazendo ali em cima? — perguntou ele.

— Não sei. — Com a mão que estava livre, acenei em sua direção, e disse: — Fora!

Ele se agachou, olhando para mim. Demônios devoradores de cadáveres são covardes. Não atacam seres humanos saudáveis. Avancei dois passos, agitando a arma em sua direção.

— Fora! Xô!

Qualquer demonstração de força faz com que esses demônios fujam em disparada. Esse ficou ali parado. Eu recuei.

— Edward — disse eu, com serenidade. — Diga.

— Não senti a presença de nenhum demônio devorador de cadáveres neste cemitério.

— Tudo bem. Acabou deixando de perceber um deles.

Eles nunca andam sozinhos. Viajam em bando. E quem sente sua presença não deixa simplesmente de percebê-los. Eles deixam um rastro, uma espécie de fedor psíquico. Maligno.

— Anita.

A voz dele estava serena, normal, mas anormal. Dei uma olhadela na direção para onde ele olhava, e vi que dois outros demônios

aproximavam-se, sorrateiros, por trás de nós.

Posicionamo-nos quase de costas um para o outro, apontando nossas armas.

— Vi um ataque de um desses demônios há poucos dias. Um homem saudável foi assassinado em um cemitério onde não é natural a presença deles.

— Ouvi alguma coisa assim — disse ele.

— E. Tiros não os matam.

— Eu sei. O que estão esperando? — perguntou.

— Coragem... acho.

— Estão esperando por mim — disse uma voz.

Zachary saiu de trás do tronco de uma árvore. Sorrindo.

Acho que meu queixo foi parar no chão. Deve ter sido disso que ele achou tanta graça. Foi então que tudo se es-clareceu. Ele não matava seres humanos para alimentar seu amuleto. Eram vampiros que ele matava. Theresa o atormentara, por isso, ela foi a vítima seguinte. Mas ainda havia algumas incógnitas. Grandes incógnitas.

Edward olhou para mim e logo voltou a fitar Zachary.

— Quem é? — perguntou.

— O assassino dos vampiros, presumo — respon-

di.

Zachary fez uma leve reverência. Um dos demônios

encostou-se em sua perna, e ele deu-lhe um golpe na cabeça quase careca.

— Quando adivinhou?

— Acabei de perceber. Estou um pouco devagar este ano. Ele franziu a testa.

— Achei mesmo que acabaria descobrindo, mais cedo ou mais tarde.

— Por isso destruiu a mente daquele zumbi que testemunhou um dos assassinatos. Para se salvar.

— Por sorte, Nikolaos deixou que eu questionasse aquele homem — disse ele, sorrindo.

— E como! — respondi. — Como fez com que aquele dentucinho fosse atirar em mim na igreja?

— Fácil. Foi só dizer que era ordem de Nikolaos. É claro.

— Como está fazendo os demônios deixarem seus cemitérios? Como os faz obedecerem a suas ordens?

— Conhece a teoria que conta que se você enterrar um ressuscitador em um cemitério, terá demônios devoradores de

cadáveres?

— Conheço.

— Quando saí da tumba, eles vieram comigo, e passaram a ser meus. Meus.

Olhei de relance para as criaturas e vi que chegavam mais. Vinte, no mínimo. Uma gangue e tanto.

— Então, está dizendo que é assim que esses demônios são criados? — Balancei a cabeça, em descrença.

— O número de demônios devoradores de cadáveres que existem é muito maior que o número de ressuscitadores enterrados.

— Venho pensando a respeito disso — disse ele.

— Acho que, quanto mais zumbis você ressuscita em um cemitério, maior a probabilidade de surgir um desses demônios.

— Mais ou menos como um efeito cumulativo?

— Exato. Venho querendo debater a respeito com outro ressuscitador, mas você entende o meu problema...

— Entendo — disse eu. — É verdade. Não dá para conversar sobre nossas experiências sem a pessoa admitir o que é e o que fez.

Edward atirou de surpresa. O tiro acertou o peito de Zachary, e fez com que ele rodopiasse. Ele caiu deitado, com o rosto para o chão. Os demônios ficaram imó-

veis. Então, Zachary ergueu os ombros, levantou-se com uma pequena ajuda de um demônio ansioso.

— Pode até ser que paus e pedras quebrem-me os ossos, mas tiros nunca me causarão mal.

— Ótimo! Um humorista... — ironizei.

Edward voltou a atirar, mas Zachary escondeu-se

rapidamente atrás do tronco de uma árvore. Ele gritou, escondido de nossas vistas:

— Ora, ora, sem acertar na cabeça. Não sei o que aconteceria se uma bala viesse parar no meu cérebro.

— Vamos descobrir — disse Edward. — Adeus,

Anita. Não vou ficar para assistir.

Ele foi embora com uma tropa de demônios ao seu

redor. Cercado por eles, mantinha-se agachado, escondendo-se, presumo, de um tiro no cérebro. Mas, por um instante, não consegui definir quem ali era ele.

Mais dois demônios surgiram, saindo de trás do

carro. Andavam agachados bem rente ao chão, na estrada de cascalho. Um deles era uma mulher. Os farrapos de um vestido ainda se agarravam a ela.

— Vamos dar a eles um motivo para terem medo

— disse Edward.

Senti-o se mexer, e sua arma disparou duas vezes.

Um guincho estridente ecoou pela noite. O demônio que ficara sobre meu carro saltou ao chão e se escondeu. Mas outros demônios se aproximavam, vindo de todos os lados. No mínimo, quinze demônios ficaram para trás para brincarem conosco.

Atirei e acertei um deles. Ele caiu de lado e rolou pelo cascalho, emitindo aquele mesmo guincho estridente, como um coelho ferido. Lastimoso e animalesco.

— Há algum lugar para onde possamos correr? —

perguntou Edward.

— O galpão da manutenção — respondi.

— É de madeira?

— É.

— Não irá detê-los.

— Não — concordei. — Mas nos tirará do campo aberto.

— Está bem. Algum conselho antes que comecemos a correr?

— Não corra até chegarmos bem perto do galpão.

Se correr, irão atrás de você. Acharão que está com medo.

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Você não fuma, não é?

— Não, por quê?

— Eles têm medo de fogo.

— Ótimo! Seremos comidos vivos porque nenhum de nós dois fuma.

Quase ri. Ele falou com um tom de aversão tão

profundo, mas um demônio havia se agachado para saltar em cima de mim, então, tive que atirar no meio dos olhos dele. Sem tempo para risadas.

— Vamos indo, devagar e com calma — disse eu.

— Quem dera a metralhadora não estivesse no carro.

— É mesmo.

Edward disparou três tiros, e a noite se encheu de guinchos e gritos animais. Começamos a caminhar na direção do distante galpão. Eu diria que faltavam, talvez, uns quatrocentos metros. A caminhada seria longa...

Outro demônio veio correndo na nossa direção. Eu

o mandei para o chão, e ele se escorreu pela grama, mas era igual a atirar em um alvo: não saía sangue, ficavam apenas os buracos vazios. Machucava, mas não o suficiente. Nem chegava perto do suficiente.

Eu andava praticamente de costas, com uma das

mãos para trás, sentindo conforme Edward andava para frente. Eram numerosos demais. Nunca chegaríamos ao galpão. De jeito

algum. Uma das galinhas emitiu um leve cacarejo interrogativo. Uma idéia me ocorreu.

Atirei em uma delas, que caiu para trás. A outra ave entrou em pânico, batendo as asas contra o cesto de madeira. Os demônios detiveram-se; depois, um deles esticou o pescoço para cima, e cheirou.

Sangue fresco, rapazes. Venham pegar. Carne fres-

ca. De repente, dois demônios devoradores de cadáveres correram para ver quem chegava primeiro às galinhas. Os outros os seguiram, tropeçando uns nos outros, para arrebentar a madeira e pegar os petiscos suculentos que estariam lá dentro.

— Continue andando, Edward. Não corra, mas an-

de um pouquinho mais rápido. As galinhas não os ocuparão por muito tempo.

Caminhamos um pouco mais rápido. Os ruídos de

garras lutando desordenadamente, ossos se partindo, sangue jorrando, os grunhidos de disputa dos demônios... Era uma prévia indesejada.

No meio do caminho até o galpão, um urro elevou-

se pela noite, comprido e hostil. Nunca um cachorro fizera um som daqueles. Olhei ligeiramente para trás, e os demônios vinham correndo para cima de nós como quadrúpedes, impulsionando-se com braços e pernas.

— Corra! — mandei.

Foi o que fizemos.

Chegamos à porta do galpão e encontramos a mal-

dita trancada com um cadeado. Edward atirou na tranca.

Não havia tempo para tentarmos abrir o cadeado. Os de-mônios cada vez se aproximavam mais, e vinham gru-nhindo.

Entramos tropeçando e fechamos a porta, mesmo

sabendo que não adiantaria de nada. Havia uma pequena janela, bem lá no alto, perto do teto. De repente, o luar começou a entrar por ela. Perto de uma das paredes, vá-

rios cortadores de grama. Alguns, pendurados por ganchos. Podadeiras, aparadores de cercas vivas, espátulas, uma mangueira de jardim enrolada... O galpão inteiro cheirava a gasolina e trapos oleosos.

— Não há nada para colocarmos contra a porta,

Anita — Edward disse.

Ele tinha razão. Havíamos acabado com a tranca.

Onde se acha um objeto pesado quando se precisa?

— Coloque um cortador de grama atrás dela!

— Não servirá para afastá-los por muito tempo.

— É melhor do que nada! — disse eu.

Ele não se mexeu, e eu tive de fazer o que havia lhe pedido.

— Não vou morrer sendo comido vivo — disse e-

le, colocando um pente novo na arma. — Eu mato você primeiro, se preferir, ou você mesma pode se matar...

Foi então que me lembrei de ter guardado no bolso a carteira de fósforos que Zachary me dera. Fósforos. Tí-

nhamos fósforos!

— Anita, eles estão quase chegando. Você mesma quer cuidar disso?

Puxei a carteira do bolso. Obrigada, Deus.

— Poupe suas balas, Edward. Peguei uma lata de gasolina.

— O que está planejando? — perguntou-me.

Os demônios grunhiam à nossa volta. Estavam quase chegando.

— Vou colocar fogo no galpão.

Encharquei a porta de gasolina. O cheiro era forte, e me deixou com um nó no fundo da garganta.

— Conosco aqui dentro? — perguntou ele.

— É.

— Prefiro um tiro na cabeça, se para você não fizer diferença.

— Não está nos meus planos morrer esta noite, Edward.

Uma garra arrebentou a porta e entrou no galpão,

estraçalhando a madeira. Acendi um fósforo e o atirei na porta ensopada de gasolina. O fogo subiu, ruidoso, com uma chama azul e branca. O demônio soltou um urro, coberto pelo fogo, cambaleando para trás, afastando-se da porta em chamas.

O fedor de carne queimada misturava-se com o da

gasolina. Cabelos queimados. Tossi, cobrindo a boca com a mão. O fogo lambia a madeira do galpão, espalhando-se até o teto. Não precisaríamos de mais gasolina. O maldito lugar era uma armadilha incendiária. Conosco lá dentro.

Não tinha imaginado que se espalharia com tamanha rapidez.

Edward estava de pé, próximo à parede dos fundos, cobrindo a boca com a mão. Sua voz saiu abafada.

— Tinha um plano de verdade para nos tirar daqui, certo?

Uma mão entrou, estraçalhando a madeira e ten-

tando agarrá-lo. Ele recuou, afastando-se dela. A criatura começou a arrancar as madeiras, até que conseguiu nos ver. Edward disparou-lhe um tiro bem no meio dos olhos, e o demônio desapareceu de vista.

Peguei um ancinho que estava na parede oposta.

Cinzas começavam a cair por cima de nós dois. Se a fu-maça não nos pegasse primeiro, o galpão desabaria em nossas cabeças.

— Tire a camisa — pedi.

Ele nem sequer pediu um motivo. Prático até o fim.

Despiu-se do coldre, puxou a blusa pela cabeça, atirou-a em minha direção e vestiu a arma sobre o peito nu.

Enrolei a blusa dele nos dentes do ancinho e a en-sopei de gasolina. Aproveitei o fogo das paredes para incendiá-la. Sem necessidade de fósforos. Da frente do galpão, chovia fogo sobre nós. Pequeninas pontadas ardentes, como vespas, em minha pele.

Edward entrou na onda. Encontrou um machado e

começou a golpeá-lo contra o buraco que o demônio havia feito. Em minhas mãos, a tocha improvisada e uma lata de gasolina. Passou-me pela cabeça que o calor poderia fazer aquela gasolina explodir. Não iríamos sufocar com a fumaça. Iríamos explodir.

— Depressa! — disse eu.

Edward espremeu-se pela abertura, e eu o acompa-

nhei, quase queimando-o com a tocha. Os demônios já haviam desaparecido. Eram mais inteligentes do que aparentavam. Nós corremos, e a explosão atingiu-me às costas como um vento fortíssimo. Eu caí, aos tropeções pelo gramado, e todo o fôlego me foi arrancado. Pedacos de madeira em brasa caíam, fazendo estardalhaço pelo chão, dos meus dois lados. Cobri a cabeça e rezei. Do jeito que é a minha sorte, acabaria sendo atingida por um prego voa-dor.

Silêncio, ou o fim das explosões. Ergui a cabeça

com precaução. O galpão desaparecera. Nada mais lá havia. O gramado à minha volta estava repleto de pedaços de madeira em chamas. Edward estava deitado no chão, a uma distância em que eu quase era capaz de tocá-lo. Ele ficou olhando para mim. Será que a minha expressão era de tanta surpresa quanto a dele? Provavelmente.

Nossa tocha improvisada ia, lentamente, incendian-do a grama. Ele se ajoelhou e levantou o ancinho.

Encontrei a lata de gasolina ainda inteira, e levantei-me. Edward levantou-se logo em seguida, com a tocha em mãos. A impressão era de que os demônios haviam desaparecido. Demônios inteligentes, mas por precaução...

Nem sequer precisamos conversar a respeito. Paranóia era uma coisa que tínhamos em comum.

Caminhávamos na direção do carro. A adrenalina

fora embora, e eu estava mais cansada do que antes. Era ela que estava evitando que o cansaço me afetasse, mas adrenalina tem limite.

O cesto das galinhas não existia mais. Incontáveis fragmentos espalhavam-se ao redor do túmulo. Não me aproximei mais para olhar. Parei para recolher minha bolsa. Estava intocada, ali, largada. Edward passou à minha frente, e atirou nossa tocha na estradinha de cascalho. O

vento fazia as folhas das árvores farfalharem. Foi então que Edward gritou:

— Anita!

Dei um giro. Edward disparou a arma e alguma coi-

sa desabou, guinchando pelo gramado. Fiquei olhando aquele demônio devorador de cadáveres enquanto Edward o enchia de tiros. Quando engoli para que meu cora-

ção descesse da boca de volta para o peito, rastejei até a lata de gasolina, e a abri.

O demônio gritava. Edward mantinha o bicho no

lugar com a tocha flamejante. Ajoelhada, encharquei de gasolina aquela coisa que se encolhia de medo, e disse:

— Fogo nele.

Edward empurrou-lhe a tocha em cima. O fogo,

com aquele crepitar típico, espalhou-se pelo demônio, que começou a gritar. A noite fedia a carne e cabelos queimados. E a gasolina.

O bicho rolava sem parar pelo chão, tentando apagar o fogo, mas não conseguia.

— O próximo é você, Zachary, meu querido. O próximo é você — murmurei.

A blusa terminou de queimar, e Edward largou o ancinho no chão.

— Vamos dar o fora daqui — disse ele.

Concordei sem a mínima sombra de dúvida. Des-

tranquei o carro, atirei a bolsa sobre o banco traseiro e dei partida. O demônio estava deitado sobre a grama, sem se mexer, ardendo em chamas.

Edward sentou-se no banco do carona com a me-

tralhadora no colo. Pela primeira vez, desde que o conheci, Edward parecia abalado. Assustado, até!

— Vai dormir com essa metralhadora? — perguntei. Ele olhou para mim, e perguntou:

— Você vai dormir com a sua arma?

Ponto para Edward. Corri pelas estreitas curvas de cascalho no máximo de velocidade que ousei. Meu carro não fora projetado para manobrar em alta velocidade. Ficar com o carro quebrado, aqui no cemitério, não me parecia uma idéia lá tão boa nesta noite. Os faróis passavam pelas sepulturas, mas nada se movia. Nenhum demônio devorador de cadáveres à vista.

Respirei fundo e soltei o ar. Era a segunda vez que tentavam me matar pelo segundo dia consecutivo. Para ser sincera, preferi quando atiraram contra mim.

44

FICAMOS EM SILÊNCIO no carro durante bastante tempo. Foi Edward que, enfim, falou, em meio àquele silêncio em que só ouvíamos o barulho das rodas.

— Acho melhor não voltarmos para o seu apartamento — disse.

— Concordo.

— Vou levá-la para o hotel em que estou, a não ser que já tenha algum outro lugar para onde prefira ir.

Para onde eu poderia ir? Ficar com Ronnie? Não

queria mais colocá-la em perigo. Quem mais eu poderia colocar em perigo? Ninguém. Ninguém além de Edward, e ele sabia lidar com o perigo. Talvez até melhor que eu.

Meu pager estremeceu-se em minha cintura, apli-

cando ondas de choque ao longo de toda a minha caixa torácica. Eu detestava colocar aquilo no modo silencioso.

Aquela droga sempre me assustava quando tocava.

— Que droga foi essa? Você deu um salto, como se alguma coisa a tivesse mordido — disse Edward.

Pressionei o botão do pager para desligá-lo e para ver quem tinha me ligado. O número iluminou-se breve-mente.

— Meu pager tocou no modo silencioso. Sem barulho algum, apenas a vibração.

Ele deu uma olhadela na minha direção.

— Você não vai ligar para o seu trabalho — disse, e o tom de voz foi afirmativo, ou uma ordem.

— Veja bem, Edward, não estou me sentindo tão legal, então, não discuta comigo.

Escutei-o emitir um suspiro bem leve, mas o que

ele poderia dizer? Era eu quem estava ao volante. Sua única opção era sacar a arma e me seqüestrar. Se não fizesse isso, continuaria sendo um mero passageiro. Peguei a saída

da seguinte, e encontrei um telefone público em uma loja de conveniência. O estacionamento da loja estava totalmente iluminado, o que fazia de mim um alvo maravilhoso, mas, depois do ataque daqueles demônios, eu queria luz.

Edward ficou me vendo sair do carro, segurando

bem firme a carteira, mas não saiu para proteger-me a retaguarda. Ótimo, eu tinha a minha arma. Se ele quiser fazer bico, que faça.

Liguei para o trabalho. Craig, nosso secretário noturno, atendeu.

— Ressuscitadores, Inc. Em que posso ser útil?

— Oi, Craig, aqui é Anita. O que há?

— Irving Griswold ligou e pediu que retorne a liga-

ção o mais rápido possível, ou ele cancela o encontro. Ele disse que você entenderia o recado. Entendeu mesmo?

— Entendi. Obrigada, Craig.

— Sua voz está péssima.

— Boa noite, Craig. — Desliguei na cara dele. Es-

tava me sentindo cansada e lerda, e minha garganta doía.

Minha vontade era me enrolar em algum lugar escuro e silencioso durante uma semana. Em vez disso, liguei para Irving. — Sou eu — disse.

— Ora, já estava na hora. Tem idéia do quanto me

custou para marcar esse encontro? E você quase falta...

— Se não parar de falar, pode ser que eu ainda fal-te. Diga logo onde e quando.

Foi o que ele fez. Se nos apressássemos, conseguirí-

amos chegar a tempo.

— Por que está todo mundo tão ansioso para fazer

tudo hoje? — perguntei.

— Epa! Se não quer mais o encontro, tudo bem.

— Irving, até agora, a minha noite já foi bastante comprida, portanto, deixe de ser mal-educado comigo.

— Você está bem?

Que pergunta mais estúpida!

— Nem um pouco, mas permanecerei viva.

— Se estiver machucada, tento adiar o encontro,

mas não posso prometer nada, Anita. Foi o seu recado que o fez chegar até aqui.

Encostei a testa no metal da cabine.

— Vou comparecer, Irving.

— Eu não vou — disse ele com profundo tom de

desânimo. — Uma das condições foi a ausência da imprensa e da polícia.

Tive que sorrir. Pobre Irving... Estava sendo descartado de tudo. Porém, ele não havia sido atacado por demônios devoradores de cadáveres, e nem quase explodido. Talvez fosse melhor guardar o meu pesar para mim mesma.

— Obrigada, Irving. Fico lhe devendo uma.

— Já está me devendo várias — respondeu. — Te-

nha cuidado. Não sei no que se meteu desta vez, mas está parecendo feio.

Ele estava jogando verde, e eu sabia disso.

— Boa noite, Irving — disse, e desliguei antes que ele fizesse outras perguntas.

Liguei para a casa de Dolph. Não sei o porquê de

não conseguir esperar até amanhecer, mas quase morri hoje. Se eu chegasse mesmo a morrer, iria querer que alguém fosse atrás de Zachary.

Dolph atendeu no sexto toque. A voz dele estava áspera de tanto sono.

— Pois não?

— É Anita Blake, Dolph.

— O que houve?

Agora, a voz estava quase alerta.

— Já sei quem é o assassino.

— Conte-me.

Foi o que fiz. Ele fez anotações e perguntas. A mais importante delas veio no final.

— É capaz de provar o que está dizendo?

— Posso provar que ele usa um amuleto. Posso tes-

temunhar, contando que ele me confessou ser o assassino.

E ele tentou me matar; isso eu testemunhei de corpo presente.

— Será difícil convencer um júri ou um juiz.

— Eu sei.

— Verei o que consigo descobrir.

— Quase temos provas concretas contra ele, Dolph.

— É verdade, mas a base de tudo é você estar viva para testemunhar.

— É, vou tomar cuidado.

— Venha aqui amanhã e forneça todas essas informações de novo para que possamos gravá-las oficialmente.

— Irei.

— Bom trabalho.

— Obrigada — disse eu.

— Boa noite, Anita.

— Boa noite, Dolph.

Voltei e entrei no carro devagar.

— Temos um encontro com os homens-rato dentro de quarenta e cinco minutos.

— Por que é tão importante assim? — perguntou ele.

— Porque suspeito que possam nos mostrar uma entrada dos fundos para o covil de Nikolaos. Se entrarmos pela porta da frente, nunca conseguiremos. — Liguei o carro e voltei para a estrada.

— Para quem mais você ligou? — perguntou ele.

Então, ele prestou atenção...

— Para a polícia.

— O quê?!

Edward não gosta de lidar com a polícia. Vejam só essa!

— Se Zachary conseguir me matar, quero que mais gente investigue o caso.

Ele passou algum tempo em silêncio. Então, pediu:

— Conte-me a respeito de Nikolaos.

Dei de ombros.

— É uma monstra sádica, tem mais de mil anos de idade.

— Estou ansioso para conhecê-la.

— Não fique — alertei.

— Nós já matamos vampiros-mestres, Anita. Ela é apenas mais uma.

— Não. Nikolaos tem, no mínimo, mil anos de idade. Acredito que nunca tive tanto pavor de alguma coisa quanto tive dela.

Ele ficou em silêncio. Seu rosto, indecifrável.

— Em que está pensando? — perguntei.

— Em que adoro um desafio...

Então, abriu um sorriso, lindo e expansivo. Merda.

Morte havia visto o maior objetivo de sua vida. O maior de todos os peixes. Ele não estava com medo dela, mas deveria ficar.

Não são muitos os lugares que ficam abertos à uma e meia da manhã, mas o bar do Denny fica. Havia alguma coisa errada em encontrar homens-rato no bar do Denny para tomar café e comer rosquinhas. Não deveríamos ter marcado em algum beco sombrio? Veja bem, não estou reclamando. Só me passou pela cabeça que é... engraçado.

Edward foi à frente para garantir que não fosse

mais uma armadilha. Caso ele se sentasse, seria seguro entrar. Se deixasse o bar, não seria. Simples. Ninguém sabia ainda como ele era. Contanto que não estivesse ao meu lado, poderia ir a qualquer lugar sem que ninguém tentasse matá-lo. Incrível. Eu estava começando a me sentir como a Maria Tifóide.

Edward sentou-se. Segurança. Entrei sob as luzes

claras e o conforto artificial daquele restaurante. A garçonete tinha círculos escuros sob os olhos, disfarçados com sagacidade por uma base bem densa, que dava a eles uma aparência meio rosada. Olhei para além dela. Um homem gesticulava em minha direção, com a mão para cima e o dedo curvado, como se estivesse chamando a garçonete.

Ou algum outro ser subserviente.

— Já estou vendo o meu grupo. Obrigada de qualquer maneira — agradei.

O restaurante estava quase vazio na madrugada de

segunda-feira, ou melhor, na manhã de terça-feira. A frente do primeiro homem, dois em outra mesa, com uma aparência bastante normal, mas a sensação de energia contida ao seu redor fazia o ar soltar fagulhas. Licantropos.

Seria capaz de apostar a vida como o eram. E talvez fosse justamente o que eu estava fazendo.

Um casal, um homem e uma mulher, estava sentado em posição diagonal em relação aos dois primeiros.

Seria capaz de apostar dinheiro como também eram licantropos.

Edward se sentara perto deles, mas não muito. Ele já havia caçado licantropos. Também saberia reconhecer quem nos esperava.

Quando passei pela mesa, um dos homens olhou

para cima. Olhos de um castanho puro, quase negros de tão escuros, olharam dentro dos meus. O rosto dele era quadrado, e o corpo, magro e ligeiramente definido. Músculos enrijeceram-se em seus braços quando ele juntou as mãos, entrelaçando os dedos sob o queixo, e olhou para mim. Eu retribuí o olhar. Então, passei por ele, e cheguei à mesa onde se encontrava sentado o Rei Rato.

Ele era alto. No mínimo, 1,83m de altura. Pele marrom-escura. Cabelos negros bem curtos e grossos. Olhos castanhos. Rosto magro e arrogante. Os lábios, quase afá-

veis demais para a expressão de soberba com a qual olhava para mim. Ele era belo de uma maneira sombria e intensamente mexicana, e sua desconfiança oprimia o ambiente como um raio.

Sentei à mesa dele com leveza. Respirei fundo para me estabilizar, e olhei para ele, à minha frente.

— Recebi seu recado. O que quer? — disse, e sua

voz era serena, mas profunda, sem nenhum vestígio de sotaque.

— Quero que leve a mim e, pelo menos, mais um

homem até os túneis que correm sob o Circo dos Amaldiçoados.

Ele acentuou a expressão de estranheza, formando ligeiras rugas entre os olhos.

— Por que eu deveria fazer o que me pede?

— Quer seu povo livre da influência da mestra?

Ele gesticulou com a cabeça, concordando. Ainda com a expressão de estranheza.

Eu estava mesmo convencendo-o.

— Guie-nos até a entrada da masmorra, e eu resolvo essa parte.

Ele juntou as mãos sobre a mesa.

— Como posso confiar em você?

— Não sou uma caçadora de recompensas. Nunca fiz mal a um licantropo.

— Não poderemos combatê-la ao seu lado caso lu-

te contra ela. Nem mesmo eu posso combatê-la. Ela me chama. Eu não respondo, mas sinto. Posso impedir que os ratos pequenos e que meu povo ajudem-na contra você, mas nada além.

— Apenas faça-nos entrar. O resto pode deixar conosco.

— Está tão confiante assim?

— Estou disposta a apostar minha vida — respondi.

Ele juntou as mãos contra os lábios, com os cotovelos sobre a mesa. A cicatriz de queimadura em seu antebraço permanecia lá, mesmo em sua forma humana.

Uma áspera coroa de quatro pontas.

— Vou fazê-los entrar — disse. Abri um sorriso.

— Obrigada.

Ele permaneceu olhando para mim.

— Quando sair de lá com vida, só então, venha me agradecer.

— Negócio fechado.

Estendi a mão. Depois de hesitar por um instante, ele a pegou. Apertamos as mãos para selar o acordo.

— Deseja esperar alguns dias? — perguntou ele.

— Não — respondi. — Quero que seja amanhã.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Tem certeza?

— Por quê? Algum problema?

— Está ferida. Achei que pudesse querer se curar.

Eu estava com alguns arranhões, e minha garganta doía, mas...

— Como soube?

— Cheira como se a morte tivesse passado bem perto de você esta noite.

Fiquei olhando para ele. Irving nunca faz isto comigo, a brincadeira dos poderes sobrenaturais. Não estou dizendo que não é capaz, mas ele se esforça bastante para ser humano. Este homem não.

Respirei fundo.

— Isso já é assunto meu.

Ele concordou, gesticulando com a cabeça.

— Ligaremos dizendo o lugar e o horário.

Levantei-me. Ele permaneceu sentado. Não parecia haver mais nada a se dizer, então fui embora.

Cerca de dez minutos depois, Edward entrou no carro comigo.

— E agora? — perguntou.

— Você falou do seu quarto no hotel. Vou dormir enquanto posso.

— E amanhã?

— Você me leva para me ensinar a usar a espingar-

da.

— E depois? — questionou.

— Depois, vamos atrás de Nikolaos — respondi.

Ele soltou um suspiro estremeado, quase uma risada.

— Que máximo... “Que máximo”?

— Fico feliz em saber que alguém está curtindo tu-do isto. Ele olhou para mim, abrindo um largo sorriso.

— Adoro o meu trabalho — disse.

Tive de sorrir. A verdade é que eu também adoro o meu.

45

NO DECORRER DO DIA, aprendi a usar a espingarda. À noite, fui às cavernas com os homens-rato.

A caverna era escura. Lá estava eu, naquela total negritude, segurando com firmeza a minha lanterna. Toquei a testa com a mão, e não consegui ver droga nenhuma, apenas aquelas imagens brancas gozadas que nossos olhos produzem à ausência de luz. Eu usava um capacete com uma lanterna em cima, no momento, desligada. Os homens-rato insistiram para que fosse assim. Sons por toda a minha volta. Gritos, gemidos, o estalar de ossos, um curioso som deslizante, como o de uma faca sendo retirada depois de perfurar a carne de alguém. Os homens-rato transmutavam-se de humanos em animais. Parecia doer... bastante. Fizeram-me prometer que não ligaria a lanterna até que permitissem.

Nunca na vida desejei tanto enxergar quanto aquele dia. Não era possível que fosse tão horrível. Era? Mas promessa é promessa. Eu estava parecendo Horton, o elefante: "Uma pessoa é uma pessoa, independentemente de quão pequena." Que droga fazia eu no meio de uma caverna, no escuro, cercada de homens-rato, citando dr.

Seuss e tentando matar uma vampira milenar?

Aquela havia sido uma das minhas semanas mais estranhas.

Rafael, o Rei Rato, disse:

— Já pode ligar a lanterna.

Foi o que fiz, imediatamente. Meus olhos pareciam absorver a luz, na ânsia de enxergar. Os homens-rato posicionaram-se em grupos

pequenos no túnel amplo e de teto retilíneo. Eram dez deles. Eu contara quando estavam em forma humana.

Agora, os sete machos estavam cobertos de pêlos e vestiam calças jeans transformadas em bermudas. Dois vestiam blusas folgadas. As três fêmeas usavam vestidos folgados, que pareciam vestimenta para gestantes. Seus olhos, que chegavam a parecer botões negros, cintilavam à luz. Todos eram muito felpudos.

Edward veio ficar ao meu lado. Ele olhava os licantropos com uma expressão distante e indecifrável. Toquei-lhe o braço. Eu havia dito a Rafael que não era uma caçadora de recompensas, mas Edward, às vezes, era. Espero não ter colocado essa gente em perigo.

— Preparados? — perguntou Rafael.

Ele era o mesmo homem-rato negro e insinuante de quem eu me lembrava.

— Preparados — respondi.

Edward também respondeu afirmativamente, gesticulando com a cabeça.

Os homens-rato espalharam-se pelos dois lados, ao nosso redor, avançando com dificuldade sobre as pedras baixas e desgastadas, repletas de depósitos de carbonato de cálcio. Falei, sem me dirigir a ninguém em especial.

— Achava que cavernas fossem úmidas.

Um homem-rato menor, vestido com uma blusa, disse:

— Cavernas Cherokee são cavernas mortas.

— Não entendo.

— Cavernas vivas têm água e alguma vegetação.

Uma caverna sem água e sem vegetação é uma caverna morta.

— Ah... — expirmi.

Ele puxou os lábios para trás, exibindo dentes enormes. Um sorriso, creio.

— Mais o que desejava saber, hein?

Rafael sibilou, lá de trás.

— Não estamos aqui para lhes dar uma visita guiada, Louie. Agora, quero os dois em silêncio.

Louie encolheu os ombros e voltou a andar com dificuldade à minha frente. Era o mesmo humano que estivera no restaurante com Rafael. O dos olhos escuros.

Uma das fêmeas tinha a penugem quase cinza. Seu

nome era Lillian. Ela era médica, carregava uma mochila repleta de apetrechos médicos. Pareciam já dar como certo que ficaríamos feridos. Pelo menos, significava que achavam que sairíamos vivos. Eu mesma estava começando a duvidar disso.

Depois de duas horas, o teto já estava tão baixo que eu não conseguia ficar ereta. Foi então que entendi o motivo de nos terem dado aqueles capacetes. Eu raspei a cabeça na rocha, pelo menos, umas mil vezes. Teria provocado minha própria inconsciência muito antes de chegar a Nikolaos.

Os ratos pareciam feitos sob medida para o túnel.

Moviam-se com rapidez, curvando o corpo de maneira graciosa e estranha. Edward e eu não conseguíamos copiá-

los. Nem chegávamos perto.

Ele xingava bem baixinho atrás de mim. Seus doze

centímetros a mais de altura causavam-lhe dor. Eu sentia a minha coluna lombar queimar de tanta dor. A dele devia estar ainda pior. Em alguns bolsões, o teto se abria e conseguíamos ficar eretos. Passei a ansiar bastante por eles, como um mergulhador anseia por bolsões de ar.

O aspecto da escuridão mudou. Luz. Havia luz lá

na frente. Não era muita, mas havia. Bruxuleando ao fim do túnel, como uma miragem.

Rafael agachou-se ao nosso lado. Edward sentou-se na rocha seca. Eu fiz o mesmo.

— Lá está a masmorra. Esperaremos aqui até as

proximidades da noite. Se até lá vocês não saírem, iremos embora. Depois de Nikolaos morta, se pudermos, ajuda-remos vocês.

Acenei com um gesto de cabeça, mostrando que

havia entendido. A luz sobre minha cabeça acenou comigo.

— Agradecemos a ajuda de vocês.

Ele sacudiu seu estreito rosto de rato.

— Acabei de deixá-los à porta do diabo. Não me

agradeça por isso.

Olhei ligeiramente para Edward, cuja expressão

permanecia distante e indecifrável. Se ele estava interessado no que o homem-rato acabara de dizer, eu não conseguia reconhecer. Poderíamos muito bem estar discutindo uma lista de compras.

Edward e eu nos ajoelhamos à entrada da masmor-

ra. A luz das tochas tremulava, incrivelmente clara após tanta escuridão. Edward embalava sua Uzi presa a uma alça que cruzava-lhe o peito. Eu estava com a espingarda, além de minhas duas pistolas, duas facas e uma Derringer dentro do bolso da jaqueta. Edward havia me dado de presente. Quando a entregou a mim, deu o seguinte conselho: "O coice dela é uma coisa incrível, mas coloque-a sob o queixo da pessoa, e ela explode a cabeça do desgra-

çado." Bom saber.

Lá fora ainda era dia. Um rebuliço de vampiros seria improvável, mas Burchard estaria lá. E se ele nos visse, Nikolaos saberia. De alguma forma, ela ficaria sabendo.

Calafrios subiram-me os braços.

Entramos com determinação, prontos para matar e

mutilar. O lugar estava vazio. Toda aquela adrenalina permaneceu em meu corpo, acelerando-me a respiração e fazendo meu coração bater forte sem motivo. O trecho da parede a que Phillip fora acorrentado estava limpo. Al-guém havia esfregado bastante aquele pedaço.

Resisti à extrema necessidade de tocar a parede em que ele ficou.

Edward chamou-me, com serenidade:

— Anita. — Ele estava junto à porta. Fui depressa até ele.

— O que há? — perguntou ele.

— Ela matou Phillip aqui dentro.

— Concentre-se no nosso objetivo. Não quero morrer porque você ficou sonhando acordada.

Comecei a me enfurecer, mas engoli a irritação. Ele tinha razão.

Edward experimentou a porta, que abriu. Sem pri-

sioneiros, não há razão para trancarem-na. Fiquei à esquerda da porta, e ele, à direita. O corredor estava vazio.

Minhas mãos suavam na espingarda. Edward foi à

frente, descendo pela direita do corredor. Acompanhei-o até entrarmos no covil do dragão. Eu não me sentia muito como uma guerreira. Havia acabado de sair do berço. Ou seria das fraldas?

Não importa. Havíamos chegado. Estávamos ali.

Eu era capaz de sentir o gosto do meu coração na garganta.

46

O DRAGÃO NÃO aparecera para nos comer assim que chegamos. Para falar a verdade, estava tudo em silêncio. Como diz o ditado, silêncio demais.

Aproximei-me de Edward, e sussurrei:

— Não é minha intenção reclamar, mas cadê todo mundo?

Ele apoiou as costas na parede, e disse:

— Talvez você tenha conseguido matar Winter. Isso deixa apenas Burchard, que pode ter ido fazer alguma coisa.

Sacudi a cabeça.

— Assim está fácil demais.

— Não se preocupe. Logo alguma coisa dará errado.

Ele continuou a descer o corredor, e eu o acompanhei. Levei três passos para perceber que Edward fizera uma piada.

O corredor abriu-se em um ambiente enorme, co-

mo a sala do trono de Nikolaos, só que ali não havia nenhum trono. Somente caixões. Cinco caixões espaçados pelo aposento em plataformas elevadas, para que os vampiros não tivessem que

sentar-se ao chão, na friagem. Altos candelabros de ferro queimavam. Um ao pé e outro à cabeceira de cada um deles.

A maioria dos vampiros se esforçava um pouco para esconder seus caixões, mas Nikolaos não.

— Prepotente... — sussurrou Edward.

— É mesmo — também sussurrei.

Sempre sussurrávamos perto dos caixões, a princípio, como se fosse um funeral e eles pudessem nos ouvir.

O cheiro daquele lugar fazia meu pescoço arrepiar-se. Um odor rançoso, que se instalou no fundo de minha garganta e quase tinha sabor. Bem leve e metálico. Era como o odor de serpentes mantidas em cativeiro. Somente por ele já dava para saber que naquele lugar não havia nada caloroso e felpudo. E isso nem chega perto de fazer justiça ao cheiro. Era o odor de vampiros.

A madeira do primeiro caixão era escura e bem en-

vernizada. As alças, douradas. Era mais largo à altura dos ombros e estreitava-se ao descer, acompanhando a silhueta do corpo humano. As vezes, caixões mais antigos eram assim.

— Começaremos por aqui — disse eu.

Edward não discutiu. Deixou a metralhadora pendendo pela alça e sacou a pistola.

— Eu cubro a sua retaguarda — disse.

Deitei a espingarda no chão, à frente do caixão, segurei com firmeza a borda da tampa, fiz uma oração rápida e a ergui. Era o caixão de

Valentine. Seu rosto, repleto de cicatrizes, estava descoberto. Ainda estava vestido co-mo um inveterado apostador de cassinos, mas agora em preto. A blusa, com seus babados, era carmesim. As cores não combinavam muito bem com seus cabelos castanho-avermelhados. Uma de suas mãos estava relativamente curvada sobre a coxa, um gesto de quem dorme sem preocupações. Um gesto bastante humano.

Edward olhou com curiosidade para dentro do caixão, com a arma apontada para o teto.

— Foi este que você queimou com água benta?

Confirmei, acenando com a cabeça.

— Fez um trabalho magnífico — opinou.

Valentine estava imóvel. Eu nem sequer conseguia

vê-lo respirar. Sequei as mãos suadas na calça jeans e tentei detectar sua pulsação, perto da mão. Nada. Sua pele era gélida ao toque. Ele estava morto. Não era assassinato, independentemente do que dissessem as novas leis. É impossível matar um cadáver.

Senti a pulsação. Afastei-me com um movimento brusco, como se ele me queimasse.

— O que houve? — perguntou Edward.

— Senti o pulso dele.

— Às vezes acontece.

Fiz um gesto de concordância com a cabeça. É, às

vezes acontecia mesmo. Se a pessoa esperasse tempo o bastante, até que o coração chegava a bater. Até que o sangue chegava a fluir, mas com tanta lentidão que assistir chegava a ser doloroso. Morto. Eu estava começando a achar que não sabia o que aquilo significava.

De uma coisa eu sabia. Se a noite caísse e ainda estivéssemos aqui dentro, nós morreríamos. Ou desejaríamos ter morrido. Valentine ajudara a matar mais de vinte.

E quase havia me assassinado. Quando Nikolaos retirasse a proteção sobre mim, ele terminaria o que começara, se pudesse. Nós viemos matá-la. Acho que ela iria retirar a proteção o mais rápido possível. Como diz o velho ditado, era ele ou eu. Eu preferia ele.

Retirei as alças da mochila de meus ombros.

— O que está procurando? — perguntou Edward.

— Martelo e estaca — respondi, sem erguer o olhar.

— Não vai usar a espingarda? Olhei rapidamente para ele.

— Ah, claro! Por que não alugamos uma charanga para não perder o embalo?

— Se o único propósito é o silêncio, há outra maneira — respondeu, e em seu rosto, um leve sorriso.

Eu já até havia pegado a estaca afiada, mas me dispus a escutá-lo. A maioria dos vampiros que matei foi com estacas, mas é sempre

complicado. É difícil e faz a maior sujeira, embora eu já não vomite mais. Afinal, sou uma profissional.

Ele tirou uma pequena caixa da mochila. Continha seringas. Então, sacou uma ampola com um líquido acinzentado.

— Nitrato de prata — disse.

Prata. A desgraça dos mortos-vivos. O tormento do sobrenatural. E lindamente modernizada.

— Funciona? — perguntei.

— Funciona. — Ele encheu uma seringa, e perguntou: — Este tem quantos anos?

— Pouco mais de cem — respondi.

— Duas devem bastar.

Ele enfiou a agulha na grande veia do pescoço de

Valentine. Antes que voltasse a enchê-la, o corpo estremeceu. Ele injetou-lhe o pescoço com a segunda dose. O

corpo de Valentine arqueou-se contra as paredes do caixão. Ele abria e fechava a boca. E arfava, buscando ar, como se estivesse se afogando.

Edward encheu mais uma seringa e a estendeu em minha direção. Fiquei olhando para ela.

— Não vai mordê-la — disse ele.

Segurei-a com cautela entre o polegar e os dois

primeiros dedos da mão direita.

— O que você tem? — perguntou.

— Não sou muito fã de agulha. Ele abriu um sorriso largo.

— Você tem medo de agulha? Olhei para ele, e franzi a testa.

— Não exatamente.

O corpo de Valentine sacudia, pinoteava e suas

mãos chocavam-se contra as paredes de madeira, emitindo um ruído baixo e débil. Ele não chegou a abrir os olhos em nenhum momento. Iria viver a própria morte dormindo.

Deu um último salto estremeado e desabou sobre a lateral do caixão, parecendo uma boneca de retalhos acabada.

— Não parece lá muito morto — disse eu.

— Nunca parecem mesmo.

— Uma estaca no coração e a cabeça arrancada do corpo. Assim dá para garantir que estão mortos.

— Isto não é estaca — respondeu.

Não gostei. Valentine ficara ali, deitado, parecendo bastante ileso. Quase humano. Eu queria ver a carne dele apodrecendo, os ossos virando pó. Queria ter certeza de que estava morto.

— Vampiro algum já levantou e saiu do caixão de-

pois de uma seringa cheia de nitrato de prata, Anita.

Acenei com a cabeça como se concordasse, mas

achei que aquilo ainda não me convencia.

— Vá verificar o outro lado. Vá logo.

Fui, mas não parava de olhar para trás, para Valentine. Ele assombrara meus pesadelos durante anos, quase me matou. Só que não me parecia morto o bastante.

Abri o primeiro caixão que estava ao meu lado,

com uma das mãos, segurando a seringa com cuidado. Era bem provável que uma injeção de nitrato de prata também não fosse me fazer lá tão bem. Estava vazio. O forro branco de imitação de seda havia adquirido a forma do corpo da pessoa, como um colchão, mas não havia corpo algum.

Recuei e olhei ao redor, mas não vi nada. Olhei pa-ra cima bem devagar, rezando para que não houvesse nada flutuando acima de mim. Não havia. Obrigada, meu Deus.

Lembrei-me de, enfim, respirar. Devia ser o caixão de Theresa. É, era isso mesmo. Deixei-o aberto e fui para o próximo. O modelo era novo, provavelmente de madeira falsa, porém, bonito e bem polido. O negro estava dentro dele. Não cheguei a memorizar seu nome. Agora, nunca mais iria fazê-lo. Eu sabia o que significava entrar aqui.

Não estaria apenas me defendendo, e sim eliminando vampiros enquanto dormiam indefesos. Até onde eu sabia, este vampiro nunca machucara ninguém. Então, soltei uma risada. Era o pupilo de Nikolaos. Será que eu achava mesmo que nunca provara sangue humano? Não. Introduzi a agulha em seu pescoço e engoli em seco. Eu detestava agulhas. Nenhum motivo em especial.

Apliquei a injeção e fechei os olhos, enquanto alivi-ava a pressão no embolo. Eu poderia ter-lhe martelado uma estaca no coração, porque introduzir-lhe uma agulha fazia arrepios gélidos descerem pela minha coluna.

— Anita! — chamou Edward.

Girei rapidamente para olhar para ele. Vi Aubrey

sentado em seu caixão. Ele havia agarrado o pescoço de Edward e, lentamente, o erguia do chão.

A espingarda tinha ficado ao lado do caixão de Valentine. Droga! Saquei a 9mm e disparei um tiro na testa de Aubrey. O tiro fez com que sua cabeça virasse para trás, mas ele apenas sorriu, e ergueu Edward com os bra-

ços esticados e as pernas ao ar.

Corri para pegar a espingarda.

Edward precisava usar as duas mãos para impedir

que fosse asfixiado por seu próprio peso. Depois, esticou uma delas para baixo para tentar pegar a metralhadora.

Aubrey agarrou-lhe o pulso.

Consegui pegar a espingarda, dei dois passos na di-reção deles e atirei a uma distância menor que um metro.

A cabeça de Aubrey explodiu. Sangue e fragmentos de cérebro espalharam-se pela parede. As mãos desceram Edward até o chão, mas não soltaram-no. Edward respirava com dificuldade. A mão direita apertou-lhe o pesco-

ço, enterrando os dedos em sua traquéia.

Tive que sair de trás de Edward para atirar no peito.

A explosão acabou com o coração, e com quase todo o lado esquerdo do peito dele. O braço esquerdo ficou pendurado por fragmentos de tecidos e osso. O corpo caiu para trás, voltando para dentro do caixão.

Edward caiu de joelhos, respirando com dificuldade e tossindo, engasgado.

— Confirme com a cabeça se estiver respirando,

Edward — pedi, embora, se Aubrey tivesse esmagado-lhe a traquéia, eu não saberia o que fazer.

Talvez voltasse correndo para buscar Lillian, a rata médica.

Edward confirmou, como eu havia pedido. Seu ros-

to estava mosqueado em um violeta-avermelhado, mas ele estava respirando.

Meus ouvidos apitavam devido ao barulho da es-

pingarda no interior daquelas paredes de pedra. A surpresa acabara. O nitrato de prata não era lá tão bom assim. Re-carreguei a espingarda e fui até o caixão de Valentine. Ar-rebentei-o ao meio. Agora sim, estava morto.

Edward pôs-se de pé, cambaleante, e disse em um tom lúgubre.

— Quantos anos tinha aquela coisa?

— Mais de quinhentos — respondi.

Ele engoliu saliva, e aquilo pareceu doer.

— Merda.

— Eu não tentaria introduzir agulhas em Nikolaos.

Ele se esforçou para me lançar um olhar aborrecido, ainda se apoiando um pouco no caixão de Aubrey.

Virei-me para o quinto caixão. O que havíamos

deixado para o fim, sem que chegássemos a qualquer acordo a esse respeito. Estava colocado próximo à parede oposta. Um ataúde branco requintado e pequeno demais para um adulto. A luz das velas refletia nos entalhes da tampa.

Fiquei tentada em simplesmente atirar por fora do caixão mesmo, mas precisava vê-la. Precisava ver no que iria atirar. Meu coração começou a bater forte em minha garganta. Senti um aperto no peito. Era uma vampira-mestra. Matá-los, mesmo à luz do dia, é uma coisa arrisca-da. O fascínio que os olhos deles provocam pode prender a pessoa até o cair da noite. Suas mentes... Suas vozes...

Tanto poder... E Nikolaos era a mais poderosa que eu já havia visto. Eu estava com minha cruz abençoada. Tudo iria terminar bem. Já tive cruces demais tiradas de mim para sentir-me totalmente segura. Ora... Tentei erguer a tampa com uma das mãos, mas era pesada e não fora projetada para ser aberta com facilidade, como os caixões modernos.

— Pode me ajudar com este aqui, Edward? Ou ainda está reaprendendo a respirar?

Edward veio ficar ao meu lado. Seu rosto já estava quase da cor normal. Ele segurou a tampa, e eu preparei a espingarda. Então, ergueu-a, e ela inteira escorregou, caindo de cima do caixão. Estava sem as dobradiças.

— Meeeeerda! — exclamei. O caixão estava vazio.

— Procurando por mim? — disse uma voz aguda e

melodiosa, à porta. — Parada. Creio que seja esse o termo. Está sob nossa mira.

— Não aconselharia tentar pegar a arma — disse

Burchard. Olhei na direção de Edward e vi suas mãos próximas à metralhadora, mas não o bastante. Seu rosto, indecifrável. Sereno. Normal. Um mero passeio de do-mingo. Meu pânico era tamanho que eu conseguia sentir o gosto da bile que subia lá no fundo da garganta. Nos entreolhamos, e erguemos as mãos.

— Virem-se devagar — aconselhou Burchard. Foi

o que fizemos.

Ele estava com um rifle semi-automático qualquer.

Não sou tão maníaca por armas quanto Edward, portanto, não sabia a marca, tampouco o modelo, mas sabia que abriria um buraco bem grande. O cabo de uma espada também aparecia às suas costas. Uma espada. Juro por Deus que era uma espada.

Zachary estava de pé ao lado dele, apontando uma

pistola, segurando-a com as duas mãos, e os braços bem rígidos. Ele passava a impressão de não estar lá muito satisfeito.

Burchard segurava o rifle como se houvesse nascido com ele.

— Larguem as armas, por favor, e entrelacem os

dedos em cima da cabeça.

Fizemos o que pediu. Edward deixou a metralhadora cair ao chão, e eu fiz o mesmo com a espingarda. Ainda tínhamos muito mais armas.

Nikolaos estava de pé em um dos lados. Seu rosto, frio e furioso. Sua voz, quando saiu, ecoou por toda a sala.

— Sou mais velha do que qualquer coisa que já te-

nham imaginado. Acharam mesmo que a luz do dia me aprisionaria? Depois de mil anos? — Ela caminhou para o interior do aposento, cautelosamente, para não cruzar à frente de Burchard e Zachary, e passou uma vista de olhos no que sobrara dentro dos caixões. — Pagará por isto, ressuscitadora. — Então, abriu um sorriso. Eu nunca vira algo tão maligno. — Dispa-os do resto do arsenal que carregam, Burchard. Depois, ofereceremos um bocado de diversão para a ressuscitadora.

Eles chegaram à nossa frente, mas não se aproximaram muito.

— Vire-se para a parede, ressuscitadora — ordenou Burchard. — Caso ele se mexa, Zachary, atire.

Burchard me empurrou para cima da parede e me

revistou minuciosamente. Não verificou meus dentes ou fez com que eu abaixasse a calça, mas seus limites pararam por aí. Encontrou tudo o que eu levava, até a Derringer, e guardou minha cruz no próprio bolso. Quem sabe, eu poderia tatuar uma no braço... Provavelmente não serviria de nada.

Saí dali para ficar com Zachary, e chegou a vez de Edward. Fiquei olhando com insistência para ele.

— Ela já sabe? — perguntei.

— Calada. Sorri.

— Ela não sabe, não é?

— Calada!

Edward voltou, e ficamos ali, com as mãos à cabeça e sem as armas. Não era nada bonito.

A adrenalina borbulhava como champanhe, e mi-

nha pulsação ameaçava saltar para fora do pescoço. Meu medo não eram as armas. De verdade. Meu medo era Nikolaos. O que será que faria conosco? Comigo. Se eu pudesse escolher, forçaria-os a me dar um tiro. Com certeza seria melhor do que qualquer coisa que estivesse passando pela cabecinha maligna de Nikolaos.

— Estão desarmados, minha ama — disse Burchard.

— Ótimo — respondeu ela. — Sabem o que estávamos fazendo enquanto destruíam o meu pessoal?

Acredito que ela não quisesse uma resposta, portanto, não falei nada.

— Estávamos preparando uma pessoa bem próxima de você, ressuscitadora.

Senti um aperto brusco no estômago. Vi uma ima-

gem bizarra de Catherine, mas ela estava viajando. Meu Deus! Ronnie. Será que pegaram Ronnie?

A preocupação deve ter transparecido em meu ros-

to, porque Nikolaos soltou uma gargalhada aguda e sinistra. Uma risada nervosa e repleta de empolgação.

— Detesto essa gargalhada — reclamei.

— Silêncio — disse Burchard.

— Ah, Anita, você é tão divertida! Vou gostar de torná-la uma de nós.

Aquela voz começou aguda e infantil e terminou

grave o bastante para descer pelas minhas costas como calafrios. Ela falou com uma voz bem nítida:

— Entre no aposento agora.

Escutei passos que se arrastavam, e então Phillip entrou onde estávamos. Aquela ferida horrível em seu pescoço era agora um quelóide branco e grosso. Ele ficou olhando o lugar como se não estivesse conseguindo enxergar direito.

— Meu Deus... — murmurei. Eles o haviam res-suscitado.

47

NIKOLAOS DANÇAVA AO REDOR de Phillip.

A saia de seu vestido, em um cor-de-rosa pastel, rodopiava à sua volta. O grande arco cor-de-rosa de seus cabelos subia e descia conforme ela girava, com os braços estendidos. As pernas magras, cobertas por uma malha colante branca. Seus sapatos eram brancos com laços cor-de-rosa.

Ela parou, rindo, sem fôlego. Um saudável enru-

bescer cor-de-rosa em suas bochechas, e seus olhos brilhavam. Como ela conseguia?

— Aparenta estar bem vivo, não é verdade?

Com cautela, ela se aproximou e acariciou-lhe o

braço com a mão. Ele se afastou, seus olhos passaram a acompanhar cada movimento que ela fazia, com medo.

Ele se lembrava. Deus nos ajude. Ele se lembrava.

— Quer ver se ele ainda agüenta o tranco? — perguntou-me ela.

Esperava não ter entendido o que ela disse. Lutei para não deixar transparecer qualquer emoção em meu rosto. Devo ter conseguido, porque ela veio até onde eu estava, pisando forte e com as mãos na cintura.

— E então? — disse ela. — Quer assistir à apresentação do seu namorado?

Engoli a bile, com dificuldade. Talvez devesse simplesmente vomitar em cima dela. Ensinaria-lhe uma lição.

— Com você? — perguntei.

Ela aproximou-se, a altivez em pessoa, com as mãos juntas, às costas.

— Pode ser com você. A escolha é sua.

Seu rosto quase tocava o meu. Olhos malditos tão arregalados e inocentes que pareciam sacrílegos.

— Nenhum dos dois me parece lá muito agradável

— disse eu.

— Pena.

Ela voltou, meio aos saltos, para junto de Phillip, que estava nu, e cujo corpo bronzeado ainda era bonito.

Que diferença fariam mais algumas cicatrizes?

— Você não sabia que eu viria, então, por que res-gatar Phillip do mundo dos mortos? — perguntei.

Ela virou-se, sobre os saltos dos sapatinhos.

— Nós o ressuscitamos para que pudesse tentar

matar Aubrey. Zumbis assassinados são tão engraçados quando tentam matar seus assassinos... Pensamos em dar-lhe uma oportunidade, enquanto Aubrey estivesse dormindo. Aubrey é capaz de se mexer, se perturbado — disse, e lançou uma olhadela ligeira na direção de Edward. —

Mas disso você já sabe.

— Iriam deixar que Aubrey o matasse de novo... —

disse eu. Ela afirmou, agitando a cabeça para cima e para baixo:

— Ahn-hã.

— Sua vagabunda — desabafei.

Burchard golpeou-me o estômago com o cabo do

rifle, e eu caí de joelhos. Fiquei ofegante, tentando respirar. Não adiantou muito.

Edward não tirava os olhos de cima de Zachary,

que tinha a pistola apontada bem em cima de seu peito. A essa distância, a pessoa sequer precisa ser hábil, tampouco ter sorte. É só apertar o gatilho, e puf!

— Posso forçá-la a fazer qualquer coisa que eu quiser — disse Nikolaos.

Mais um jorro de adrenalina correu-me o corpo.

Foi demais. Fui vomitar no canto da sala. Nervosismo, e uma paulada segura de um rifle no estômago. Nervosismo eu já tinha. O cabo do rifle foi uma experiência inédita.

— Tsc, tsc... — exprimiu Nikolaos. — Deixo-a tão apavorada assim?

Consegui, enfim, levantar-me.

— Deixa — respondi. Negar para quê?

Ela bateu palmas.

— Que bom! — A expressão em seu rosto mudou.

A mudança foi imediata. A garotinha desaparecera e nenhum vestidinho cor-de-rosa com babados a faria voltar.

O rosto de Nikolaos era mais magro e estranho. Os olhos, grandes piscinas fundas.

— Ouça-me, Anita. Sinta o meu poder em suas veias.

Fiquei parada, olhando para o chão, sentindo o medo como um calafrio gélido pela pele. Fiquei esperando que alguma coisa desse um puxão violento em minha alma. Que o poder dela me fizesse perder a consciência.

Nada aconteceu. Nikolaos franziu a testa. A garotinha voltava.

— Eu mordi você, ressuscitadora. Deveria rastejar se eu pedisse. O que fez?

Murmurei uma oração curta e sincera, e respondi:

— Água benta.

Ela soltou um rosnado.

— Desta vez, ficará aqui conosco até depois da terceira mordida. Substituirá Theresa. Talvez assim tenha mais vontade de descobrir quem vem matando os vampiros.

Lutei com tudo o que tinha dentro de mim para

não olhar na direção de Zachary. Não por não querer delatá-lo, isso eu iria fazer, mas esperaria o momento propí-

cio para mim e Edward. É bem provável que a informa-

ção faça com que matem Zachary, mas nada aconteceria a Burchard ou Nikolaos. Zachary era o menos perigoso de todo aquele lugar.

— Acredito que não — respondi.

— Ah, mas eu discordo, ressuscitadora.

— Prefiro morrer.

Ela abriu bastante os braços.

— Mas eu quero que morra, Anita. Quero que você morra.

— Então, somos duas — disse eu.

Ela riu com graciosidade. O som fez meus dentes

doerem. Se ela queria mesmo me torturar, só precisava me trancar em algum lugar e ficar rindo. Isso sim, seria o inferno.

— Vamos lá, meninos e meninas, vamos brincar na masmorra.

Nikolaos foi à frente. Burchard mostrou, gesticu-

lando, que deveríamos acompanhá-la. Foi o que fizemos.

Ele e Zachary vieram atrás, empunhando as armas. Phillip ficou de pé, confuso, no meio daquele lugar, olhando enquanto saíamos.

Nikolaos falou, olhando além de nós.

— Ordene que nos acompanhe, Zachary. Zachary

chamou-o.

— Venha, Phillip, siga-me.

Phillip virou-se e começou a caminhar em nossa di-reção. Seus olhos ainda estavam incertos, não muito esta-bilizados.

— Em frente — disse Burchard.

Ele ameaçou erguer o rifle, e eu fui. Nikolaos brin-cou, olhando para trás:

— Não consegue tirar os olhos do namorado...

Que lindo!

O caminho até a porta da masmorra era curto. Se

tentassem me acorrentar à parede, eu dificultaria as coisas.

Seriam obrigados a me matar. O que significava que seria melhor fazer isso com Zachary. Se tentasse com Burchard, talvez me ferisse ou me deixasse inconsciente, o que seria péssimo.

Nikolaos desceu a escada à nossa frente, entrando na masmorra. Que belo dia para desfilar! Phillip nos acompanhava, mas agora já estava olhando ao redor, en-xergando tudo de verdade. Ficou sem reação ao fitar o lugar onde Aubrey o matara. Esticou a mão e tocou a parede. Então, dobrou os dedos, roçando-os contra a palma da mão, como se sentisse alguma coisa. Foi então que levou a mão ao pescoço e encontrou a cicatriz. Os gritos de pânico ecoavam contra as paredes.

— Phillip... — chamei.

Burchard apontou o rifle para mim, impedindo que

eu fosse até ele. Phillip agachou-se no canto, escondendo o rosto, e travando os braços ao redor dos joelhos. Também emitia um som agudo e penetrante.

Nikolaos gargalhava.

— Pare com isso. Pare com isso! — Comecei a ca-

minhar na direção de Phillip, e Burchard empurrou meu peito com a arma. Eu gritei, bem à frente de seu rosto: —

Atire em mim! Atire em mim, droga! Nada é pior que isto!

— Basta — disse Nikolaos. Ela veio andando, alti-

va, para cima de mim, e eu recuei. Ela continuou seguindo em frente, obrigando-me a recuar, até que minhas costas se chocassem contra a parede. — Não quero que leve um tiro, Anita, mas quero que seja ferida. Você matou Winter com aquela sua faquinha. Vejamos o quanto é boa de verdade. — E se afastou a passos largos. — Burchard, devolva-lhe as facas.

Ele nem sequer hesitou ou pediu um motivo. Sim-

plesmente aproximou-se e as entregou, com o cabo virado para mim. Também não perguntei nada. Aceitei-as de volta.

Repentinamente, Nikolaos já estava ao lado de Edward, que fez menção de afastar-se.

— Mate-o caso volte a se mexer, Zachary. Zachary aproximou-se, apontando a arma.

— Ajoelhe-se, mortal — ordenou ela.

Edward não obedeceu, e olhou para mim. Nikolaos

desferiu um chute na articulação de seu joelho, tão violento que arrancou-lhe um grunhido. Edward caiu, pousando um dos joelhos no chão. Ela agarrou-lhe o braço direito e o retorceu, às costas. Uma mão magra envolveu-lhe o pescoço.

— Estraçalho sua garganta caso se mova, humano.

Sinto sua pulsação como as asas de uma borboleta chocando-se contra minha mão. — Ela gargalhava e enchia o lugar com um terror ardente e violento. -Agora, Burchard, mostre a ela como se usa uma faca de verdade.

Burchard foi até a parede oposta, com a porta acima dele, lá em cima, na escada. Deitou o rifle no chão, abriu o fecho da alça da bainha da espada e deitou-a ao lado do rifle. Então, retirou uma faca comprida, com uma lâmina quase triangular.

Ele fez alguns alongamentos rápidos para soltar a musculatura. Eu fiquei olhando para ele.

Uma faca não é mistério para mim. Sou hábil em a-

tirá-las. Eu treino. Quase todo mundo tem medo de uma faca. Se você se mostra disposta a cortar alguém, a tendência é que tenham medo de você. Burchard não era quase todo mundo. Ele agachou-se, mas não muito, e segurou a faca com a ponta para baixo, mas com firmeza em sua mão direita.

— Lute contra Burchard, ressuscitadora, ou este

aqui morre. Ela deu-lhe um forte puxão no braço, mas Edward não gritou. Poderia até deslocar-lhe o ombro, que Edward não gritaria.

Guardei uma das facas de volta na bainha do pulso direito. Lutar com uma faca em cada mão pode até ser bonito aos olhos, mas nunca dominei a arte com maestria.

Muitos não conseguem. Mas Burchard também não tinha duas facas.

— Até a morte? — perguntei.

— Não será capaz de matar Burchard, Anita. Bobi-

nha... Ele irá apenas dar-lhe um talho. Fará com que sabo-reie a lâmina. Nada muito sério. Não quero que perca muito sangue. — Ouvi uma propensão à risada na voz dela, e então sumiu. Sua voz rastejava por ali como um vento quente. — Quero vê-la sangrar.

Ótimo.

Burchard começou a me circundar, e eu mantive as

costas junto à parede. Ele veio para cima de mim, golpeando com a faca. Não saí de onde estava, esquivei-me da lâmina, e também investi contra ele, conforme vinha com tudo. Minha faca acertou o ar. Ele estava fora de alcance, olhando para mim sem desviar a atenção. Ele tivera mais ou menos seiscentos anos de treino. Os meus anos de experiência sequer chegariam perto.

Ele sorriu. Ofereci-lhe um leve meneio. Ele retribuiu. Um sinal de respeito entre dois guerreiros, talvez. Ou foi isso ou estava brincando comigo. Adivinha em qual das duas eu votei?

De repente, lá estava a faca dele, abrindo um corte em meu braço. Eu desferi um golpe a esmo, e raspei-lhe a barriga. Ele partiu para cima de mim, não se afastou. Esquivei-me da faca e saí, aos tropeções, da proteção da parede. Ele abriu um sorriso. Droga, era exatamente aquilo que ele queria, que eu fosse para campo aberto. Ele conseguia alcançar duas vezes mais longe que eu.

A dor em meu braço foi aguda e instantânea. Mas

também havia uma fina linha carmesim em seu abdome magro. Olhei para ele e sorri. Seus olhos titubearam um tanto de nada.

Estaria o poderoso guerreiro apreensivo?

Eu esperava que sim.

Recuei e saí de perto dele. Aquilo era ridículo. Nós iríamos morrer, cortados aos pedaços, nós dois. Que se dane. Parti para cima dele, golpeando com a faca. Aquilo o pegou de surpresa, ele deu alguns passos para trás. Co-piei a maneira que ele estava agachado, e começamos a nos encarar, andando em círculos.

— Sei quem é o assassino — disse eu.

As sobrancelhas de Burchard ergueram-se.

— O que disse? — perguntou Nikolaos.

— Já sei quem vem matando os vampiros.

De repente, Burchard passou por dentro de meu braço, rasgando-me a blusa. Não me feriu. Estava brincando comigo.

— Quem é? — perguntou Nikolaos. — Conte-me ou mato este humano.

— Claro — respondi.

Zachary gritou: “Não!”, virando-se para atirar em mim. O tiro veio zunindo à altura de nossas cabeças. Burchard e eu caímos ao chão.

Edward gritou. Levantei-me um pouco para correr

até ele. Seu braço estava retorcido em um ângulo estranho, mas ele estava vivo.

A arma de Zachary disparou duas vezes, e Nikolaos arrancou-a dele, atirando-a ao chão. Ela o agarrou e o pressionou contra seu corpo,

curvando-o à altura da cintura. Ela desceu a cabeça como um raio. Zachary soltou um grito estridente.

Burchard estava de joelhos, assistindo àquele espetáculo todo. Golpeei-lhe as costas com minha faca. Ela produziu um ruído surdo, e entrou até o cabo. Sua coluna enrijeceu-se enquanto tentava tirar a faca com uma das mãos. Não esperei para ver se conseguiria. Tirei a outra da bainha, e afundei-a no lado do pescoço dele. Escorria sangue pela minha mão quando tirei a faca. Desferi mais uma; ele caiu para frente, devagar, com o rosto colado ao chão.

Nikolaos deixou Zachary desabar ao chão e virou-

se, com o rosto manchado de sangue e a frente do vestido cor-de-rosa manchado de carmesim. Gotas de sangue também manchavam-lhe a malha colante branca. O pescoço de Zachary estava todo rasgado. Ele estava deitado no chão, respirando convulsivamente. Ainda se mexia.

Ainda estava vivo.

Ela olhou o corpo de Burchard, e gritou. Um sinistro som estridente, que ecoou, repleto de lamúria. Ela veio para cima de mim, com os braços estendidos em minha direção. Eu arremessei a faca, mas ela deu-lhe um tapa.

Ela me atingiu. A força de seu corpo atirou-me ao chão.

Nós lutamos, com ela em cima de mim. Ela ainda gritava sem parar. Então, puxou minha cabeça para o lado. Nenhum truque mental, apenas força bruta.

— Nãooo! — gritei.

Ouviu-se um tiro. Nikolaos fez um movimento

brusco. E outro. Ela ergueu-se de cima de mim, e eu senti o vento, que arrastava-se como no início de uma tempestade.

Edward, apoiado contra a parede, segurava a arma que Nikolaos arrancara da mão de Zachary.

Nikolaos foi para cima dele, que esvaziou o cartucho em seu corpo delicado. Ela nem sequer hesitou.

Sentei-me ereta e fiquei observando enquanto ela

andava, daquela maneira altaneira, na direção de Edward, que arremessou a arma vazia em cima dela. Repentinamente, ela já estava por cima dele, forçando-o para que voltasse a ficar estirado pelo chão.

A espada estava deitada ao chão, quase do meu ta-

manho. Eu a removi de sua bainha. Pesada, desajeitada, pesando em meu braço. Ergui-a acima da cabeça, apoiando a parte plana da lâmina sobre o ombro, e corri para cima de Nikolaos.

Novamente, ela voltava a falar em uma voz aguda e melodiosa.

— Vou fazê-lo ser meu, mortal. Meu!

Edward gritava. Eu não conseguia ver o porquê.

Ergui a espada, e seu peso fez com que descesse na diagonal, exatamente como eu havia planejado. Ela penetrou o pescoço de Nikolaos com um ruidoso som molhado. A espada encontrou-lhe o osso, e a tirei. A ponta caiu, riscando o chão.

Nikolaos virou-se em minha direção e começou a

pôr-se de pé. Levantei a espada, que veio rasgando e levando meu corpo junto. Ouviu-se o estalo de um osso, e eu caí ao chão,

enquanto Nikolaos tombava de joelhos.

Sua cabeça ainda pendia, ligada ao corpo por pedaços de carne e pele. Ela olhou para mim, deu uma piscadela e tentou se levantar.

Soltei um urro e dei um puxão na espada, fazendo a lâmina subir, com toda a minha força. Atingi-a entre os seios, e segui pressionando, para que atravessasse seu corpo. O sangue jorrava. Prendi-a na parede com a espada. A lâmina pesou em suas costas, raspando pela parede conforme ela descia, deslizando.

Caí de joelhos ao lado do corpo. Isso mesmo, o corpo! Estava morta!

Voltei o olhar para Edward. Seu pescoço sangrava.

— Ela me mordeu — disse ele.

Eu arquejava, tentando puxar ar, com dificuldade para respirar, mas era maravilhoso. Eu estava viva, e ela não. Ela não, caramba!

— Não se preocupe, Edward. Vou ajudá-lo. Ainda sobrou muita água benta — disse eu, sorrindo.

Ele ficou me olhando por um instante, e riu. Acabei rindo com ele. Ainda gargalhávamos quando os homens-rato entraram rastejando pelo túnel. Rafael, o Rei Rato, ficou olhando aquela carnificina com seus olhos de botões negros.

— Está morta.

— Toc, toc, a bruxa morreu — brinquei. Edward pegou o embalo, quase cantando.

— A maligna bruxa velha...

Voltamos a rir de nos acabar. Lillian, a médica, toda coberta de pêlos, tratou de nossos ferimentos, preocupando-se primeiro com Edward.

Zachary permanecia deitado ao chão. A ferida em seu pescoço estava começando a fechar-se. A pele se unia.

Ele iria viver, se esse fosse o termo adequado.

Recolhi minha faca do chão e fui cambaleando até onde ele estava. Os ratos ficaram me observando. Ninguém interferiu. Ajoelhei-me a seu lado e rasguei-lhe a manga da blusa. Deixei seu amuleto à mostra. Ele permanecia incapaz de falar, mas arregalou os olhos.

— Lembra-se de quando tentei tocar isto aqui com o meu sangue? Você me deteve. Parecia com medo, e eu não percebi o porquê. — Sentei-me ao lado dele, e fiquei observando enquanto se curava. — Todo amuleto pede alguma coisa ao dono. Este aqui queria sangue de vampiros. Mas também há alguma coisa que nunca deve ser feita, ou a magia acaba. Puf! — Levantei o braço, deixando cair uma quantidade bem razoável de sangue. — Sangue humano, Zachary. Faz algum mal?

Ele conseguiu emitir um ruído parecido com “não”.

O sangue escorreu pelo meu cotovelo, e ficou acumulado, pendendo, espesso, tremulando sobre seu braço.

Ele meio que balançou a cabeça: “Não, não!” O sangue pingou, e esparramou-se em seu braço, mas não tocou o amuleto.

Seu corpo inteiro relaxou.

— Estou sem paciência nenhuma hoje, Zachary —

disse, enchendo de sangue a braçadeira trançada.

Seus olhos arregalaram-se, mostrando seu branco.

Um ruído deixou sua garganta, como se estivesse sendo estrangulado. Ele raspava o chão com as mãos. Seu peito dava arrancos, como se não conseguisse respirar. Um suspiro correu, deixou seu corpo. Uma comprida lufada de ar, e ele silenciou.

Verifiquei sua pulsação. Nada. Cortei o tal amuleto com minha faca, fiz dele uma bola e guardei no bolso.

Coisinha maligna...

Lillian veio fazer um curativo em meu braço.

— É apenas temporário. Vai precisar levar pontos.

Mostrei que concordava com um gesto de cabeça, e me levantei.

— Aonde vai? — perguntou Edward.

— Buscar nossas armas. E encontrar Jean-Claude.

Esta última parte ficou só em minha cabeça. Achei que Edward não fosse compreender.

Dois dos homens-rato me acompanharam. Tudo

bem. Podiam vir, contanto que não interferissem. Phillip permanecia encolhido no canto. Deixei-o lá.

Chegamos às armas. Coloquei a alça da metralhado-

ra sobre os ombros e segurei a espingarda com as mãos.

Preparada para qualquer coisa, e bastante disposta. Eu havia acabado de matar uma vampira milenar. Não, eu não. É certo que não.

Os homens-rato e eu encontramos a sala do casti-

go. Continha seis caixões. Havia uma cruz abençoada sobre a tampa de cada um; correntes prateadas mantinham-nos fechados. Willie dormia tão profundamente no terceiro caixão que parecia que nunca mais fosse despertar.

Deixei-o daquela maneira, para que acordasse com a noite.

Para continuar vivendo a vida. Willie não era um mau sujeito. E, como vampiro, era excelente.

Todos os outros caixões estavam vazios, apenas o

último ainda estava fechado. Destranquei as correntes e deitei a cruz sobre o chão. Jean-Claude olhava para mim.

Seus olhos eram como fogo à meia-noite. Seu sorriso, gracioso. Imediatamente, surgiram as imagens do primeiro sonho em minha mente: o caixão cheio de sangue, e Jean-Claude estendendo a mão em minha direção. Dei um passo para trás, e ele levantou-se do esquife.

Os homens-rato também recuaram, sibilando.

— Está tudo bem — tranqüilizei-os. — Ele está

mais ou menos do nosso lado.

Ele desceu do caixão como se tivesse tirado uma

soneca das boas, abriu um sorriso e estendeu a mão.

— Sabia que conseguiria, ma petite.

— Seu desgraçado prepotente... — Golpeei-lhe o

estômago com o cabo da espingarda. Ele curvou-se no ponto exato. Acertei-o no maxilar, e ele foi arremessado para trás. — Saia da minha mente!

Ele esfregou o rosto e viu sangue nas mãos.

— As marcas são permanentes, Anita. Não há como retirá-las.

Segurei a espingarda com tamanha firmeza, até sentir dor nas mãos. O sangue começou a escorrer pelo meu braço, saindo do ferimento. Fiquei pensando no que fazer.

Por um instante, pensei em explodir aquele rostinho perfeito. Não o fiz. Era bem provável que depois viesse a me arrepender.

— Será que você consegue, pelo menos, ficar longe dos meus sonhos? — perguntei.

— Isso, eu consigo. Sinto muito, ma petite.

— Pare de me chamar assim.

Ele deu de ombros. Seus cabelos negros tinham mechas quase carmesim à luz das tochas. De tirar o fôlego.

— Pare de brincar com a minha mente, Jean-Claude.

— O que está querendo dizer? — perguntou.

— Já sei que a beleza sobrenatural é um truque.

Portanto, pode parar.

— Não estou fazendo nada — afirmou.

— E isso quer dizer o quê?

— Quando souber a resposta, Anita, volte a falar comigo, e então conversaremos.

Estava cansada demais para charadas.

— Quem você pensa que é? Usando os outros assim...

— Sou o novo mestre da cidade. — E, de repente, já estava ao meu lado, tocando-me a bochecha com os dedos. — E foi você quem me alçou ao trono.

Afastei-me dele bruscamente.

— Mantenha distância de mim por um tempo, Jean-Claude, ou juro...

— Que me mata? — perguntou.

Ele olhava para mim sorrindo. Gargalhando. Não atirei nele. E tem gente que diz que não tenho senso de humor.

Encontrei um lugar com chão de terra e várias covas rasas. Phillip permitiu que o levasse até lá. Somente quando ficamos olhando para baixo, para a terra recém-escavada, ele virou-

se para olhar para mim.

— Anita?

— Quietos... — respondi.

— Anita, o que está havendo?

Ele estava começando a lembrar-se. Ficaria cada

vez mais vivo no decorrer das próximas horas, mas não passaria de um certo ponto. Quase chegaria a ser o Phillip de verdade durante um ou dois dias.

— Anita? — A voz dele saiu aguda e cheia de dúvi-

das. Um garotinho com medo do escuro. Ele pegou em meu braço, e a sensação de sua mão foi bastante real. Seus olhos ainda tinham aquele marrom perfeito. — O que está havendo?

Fiquei na ponta dos pés para dar-lhe um beijo na

bochecha. A pele dele ainda estava quente.

— Precisa descansar, Phillip. Está exausto. Ele gesticulou com a cabeça, concordando.

— Exausto — disse.

Levei-o até a terra macia. Ele deitou sobre ela, mas depois sentou-se, com os olhos vidrados, me agarrando.

— Aubrey! Ele...

— Aubrey morreu. Nunca mais voltará a machucá-lo.

— Morreu? — Ele olhou para baixo, percorrendo

seu corpo inteiro, como se fosse a primeira vez que o visse. —
Aubrey me matou.

Confirmei, gesticulando com a cabeça.

— É verdade, Phillip.

— Estou com medo.

Dei-lhe um abraço, acariciando-lhe as costas em

círculos suaves e inúteis. Ele me abraçava como se nunca fosse me
soltar.

— Anita!

— Quietos, quietos... Está tudo bem, está tudo bem...

— Você me manda de volta, não manda? — per-
guntou, e chegou para trás, para ver o meu rosto.

— Mando — respondi.

— Não quero morrer.

— Você já está morto.

Ele olhou para as próprias mãos, flexionando-as.

— Morto? — sussurrou. — Morto? — E deitou-se
sobre a terra recém-escavada. — Mande-me de volta —
pediu.

Foi o que fiz.

No final, seus olhos fecharam-se e seu rosto ficou flácido. Morto. Ele afundou-se dentro do túmulo. Foi embora. Caí de joelhos ao lado da sepultura de Phillip e chorei.

48

EDWARD TERMINOU com o ombro deslocado

e o braço quebrado em dois lugares, além de ter sido mordido pela vampira. Eu levei catorze pontos. Ambos ficamos curados. O corpo de Phillip foi transportado para um cemitério local. Sempre que vou fazer algum serviço por lá, eu me obrigo a passar por seu túmulo e cumprimentá-lo. Mesmo sabendo que está morto, e pouco ligando. Túmulos são para os vivos, não para os mortos. Eles nos oferecem algo em que nos concentrarmos para esquecermos que nosso ente querido está apodrecendo debaixo de sete palmos de terra. Os mortos não querem saber de lindas flores ou de estátuas de mármore.

Jean-Claude me enviou uma dúzia de rosas de cau-

les longos e puramente brancas. No cartão, lia-se: "Se já respondeu à pergunta sendo fiel à verdade, venha dançar comigo."

Escrevi "Não" na parte de trás do cartão, e passei-o por debaixo da porta da Prazeres Malditos enquanto o sol ainda estava de pé. Eu sentira atração por Jean-Claude.

Talvez ainda sentisse. E daí? Ele achou que isso mudaria as coisas. Não mudou. Eu precisava apenas visitar o tú-

mulo de Phillip para saber disso. Ora, caramba, nem precisava ir tão longe! Eu sei muito bem quem sou e o que sou. Sou A Executora. E não namoro vampiros. Eu mato vampiros.